RIO DE JANEIRO

1917

INFORMAÇÕES UTEIS

Os dias feriados nacionaes

São considerados feriados os seguintes dias de festa nacional estabelecidos por decreto de 14 de janeiro de 1890

Janeiro 1 — Consagrado á commemoração da Fraternidade Universal.

Fevereiro 24 — Promulgação da Constituição dos Estados Unidos do Brasil. (1)

Abril 21 — Consagrado á commemoração dos precursores da Independencia Brasileira, resumidos em Tiradentes.

Maio 3 — Consagrado á commemoração da Descoberta do Brasil.

Maio 13 — Consagrado á commemoração da Fraternidade dos Brasileiros.

Julho 14 — Consagrado á commemoração da Republica, da Liberdade e da Independencia dos povos Americanos.

Setembro 7 — Consagrado á commemoração da Independencia do Brasil.

Feriados no Districto Federal

Janeiro 20 — Fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Setembro 20 — Promulgação da Lei Organica Municipal.

Feriados no Fôro Federal

De 1 de fevereiro a 31 de março.

Semana Santa — De Quarfeira de Trevas até completarem 8 dias.

FERIADOS NOS ESTADOS

Alagoas

Junho 11 — Promulgação da Constituição.

Setembro 16 — Emancipação politica.

(1) Estabelecido por decreto de 18 de fevereiro de 1891.

INFORMAÇÕES UTEIS

Pará

Junho 22 — Promulgação da Constituição.

Agosto 15 — Adhesão á Independencia.

Novembro 16 — Adhesão á Republica.

Parahyba

Julho 30 — Promulgação da Constituição.

Agosto 5 — Festa da Padroeira N. S. das Neves.

Paraná

Abril 7 — Promulgação da Constituição.

Dezembro 19 — Installação da Provincia (1853).

Pernambuco

Janeiro 27 — Libertação do dominio hollandez (1654).

Março 6 — Revolução Republicana (1817).

Junho 17 — Promulgação da Constituição.

Novembro 10 — Adhesão á Republica.

Piauhy

Janeiro 24 — Adhesão á Independencia (1823).

Junho 13 — Promulgação da Constituição.

Novembro 16 — Adhesão á Republica.

Rio Grande do Norte

Março 19 — Installação do Governo Republicano (1817).

Abril 7 — Promulgação da Constituição.

Junho 12 — Fuzilamento de Frei Miguelinho (1817).

Rio Grande do Sul

Julho 14 — Promulgação da Constituição.

Setembro 20 — Revolução Republicana (1835).

Rio de Janeiro

Abril 9 — Promulgação da Constituição

INFORMAÇÕES UTEIS

Tabella para vehiculos de praça com taximetro

Das 6 horas da manhã á 1 hora da manhã:

Uma ou duas pessoas
Por 1.600 metros... 1$400
Por fracções de 400 metros $200

Tres ou quatro pessoas
Por 1.200 metros... 1$400
Por fracções de 300 metros $200

Tabella supplementar

De 1 hora ás 6 horas da manhã:

Por 1.200 metros... 1$400
Por fracção de 300 metros $200

Tempo de espera: cada minuto e meio $200, qualquer que seja o numero de passageiros.

A taxa será devida desde o momento em que o vehiculo fôr posto á disposição de quem o alugar.

Impostos e taxa sanitaria

Todas as informações sobre os pagamentos de impostos federaes e municipaes, os nossos leitores as encontrarão respectivamente no calendario a seguir. Convém, porém, esclarecer as penas a que estão sujeitos todos os que não observarem fielmente a época do pagamento de impostos.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma ou local, devem requerer, communicando esta occorrencia no praso de 15 dias, sob pena de multa de 50$ a 200$000.

Na falta á boca do cofre dos pagamentos dos impostos federaes, o contribuinte ver-se-á forçado a pagar mais 10 °|° sobre o valor devido nas precisas épocas e 15 °|° quando realisar

INFORMAÇÕES UTEIS

De mais de 400$ até 600$000	1$200
De mais de 600$ até 800$000	1$600
De mais de 800$ até 1:000$000	2$000

E assim por deante, cobrando-se sempre mais 2$ por 1:000$ ou fracção desta quantia.

Sello de verba

LIVROS

Dos despachantes das Alfandegas. Os das fabricas de productos sujeitos a impostos de consumo. Dos pharmaceuticos e droguistas nos Estados que não possuirem legislação ou regulamentos especiaes $080

Os que devem ter os commerciantes; as sociedades commerciaes, os corretores, os agentes de leilões, os trapicheiros e administradores de armazens de deposito, além do imposto devido pelos termos de abertura e encerramento a que se refere o capitulo seguinte $080

Sello de estampilha

Recibos particulares e outras declarações de pagamentos effectuados, qualquer que sêja a forma empregada para expressar o recebimento de 25$000 ou mais: Recibos sem declaração de valor. Recibos passados por banqueiro ou commerciante de sommas depositadas em conta corrente, ou retiradas por conta de creditos abertos em

INFORMAÇÕES UTEIS

Alvarás de moratoria a commerciante	4$400

Sello de verba

Carta de commerciante	264$000
Titulos de trapicheiro e administrador de armazem de deposito, de corretores e agentes de leilões	143$000
De interpretes do commercio e traductores publicos	121$000
De despachantes das Alfandegas e Mesas de Rendas e seus ajudantes ..	77$000
De caixeiros despachantes	55$000
De concessão de entrepostos particulares e de trapiches alfandegados	74$800

E' mantida a isenção de direitos para os saques ou cambiaes emittidos pelo Banco do Brasil.

Pagarão sello todas as vias de recibo e as facturas ou notas de mercadorias vendidas a dinheiro e todos os recibos, vales, bilhetes ou qualquer outro documento com os caracteristicos de recibo, de valor total ou parcial, de clubs ou sociedades para a venda de mercadorias a prestações, patenteados ou privilegiados ou não pelo governo. Isto não se entende com os documentos sujeitos ao sello proporcional, nem com os referentes a quantias inferiores a 25$000, isentos de sello.

NOTAS — Sobre a estampilha só deve ser escripta a data e a firma do signatario, parte no papel, parte na estampilha. O numero referente ao dia deve ficar sobre a estampilha. A revalidação continua a ser de 10 vezes o valor do sello até 30 dias, 25 vezes até 60 dias e 50 vezes de 60 dias em deante.

São isentos de sello os papeis referentes a casamento civil e ao processo eleitoral.

INFORMAÇÕES UTEIS

Julho	12	3
Agosto	12	6
Setembro	12	0
Outubro	11	49
Novembro	11	43
Dezembro	11	49

Quando é meio-dia (12 horas) no Rio de Janeiro, é tambem meio-dia em todos os Estados do Brasil, exceptuando Amazonas, Matto Grosso e parte occidental do Pará, onde são 11 horas. No Acre e na parte sudoéste do Amazonas são 10 horas e nas ilhas Fernando de Noronha e da Trindade são 13 horas.

REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS

TARIFA TELEGRAPHICA

Instrucções

TELEGRAMMAS ORDINARIOS

A taxa inteira é de 100 réis por palavra para os telegrammas expedidos entre estações de um mesmo Estado, sendo o Estado do Rio de Janeiro e o Districto Federal considerados para este fim como um só Estado; de 200 réis entre estações de Estados diversos em toda a extensão do territorio nacional.

TELEGRAMMAS URBANOS

Os telegrammas urbanos pagam a taxa de 500 réis por telegramma normal até 20 palavras, ou fracção, quando expedidos dentro das cidades. A Capital Federal, Nictheroy e Petropolis, são consideradas para esse fim como uma só cidade. Os telegrammas urbanos pódem ser multiplos e, nesse caso, a taxa a cobrar será de tantos telegrammas quantos os endereços. O expedidor de um telegramma urbano poderá pagar a resposta, indicando o numero de palavras antes do endereço e depois de RP, si desejar que a resposta contenha mais de 20 palavras.

dem ser: urgentes (D), de resposta paga (RP), de resposta paga urgente (RPD), cotejados (TC), com aviso telegraphico de recepção (PC), com aviso de recepção postal (PCP), com aviso telegraphico urgente de recepção (PCD), com instrucções para fazer seguir (FS), porte registado (PR), expresso pago ou proprio (XP), expresso pago telegraphico (XPT), expresso pago carta (XPP), entregar em mão propria (MP), telegrapho restante (TR), posta restante registada (PGR), e multiplos ou varios endereços (TM).

Urgentes — Os telegrammas urgentes têm preferencia sobre todos os outros telegrammas ordinarios e pagam o triplo da taxa ordinaria.

Resposta paga — Os telegrammas de resposta são aquelles cuja resposta fôr previamente f r a n q u eada pelo expedidor, o qual deve dizer, antes do endereço, a respectiva indicação “RP” seguida do numero de palavras que quizer franquear, devendo ser contado por 10 palavras si o expedidor não precisar o numero das mesmas.

Si o expedidor quizer uma resposta urgente, a indicação será “RPD” e pagará então por essa resposta o triplo da taxa ordinaria.

Cotejados — Os telegrammas pagam além da taxa ordinaria mais um quarto da taxa total e levam a indicação “TC” antes do endereço.

Aviso de recepção — E' permittido ao expedidor pedir informação da hora da entrega de seu telegramma. Para isso deverá o transmittente inserir a indicação “PC”, pagando mais a taxa de um telegramma ordinario de 10 palavras. Si quizer que o aviso lhe seja feito por telegramma urgente, a indicação deverá ser “PCD” e a taxa será triplice. Si qui-

gues em mão propria deverão levar a indicação "MP" antes do endereço.

Telegrammas multiplos— O expedidor tem a faculdade de endereçar o seu telegramma a muitos destinatarios na mesma localidade, ou em localidades differentes, mas servidas pela mesma estação telegraphica e com o mesmo percurso electrico, e ainda ao mesmo destinatario em diversos domicilios na mesma localidade, com ou sem reexpedição pelo Correio, por expresso ou por estafeta.

A taxa de um telegramma multiplo é a taxa de um telegramma ordinario, accrescida da quantia de 500 réis, cobrada a titulo de copia, tantas vezes quantos forem os endereços menos um. Si o telegramma tiver mais de 30 palavras, o custo da copia será tantas vezes 500 réis quantas 30 palavras ou fracção de 30 elle contiver.

No serviço exterior cada copia pagará 50 centimos de franco, cobrados segundo o equivalente em vigor, e mais outros 50 centimos por serie ou fracção de 100 palavras; e para os urgentes esta taxa é elevada a um franco.

SERVIÇO TAXADO E RECTIFICADO

Os telegrammas rectificativos, completivos ou annullatorios e quaesquer outras communicações relativas ao telegramma já transmittido ou em curso de transmissão, quando dirigidos a uma estação telegraphica, devem ser trocados exclusivamente entre as estações, sob a fórma de avisos de serviço taxado, correndo, porém, as respectivas despezas por conta do expedidor ou destinatario, segundo os casos.

A correspondencia nas condições acima, quando relativa á repetição de uma transmissão supposta erronea, terá a indicação "SR" — Serviço rectificativo.

CARTAS PNEUMATICAS

A carta pneumatica será de 500 réis.

INFORMAÇÕES UTEIS

com indicação de "Via Wertern" é de 0,75 centimos por palavra, estando nessa taxa a quota brasileira de 0,25 centimos quando o radiotelegramma tiver percurso nas linhas da Repartição.

Os radiotelegrammas procedentes de uma estação costeira em zona norte (do Rio) pagam pelo encaminhamento em linhas da Repartição, para:

Argentina:

Buenos Aires....	1,20
Outras estações...	1,40
Paraguay	1,40
Uruguay	1,40

Quando procedentes de uma costeira em zona sul (do Rio) pagam pelo mesmo encaminhamento, para:

Argentina:

Buenos Aires.....	0,70
Outras estações..	0,90
Paraguay	0,90
Uruguay	0,90
Chile:	
Santiago	2,05
Valparaiso	2,05
Outras estações..	2,15

Os radiotelegrammas com indicação de "Via Western" para o exterior pagam as taxas constantes da tarifa normal, para essa via.

As taxas de bordo para os radiotelegrammas destinados aos navios de guerra francezes é de 0,05 centimos por palavra, sem minimum.

TARIFA SEMAPHORICA

A taxa de qualquer telegramma semaphorico é de 1 franco, uniformemente cobrado, segundo o equivalente em vigor, devendo addicionar-se a taxa do percurso electrico, caso haja calculado pela tarifa em vigor.

Na estação do serviço da praça do Commercio da Capital Federal e nas estações estabelecidas em portos quaesquer ou praças commerciaes dos Estados, se farão assignaturas de 5$000 mensaes, que darão direito ao assignante de receber em seu domicilio, quando este não distar mais de um ki-

INFORMAÇÕES UTEIS

coração devem ser moderados si não tiverem força de vontade para não fumar;

7° — Não aspirar o fumo nem o expellir pelo nariz;

8° — Lavar a boca amiudadas vezes.

Companhia Cantareira e Viação Fluminense

(RIO DE JANEIRO)

Horario das barcas

DIAS UTEIS

Estação da capital

0.30	9.10*	15.10*	20.50
1.00	9.30	15.30	21.10*
1.30	9.50	15.50	21.30
2.30	10.10*	16.10*	21.50
3.30	10.30	16.30	22.10*
4.30	10.50	16.50	22.30
5.10*	11.10*	17.10	23.00
5.30	11.30	17.30	23.30
5.50	11.50	17.50	24.00
6.10*	12.10*	18.10*	
6.30	12.30	18.30	
6.50	12.50	18.50	
7.10	13.10*	19.10*	
7.30	13.30	19.15	
7.50	13.50	19.30	
8.10	14.10*	19.50	
8.30	14.30	20.10*	
8.50	14.50	20.30	

Central de Nictheroy

0.20	7.45*	13.00	18.00
0.50	8.00	13.20	18.15
1.30	8.15	13.40*	18.30
2.00	8.30	14.00	18.45
2.30	8.45*	14.20	19.00
3.40	9.00	14.40*	19.20
4.00	9.15	15.00	19.40*
4.30*	9.30	15.15	20.00
5.00	9.45*	15.30	20.20
5.20	10.00	15.45*	20.40*
5.40*	10.20	16.00	21.00
6.00	10.40*	16.15	21.20
6.15	11.00	16.30	21.40*
6.30	11.20	16.45*	22.00
6.45*	11.40*	17.00	22.35
7.00	12.00	17.15	23.10
7.15	12.20	17.30	23.40
7.30	12.40*	17.45*	

* Barcas de carroças.

INFORMAÇÕES UTEIS

Partida da Freguezia:

5.20	barca
8.00	"
11.00	"
17.55	"

N. B. — As barcas tocarão em Cocotá na volta da freguezia, salvo as da tarde que tocarão na ida.

Domingos

7.15	barca (*)
12.00	" (*)
16.00	"
19.45	"
5.45	"
10.00	"
11.45	"
18.25	"

(*) Este signal indica que a barca fará escala pela Ilha do Paquetá.

N. B. — Todas as barcas fazem escalas em Cocotá tanto na ida como na volta.

ILHA DE PAQUETA'

Dias uteis, feriados e santificados

Partida da Capital:

6.30	barca
10.00	"
16.30	"
18.30	"

Partida de Paquetá:

6.30	barca
8.30	"
11.30	"
19.30	"

Domingos

7.15	barca (*)
9.30	"
12.00	" (*)
16.30	"
18.30	"
7.00	"
9.15	" (*)
11.30	" (*)
14.00	"
19.30	"

(*) Este signal indica que a barca fará escala pela Ilha do Governador.

INFORMAÇÕES UTEIS

PÃO DE ASSUCAR

(Caminho aereo)

Os carros aereos funccionam com frequencia diariamente desde ás 7 horas.

A's segundas, quartas e sextas-feiras o ultimo carro sobe da Praia Vermelha para o Pão de Assucar ás 18 horas, e ás terças, quintas, sabbados e domingos, ás 22 horas. Si chover, funccionarão sómente até ás 18 horas.

Preço da passagem:

Ida e volta até á Urca .... 2$000

Ida e volta até o Pão de Assucar .... 4$000

Reducção de preços:

Aos domingos, das 7 ás 13 horas, o preço da passagem ao alto do Pão de Assucar será de 2$000 ida e volta, e depois desta hora regularão os preços em vigor.

A ENSEADA DE JURUJUBA

(Nictheroy)

Toma-se a barca da Companhia Cantareira, que parte do cáes Pharoux de 20 em 20 minutos, durante o dia para Nictheroy. A viagem maritima gasta uns 20 minutos. Chegando a Nictheroy deve-se tomar o bonde com a taboleta "Canto do Rio" ou "S. Francisco", que esperam a chegada das barcas.

Os bondes para o Canto do Rio correm de 20 em 20 minutos e para S. Francisco correm de 40 em 40 minutos. A passagem na barca é de 300 réis, no bonde 200 réis até o Canto do Rio e 300 réis até S. Francisco.

INFORMAÇÕES UTEIS

com a do anno 88 dá o n. 2.

No quadro II, a intersecção do n. 2 da primeira columna com a columna correspondente ao mez de maio dá o n. 3.

No quadro III, a intersecção do n. 3 da primeira columna com a data 13 dá um domingo, que é o dia da semana procurado.

Que é preciso para contratar enterros no Districto Federal

Occorrido o fallecimento, a pessoa que, por obrigação ou caridade, se incumbir desse triste encargo deverá, já munida da medida do cadaver, obter, o mais depressa possivel, o attestado de obito, documento esse que é sempre passado pelo medico que tratou do enfermo nos seus ultimos momentos.

Nos casos de morte sem assistencia medica, o respectivo attestado será fornecido pelo medico do Gabinete Legista da Policia, que fizer a verificação do obito.

Quando, porém, se tratar de morte por crime ou desastre, o attestado será tambem fornecido pelo medico desse mesmo gabinete, depois de procedida a autopsia.

Uma vez de posse do attestado medico, em qualquer das hypotheses apresentadas, a pessoa encarregada de contratar o enterro deverá dirigir-se á Pretoria correspondente ao logar onde se deu o obito, ou á do logar onde foi feita a verificação cadaverica, afim de obter do respectivo escrivão a certidão de enterramento.

Com esse documento, recebido em troca do attestado que fica archivado na Pretoria, o enterro poderá ser contratado na Empresa Funeraria, á praia de Santa Luzia, para os cemiterios publicos, a cargo da Santa

pre de prejuizos e delongas dispendiosas, que só podem ser obviados, mediante uma justificação perante os senhores juizes pretores.

Para prevenir esse inconveniente a pessoa que comparecer á Pretoria deverá estar preparada, afim de prestar com acerto as indispensaveis informações necessarias ao registo.

—

Os diversos serviços funerarios cobrados pela Santa Casa de Misericordia obedecerão ás seguintes tabellas:

TABELLAS DE TAXAS DE ENTERRAMENTOS

Adultos	Caixões	Vehiculos	Sepulturas	Certidões	Total sem carneiro	Total com carneiro
1ª classe	380$000	180$000	30$000	1$000	591$000	811$000
2ª "	214$000	94$000	30$000	1$000	339$000	559$000
3ª "	128$000	82$000	30$000	1$000	241$000	461$000
4ª "	76$000	58$000	16$000	1$000	151$000	385$000
5ª "	42$000	47$000	16$000	1$000	106$000	340$000
6ª "	18$000	16$000	7$000	.....	41$000	284$000
7ª "	9$000	8$200	7$000	.....	24$200	267$200
8ª "	5$000	8$200	7$000	.....	20$200	263$200

INFORMAÇÕES UTEIS

Caixão n. 7 — Carro n. 6 — Sepultura rasa ...	32$000

Para menores

Caixão n. 3 — Carro n. 2 — Carneiro — Certidão	271$000
Caixão n. 3 — Carro n. 2 — Sepultura rasa — Certidão	163$000
Caixão n. 3 — Carro n. 5 — Sepultura rasa — Certidão	106$000
Caixão n. 6 — Carro n. 5 — Sepultura rasa — Certidão	49$000
Caixão n. 7 — Carro n. 6 — Sepultura rasa ...	26$000

Os caixões para adultos, de ns. 1 e 2, pagarão os preços constantes destas tabellas, até 60 pollegadas; cada pollegada de excesso custa, sendo de n. 1, 6$000 e de n. 2, 3$000.

Os de ns. 1 e 2 para menores de 7 annos, pagarão tambem, além de 30 pollegadas, mais 5$000 por pollegada, para os de n. 1 e 2$500, para os de n. 2.

A escolha da cor roxa, para os enterros de donzellas não altera o preço estabelecido.

Os funeraes feitos em local fóra dos antigos limites da cidade, ainda que dentro das freguezias de S. João Baptista, S. Francisco Xavier e de S. Christovão, pagarão mais: caixões de ns. 1 a 5 — 5 °|° e vehiculos 20 °|°.

O preço dos vehiculos que transportarem corpos da antiga freguezia de S. João Baptista para serem sepultados no cemiterio de S. Francisco Xavier, ou da antiga de S. Christovão, para o cemiterio de S. João Baptista, será augmentado de 10 °|°.

Os serviços de funeraes extra-tabellas serão feitos mediante convenção com a Santa Casa, menos no que

INFORMAÇÕES UTEIS

Os legumes farinaceos (batata, cenoura, beterraba, etc.) são dotados de um valor alimentar médio: encerram uma quantidade consideravel de amido e são pobres em gordura e albumina, têm uma composição semelhante á dos cereaes e podem substituil-os.

Na Inglaterra e na Allemanha, as batatas desempenham o papel do pão, e como custam pouco, representam um alimento popular, como succede em algumas provincias da França, onde a batata é denominada o "pão do pobre".,

Esses legumes, sendo pouco abundantes em albumina, não favorecem as fermentações toxicas no tubo digestivo e são aconselhaveis nos casos de enterite. Ha poucos annos, aventou-se a idéa de que a batâta convém aos diabeticos, que della, desde então, fazem abundante uso; mas esse legume não tem, na verdade, nenhuma acção curativa; e se póde ser util ao doente, isso se dá unicamente porque, em egualdade de peso, contém menos amido do que o pão (em 500 grammas de pão ha 265 de amido e em 500 grammas de batata não ha mais de 100).

Os legumes seccos, (ervilhas, lentilhas, favas, feijões) são muito differentes, Nelles ha riqueza de albumina e são azotados ainda mais do que a carne. Nessas condições, convém aos individuos depauperados, aos tuberculosos, e, em certos casos, aos diabeticos, sendo, porém, contra-indicados para os obesos.

Assim, pois, os legumes são uteis a todos e, de um modo especial, aos doentes. O seu preparo offerece, infelizmente, alguma difficuldade, o que impede o seu uso a muita gente.

Os legumes verdes devem ser bem cozidos e bem adubados, e frequentemente perdem, no preparo, o seu valor alcalinisante e mineralisante, porque foram cozidos em demasiada quantidade de agua, depois lan-

INFORMAÇÕES UTEIS

mas de batatas, 250 de cenouras, 50 de nabos, 50 de porotos, com um pouco de cerefolio e de aipo; a agua não deve ser derramada toda ao mesmo tempo, porém, aos poucos; deve ferver durante quatro horas; sal, duas grammas por litro. Alguns usam no preparo desta sopa, legumes seccos ou cereaes.

Os legumes seccos são pouco usados na cozinha popular franceza, porque exigem muito tempo no seu preparo. Contrariamente ao que succede com os legumes verdes, os seccos absorvem a agua e quadruplicam o peso. A proporção de agua deve ser de tres partes para uma de legumes.

No Egypto, onde o povo se alimenta de favas, costuma-se collocal-as á noite em grandes recipientes de barro, com agua, sobre um fogo lento. O recipiente é todo cercado de cinzas e o cozimento se faz durante a noite toda. A marmita noruegueza, envolta em feltro, dá resultados identicos.

Comtudo, aos dyspepticos os legumes seccos só convém sob a forma de pirão.

Hoje se procura aclimatar em França um legume secco originario da China, a "soja", que contém muita albumina e gordura e pouco amido, o que a torna util aos diabeticos. Reclama, porém, muitas horas o seu preparo.

Pequenas receitas para o toucador das senhoras

Para suavisar a pelle dos braços, desde o cotovello até á mão, passe-se de quando em quando, á noite, oleo de amendoas doces ou vaselina.

—

Obtem-se um perfume agradabilissimo com a se-

INFORMAÇÕES UTEIS

O CARACTER DAS PESSOAS PELO SEU PHYSICO

Será possivel conhecer o caracter de alguem pelos seus signaes physicos? A graphologia é já um processo fóra de duvida. Mas, além desse, haverá outro meio egual de se saber exactamente com quem se lida? Evidentemente em quasi todos os trabalhos dessa natureza não ha sinão o orbitrio de quem os faz, além de uma pequena dose de elementos realmente fornecidos pela sciencia. Os horoscopos e quejandos processos não têm valor para as pesosas que escapem á contingencia da superstição. Visto, porém, que este livro é um almanack, devia conter algumas dessas collaborações classicas dos almanacks e por isso não fugimos á praxe de traduzir o que escreveu um autor italiano sobre o modo de se conhecer o caracter pelos signaes physicos. Preferimos isso a fazer trabalho proprio. Os nossos leitores acreditarão no que elle diz? Eis o que fica ao seu inteiro criterio. E' bom, entretanto, assignalar, o que fazemos por amor á lealdade, que se trata de um autor italiano, isto é, que as regras que se vão ler foram escriptas para povo em muita cousa differente do nosso. Natural é que os nossos leitores e sobretudo as nossas leitoras não as tomem muito ao pé da letra...

OS CABELLOS — Os cabellos longos, lisos, louros, e finos, indicam timidez e falta de caracter. Os cabellos curtos e crespos esperteza, força, intrepidez. Os cabellos simplesmente crespos: intelligencia escassa, tendencia á colera; os cabellos sobre a fronte e sobre as temporas denotam orgulho e crueldade. Os cabellos annelados e que se destacam sobre a fronte: disposição para as bellas-

INFORMAÇÕES UTEIS

O NARIZ — O nariz chato denota facilidade em receber impressões dos sentidos; ás vezes é indicio de leviandade e apathia, assim como de espirito motejador. O nariz achatado na raiz é signal infallivel de cobardia e indolencia. O nariz aquilino indica um homem energico e dominador. Um nariz ligeiramente arqueado indica um caracter poetico. Um nariz em ponta é indicio de finura e astucia; e um nariz grosso de amor á boa mesa, ao vinho e aos excessos de todo o genero. O nariz que se inclina sobre o labio é signal de sensualidade. O nariz cuja ponta se volta para cima (o que nós chamamos nariz arrebitado) indica astucia, orgulho, inveja. Nariz encarnado, é signal de temperamento grosseiro, amigo de questões e de mediocre intelligencia. Nariz longo é signal de prudencia, sagacidade e bondade (parabens aos narigudos...)

AS VENTAS — Narinas estreitas e subtis indicam escassez de espirito, prudencia, fidelidade e modestia. Ventas alargadas, temperamento sensual. Narinas quasi fechadas indicam malvadez, mentira, vaidade.

A BOCA — Uma boca cerrada, com a orla dos labios invisivel, é indicio de ordem, exactidão e asseio. Si a boca é fechada de mais — egoismo. Boca grande e larga indica tendencia de falar continuamente e a comer muito; avareza e mentira. Boca pequena indica caracter bom, sobriedade e tambem timidez. Boca gorda — pureza, versatilidade, credulidade. Boca bem proporcionada — caracter excellente. Boca excessivamente talhada — espirito grosseiro e pesado. Boca sempre aberta é signal de imbecilidade.

OS LABIOS — Si o labio superior é saliente denota bondade. Si os labios são bem proporcionados e eguaes

INFORMAÇÕES UTEIS

go — violeneia, pouea delicadeza. Cabeça pequena — amor á sciencia. Cabeça inclinada para baixo — bom senso.

AS ORELHAS — Orelhas extremamente pequenas indieam ereatura material e luxuriosa. Pequenas e mal talhadas — falta de saude. Pequenas e bem talhadas — temperamento prudente, ordenado e eheio de espirito. Orelhas longas e largas — preguiça, vaidade e impudeneia. Orelhas ehatas e grandes — estupidez, avareza e descortezia.

AS MÃOS — As mãos grossas e longas indieam honestidade, discrição e amabilidade. Grossas e curtas — deseortezia, mentira e colera. (O autor nada quiz dizer sobre os demais feitios das mãos).

OS PE'S — Pés grandes indieam simplieidade, força, fleugma e temperamento incivil. Pés pequenos e magros — espirito fino, debilidade, timidez. (Egualmente o autor não se quiz estender sobre os pés).

E era tudo quanto se continha no trabalho do sabio (?) italiano. O leitor que procure agora harmonisar os differentes signaes de temperamento, a ver o que sae...

A agua como bebida e como medicamento

A melhor de todas as bebidas é a agua.

A agua é o liquido que melhor mata a sede.

A agua distillada não é saborosa ao paladar nem boa para o corpo.

Qualquer agua precisa conter eerta quantidade de ar.

A formula chimiea da agua distillada é: H2 0.

A agua sem ar ou com poueo oxygenio não é saudavel.

INFORMAÇÕES UTEIS

Nas aguas sulfurosas predomina o hydrogenio em combinação com o sulfureto.

A agua natural, fria, ou, melhor, gelada, é applicada com exito contra as hemorrhagias.

As aguas mineraes, como medicamento, produzem sempre melhores resultados quando tomadas no manancial.

A unica vantagem que têm as aguas mineraes artificiaes sobre as naturaes é que podem ter sempre uma composição exacta.

Deve-se ter muito cuidado com as aguas salobras, porque o seu uso excessivo produz o escorbuto.

OS COMETAS

Os cometas são corpos celestes que offerecem mais curiosidade na sua estructura e seu movimento e sobre os quaes a sciencia possue menos dados certos.

A apparição destes astros foi por muito tempo um indicio de terror para os povos, e como um dos effeitos do medo é exagerar a causa, encontram-se em obras antigas, as descripções as mais extravagantes de muitos cometas que appareceram nesse tempo.

Tal era o que fala Justino e que excedia á luz do sol, o que appareceu no anno de 117 da Era Christã, cuja forma era de uma immensa espada. Julgaram ser elle um signal certo de calamidades proximas e outros finalmente com nucleos com dimensões tão consideraveis como as da lua!

INFORMAÇÕES UTEIS

Existem tambem cometas que apresentam ás vezes muitas caudas ou feixes luminosos: o de 1744 apresentava seis caudas de uma extensão de 30° a 40°: o seu comprimento real devia exceder de 30 milhões de leguas.

Alguns, finalmente, offerecem, em torno de um nucleo central, uma nebulosidade radiante muito externa, chamada cabelleira.

Nem todos elles são visiveis a olhos desarmados; tem-se descoberto um grande numero que só se avista por meio de apparelhos opticos.

Acontece muitas vezes que dous ou mesmo tres cometas apparecem ao mesmo tempo como já se teve occasião de observar no Rio de Janeiro.

A maior parte dos cometas parecem compostos de uma materia nebulosa muito mais densa no seu centro do que na sua circumferencia.

Esta parte central se apresenta ordinariamente sob a apparencia de um nucleo luminoso.

Reconheceu-se tambem que este nucleo era transparente, podendo se avistar através as mais pequenas estrellas.

Alguns existem que não apresentam nucleo e a materia gazoza que os compõe é mais condensada sómente para o seu centro.

O cometa de 1819 e o de Encke, ou dos 1.200 dias, passavam adeante do disco do sol sem produzir sombra e nem mancha á nossa vista.

Suppõe-se hoje que a materia vaporosa que compõe os cometas é de tal modo dilatada, que toda a materia da maior parte destes astros apresenta sómente algumas centenas de kilogrammas.

O volume dos cometas é geralmente restricto; porém a nebulosidade que os cerca ou as caudas que os acompanham lhes dão uma importancia apparente. Estes longos rastilhos lumi-

INFORMAÇÕES UTEIS

sua marcha accelerada então de um modo extraordinario.

Segundo o calculo de Newton, elles devem experimentar um calor 2.000 vezes maior do que o do ferro em braza. O de 1843 tinha se approximado de tal modo do sol que a sua distancia era de 32.000 leguas.

Halley foi o primeiro que predisse a volta de um cometa: elle encontrou essa formula, applicando o methodo de Newton a um grande numero de observações, e que o cometa de 1862 devia ser o mesmo que apparecera em 1456, 1531 e 1607.

Seu periodo devia ser de 75 annos, pouco mais ou menos e elle predisse a sua reapparição para os annos de 1759, 1835, 1910 e 1985.

O primeiro acontecimento confirmou plenamente a sua predicção e elle recebeu o nome de Halley.

O pequeno cometa de Encke, o dos 1.200 dias, é egualmente bem conhecido. Foi o astronomo Encke quem primeiro determinou o seu movimento ellyptico.

A periodicidade do cometa de Biela e do de Faye foi tambem notada: o primeiro preencheu sua revolução em torno do sol em 6 annos e 3|4; o segundo em 7 1|2 annos.

Temos ainda o cometa de Brorsen, que se suppunha perdido e cuja periodicidade é de 5 1|2 annos.

O plano da orbita de um cometa, qualquer que seja a sua direcção, passa como o da Terra pelo centro do sol.

Elle corta, pois, a eclyptica, segundo uma linha recta de que conhecemos um dos pontos, que é o centro do sol.

E' necessario um outro ponto para que a linha seja determinada, e para obter este segundo ponto, observa-se o logar em que o cometa atravessa o plano da eclyptica. E' preciso então determinar o angulo que o plano da orbita do cometa

INFORMAÇÕES UTEIS

S. Matheus no Cap. II versos 2 e 11; que guiou os felizes Magos a Bethlem. por uma graça especial do Creador, no Nascimento Gloriosissimo do Salvador e Redemptor do Mundo: os cometas mais esplendidos que se têm visto foram os de 1811 e o de 1892, de orbita parabolica.

O de 1811, que deve voltar daqui a 30 seculos, talvez bem debilitado como o de Halley, era um colosso, um assombro; para os mortaes olhos que o viram: elle tinha, incluindo a cauda 180 milhões de kil: de comprimento, podia o nucleo acharse na terra e a extremidade da cauda chegar até o sol. Os nossos descendentes de 30 gerações o veram!

Nós o veremos do Mundo da Verdade!

O que conduz um "dreadnought"

E' fabulosa a quantidade munições, de viveres e de combustivel que se accumulam a bordo destas fortalezas fluctuantes.

Os *dreadnoughts* inglezes e allemães vão providos de 150 projectis para cada um de seus 10 ou 12 canhões de 305 millimetros e o valor das munições que podem levar a bordo elevase a 450.000 francos por peça; a 4.500.000 francos por cada 10 canhões e a 5.300.000 francos pelas 12 peças. Um disparo por peça, de minuto a minuto, consumiria essa elevada somma em duas horas e meia.

A provisão dc boca é enorme; basta dizer-se que cada *dreadnought* conduz 30 toneladas de carne de vacca e 60 de batatas.

O carvão consumido por hora é de cerca de duas toneladas e os porões apenas comportam esse combustivel para 115 horas de marcha.

INFORMAÇÕES UTEIS

firma ou de local, devem requerer, communicando esta occorrencia no praso de 15 dias, sob pena de multa de 50$000 a 200$000.

ABRIL

Pagam-se: na Recebedoria Federal o imposto sobre vehiculos (bondes); e na Prefeitura faz-se a entrega das collectas sobre predios de accordo com o disposto no decreto n. 432; pena: multa correspondente a um anno de imposto.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma ou local, devem requerer, communicando esta occorrencia no praso de 15 dias, sob pena de multa de 50$000 a 200$000.

MAIO

Pagam-se na Recebedoria Federal, a 1ª prestação do imposto sobre os vencimentos e subsidios dos serventuarios de officios de justiça. Na Prefeitura Municipal paga-se o imposto sobre animaes de sella, particulares e de aluguel; e faz-se entrega das collectas sobre predios, de accordo com o disposto no decreto n. 432; pena: multa correspondente a um anno de imposto.

JUNHO

Paga-se na Recebedoria o imposto sobre pennas de agua. Na Prefeitura o imposto territorial. Os estabelecimentos industriaes que mudarem de firma ou local devem requerer, communicando esta occorrencia, no praso de 15 dias, sob pena de multa de 50$000 a 200$000.

JULHO

Pagam-se neste mez e durante todo o anno na Recebedoria Federal, os impostos do consumo, transmissão de propriedade, fóros de terrenos, dividendos, etc.; e do mesmo modo na Prefeitura Municipal os al-

INFORMAÇÕES UTEIS

tuarios de officios de justiça.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma ou local, devem requerer, communicando esta occorrencia, no praso de 15 dias, sob pena de multa de 50$000 a 200$000.

DEZEMBRO

Pagam-se durante todo o anno, na Recebedoria Federal, os impostos não especificados, como os de consumo, transmissão de propriedade, fóros de terrenos e de dividendos, etc., e do mesmo modo, na Prefeitura Municipal, os alvarás de 1as licenças, laudemios e outras contribuições municipaes.

Os estabelecimentos industriaes, que mudarem de firma ou local, devem requerer, communicando esta occorrencia, no praso de 15 dias, sob pena de multa de 50$000 a 200$000.

THEATROS E PRINCIPAES CINEMAS

Theatro Municipal, Avenida Rio Branco.

São José, Praça Tiradentes.

Palace Theatre, Rua do Passeio.

Carlos Gomes, Rua Luiz Gama.

S. Pedro de Alcantara, Praça Tiradentes.

Recreio Dramatico, Rua Luiz Gama.

Republica, Avenida Gomes Freire.

Lyrico, Rua Treze de Maio.

Phenix, Rua Barão de S. Gonçalo.

Parisiense, Avenida Rio Branco.

Pathé, Avenida Rio Branco.

Palais, Avenida Rio Branco.

Avenida, Avenida Rio Branco.

INFORMAÇÕES UTEIS

assignatura;
252$000 na renovação, 3 mezes depois;
280$000 para os ultimos 6 mezes.

Os trens partem de Praia Formosa

Dias uteis:
6.00, 8.35, 13.35, 15.50, 16.20, 17.45, 20.10.

Domingos:
6.00, 7.30, 8.35, 10.30, 15.50, 17.45, 20.10.

Os trens partem de Petropolis

Dias uteis:
6.08, 7.35, 8.35, 10.20, 12.35, 16.00, 19.20.

Domingos:
6.08, 7.35, 10.20, 14.50, 16.00, 19.20, 20.25.

Passam pela estação de Praia Formosa os bondes com o distico S. Luiz Durão, Ponta-Caju' e Caju'-Retiro.

Servem tambem os bondes do Engenho de Dentro, Aldeia Campista, Andarahy, Villa Isabel, Villa Isabel-Engenho-Novo, Alegria, S. Januario, Mattoso, Praça da Bandeira, (S. Diogo) e Lins de Vasconcellos, que passam na esquina da rua Figueira de Mello, distante poucos metros da estação.

A' chegada dos trens de Petropolis, os Srs. passageiros encontrarão ao lado da plataforma bondes especiaes para a cidade.

NOVA FRIBURGO

Horario — Partidas

De Nictheroy:

Expresso (diario)	7.00 hs.
Mixto (dias uteis)	9.40 "
Passeio (aos sabbados)..........	15.35 "

De Friburgo:

Passeio (ás segundas-feiras....	6.00 hs.
Mixto (dias uteis)	11.10 "
Expresso (diario)	15.05 "

INFORMAÇÕES UTEIS

Alphabeto anti-tuberculoso

A tuberculose, entre nós, é uma das doenças que fazem maior numero de victimas. E apezar de todos os pezares ainda não se descobriu o remedio para aniquillar o terrivel bacillo. Uma revista estrangeira publicou ha dias um alphabeto anti-tuberculoso que reproduzimos, não só pela curiosidade, como pela utilidade dos conselhos nelle encerrados:

A — Attende que a tuberculose não respeita raça, sexo, edade, clima ou posição social.

B—Banhos de immersão e sabão são sempre uteis: limpam, fortalecem e previnem muitas enfermidades.

C — Catarrhos frequentes são suspeitos e devem curar-se.

D — Dorme, bem, alimenta-te bem e respira bem.

E — E' sujo e perigoso cuspir no solo.

F — Febre com tosse pede assistencia medica.

G — Ganglios que fazem relevo no corpo são máo signal.

H — Habitem o campo os filhos de paes tuberculosos e tratem-se longe da familia.

I — Idéas sãs e pensamentos honestos conservam a saude.

J — Jámais deixes de respirar o ar livre no verão e no inverno, sobretudo quando brincares.

K — Koch, medico allemão, descobriu o bacillo da tuberculose, mas não acertou com a lympha que o devia matar.

L — Leite e ovos são bons alimentos e quem se alimenta bem difficilmente será tuberculoso.

M — Mãos limpas, toalha limpa e comidas limpas.

N — Nicotina e alcool são dous venenos civilisados, mas são venenos.

O — Ouvir é aprender. Emprega o ocio da vida em escutar.

P — Peito bem desenvol-

INFORMAÇÕES UTEIS

da da excepcional longitude dessa linha, basta dizer que foram collocados..... 130.000 postes para sustentar o enormissimo cabo.

A poderosa companhia que levou a cabo tal emprehendimento é dona de todas as linhas telegraphicas e telephonicas dos Estados Unidos; tem o capital realisado de mil milhões de francos e para um total de linhas de........ 33.795.000 kilometros, tem approximadamente 9 milhões de assignantes.

CONSULADOS

Allemanha — Avenida Rio Branco, 146.

Argentina — Avenida Rio Branco (Edificio do *Jornal do Brasil*).

Austria-Hungria — Avenida Rio Branco n. 137.

Belgica — Rua da Alfandega n. 109.

Bolivia — Avenida Rio Branco n. 24.

Chile — Rua do Hospicio n. 31.

Columbia — Rua da Alfandega n. 111.

Costa Rica — Rua do Ouvidor n. 96.

Cuba — Rua da Quitanda n. 183.

Dinamarca — Rua da Quitanda n. 183.

Estados Unidos — Avenida Rio Branco (Edificio do *Jornal do Commercio*).

França — Largo da Carioca n. 15.

Grecia — Rua do Ouvidor n. 88.

Guatemala — Praia do Flamengo n. 76.

Hollanda — Rua da Quitanda n. 158.

Hespanha — Avenida Rio Branco (Edificio do *Jornal do Brasil*).

INFORMAÇÕES UTEIS

Honduras — Praia do Flamengo n. 76.

Inglaterra — Rua General Camara n. 6.

Italia — Rua S. José numero [illegible].

Japão — Petropolis.

Mexico — Rua Primeiro de Março n. 12.

Montenegro — Avenida Rio Branco n. 144.

Nicaragua — Praia do Flamengo n. [illegible].

Noruega — Rua S. Pedro n. [illegible].

Panamá — Rua General Camara n. 8 (Banco do Commercio).

Perú — Rua do Ouvidor n. [illegible].

Persia — Rua da Quitanda n. 147.

Portugal — Rua General Camara n. 3.

Russia — Rua Evaristo da Veiga n. 37.

S. Salvador — Rua Visconde de Inhaúma n. [illegible].

Suecia — Rua da Alfandega n. [illegible].

Suissa — Rua da Assembléa n. [illegible].

Turquia — Rua da Alfandega n. 215.

Uruguay — Rua São Pedro n. [illegible].

Venezuela — Rua da Alfandega n. 28.

Companhias de Navegação

Anglo-Americana — Rua Visconde de Inhaúma numero [illegible].

Companhia de Navegação Sul Atlantique — Avenida Rio Branco n. [illegible].

Companhia Real Hungara de Navegação Maritima — Rua Visconde de Inhaúma n. [illegible].

Companhia Transatlantica Hespanhola — Rua Primeiro de Março n. [illegible].

Companhia Commercio e [illegible]

INFORMAÇÕES UTEIS

Navegação — Avenida Rio Branco n. 37.

Companhia Nacional de Navegação Costeira — Rua do Hospicio n. 23.

Companhia Cantareira — (Cáes Pharoux) Praça 15 de Novembro n. 3.

Empresa Brasileira de Navegação — Rua da Quitanda n. 136.

Empresa de Navegação Rio-S. Paulo — Rua São Pedro n. 33.

Hamburg Amerika Line — Avenida Rio Branco numero 79.

Hamburg Sudamerikanisch — Avenida Rio Branco n. 79.

La Veloce, Companhia Italiana de Navegação — Rua Primeiro de Março numero 29.

Laport & Holt-Line — Praça Mauá.

Lloyd Brasileiro — Praça das Marinhas (entre Rosario e Ouvidor).

Lloyd Italiano — Rua Primeiro de Março n. 29.

Lloyd Real Hollandez — Rua Primeiro de Março numero 29.

Lloyd Bremen — Avenida Rio Branco n. 66.

Lloyd Sabaúdo — Rua Primeiro de Março n. 29.

Pacific Steam Navigation C°., Ltd — Avenida Rio Branco n. 53

Royal Mail Steam Packet C°., Ltd. Avenida Rio Branco n. 53.

Bancos e Agencias Bancarias

Banco do Brasil — Rua da Alfandega n. 17.

Banco do Commercio — Rua General Camara n. 8.

Banco Commercial do Rio de Janeiro — Rua Primeiro de Março n. 81.

Banco da Lavoura e Commercio — Rua Primeiro de Março n. 85.

A arte de ser bella

A FLOR agrada a todos pela sua delicada coloração, pelo seu ameno perfume e pelas caprichosas formas com que a natureza a dotou. Mas o homem não satisfeito ainda da belleza natural da flor vive sempre a lançar mão de todos os recursos e artificios da chimica para dar ás flores pallidas e descoradas os matizes mais variados. Assim se nos lembrarmos que existe uma flagrante semelhança entre a flor e a mulher — pelos menos todos os poetas e os namorados o proclamam sempre — é natural que se pense em dar ás mulheres os recursos artificiaes que é tão commum dar ás flores, sempre lindas. Para isso a **maquillage** é a solução ideal. A **maquillage** é a arte da belleza da mulher.

Indicamos, pois, ás nossas distinctas leitoras alguns productos para a **maquillage** e a maneira de usal-os, podendo servir-se delles sem o menor receio, por serem de uma innocuidade absoluta para a saude da cutis. A'**maquillage** diaria domiciliar, applica-se o Rouge Lady, nas faces, nas palpebras superiores, na orla e parte inferior das orelhas e no queixo uma leve nuance. A applicação deve ser feita segundo o gosto e a arte de cada um e sempre de harmonia com o conjunto evitando o exagero de colorido. A seguir applica-se o creme incolor denominado — **Crêmolino Oriental**, de accordo com as indicações da bula que o acompanha, usa-se, com arminho de lã, o Pó dc Arroz Oriental, não o deixando accumulado. Este deve ser branco para as louras e claras e rosa ou crême para as morenas.

Para fazer a boca pequenina e graciosa applique-se no meio dos labios, não attingindo o canto da boca, o Rouge Oriental Illusão, que para este fim é de maravilhoso effeito.

A' noite pratique-se a mesma operação sómente com o **Crêmolino** e o Pó de Arroz para proteger a cutis das intemperies durante o repouso.

Vamos indicar agora a **Maquillage** de passeio ou a **Maquillage de Ville.** Esta necessita ser praticada com um crême que não seja gorduroso, antes deve ser alcalino, porquanto, os crêmes gordurosos alimentam a secreção oleosa da epiderme, tornando-a suarenta e luzidia, produzindo com os pós de arroz uma camada lustrosa desagradavel, principalmente sobre o nariz ao menor "tour" pela cidade. Indicamos entre muitos que conheccmos o "Crême de Belleza Oriental", hygienico c de rcal effeito, que se applica fazendo uma breve massagem no rosto e no collo, limpando-se em seguida com uma toalha branca — esta primeira applicação é destinada a tirar as impurezas sebaceas dos póros. Após, use-se o Rouge Lady, fazendo nova applicação do crême e por fim do pó de arroz e do rouge para labios, conforme as indicaçõcs acima. Na **maquillage** para soirée deve ser usado, antes de applicar o rouge Lady, o Leite de Belleza Oriental, com o qual se obtém a alvura da assucena em lindo contraste com o colorido dos Rouges. **Kholl Sourcilliere** é uma substancia para dar vida e expressão aos olhos, usado com grande proveito nas **maquillages** em geral.

INFORMAÇÕES UTEIS

Tabella de preços oragnisada pela Compagnie du Port de Rio de Janeiro para entrega de bagagens a domicilio dos passageiros cujo desembarque seja feito no Caes do Porto.

Primeira zona: de um a cinco volumes, 1$500, cada um; de seis a 10 volumes, 1$000; de 11 em deante, $500.

Segunda zona: na mesma proporção, respectivamente, a 2$000, 1$500 e 1$000, cada volume.

Terceira zona: idem, pelos respectivos preços de 2$500, 2$000 e 1$500, cada volume.

Quarta zona: egualmente, a 3$500, 2$500 e 2$000, cada volume.

Primeira zona — a) Todo o centro da cidade, limitado pelo littoral, Lapa, até o largo da Gloria; ruas Maranguape, Invalidos, praça da Republica, rua Visconde da Gavea, praça Municipal, avenida do Cáes, Riachuelo e Frei Caneca.

Segunda zona — a) Cattete, Botafogo, até á entrada dos tunneis; largo dos Leões e Laranjeiras, até á rua Alice.

b) Estacio, Rio Comprido, Haddock Lobo, até o largo da Segunda Feira, e São Christovão, até o largo da Cancella.

Terceira zona — a) Copacabana, Leme, Ipanema, Gavea, Laranjeiras, da rua Alice ao fim do Cosme Velho.

b) Aldeia Campista, Andarahy, até á usina; Villa Isabel, São Francisco Xavier, até á estação do Riachuelo, e Ponta do Caju'.

Quarta zona — Todas as ruas situadas nos morros e suburbios, até o Engenho Novo.

A Compagnie du Port de Rio de Janeiro se encarrega, tambem, do despacho das bagagens dos passageiros que se destinam ao interior do paiz.

JANEIRO
31 DIAS

1	S	*Cir. do Senhor*
2	T	S. Isidoro
3	Q	S. Anthero
4	Q	S. Gregorio
5	S	S. Simeão
6	S	*Santos Reis*
7	D	S. Theodoro
8	S	S. Lourenço
9	T	S. Julião
10	Q	S. Gonçalo
11	Q	S. Hygino
12	S	S. Satyro
13	S	S. Hilario
14	D	S. Felix Nole
15	S	S. Amaro
16	T	S. Marcello
17	Q	S. Antão
18	Q	S. Prisca
19	S	S. Canuto
20	S	*S. Sebastião*
21	D	S. Ignez
22	S	S. Vicente
23	T	S. Ildefonso
24	Q	N. S. da Paz
25	Q	Conv. de S. Paulo
26	S	S. Polycarpo
27	S	S. João Chrysostomo
28	D	S. Cyrillo
29	S	S. Simplicio
30	T	S. Martina
31	Q	S. Pedro Nolasco

FEVEREIRO
28 DIAS

1	Q	S. Brigida
2	S	*P. de N. Senhora*
3	S	S. Braz
4	D	S. André Cordeiro
5	S	S. Agueda
6	T	S. Dorothéa
7	Q	S. Romualdo
8	Q	S. Jovencio
9	S	S. Apollonia
10	S	S. Escolastica
11	D	S. Lazaro
12	S	S. Eulalia
13	T	S. Veridiano
14	Q	S. Valentim
15	Q	S. Porphirio
16	S	S. Juliana
17	S	S. Silvinio
18	D	*Carnaval*
19	S	*Carnaval*
20	T	*Carnaval*
21	Q	*Cinzas*
22	Q	S. Margarida
23	S	S. Martha
24	S	*Const. Federal*
25	D	S. Mathias
26	S	S. Cesario
27	T	S. Torquato
28	Q	S. Leandro
...	...	....
...	...	....
...	...	....

CASA
JARDIM
Exposição Nacional de 1908 Rio de Janeiro
GRANDE PREMIO — ARTE FLORAL
Guimarães, Waldemar & C.
Importação e exportação
RUA GONÇALVES DIAS, 38
RIO DE JANEIRO

MARÇO
31 DIAS

1	Q	S. Adrião
2	S	S. Simplicio
3	S	S. Hemeterio
4	D	S. Lucia
5	S	S. Theophilo
6	T	S. Olegario
7	Q	S. Thomaz Aquino
8	Q	S. Candido
9	S	S. Francisca
10	S	S. Militão
11	D	S. Constantino
12	S	S. Rodrigo
13	T	S Mathildo
14	Q	S. Henrique
15	Q	S. Zacharias
16	S	S. Abrão
17	S	S. Gertrudes
18	D	S. Gabriel
19	S	S. José
20	T	S. Ambrozio
21	Q	S. Bento
22	Q	S. Emygdio
23	S	S. Liberato
24	S	S. Marcos
25	D	Annun. de N S.
26	S	S. Braulio
27	T	S. Nair
28	Q	S. Alexandre
29	Q	S. Bertholdo
30	S	S. Angelina
31	S	S. Balbina

Papel aspero em bobinas e fardos, papel Couché, assetinado etc. Tinta de impressão, Massa para Rollos, Nitrato de Prata, Papel de Stereotypia, Mata-borrão, Gomma Arabica, etc.
N. WILLIAMS & C.
Rua da Saude, 49
CAIXA POSTAL 1551 TELEPHONE 4344 NORTE
RIO DE JANEIRO.
Machinas e Aço para Minas, pedreiras, ferramentas, etc. da fabrica de
EDGAR ALLEN & C.
Sheffield -- Inglaterra

ABRIL
30 DIAS

1	D	*Ramos*
2	S	S. Francisco de Paula
3	T	S. Ricardo
4	Q	Ⓚ *Trevas*
5	Q	*Endoenças*
6	S	*Paixão do Senhor*
7	S	*Alleluia*
8	D	*Paschoa*
9	S	S. Accacio
10	T	S. Ezequiel
11	Q	☾ S. Isaac
12	Q	S. Victor
13	S	S. Hermenegildo
14	S	S. Tiburcio
15	D	S. Eutychio
16	S	N. S. dos Prazeres
17	T	S. Anicete
18	Q	S. Galdino
19	Q	● N. S. do Milagre
20	S	Marcellino
21	S	*Tiradentes*
22	D	*Bom Pastor*
23	S	S. Jorge
24	T	S. Honorio
25	Q	S. Herminio
26	Q	S. Cleto
27	S	☽ S. Tertulliano
28	S	S. Vital
29	D	S. Hugo
30	S	S. Peregrino

DO DR. EDUARDO FRANÇA

DESINFECTANTE ENERGICO

Depositarios: ARAUJO FREITAS & C. - Rua dos Ourives - Rio de Janeiro

PREÇO 3$000

MAIO
31 DIAS

1	T	S. Thiago
2	Q	S. Mafalda
3	Q	*Desc. do Brazil*
4	S	S. Floriano
5	S	C. de S. Agostinho
6	D	S. João Damasceno
7	S	S. Estanislau
8	T	S. Celerino
9	Q	S. Geroncio
10	Q	N. S. dos Desamparados
11	S	S. Florencio
12	S	☾ S. Aquiléa
13	D	*Fr. Brazileira*
14	S	S. Henedina
15	T	S. Idaleta
16	Q	S. Ubaldo
17	Q	✝ *Ascen. do Senhor*
18	S	S. Venancio
19	S	● S. Prudenciana
20	D	S. Pautila
21	S	S. Manços
22	T	S. Emilia
23	Q	S. Sophia
24	Q	S. Afra
25	S	S. Urbano
26	S	☽ S. Agostinho
27	D	*Espirito Santo*
28	S	S. Germano
29	T	S. Maximo
30	Q	S. Fernando
31	Q	S. Cancio

GRANDES CULTURAS PROPRIAS

DE

Flores, Plantas e Fructas

da "Chacara Flora" e "Chacara Arte Floral" em BARBACENA — MINAS

ESPECIALIDADE DA CASA:

CRAVOS AMERICANOS — ROSAS — VIOLETAS

JUNHO
30 DIAS

1	S	S. Firmo
2	S	◔ S. Erasmo
3	D	S. Ovidio
4	S	S. Monica
5	T	S. Maciano
6	Q	S. Roberto
7	Q	*Corpo de Deus*
8	S	S. Calypsa
9	S	☾ S. Melania
10	D	S. Mauricio
11	S	S. Barnabé
12	T	S. Onofre
13	Q	*S. Antonio*
14	Q	S. Eliseu
15	S	*Sg. Coração de Jesus*
10	S	N. S. do Soccorro
17	D	● S. Ismael
18	S	S. Agostinho
19	T	S. Protasio
20	Q	S. Florentina
21	Q	S. Demetria
22	S	S. Paulino
23	S	S. Agripina
24	D	☽ *S. João Baptista*
25	S	S. Lucia
26	T	S. Virgilio
27	Q	S. Ladislau
28	Q	S. Argemiro
29	S	✠ *S. Pedro*
30	S	S. Marçal

CURA. Dôres no estomago, Falta de appetite, Nervosismo, Hysterismo, Dôres no peito, Anemia, Fraqueza nas pernas, Palpitações, insomnia, Debilidade, Terrores nocturnos, Tuberculose.

UNICO TONICO QUE CURA A DEBILIDADE NOS VELHOS

REMETTE-SE PELO CORREIO

JULHO
31 DIAS

1	D	S. Secundino
2	S	Visitação de N. S.
3	T	S. Anatalio
4	Q	S. Laureano
5	Q	S. Athanasio
6	S	S. Romulo
7	S	S. Claudio
8	D	N. S. do Patrocinio
9	S	S. Veronica
10	T	S. Januario
11	Q	S. Euphemia
12	Q	S. Marciana
13	S	S. Anacleto
14	S	*Liberd. dos Povos*
15	D	S. Camillo de Lellis
16	S	*N. S. do Carmo*
17	T	S. Aleixo
18	Q	S. Arnaldo
19	Q	S. Vicente de Paula
20	S	S. Jeronymo
21	S	S. Daniel
22	D	*Sagr. Escapulario*
23	S	S. Liborio
24	T	S. Bernardo
25	Q	S. Thiago Maior
26	Q	S. Olympio
27	S	S. Mauro
28	S	S. Innocencio
29	D	*Sant'Anna*
30	S	S. Rufino
31	T	S. Ignacio de Loyola

GUARANESIA

AGOSTO
31 DIAS

1	Q	S. Leoncio
2	Q	*N. S. dos Anjos*
3	S	S. Estevam
4	S	S. Domingos Gusmão
5	D	*N. S. das Neves*
6	S	Transfig. de Jesus
7	T	S. Alberto
8	Q	☾ S. Justino
9	Q	S. Romão
10	S	S. Lourenço
11	S	S. Alexandre
12	D	S. Clara
13	S	S. Cassiano
14	T	S. Marcello
15	Q	● ✠ *Assump. N. S.*
16	Q	S. Roque
17	S	S. Augusto
18	S	S. Agapito
19	D	S. Joaquim
20	S	S. Samuel
21	T	S. Umbelina
22	Q	☽ S. Timotheo
23	Q	S. Donato
24	S	S. Bartholomeu
25	S	S. Luiz
26	D	*Sag. Cor. de Maria*
27	S	S. Eulalia
28	T	S. Agostinho
29	Q	○ S. Adolpho
30	Q	S. Agilio
31	S	*N. S. da Boa Viagem.*

SETEMBRO
30 DIAS

1	S	S. Constancio
2	D	N. S. da Consolação
3	S	S. Remaclo
4	T	S. Marino
5	Q	S. Victorina
6	Q	☾ S. Celestina
7	S	*Indep. do Brazil*
8	S	Nat. de N. Senhora
9	D	S. Graciano
10	S	S. Pulcheria
11	T	S. Emiliana
12	Q	S. Juvencio
13	Q	● S. Mauricio
14	S	S. Cornelio
15	S	S. Valeriano
16	D	S. Edith
17	S	S. Lamberto
18	T	S. Ricardo
19	Q	App. da V. La Salette
20	Q	☽ S. Eustachio
21	S	S. Matheus
22	S	S. Florencio
23	D	S. Lino
24	S	N. S. das Mercês
25	T	S. Herculano
26	Q	S. Cypriano
27	Q	S. Cosme e S. Damião
28	S	○ S. Wenceslau
29	S	S. Miguel Archanjo
30	D	S. Leopoldo

Seth

OUTUBRO
31 DIAS

1	S	S. Verissimo
2	T	S. Ligerio
3	Q	S. Dinis
4	Q	S. Francisco de Assis
5	S	S. Placido
6	S	S. Bruno
7	D	*N. S. do Rosario*
8	S	S. Brigida
9	T	S. Andronico
10	Q	S. Eulampia
11	Q	S. Firmino
12	S	*Desc. da America*
13	S	S. Wilfredo
14	D	*N. S. dos Remedios*
15	S	S. Ther. de Jesus
16	T	S. Martiniano
17	Q	S. André de Creta
18	Q	S. Lucas
19	S	S. Pedro de Alcantara
20	S	S. Feliciano
21	D	S. Ursula
22	S	S. Euzebio
23	T	S. Graciano
24	Q	*S. Raphael Archanjo*
25	Q	S. Crispim
26	S	S. Evaristo
27	S	S. Didier
28	D	S. Simão
29	S	S. Bemvinda
30	T	S. Claudia
31	Q	S. Mathurino

Moveis Artisticos

LE MOBILIER

D. Rebello & C.ia

Rua Chile 31. Antiga r. da Ajuda

Facilidade de pagamento

GRANDES FABRICANTES INGLEZES

Mappin & Webb

NOVEMBRO
30 DIAS

1	Q	*Todos os Santos*
2	S	*Finados*
3	S	S. Benigno
4	D	S. Carlos Borromeu
5	S	S. Zacharias
6	T	S. Gregorio (*Bispo*)
7	Q	S. Amarando
8	Q	S. Deodato
9	S	S. Eustalia
10	S	S. Florencio
11	D	*Patrocinio N. S.*
12	S	S. Diogo
13	T	S. Didacio
14	Q	S. Bertrando
15	Q	*Pro. da Republica*
16	S	S. Iguez de Assis
17	S	S. Hugo
18	D	S. Maximo
19	S	S. Izabel
20	T	S. Olga
21	Q	S. Alberto
22	Q	S. Cecilia
23	S	S. Clemente
24	S	S. João da Cruz
25	D	S. Gonçalo
26	S	S. Genovera
27	T	S. Thiago
28	Q	S. Gregorio III
29	Q	S. Saturnino
30	S	S. André

Estabelecidos ha mais de 100 annos

LONDRES, PARIS
BUENOS-AIRES

JOALHERIA

Prataria e Objectos de Arte
"PRATA PRINCEZA"
Marroquinaria
Porcellanas e Crystaes

"PRATA PRINCEZA"
é o unico substituto para a prata de lei

EDIFICIOS PROPRIOS:

100, OUVIDOR — RIO DE JANEIRO

S. Paulo: RUA 15 DE NOVEMBRO, 28

DEZEMBRO
31 DIAS

1	S	S. Cassiano
2	D	S. Leoncio
3	S	S. Francisco Xavier
4	T	S. Armando
5	Q	S. Geraldo
6	Q	S. Nicolau
7	S	S. Ambrosio
8	S	*N. S. da Conceição*
9	D	S. Leocadia
10	S	*N. S. do Loreto*
11	T	S. Damaso
12	Q	S. Justino
13	Q	*S. Luzia*
14	S	S. Agnello
15	S	S. Valeriano
16	D	S. Adelaide
17	S	S. Olympia
18	T	S. Braziliano
19	Q	S. Nemezio
20	Q	S. Alfredo
21	S	S. Thomé
22	S	S. Honorato
23	D	S. Dagoberto
24	S	S. Emiliana
25	T	*Natal*
26	Q	S. Estevam
27	Q	S. João Evangelista
28	S	*Os Santos Innoc*
29	S	S. Thomaz
30	D	S. Hilario
31	S	S. Silvestre

Quanto dão, meus senhores, por esta "flor"?...

ESTOU CURADO AFINAL!

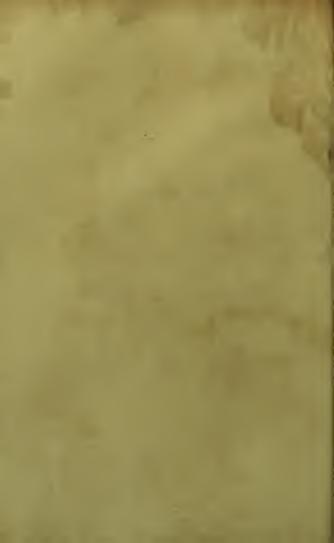
Só agora depois de velho encontrei na "CASA VIEITAS" á Rua da Quitanda, n. 99, um apparelho prodigioso que determinou exactamente o gráo das lentes que eu devia usar, corrigindo desta fórma o defeito da minha vista.

MUITO GRAVE

O exame da vista só deve ser feito por pessoa muito habilitada; caso contrario, será de gravissimas consequencias. A Casa Vieitas assume toda e qualquer responsabilidade pelos exames effectuados no seu gabinete, á rua da Quitanda n. 99

PARTE II

O JARDIM DA GLORIA

Reproducção de uma aquarela de Vasco Lima
(Do Salão de 1916)

DE COELHO NETTO

(Escripto especialmente para este Almanak)

Na recamara, onde o esperava o principe, sem outra companhia mais que um negro que, estatelado a um canto, apertava ao peito, entre os braços nús, um alfange que alumiava, o solitario prostrou-se com a face de rojo e a sua immensa barba espalhou-se no tapete fulvo, como um vello de ovelha ao sol. Então o principe, despedindo o negro e fechando a porta, que era de cedro e de bronze, fez levantar-se o penitente e disse-lhe:

— Veneravel muní, mandei buscar-te para ouvir-te sobre um mysterio que me conturba o espirito e no qual, a meu ver, ha maleficio dos *djinns*.

— Falai, senhor. Os meus ouvidos esperam a ordem que a minha bocca ha de cumprir.

— Conheces Ahmad Hossein?

— O poeta?

— Sim.

— Como conheço os deuses eternos: pelos seus beneficios. A alma de Ahmad dispersa-se no mundo como se espalha docemente no ar o perfume dos vergeis. Os pastores selvagens repetem nos rochedos as canções de Ahmad e os guerreiros que me trouxeram por ordem vossa, amenizaram a viagem cantando hymnos do poeta. Felizes os que podem ouvir a sua voz harmoniosa.

— Que se calou! suspirou o principe. E foi para que descubras a causa de tal silencio que te mandei buscar na montanha, interrompendo as tuas orações. Quando, para conhecer o meu reino, percorri vagarosamente as suas setenta cidades, muita vez parei a ouvir lavadeiras á beira d'agua, pastores em palhiças, escravos nas lavouras ou movendo atafonas, mesteiraes em trabalhos, crianças em brinquedos alegres, guerreiros em vigilias, peregrinos em caravanas, seduzido pelos cantos que entoavam: uns enternecedores, outros que accendiam o enthusiasmo; arias de amor, hymnos de guerra, endeixas, trovas vivazes e ora o sorriso se me abria no rosto, ora a tristeza derramava em meus olhos a sua urna de lagrimas. E todos a quem perguntei «Quem vos ensinou taes cantares?» responderam «Ahmad Hossein!»

«Quiz, então, conhecer o cantor maravilhoso e mandei apregoar em todos os mercados e alem dos muros do meu reino que daria o peso do poeta em ouro a quem m'o trouxesse á côrte.

Uma manhan apresentaram-se em palacio dois mercadores trazendo preso, de mãos atadas, como um ladrão, um joven moreno, formoso, de olhos negros, resplandescentes como as noites de luar, roto, com os pés em sangue, tiritando de frio e com fome. E esse era Ahmad Hossein.

O meu espanto foi grande diante de tanta miseria, mas a minha colera ultrapassou-o e se, ali mesmo, não mandei executar os refalsados rufiões foi para que se não dissesse que trahira com um crime a minha palavra real. Recolhi Ahmad e, nesse mesmo dia, dando-lhe o titulo de vizir, tornei-o a minha segunda sombra. Dei-lhe, para residencia, uma ala do palacio, com todas as riquezas nella accumuladas por cem reis; dei-lhe escravas formosas, uma guarda de kchatrias, todos de raça real e, para seu gozo, um parque cortado de

rios largos, sulcado de valles fundos, cuja extensão pode ser calculada em um dia de rijo galope em ginete do Niemen.

Ahmad tornou-se mais feliz que um principe porque, alem da riqueza, era amado e desejado, não pelo prestigio do poder, mas pela sua belleza de homem e pela sua gloria de poeta. E não houve palacio que o não disputasse, desejo seu que se não cumprisse, e eram festas sumptuosas em sua honra, com o concurso da flor da nobreza e ainda com a presença dos principes visinhos, que o vinham ver e o cumulavam de graças. E Ahmad, o cantor dos mercados, que trocava canções por um punhado de tamaras, desde que vive como um rei entre reis, encerrou-se em silencio.

Julguei, a principio, que os mercadores me haviam enganado apresentando-me um sudra dos campos pelo poeta predestinado. Para certificar-me mandei vir á minha presença as lavadeiras, os pastores, os mesteiraes, as crianças, os guerreiros e os peregrinos e a todos perguntei mostrando-lhes o mancebo: «Se o conheciam e quem era?» A principio hesitaram, encarados nelle, tão mudado de feições e tão rico nos trajos, mas uma mulher, que o amara entre os lirios da beira d'agua, reconhecendo-o, exclamou: «E' Ahmad Hossein!» E todos, então, bradaram contentes: «E' Ahmad Hossein! o poeta da terra e do ceu.»

Assim pois era o proprio. E porque, então, se calara? E elle ahi está mudo como um eunucho, sorrindo nas salas entre as mulheres, que o adoram. Por que não canta, agora que é feliz e que possúe o que muitos reis invejariam? O muni, que ouvira o principe em silencio, de olhos baixos,

alisando pensativamente a barba longa, levantou a cabeça e falou:

— O mesmo aconteceu á arvore de luz.

— Que arvore? perguntou o principe. E o solitario disse:

— Isolada em arido penedo, varrido pelos ventos, abrasado dos sóes, de onde, no inverno, as chuvas raspavam a miseria de terra que lhe alimentava as raizes, crescia uma arvore de verde fronde. Nos seus galhos pousavam os abutres, as abelhas penduravam os seus cortiços de cera e mel e tigres sanguinarios iam afiar as garras no seu tronco e ali ficavam deitados, com o focinho entre as patas, olhando a luz. A' hora da tarde em que as cigarras começam a cantar e os kokilas procuram o ninho a arvore desabotoava as suas flores e, assim como escurecia, iam-se-lhes as petalas accendendo até que, no cerrar tenebroso da noite, todas se illuminavam e a arvore resplandescia em luz, tanta, tão clara e suave que tudo, em volta, fulgurava como a um nitido luar.

Chegando ao rei noticia de tal prodigio logo despachou uma turma de homens para que fossem onde a arvore e a trouxessem plantando-a na estufa de crystal do parque. E assim se fez. E disse o rei: Quero que, para alimento da arvore, tragam nateiro dos rios e ainda que o engordem com os melhores adubos. E mais: quero que se desvie um corrego para refresco e rega perenne das suas raizes, e que não lhe fique folha morta nos ramos nem insecto algum lhe sugue o licor das flores. Cerrem-se todas as abertas mal se levante o vento, corra-se um velario espesso á hora do sol mais forte, mantenha-se um lume nutrido que aqueça a estufa no inverno e abram-se largamente as portas para que entre e circule o ar nos dias de verão. E tudo foi feito segundo a vontade do rei. Em vez do que esperavam começou a arvore a enlanguecer: as flores amarelleceram e murcharam, os galhos inclinaram-se, o tronco abostellou-se, cobrindo-se de crostas como escaras de lepra e, mirrando, como se a minassem guzanos, nunca mais se accendeu em flores luminosas. E, um dia, sem que soprasse vento, a arvore inclinou-se com estrepito e tombou fragorosamente, morta.

E por que morreu, tendo os cuidados que lhe davam? por excesso de terra e d'agua e por falta das tempestades e dos sóes, dos nevoeiros e até dos maus tratos dos animaes ferinos.

Como quereis, senhor, que o poeta cante se o tirastes da solidão, consentindo que elle se cobrisse de vaidade e

amollecesse em lascivia? Nos mercados Ahmad Hossein era como o ouvido applicado ao coração do povo, como o olhar sempre fito no soffrimento dos seus semelhantes.

Sentado á porta dos bazares elle não perdía de vista a multidão e, attento, apanhava na correnteza das almas, alegrias e angustias, amores e tristezas, sonhos e desenganos, desanimos e enthusiasmos e, com taes elementos, compunha a sua poesia. Soffria, mas o seu nome medrava em gloria no soffrimento, como a arvore no cimo do penedío agreste.

A lampada não brilha sem queimar a mécha e consummir o oleo. Ahmad é hoje como um histrião no paço.

Ahi, o tendes, entre principes e damas, vestido de brocatél e rutílante de joias, no esplendor dos salões, como a arvore na estufa. Devolvei á vida o cantor da vida e o mesmo veneno que o vai matando será canto de gloria amanhan e ficará perpetuo na saudade de uns instantes de prazer ephemero como as aguas verdes dos paúes e os raios de sol de verão, infiltrando-se nas arvores, transformam-se em seiva e rebentam em flores. Não é com blandicias que a natureza cria senão com energia e indifferença. As tempestades fecundam e a Dor é a fonte da vida.

Se o rei houvesse restituido a arvore ao seu penhasco talvez que, ainda hoje, florescesse em luz, sussurrando com as brisas, farfalhando estortegadamente com os vendavaes, mas robusta e formosa.

O poeta é como a arvore de luz: quer a solidão do seu ideal, o silencio grande dos espaços, luares e borrascas, madrugadas de ouro e dias de bruma, a vida, emfim para cantar, para florir em poemas de amor e de heroismo.

O ANNO ASTRONOMICO

Calculos astronomicos expressamente organisados para o «Almanak da A NOITE», por Paschoal de Moraes, de accordo com o «Connaissance des Temps» e «Nautical Almanak», cujos dados foram adaptados para os Estados Unidos do Brasil.

ECLIPSES PARA O ANNO DE 1917

Haverá no anno de 1917 sete eclipses, sendo quatro do Sol e tres da Lua.

1 | Eclipse total da lua na noite de 8 de janeiro.
O começo do eclipse será visivel geralmente na Europa central e occidental, no noroéste da Africa, America do Norte e do Sul e parte oriental e central do oceano Pacifico; o fim do phenomeno é visivel na America do Norte, parte noroéste da America austral, zona norte e nordéste da Asia e Australia oriental. No Rio de Janeiro só se pódem observar as primeiras phases.

	Hora legal no Rio		
	H.	M.	S.
Entrada da Lua na penumbra	1	36	4
Entrada da lua na sombra	2	50	7
Começo da phase total	4	0	5
Meio do eclipse	4	44	6
Fim da phase total	5	28	7
Saida da Lua da sombra	6	38	5
Saida da Lua da penumbra	7	52	9

Magnitude do eclipse egual a 1.369, sendo o diametro da lua egual a 1.

2 | Eclipse parcial do Sol, em 23 de janeiro.
Invisivel nos Estados Unidos do Brasil.
Visivel em quasi toda Europa, parte da Asia e norte da Africa.

3 | Eclipse parcial do Sol, em 19 de junho.
Visivel em parte da America Septentrional e parte da zona norte da Asia e da Europa.

4 | Eclipse total da Lua, em 4 de julho.
O começo da phase total é visivel gèralmente na Asia (porção nordéste, exclusive), Africa, Europa (excepto parte noroéste) e oceano Atlantico sul.
O fim é visivel na Australia occidental, sudoéste da Asia, Europa, Africa e America meridional.
E' visivel em parte do Rio de Janeiro.

	Hora legal no Rio		
	H.	M.	S.
Entrada da Lua na penumbra; dia 4	15	56	0
Entrada da Lua na sombra	16	52	2
Começo do eclipse total	17	50	5
Meio do eclipse	18	38	9
Fim do eclipse total	19	27	3
Saida da sombra	20	25	6
Saida da penumbra	21	21	8

Magnitude do eclipse egual e 1.625, sendo o diametro da Lua tomado por unidade.

5 | Eclipse parcial do Sol, em 18 de julho.
Invisivel nos Estados Unidos do Brasil.
Visivel no oceano Indico, parte austral, e no oceano Glacial Antarctico.

6 | Eclipse annular do Sol, em 14 de dezembro.
Visivel em pequena parte do territorio brasileiro, Republica Argentina e Patagonia; zona sudoéste da Australia e nos oceanos Atlantico sul, Pacifico sul e Glacial Antarctico.
No Rio de Janeiro só póde ser observado o ultimo contacto, logo após o nascer do Sol.
A hora legal calculada para essa phase é 5 h. 4m. 8s. do dia 14.

TABOA DO TAMANHO DOS DIAS E DAS NOITES NO RIO DE JANEIRO

MEZES		DIA	NOITE
		h. m.	h. m.
Janeiro	1	13 28	10 32
Janeiro	31	13 05	10 55
Fevereiro	1	13 04	10 56
Fevereiro	28	12 32	11 28
Março	1	12 31	11 29
Março	31	11 50	12 10
Abril	1	11 49	12 11
Abril	30	11 14	12 46
Maio	1	11 12	12 48
Maio	31	10 47	13 13
Junho	1	10 47	13 13
Junho	30	10 42	13 18
Julho	1	10 43	13 17
Julho	31	11 01	12 59
Agosto	1	11 01	12 59
Agosto	31	11 35	12 25
Outubro	1	12 16	11 44
Setembro	1	11 36	12 24
Setembro	30	12 46	11 46
Outubro	31	12 54	11 06
Novembro	1	12 55	11 05
Novembro	30	13 23	10 37
Dezembro	1	13 23	10 37
Dezembro	31	13 29	10 31

O dia decresce durante o mez: em janeiro 23 m., em fevereiro, 32 m., em março 41 m., em abril 35 m., em maio 25 m., em junho 5 m.

O dia cresce durante o mez: em julho 18 m., em agosto 33 m., em setembro 38 m., em outubro 38 m., em novembro 28 m., em dezembro 5m.

De modo que em janeiro, fevereiro, principios de março e fins de setembro, outubro, novembro e dezembro, os dias são maiores que as noites, e em fins de março, abril, maio, junho, e julho e principios de agosto, as noites são maiores que os dias.

Os dias maiores são os de fins de dezembro e principios de janeiro; e as noites maiores são as de fins de junho e principios de julho.

ENTRADA DO SOL NOS SIGNOS DO ZODIACO E COMEÇO DAS ESTAÇÕES EM 1917

ESTAÇÃO	SIGNO	GRAU	MEZ	DIA	HORA LEGAL NO RIO
	Aquarius	300	Janeiro	20	11 37
	Pisces	330	Fevereiro	19	2 05
Outono	Aires	0	Março	21	1 37
	Taurus	30	Abril	20	13 17
	Gemini	60	Maio	21	12 59
Inverno	Cancer	90	Junho	21	21 15
	Léo	120	Julho	23	8 08
	Virgo	150	Agosto	23	14 54
Primavera	Libra	180	Setembro	23	12 00
	Scorpio	210	Outubro	23	20 44
	Saggitarius ...	240	Novembro	22	17 45
Verão	Capricornius ..	270	Dezembro	22	6 46

PRECESSÃO E OBLIQUIDADE EM 1917

Obliquidade média da ecliptica	23° 27' 0" 76
Precessão annual dos equinoxios	50.2601
Precessão diurna dos equinoxios	0.1376

OBSERVAÇÃO

A correlação dos mezes e dos Signos do Zodiaco que damos aqui e que é a mesma que se encontra em todas as folhinhas do mundo, não é exacta actualmente; basta, para nos convencermos disto lançar a vista ao Céo para vermos que effectivamente em 1 de julho, por exemplo, o sol está na constellação dos Gemeos e não na do Leão; em novembro está na Balança (ou Libra) e não no Sagittarius; numa palavra, o Sol caminhou duas constellações para oéste do que estava, quando se estabeleceu a correlação que ainda hoje se conserva em todos os almanaks, não sabemos por que motivo, visto já não ser verdadeira.

Ha dous mil e tantos annos, o Sol percorria a constellação do Leão no mez de julho; o ponto de intersecção da ecliptica com o Equador, chamado *Ponto Aries*, porque se achava na constellação do Carneiro, está actualmente na dos Peixes, em

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	8	4.46	Apogeu	10	5.04
Ming.	16	8.42			
Nova	23	4.40	Perigeu	23	9.06
Crescente	29	22.02			

1° MEZ 31 DIAS

O Sól em Aquario a 20 ás 11 h. 37 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados..	Sol Nas.	Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Segunda....	Muito	Circumcisão do Senhor	5.12	18.40	1	7	Jupiter em conj. com a lua (6°58'S.)
2	Terça........		S. Isidoro B. M............	13	40	2	12	Mercurio na sua max. long (19°21'E.)
3	Quarta		S. Genoveva V........:....	14	40			
4	Quinta		S. Tito B. M................	14	41			
5	Sexta........		S. Simeão Estellita C....	15	41			
6	Sabbado	quente	✠Epiphania do Senhor..	16	41			
7	Domingo ...		S. Theodoro Monge.......	16	41	7	2	Mercurio no modo ascendente
8	Segunda....	Chuvas	S. Lourenço Justiano B...	17	41	8	14	Saturno em conj. com a lua 0'58'N)
9	Terça........		S. Julião M.................	18	41	9	3	Neptuno em conj. com a lua 1°6'N
10	Quarta	abundan-	S. Paulo 1° Eremita......	18	42	9	16	Mercurio estacionario
11	Quinta	tes no	S. Hygino P. M...........	19	42	11	17	Mercurio no perihelio
12	Sexta........	Sul	S. Satyro M................	20	42			
13	Sabbado		S. Hilario B................	20	42	13	10	Mercurio em conj. com Marte 3°1'N
14	Domingo ...		O.SS. N. de Jesus.S.Felix	21	42			
15	Segunda....	Mais	S. Amaro M................	22	42			
16	Terça	fresco	SS Mm. de Marrocos...	23	42	16	18	Jupiter em quadratura com o Sól
17	Quarta	e	S. Antão M.................	23	42	17	4	Saturno em opp. inf. com o Sól
18	Quinta		Cad. de S.Pedro em Roma	24	42			
19	Sexta........		S. Canuto M................	25	42			
20	Sabbado	nublado	✠S.Sebastião (F.N. D.E.)	26	42			
21	Domingo ...		S. Ignez V. M............	27	42	21	1	Venus em conj. com a lua 1°20'N
22	Segunda....	Variavel	S. Vicente M...............	28	41	22	0	Mercurio em sua max. lat. heliocen. N
23	Terça		Os Desp.de N.S.com S.J..	28	41	22	2	Mercurio em conj. com a lua 3°13'N
24	Quarta	Chuvas	N. Senhora da Paz.......	29	41	23	8	Marte em conj. com a lua 3°14'S
25	Quinta		Conversão de S. Paulo...	30	41	23	10	Neptuno em opp. com o Sól
26	Sexta........	e	S. Polycarpo B. M.......	30	41	23	20	Urano em conj. com a lua 3°30'S
27	Sabbado	muito	S. João Chrysostomo Dr.	31	40	26	10	Marte na sua maior lat. heliocen. S
28	Domingo ...		A fugida da SS.F. do Eg.	32	40	27	18	Venus no modo descendente
29	Segunda....	quente	S. Francisco de Salles B.	32	40	28	17	Jupiter em conj. com a lua 6°45'S
30	Terça		S. Martinha V. M.........	33	40			
31	Quarta		S. Pedro Nolasco C.......	33	39	30	6	Mercurio estacionario
						30	6	Mer. em conj. com Venus 2°52' N

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 21 a 31

O céo no dia 15 de Janeiro ás 20 h, 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Podem-se fazer sementeiras de hortas, necessitando que se combatam por meio de regas os effeitos damnosos causados pelo veranico.

Começa-se a preparar o terreno para a plantação do feijão e de vegetaes de curto periodo vegetativo, como batata americana (Solanum) e outros.

Começa-se a colheita de mangas, marmellos, pecegos, aboboras, morangos, uvas, melancias, abacaxis e alguns outros fructos.

Nos terrenos humidos pode-se plantar a canna de assucar.

Deve ser evitado o corte de madeira, bem como as transplantações de arvores.

Para o choco de gallinhas e outras aves e castração de animaes a época não é propria.

Podam-se as dahlias e as roseiras.

COMO PASSAR OITO DIAS NO RIO?

Um passeio ao Rio! Qual o mineiro, o paulista ou o fluminense que não acalenta esse sonho? Para muita gente do interior, um passeio ao Rio, com oito ou dez dias de estadia na capital, constitue uma aspiração muito semelhante á que temos, nós do Rio, de dar um passeio á Europa. Mas, ao passo que para um regular passeio ao Velho Mundo são precisos pelo menos uma meia duzia de contos de réis, e — o que ainda é talvez mais difficil — um abandono de occupações durante tres ou quatro mezes, pelo menos, um passeio ao Rio, mas, um bom e util passeio, póde ser feito em dez dias, incluindo-se nesse tempo os dias necessarios para as viagens de ida e volta.

Algum dos nossos leitores do interior acalenta o sonho de uma excursão de recreio á capital? Pois a realisação dessa aspiração é mais facil, muito mais facil do que talvez pense. Arranje os seus negocios de maneira que possa se ausentar durante os dez dias a que acima nos referimos, compre uma passagem de ida e volta, ponha uns trezentos mil réis na algibeira, tome o primeiro trem, e venha sem receio, passar oito dias deliciosos nesta grande cidade.

O nosso desejo seria pôr um representante da A NOITE á disposição de cada um dos nossos amigos do interior; mas, como seria materialmente impossivel a realisação desse desejo, procuraremos attendel-o de outro modo. E nenhum mais pratico que esse pequeno guia que aqui pomos á disposição de todos. Fiem-se nas nossas informações, e não terão que se arrepender.

* * *

Provavelmente o nosso amigo já vem destinado ou recommendado a algum hotel, casa commercial ou casa de pensão. Si não vem, e si deseja um hotel, vamos lhe aconselhar o que deve fazer. Si o viajante é pessoa de tratamento, e si está acostumado a um certo conforto, escolha um dos hoteis de primeira ordem ou, como taes considerados, e que são o Hotel Internacional, de Santa Thereza, de onde se gosa um maravilhoso panorama; o dos Estrangeiros, o Metropole, o Central, o Avenida, o Grande Hotel, o Moderno e outros. Si, porém, deseja um hotel modesto, mais de accordo com os habitos communs no interior, prefira o Hotel Globo, o Fluminense, o Hotel dos Estados, ou qualquer dessas pensões familiares que as ha tantas por ahi, mas para as quaes é preferivel que o hospede já venha recommendado.

Quem vem passar no Rio apenas uns oito dias não deve trazer mais que uma mala de mão. O viajante não deve, pois, dar ouvidos aos carregadores, numerados ou não, que lhe azucrinarem os ouvidos, ao desembarcar na Central, e carregando elle mesmo a sua mala — a não ser, está claro, que seja muito pesada — deve atravessar a estação em direcção á rua. Si, porém, tiver de entregar a mala a um carregador, para trazel-a até fóra, não deve pagar mais de um mil réis ou mil e quinhentos por esse serviço. Muito cuidado com os batedores de carteira. Tragam sempre o dinheiro no bolso deanteiro da calça. O seguro morreu de velho. Nunca uzem carteira com dinheiro ou papeis importantes no bolso do paletot. Si é a primeira vez que vem ao Rio, o viajante tome um "taxi" em

de automoveis á hora é de oito mil réis para os carros pequenos e de dez mil réis para os carros grandes. Uma viagem de ida até o Leme, de "taxi", não póde, porém, exceder de seis mil réis, si feita antes de uma hora da noite. Depois de uma hora, até ás cinco, começa a vigorar para os "taxis" a tabella "2", um pouco mais cara. Tanto no Leme, como na Egreginha (Copacabana), como no Ipanema, ha "bars" e botequins, onde o passeante póde beber ou comer por prcços regulares, sobretudo si tiver o cuidado de não se deixar explorar.

E agora toca a dormir, que já chcga para um primciro dia.

* * *

Apezar do Rio não ser uma cidade ondc abundem os attractivos, ainda assim pódc qualqucr pessoa aqui passar oito dias bem divertidos, sobretudo si souber aproveitar o tempo e preferir ver apenas o que é digno de ser visto. Mas, o que é digno de ser visto no Rio?

Em primeiro logar, o Pão de Assucar, com o seu caminho aereo. Deve ser csse, pois, o passeio do segundo dia. Si o viajante quizer gozar de um abatimento de preços offerecido pela empreza, deve fazer esse passeio um domingo de manhã até uma hora da tarde, quando a ida e volta custam dous mil réis. Nos outros dias, e no domingo á tarde, o preço do passeio é de quatro mil réis, ida e volta. Os bondes para o Pão de Assucar são os da linha "Praia Vermelha". No alto da Urca ha um restaurante e "bar" com prcços commodos. O passeio consta de duas partes, da Praia Vermelha á Urca, e da Urca ao alto do Pão de Assucar.

Apezar do passeio ao Pão de Assucar, não se deve deixar de ir ao Corcovado, de onde o panorama é mais grandioso e imponente. O preço da passagem de ida e volta é de tres mil réis. O bonde é o de "Aguas Ferreas"; passagem dc ida e volta, quinhentos réis. No meio do caminho para o Corcovado fica o Hotel e Restaurante das Paineiras, onde aos domingos ha um almoço muito concorrido, e pelo qual se paga o preço fixo de quatro mil réis. Durante o almoço toca uma orchestra dc tziganos. Quando o dia está bonito e de sol, passam-se ali momentos agradabilissimos. No passeio ao Corcovado o excursionista deve ir ou voltar pelo Silvestre, para que possa apreciar um dos mais lindos trechos da cidade que é o morro de Santa Thereza, e para que possa tambem ter a sensação da passagem sobre o aqueducto. E' preferivel que a subida se faça pelo Cosme Velho e a descida por Santa Theresa; o passeio assim torna-se mais interessante. Nesse caso, está claro, deve-se comprar apenas passagem de ida no bonde de Aguas Ferreas.

A noite desse segundo dia deve ser necessariamente consagrada aos cinemas e theatros. E' preferivel que seja aos cinemas. Os principaes cinemas do centro da cidade são: o Avenida, o Odeon, o Pathé, o Parisiense e o Palais, estes na Avenida; o Iris e o Ideal, na rua da Carioca. O Avenida e o Iris exhibem principalmente fitas americanas. Em todos esses cinemas os preços são de mil réis para a primeira classe, e qui-

da viagem é apenas de trezentos réis ida, e trezentos réis a volta. Durante o dia, ha barcas de vinte em vinte minutos. Que fazer em Nietheroy? Para Quem não tem tempo de ir ao sacco de São Francisco — um logar delicioso! — o melhor passeio é Icarahy. Os bondes são: "Circular", "Canto do Rio" e "Icarahy". O preço é apenas de dous tostões.

* * *

Ficou para o fim o melhor e mais encantador passeio do Rio: a volta da Tijuca. Esse passeio, porém, só póde ser feito por quem estiver disposto a perder o amor a algumas dezenas de mil réis, visto como só póde ser feito em automovel. Quem não puder ou não quizer fazer essa despesa, contente-se com um passeio de bonde ao alto da Boa Vista — mil e quatrocentos, ida e volta. Uma volta á Tijuca em automovel exige um bom automovel e um "chauffeur" perito. Não se deve fazer esse passeio em qualquer carro, e com qualquer "chauffeur", apanhado ao acaso. Um carro nessas condições encontra-se ou nas "garages" de primeira ordem, ou na Avenida, em frente ao Hotel Avenida, onde estacionam automoveis de praça excellentes.

O preço da excursão deve ser contratado antecipadamente. Um carro de força, para um passeio á Tijuca, não custa nunca menos de quinze mil réis á hora; e assim mesmo si o excursionista for feliz e "especular" muito. O preço commum é o de vinte mil réis. A volta póde ser feita em duas horas.

Por onde começal-a? Pela Gavea ou pela Tijuca? E' indifferente. A maioria prefere, porém, subir pela Tijuca e descer pela Gavea.

E' muito interessante demorar-se um pouco no alto da Boa Vista, na gruta Paulo e Virginia, nas Tres Vendas, ou em qualquer dos pontos em que se avistam praias infinitas lambidas pelo oceano infinito. Do alto da Gavea ha pontos em que se tem o desejo de ficar ali o resto da vida, extasiando-se ante o panorama incomparavel.

* * *

Mas ha ainda outros passeios ou visitas que devem ser feitos. O theatro Municipal, por exemplo, por causa da sua sumptuosa construcção. Para se visitar o theatro Municipal deve-se procurar a porta dos fundos do edificio, onde quasi sempre ha um funccionario para attender aos visitantes. A entrada é gratuita; é justo, porém, que se dê uma pequena gorgeta ao funccionario, si elle attender com solicitude ao visitante. Do theatro Municipal deve-se ir á Bibliotheca Nacional, que é incontestavelmente um dos grandes edificios da cidade. A visita á Bibliotheca póde ser feita sob o pretexto de consulta a algum livro, ou mesmo para a leitura de jornaes. Experimente, por exemplo, o visitante si encontra os jornaes da sua terra...

Ao lado da Bibliotheca Nacional fica a Escola de Bellas Artes, em cujas galerias ha realmente muitos trabalhos dignos de ser vistos. Ninguem deve vir ao Rio sem visitar o nosso principal estabelecimento de cultura artistica. A entrada na Escola de Bellas Artes é gratuita, e o visitante é gentilmente recebido.

* * *

Qualquer duvida que o visitante tenha sobre horarios de bondes, barcas, estradas de ferro, assim como tabellas de preços de automoveis, etc., consulte este almanak, onde encontrará todas as indicações precisas.

* * *

Ha ainda outros pequenos passeios interessantes que pódem ser

O VALLE

Sou como um valle, numa tarde fria,
Quando as almas dos sinos, de uma em uma,
No soluçoso adeus da ave-maria
Expiram longamente pela bruma.

E' pobre a minha messe... E' nevoa e espuma
A gloria do trabalho em que eu ardia...
Mas a resignação doura e perfuma
A tristeza do termo do meu dia.

Adormecendo, no meu sonho incerto
Tenho a illusão do premio que ambiciono:
Cáe o céu sobre mim em pyrilampos...

E, num recolhimento, a Deus offerto
O cançado labor e o inquieto somno
Das minhas povoações e dos meus campos.

(Inédito. Do livro "Tarde".)

Olavo Bilac

Vasco.

A MARCHA DE LUIS XIV

— Que pena o Dr. Cerqueira não ter trazido o violão!

O interpellado, um cavalheiro calvo, de longos bigodes grisalhos, que, nesse momento, dizia á dona da casa algumas amabilidades de obrigação, pigarreou, disfarçou, visivelmente contrariado com tal lembrança. Outras vozes, ao redor, lamentavam a ausencia do celebrado instrumento. A propria Mme. Guimarães fez côro, accusando jovialmente o Dr. Cerqueira de usar de crueldade para com os seus outros convidados, as damas, sobretudo, que tanto o admiravam...

— E eu, então, que nunca o pude ouvir? queixou-se uma senhora edosa, anafada, levantando os olhos ao tecto estucado do salão, para dar idéa dum destes infortunios que appellam para o céo, pois só do céo lhes pode vir lenitivo.

O effeito produzido por tal queixume foi muito mais de espanto que de compaixão. Varias pessoas, com exclamações impetuosas, davam claramente a entender que não acreditavam. Como assim? Pois haveria no Rio de Janeiro, em S. Christovam, de mais a mais, quem, um dia, não tivesse gosado as maravilhas daquella arte incomparavel! E Guimarães, no auge do assombro:

— Quê! A senhora não conhece a *Marcha de Luiz XIV!*

A matrona, apoiando o queixo no leque, concentrou-se, fez um grande esforço de memoria:

— Quero dizer... Talvez, tocada por outro...

— Ah, isso não! A *Marcha*, a verdadeira, com todos os matadores, só elle! Os outros nem se lhe approximam!

— Favores... [illegible] Cerqueira, cada vez mais contrafeito.

Mas a dona da casa protestou e com elle toda a gente. Não, senhor! Justiça, simples justiça. O facto de outros violonistas

pretenderem executar aquella composição sublime, significava uma ousadia, uma estulta ousadia, nada mais. Fallava-se ultimamente — até os jornaes — dum tal Praxedes que tocava por musica e se atirava ás operas... Qual musica nem meia musica! Mesmo porque a musica, alli, era o menos; a difficuldade estava nas imitações que a *Marcha* comportava e que só os dedos privilegiados de Cerqueira conseguiam tirar das cordas, a ponto de illudirem todo o auditorio.

— As cornetas, por exemplo! proseguiu Guimarães, enthusiasmadissimo. — Ouvem-se as cornetas. Mas ouvem-se positivamente, ao longe primeiro, depois mais perto, cada vez mais perto, até que passam, se vão afastando... E' phantastico!

— E os tambores? observou outro apaixonado — Rataplan.

— Pois eu, do que mais gosto, declarou um terceiro, é do tropel da cavallaria. Pracató, pracató...

Enfiado, nervoso, num verdadeiro supplicio, Cerqueira torcinhava o bigode, tentando sorrir, de vez em quando, para um lado ou para o outro, sem mais conseguir do que dar á physionomia um rictus de desespero... Por fim, nem se mexia. De olhos cravados no chão, como inconsciente, alheio a tudo, esperava que aquella onda de admirações passasse, se desfizesse... Nisto, o dono da casa, dando-lhe uma palmada no hombro:

— Seu Cerqueira, uma idéa! Se mandassemos a sua casa, buscar o violão? O automovel vae lá num instante...

Uma salva de palmas coroou, celebrou a idéa. Mas Cerqueira, que déra um pulo, tonto, perdido de todo:

— Impo... impossivel! — De afflicto chegava a gaguejar — Teria o maior... sim, o maior prazer, mas...

— Mas quê, homem! insistiu Guimarães, ao mesmo tempo divertido e embasbacado.

— E' que lhe faltam duas cordas. Duas ou tres, nem sei. E depois, os dedos. Ha muito que não toco e... E até desconfio que me está vindo um unheiro. Neste! — Mostrou o indicador, apalpando-o com a outra mão, procurando o ponto dorido. — Justamente, no principal!

Pela sala, correu um oh! de magua e decepção. Cerqueira não podia mais. Aquellas invenções, por isso mesmo, que desastradas, tinham-lhe custado um esforço doloroso, exhaustivo. Empallidecera de morte; e toda a calva se lhe orvalhava de suores frios... Felizmente, uma vez acceita a impossibilidade de se ouvir o magico instrumento, todas as attenções se voltaram para outras cousas. Guimarães passou á saleta, a ver se aos parceiros do pocker não estariam faltando charutos ou refrescos; Mme. Guimarães proseguiu na sua faina de animar, variar a *soirée*. Logo adeante, curvou-se sobre uma mocinha que abria e fechava o leque, melancolicamente, disse-lhe algumas palavras ao ouvido. A joven fez que não com a cabeça, esquivando-se, num sorriso triste; depois, deu de hombros, como se arredasse de si a responsabilidade do que ia acontecer; e depondo o leque no regaço da mãe, levantou-se, encaminhou-se para o piano. Mme. Guimarães reclamou attenção; desfizeram-se grupos, houve uma procura azafamada de logares. Como nos achassemos á porta do fundo, na ingrata e bem conhecida attitude daquelles que não dançam, nem recitam, nem têm intimidade na casa, aproveitámos o movimento, para nos esgueirarmos. Fomos dar á varanda. Accendemos um cigarro. Nesse momento, ouvimos, ao lado, uma voz que discretamente nos pedia fogo. Era Cerqueira, ainda tremulo, impressionadissimo do transe que acabava de atravessar. «Muito obrigado... Não ha de que...» A extensa varanda estava quasi deserta, travámos conversação. E a verdade é que Cerqueira precisava de se explicar com alguem, desabafar, porque foi logo dizendo:

— Ora o senhor já viu este Guimarães? Homem excellente, excellente amigo, não ha duvida, mas... Acredita o senhor que,

— Bravo! Mas, assim, nem o senhor precisava de estudar...
Cerqueira, contente com essa observação, deu-me uma palmada no joelho:

— Vae percebendo, não? Ora, ahi está! Para dizer que não estudava, sempre estudava alguma coisa. Mas porque queria! Fiz, portanto, um curso dos mais brilhantes. Infelizmente, já naquelle tempo os bachareis e mesmo os approvados com distincção em todos os annos, superabundavam. Pensei em seguir a advocacia, encontrei a carreira atulhada de novatos como eu que lutavam terrivelmente, disputando a primeira causa séria aos mestres, aos consagrados. Além do que, isso de lutar, francamente, não era commigo. As rivalidades assustavam-me; faltava-me geito para a intriga; não me occorriam expedientes... Precisava duma carreira tranquilla, pouco laboriosa, facil, que me deixasse bastantes horas vagas e, sobretudo, me não afastasse do violão. Porque, attenda bem o amigo, eu não cultivava o violão por uma simples questão de gosto, mas tambem, e principalmente, por uma questão de confiança na sua influencia e valimento. Era até a unica cousa em que eu realmente acreditava! Decidi-me, pois, pelo funccionalismo publico. Concorri modestamente a um logar de amanuense, para furar, apanhar-me lá dentro. E uma vez nomeado, succedeu o que esperava: comecei a trepar, a galgar promoções. Empenho daqui, favor dacolá... Na verdade, ás vezes, para que eu subisse, havia preterições, certas injustiças, um ou outro escandalo até... E a sorte dos infelizes a quem a minha ascensão ia prejudicando não deixava de me causar alguma pena, um ligeiro remorso... Mas, na vida, tem que ser assim mesmo, não acha? Cada qual se aproveita, conforme pode, das prendas que tem. 'E nem havia culpa, da minha parte, se o violão me ia granjeando cada vez mais poderosos protectores!

Puxou outro cigarro, tornou a pedir fogo, em voz agora muito mais serena e satisfeita. Prevalecendo-nos da pausa, démos largas á curiosidade que, ha bons cinco minutos, nos dominava:

— E no terreno sentimental, hein, doutor? Imagino...

— Assim, assim... respondeu elle, arremessando, sem interesse, o phosphoro servido. — Pelo meu lado, tive uma unica paixão. Desgraçadamente, não me convinha de modo nenhum. Era um caso melindroso, cheio de complicações, de perigos... Foi necessario acabar. Coitada! Acredite o amigo: Durante certo tempo, não pude tocar a *Marcha de Luiz XIV* sem me lembrar della, dos suspiros commovidos que lhe alteavam o peito, dos olhos que se lhe afogavam em lagrimas de puro goso... Era louco pelo violão, ou antes pelo meu violão, em summa, por mim! Acabou-se. Deixemos essa historia que vae longe e á qual, de resto, eu não teria alludido, se não fôra a sua interrogação. Só pensar que, nesse transe da minha vida, o violão esteve a ponto de me prejudicar!...

— Fui indiscreto, doutor. Desculpe...

— Não, senhor! O senhor suppoz, naturalmente, o que todos suppoem. Quantas vezes a mesma pergunta me tem sido feita! Geralmente, tomavam-me — muitos ainda me tomam — por um

A CULTURA ALLEMÃ DE HOJE

(Desenho de Seth)

OS INIMIGOS DO HOMEM

Ninguem sabe que fim teve a intenção, revelada pela nossa Saude Publica, de fazer uma guerra de morte ás moscas. O terrivel insecto é não só o tormento das mães de familia como um dos grandes flagellos da humanidade, como dizem dos callos os *camelots* da rua do Ouvidor. A mosca merece, no emtanto, a mesma porfiada perseguição que se desenvolve contra o mosquito, ou talvez ainda mais. Está já scientificamente provado que ella é o vehiculo de um grande numero de enfermidades, cada qual mais perigosa.

E, por assim ser, os sabios de todo o mundo têm procurado desvendar todos os segredos da proliferação, da vida, dos habitos das moscas, para que as batalhas de exterminio tenham effeito pratico. A Universidade de Cambridge, por exemplo, procedeu a uma longa serie de estudos para resolver esta questão, apparentemente futil: — Até onde póde chegar o vôo de um mosca?

As experiencias foram muito pacientes e curiosas. Para começar, os scientistas de Cambridge fizeram uma collecção de 25.000 moscas, que receberam — trabalho digno de chinezes! — uma coloração especial que as distinguisse perfeitamente das demais. Depois soltaram-n'as em diversas vezes e em varias condições atmosphericas, e ficaram á espera em 50 postos de observação adrede preparados.

Do corpo de exercito "moscal", 191, apezar de terem sido conduzidas a gran-

SINGULARIDADES DA VIDA DAS MOSCAS

Observações feitas pelos sabios de Cambridge

des distancias pelas correntes de ar, puderam voltar aos postos de observação. Das experiencias, assim cuidadosamente feitas, resultou uma interessante serie de conclusões, de grande proveito para a sciencia.

Ficou demonstrado que as moscas domesticas tendem a voar ou contra ou transversalmente ao vento, o que póde ser devido ou á acção do proprio vento, directamente, ou aos odores trazidos por elle. Esta ultima hypothese é a mais verosimil, porque a maior parte das moscas que voltaram de seus longos vôos affluiu para um açougue, para varias hospedarias e para um restaurant, dos quaes se desprendia forte cheiro de comida.

As moscas vôam muito e com grande desembaraço quando o tempo está bom e faz calor; vôam mais no campo do que na cidade, talvez porque na cidade, como acontece tambem ao homem, os recursos para alimentação são mais faceis e abundantes (quando se tem dinheiro); vôam mais de manhã do que á tarde.

O mais longo vôo observado nos quarteirões centraes de Cambridge foi de cerca de 400 metros. Fóra dahi, em um unico caso, em que parte da distancia era através do campo, uma Sra. mosca chegou a percorrer 700 metros em um só vôo; — mas os sabios de Cambridge ficaram com a convicção de que distancias muito maiores pódem ser percorridas quando os insectos tenham a necessidade premente de arranjar comida e refugio.

Ha algum tempo acreditava-se que a mosca, como outros insectos, tinha sympathia por umas côres e antipathia por outras — entre estas o azul. Citava-se mesmo o caso de um francez que, tendo pintado de azul as paredes da sua vaccaria, ficara livre das importunas visitas. Mas os estudos estatisticos recentemente feitos não chegaram a nenhuma conclusão solida a esse respeito, nem pareceu aos investigadores que a côr possa ter essa influencia. O asseio, sim.

Depois de tanta erudição, só ha uma cousa a fazer: dar cabo das moscas, com ou sem vinagre.

"Tudo que aqui se faz, aqui se paga",
diz um velho proloquio popular.
Excepto as contas, contradiz o Braga,
que a gente faz e morre sem pagar...
1916.

De alguem ouvindo o rogo (atroz crueza!)
"Ah! pelo amor de Deus, uma esmolinha!"
examino-lhe a mão e encontro a "linha"
que a chiromancia chama da riqueza...

Belmiro Braga

O planeta Marte offerece constante argumento de estudo e de polemica aos astronomos; já se escreveram e ainda se escrevem muitos livros a seu respeito. P. Lowell, director do Observatorio de Flagstaff, no Arizona, homem de sciencia de subido valor, embora demasiadamente fantasista, acaba de publicar uma obra nova: «Mars as the abode of life». Ao mesmo tempo Camille Flammarion publicou o segundo tomo de «La Planete Mars et ses conditions d'habitabilité», annunciando ainda um terceiro tomo; e Ch. André, em «Les planetes et leurs origines», recapitulou tudo o que se sabe com respeito aos planetas do nosso systema solar, segundo os astronomos mais fidedignos.

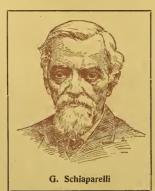
Um artigo dos «Hebdo-Débats», firmado por T., resume as primeiras theorias dentes tres astronomos. Lowell e os seus discipulos, assim como Flammarion, affirmam que Marte é um planeta ainda vivo e ainda habitado por entes vivos, o que André contesta. Por outro lado, Lowell suppõe que a vida de Marte está na agonia e que esta agonia faz prevêr a da Terra.

Percival Lowell

Eis as razões de Lowell para suppôr que Marte é habitado: Cada primavera, as crostas polares, que parecem ser formadas como as da terra, de gelo e neve, derretem-se: o seu diametro reduz-se e pouco a pouco desapparecem completamente. Ao mesmo tempo, apparece em redor da crosta que se retrahe uma grande quantidade de liquido. O mais extraordinario é que depois desta liquefação das crostas polares se vê ou julga ver formar-se uma série de linhas rectas muito compridas, direitas, que se dirigem no sentido do equador, e que são atravessadas por outras no sentido contrario. Estas linhas, só visiveis na boa estação marciana, estendem-se de dia para dia na direcção do equador, onde se juntam ás que partem do polo opposto. A's vezes estes canaes desdobram-se e muitas vezes enlaçam-se, formando pontos redondos que se chamam oasis. Julga Lowell que, á medida que se derretem as neves polares, as aguas que dahi resultam são encanadas em vallas pouco profundas, e que

só se tornam então visiveis pelo facto da agua desenvolver a vegetação. Qual será o mecanismo destes canaes? Por que será que as aguas escorrem do polo para o equador? Os polos não são montanhas, os declives são pouco pronunciados: como se explica então que o liquido se escôe? Lowell não sabe a razão deste phenomeno; diz, porém, que não se póde duvidar da existencia de seres intelligentes: aquellas rêdes não pódem ser obra do acaso: têm fórmas regulares e geometricas e indicam um plano.

Este systema de canaes é pois a obra de um povo que procura utilizar os ultimos recursos naturaes do planeta, pois que Marte se está seccando cada vez mais, agoniza e virá uma época em que, estando absolutamente privado de agua, a vegetação ha de desapparecer de todo da sua superficie e a vida do planeta extinguir-se-á. Mas os canaes sobre que Lowell baseia toda a sua these existirão realmente? Muitos astronomos nunca os viram, ao passo que no observatorio de Flagstaff se está inclinado a vel-os em toda parte, até sobre Ganymedes, um dos satellites de Jupiter. Não poderão ser illusões de optica? Fizeram-se experiencias para averiguar se um observador de vista aguda e sem alguma idéa preconcebida poderia vêr linhas que apresentassem todos os caracteres dos canaes de Marte, sobre objectos onde ellas não existissem. Descobriu-se que basta a superficie de que se trata estar cheia de signaes ou de desegualdades para que os olhos tenham uma tendencia quasi invencivel para reunir estes pontos isolados por meio de linhas rectas.

G. Schiaparelli

Lowell photographou os canaes, e não se póde accusar o apparelho photographico de haver tido uma illusão de optica.

Mas, observa André, o facto da placa photographica apresentar canaes não prova que esses canaes existam no planeta. Não é o planeta que se photographou, mas sim a sua imagem no plano focal; ora, a imagem focal dá não só o que existe realmente, como tambem tudo que nella introduzem, em materia de desegualdade luminosa, as leis da transmissão das ondas através do objectivo. Em conclusão, André sustenta que os canaes, vistos pela primeira vez por Schiaparelli em 1877 e por tantos outros depois, não existem. Pelo menos não está sufficientemente provada a sua existencia.

No que diz respeito á morte do planeta Marte, as duvidas e as contestações são menores; e a these de Lowell é muito mais

acceitavel neste segundo ponto. Marte é um planeta que envelheceu depressa; está agora na phase subsequente áquella em que a terra se encontra; e já não tem senão a passar para a phase em que está actualmente a Lua, isto é, á phase da morte. Identico a este é o futuro da nossa terra. Tornar-se-á primeiro como Marte e em seguida como a Lua.

De que morte deveremos, pois, morrer? Não por congelação, visto que para fazer gelo seria preciso que houvesse agua, e Marte não a possue. Mas aqui está justamente o perigo, a seccidez. Marte teve oceanos, ao que parece, e agora já não os tem. Como foi que os perdeu? Um planeta póde exhaurir de duas maneiras as suas reservas aquaticas: absorvendo-as nas suas profundezas, ou deixando-as dissipar-se no espaço. A agua transforma-se em vapor; uma parte desse vapor cáe em chuva, mas uma outra parte perde-se e a força de attracção do planeta não basta para a reter. Esta dispersão é tanto mais rapida quanto mais pequeno é o planeta. Isto explica a razão por que a Lua já está morta, Marte agonizante e a Terra, que é a maior, existe ainda.

Com respeito á seccagem progressiva da nossa Terra, não desejaria assustar os meus leitores, mas é indubitavel que já existem alguns precursores da morte do genero humano e do planeta a que elle pertence. A seccagem não ha de sobrevir de uma só vez; antes de se manifestar pelo desapparecimento dos oceanos, revelar-se-á pelo enxugamento das terras. E a este ponto chegámos já nós, visto possuirmos já grandes desertos em redor do globo, desertos que se estendem cada vez mais: o Arizona por um lado, o Sahara, a Arabia, a Asia central pelo outro. Na Africa tinham os romanos estabelecimentos importantes, onde hoje não póde viver nenhum organismo; já então se viam obrigados a ir buscar a agua muito longe; hoje em dia nem ao longe se encontra. Na Asia são evidentes e continuos os progressos do deserto; de seculo para seculo, póde até dizer-se de anno para anno, a seccidez, a esterilidade, a morte avançam implacaveis.

E' assim que deve ter começado a agonia de Marte, agonia esta que se encontra agora muito adeantada. Como Marte e como a Lua, tambem a Terra ha de morrer. E depois? Estas sepulturas frias, gyrando pelo espaço, tornarão a conhecer a vida? Entrechocando-se uns de encontro aos outros, poderão recomeçar de novo o cyclo? Seria agradavel saber isto mas só se poderiam observar estes phenomenos si elles se dessem no nosso proprio systema solar, e a proximidade de taes abalos não deixaria de perturbar esta nossa Terra, que os seus habitantes ja se encarregam de agitar sufficientemente sem carecer de cataclysmas vindos de fóra.

A um collega

As tuas producções causam-me espanto:
Que esforço, que heroismo, que denodo!
Fazer-se um verso ruim já custa tanto
e deitas tu [illegible] um livro todo.

1916.

MÃE

Acima de tudo, acima
do céo te devemos pôr:
O teu amor não tem rivaes,
nem limite o teu amor.

Belmiro Braga

ANNO I Rio de Janeiro, Quarta-feira 14 de Dezembro de 1881 NUMERO 20

JORNAL DA NOITE

Publicação diaria ás 7 horas da noite AVULSO 40 RÉIS Redacção rua da Assembléa n. 81

O PRIMEIRO JORNAL NOCTURNO DO RIO

A NOITE foi, indiscutivelmente, um grande successo jornalistico. A idéa, entretanto, nada tinha de nova. Antes mesmo da actual já o Rio tivera outra NOITE, cuja existencia foi ephemera. Isso foi mais ou menos ha uns quinze annos. Mais para trás, encontra-se outra tentativa de jornal nocturno — *O Imparcial*, que saiu, si não nos enganamoos, em 1891 ou 1892. Este era um pequeno jornal, pouco maior do que uma folha de papel almasso, impresso em papel assetinado. Tinha uma collaboração bem regular e conseguiu viver durante mezes. Depois, quando os seus proprietarios julgaram que já podiam augmentar o formato e desenvolver as diversas secções do jornal, o publico cessou subitamente de ampara-lo e *O Imparcial* desappareceu.

O verdadeiro iniciador da imprensa nocturna foi, porém, o *Jornal da Noite*, que se publicava em 1881. Não nos foi possivel colher informações sobre esse nosso precursor. Apenas conseguimos um exemplar do numero 20, de 14 de dezembro daquelle anno. O *Jornal da Noite*, que saia ás 7 horas, era ainda menor do que os outros nocturnos que nos antecederam; media palmo e meio de comprimento sobre um palmo de largo. Toda a primeira pagina do numero que temos á vista e metade da segunda eram occupadas por um unico artigo, sob o titulo — *Os deportados de hontem*. Pareoe-nos interessante conhecer o assumpto de que se occupavam tão largamente os redactores do *Jornal da Noite*.

Os "deportados de hontem" eram Julio de Vasconcellos, portuguez, e Manuel Theodorico Pimentel, brasileiro. E os collegas diziam: "Ambos partiram violentamente... deportados cavillosamente por um aviso insensato do governo do Sr. D. Pedro II, imperador do Brasil."

E por que? O *Jornal da Noite* explicava: "O crime por que os expelliram de nossa patria não está ainda patente e muito menos provado por aquelles que os condemnaram a tão dura quão amarissima pena. Sabe-se que, quando foram presos á ordem do actual chefe de policia e recolhidos com outros á casa de detenção, a causa que se allegou consistiu em que Julio de Vasconcellos e Theodorico Pimentel eram — este vendedor e aquelle collaborador do *Corsario*. O *Corsario*, como o publico não ignora, era uma folha de combate, que tinha dous gumes — um afiado contra os individuos que lhe pareciam perniciosos á sociedade, por se haverem na vida privada com menos decencia e rectidão; — o outro levantado constantemente sobre os actos administrativos do governo. Comquanto não estivesse filiado a nenhum partido politico, as suas idéas eram republicanas, e, na nobre faina de as realisar em nosso paiz, exaggerou-se algumas vezes, principalmente nestes ultimos tempos, a ponto de proclamar a revolução como um direito a que o povo devia recorrer. O *Corsario*, por consequencia, poz-se fóra da esphera da nossa lei de imprensa, a qual nem consente que se digam verdades, desde que sejam offensivas, e prohibe terminantemente o appello para os meios violentos contra a ordem de cousas estabelecida.

Admittindo que Julio de Vasconcellos houvesse sido collaborador e Theodorico Pimentel vendedor do *Corsario*, perguntamos, entretanto: por que os deportaram?... pelos crimes de injuria e diffamação que commetteu o *Corsario*?... ou porque esta folha, para acabar radicalmente com os abusos administrativos dos nossos governos, aconselhava a revolução contra a monarchia?... Para provar que não foi pelo crime de injuria e diffamação, basta reflectir que, no tempo em que o *Corsario* mais se preoccupou com questões de vida privada, foi supportado pelo governo e até protegido moralmente, ao que consta, pela propria intervenção defensiva do imperador. Accresce que, si fosse aquella ainda a causa que levou o governo imperial a usar da violencia que empregou, certamente já teriam des-

Ha muita gente que suppõe ser catholica (e o é pelas intenções), mas cuja fé, bem examinada, á luz da pura doutrina da Egreja, está muito longe de ser catholica.

O catholicismo exige, inicialmente, a fé nos seus ensinamentos. Não quer isto dizer que tudo quanto se lê nos livros dos theologos e dos Santos Padres seja *de fé*, isto é, deva ser crido sob penas canonicas. O que ensina o proprio Papa só é de fé quando elle doutrina *ex-cathedra* e tratando de materia dogmatica, ou moral. Exemplo: quando o Pontifice proclama que Maria foi concebida sem macula, isto é de fé, é dogma, baseado na tradição constante da Egreja. Quando elle diz que o casamento é indissoluvel e que, portanto, o divorcio *a vinculo* é condemnavel, isto tambem é de *fé*, pois é um ponto de moral admittido sempre pela Egreja e baseado até nas palavras do mesmo Christo no Evangelho: *Quod Deus conjunxit homo non separet*. Quando, porém, o Papa, numa simples allocução a peregrinos, allude á *assumpção* de Maria aos céos, isto não é de fé, por ser ainda doutrina controversa entre os theologos e mariologos e não haver unanimidade de opiniões a esse respeito durante os vinte seculos de existencia da Egreja. Em todo caso, como diziamos no principio, a Egreja exige inicialmente a *fé* naquelles que desejam ser catholicos, e é esta a sua primeira obrigação. *Sine fide impossibile est placere Deo,* diz São Paulo: sem fé é impossivel agradar a Deus.

Mas a fé traz como consequencia outra virtude. Si eu tenho fé em que Deus exista, devo ter fé egualmente na existencia do céo; si creio no céo, devo admittir que é necessario praticar a virtude para lá chegar um dia; si, de accordo com esta necessidade, pratico o bem, devo *esperar* que chegue o dia de unir-me a Deus, e aqui temos nós a segunda virtude que é a *Esperança*. Mas — continua o sorites — si eu creio em Deus e si espero em Deus, qual a minha obrigação para com elle? Amal-o. E aqui temos nós a terceira virtude, que é a *Caridade*. De todas ellas a maior é a ultima, sempre de accordo com São Paulo: *Fides, Spes et Charitas, tria haec, major autem Charitas*.

Que é ter caridade? Ter caridade é — primeiro — amar a Deus; segundo — como consequencia — amar as creaturas. Eis porque a caridade é a maior de todas as virtudes: porque o seu predominio garantiria perfeita felicidade em toda a superficie da terra. Com effeito, no dia em que cada homem lançasse de si o seu egoismo para só pensar no seu semelhante, nesse dia o universo seria o paraiso: não haveria mais competições, concorrencias, deslealdades e perfidias; não mais, assassinatos, singulares ou collectivos, nem roubos, nem depredações; em summa, o predominio da caridade, trazendo a morte do egoismo como effeito, seria tambem causa da morte do crime, que promana do egoismo.

Resumindo: a *Fé* como base de todo o edificio da vida christan; a *Esperança*, como auxilio para a conquista da bem-aventurança; finalmente a *Caridade*, isto é, o *Amor*, como exercicio e confirmação pratica de todos os exercicios das virtudes puramente especulativas — taes as tres virtudes essenciaes, indispensaveis a quem quer ser catholico. Como se vê, chega-se a esta conclusão por um sorites e dos mais interessantes.

II

Conhecidas as tres virtudes mais necessarias, examinemos agora qual o objecto da fé. São as verdades reveladas, explicita ou implicitamente, e as que a razão demonstra. Entre todas as verdades, a primeira e absoluta é DEUS. Entre Deus e o universo, dizem os philosophos catholicos, ha relação de causa para effeito. O universo é evidentemente um effeito. Qual será a causa? Deus. E' o primeiro artigo de fé.

Agora, conhecida a causa do mundo, volta-se o homem para si mesmo e pergunta-se naturalmente: "Quem sou eu?"

— Imagem do teu Creador, responde-lhe a consciencia.

— Ora, raciocina a intelligencia, o teu Creador é immaterial; logo tambem tu...

— Não, replica o homem. Eu sou um composto de materia e espirito, isto é, de corpo e de alma. Ha em mim uma parte material, visivel, palpavel, sensivel, que é o meu corpo; e ha uma outra, que escapa á percepção dos meus sentidos, mas que existe forçosamente, porque eu o sinto, e é a alma. Esta parte immaterial tem duas prerogativas innegaveis: a intelligencia, cujo objecto é a verdade; a vontade, cujo objecto é o bem. Mas a minha vontade não acceita o bem necessariamente, isto é, póde, collocada entre o bem e o mal, optar por um delles, ou melhor, ser arrastada pela seducção do segundo em vez de submetter-se aos dictames do primeiro. Logo, a minha vontade é livre. E aqui temos

ser? *Rem difficilem postulasti...* Dizia Renan que ha no mundo muito pouca gente que tenha o direito de não crer em Deus, taes e tão profundos são os estudos que reputa o grande ironista necessarios afim de que alguem chegue a ter a instrucção sufficiente para poder dizer: *Deus não existe...*

Bem pesadas todas as cousas — quem nasceu catholico deve morrer catholico; e quem não nasceu catholico morra como melhor lhe parecer. Si, depois de expirar o homem, não houver mais nada do outro lado da cortina (como é possivel, posto que não provado), que mal terá havido em que o morto tivesse sido um bom catholico, isto é, um homem de fé e de bons costumes? Por outro lado, si houver a outra vida (como a Egreja ensina e eu ás vezes acredito) o atheu que se arranje lá como puder. Seja como fôr, das religiões que conheço, o catholicismo ainda é a melhor.

ANTONIO TORRES.

O THEATRO POR DENTRO

Algumas pilherias authenticas

Um grande actor dramatico foi um dia procurado por certo amador que desejava abraçar a vida do theatro. Naturalmente o actor perguntou-lhe:

— Ja representou?

— Sim senhor. Fiz, na tragedia Abel, o protagonista. E recitou um trecho, mas tão desastradamente, que o actor lhe disse:

— O senhor enganou-se. O senhor fez Caim, porque está masacrando Abel.

* * *

O tenor é magrissimo e a prima-donna de uma gordura respeitavel.

Na grande scena do segundo acto, elle devia leval-a nos braços para a gondola, que se balouça ao fundo, nas verdes aguas.

Esforços vãos! A mulher amada é de chumbo!

Nisto brada uma voz do "gallinheiro":

— Leve-a em duas viagens, meu velho!

* * *

Frederico Lemaitre, o grande actor francez, representando Othello, pintava-se de um bronzeado magnifico. Uma vez, andando em "tournée", tinha que representar, numa cidade, a peça, dous dias seguidos. No fim do primeiro espectaculo, cerca de uma hora da noite, reflectiu que era melhor não desmanchar aquella admiravel barba, nem limpar a tez do ciumento heróe. E assim fez. No dia immediato, passeou pela cidade, visitou monumentos, etc., ostentando a caracterisação do Othello, que representou á noite. Como a população estava convencida de que Lamaitre era negro, quando alguns populares o viram tomar o trem, já lavado e sem barba, bradaram-lhe:

— O negro pintou-se de branco e pensa que nós não o conhecemos! Pateta!

* * *

Quando em uma "tournée" Suzanne Després teve de representar na mesma noite as peças "Casa da Boneca" e "Poil de Carotte", succedeu-lhe uma aventura embaraçosa. A grande actriz obteve um exite phenomenal e, no fim do espectacuto, viu o seu camarim invadido por uma multidão enthusiastica. Entre as pessoas que a iam felicitar estava uma senhora, que se destacou:

— Bravo, bravo, grande actriz! O seu trabalho é admiravel! Apenas não percebi a razão por que no ultimo acto se vestiu de rapaz e poz aquella cabelleira ruiva!

— !!!

A pobre senhora não tinha percebido onde acabava a "Casa da Boneca", nem onde começava o "Poil de Carotte".

E assim, quantos não andam por ahi a figurar no Municipal...

* * *

Em Lisboa, no Republica, pelo Carnaval deste anno, subia á scena uma revista cujo titulo não nos occorre, e em que ninguem confiava. As "rabulas" distribuidas aos actores não tinham feitio, notadamente uma que pretendia ser a caricatura de um jornalista conhecido na capital luzitana. O actor que estava incumbido de fazer esse pequeno papel, approximou-se do Chaby, desanimado, em a noite da "premiére" e perguntou-lhe:

— Que devo fazer desta "canastra"? Não lhe vejo geito...

— Olha, ri a todo momento sem expressão. Ah! ah! como faz o fulano — o tal jornalista caricaturado. O actor assim fez, riu desengraçadamente e a platéa, ao contrario, riu com elle a valer. O autor dirige-se ao Chaby e queixa-se-lhe amargamente:

— Fulano quebra-me os versos com aquelles ah! ah!

— Quebra-lhe os versos, diz-lhe o Chaby, mas salva-lhe a peça.

* * *

Um colleccionador arranjou uma curiosa lista de peças de theatro que devem os seus titulos a animaes de variadas especies:

"A lagosta", de Gondinet; "O pato bravo", de Ibsen; "Os corvos", de H. Buqui; "O ratinho", de Pailleron; "Os capões", de L. Descaves; "O perú", de G. Feydeau; "Os besouros", de Brieux; "As gaivotas", de Paul Adam; "O pinto", de Ed. Guiraud; "O grillo", de Grenet-Dancourt; "Os gafanhotos", de E. Fabre; "Perdiz", de Dieudonné; "O pavão", de F. de Croisset; "As pennas do gaio", de J. Julien; "O cordeiro", de Ed. Sue; "Os tubarões", de Dario Nicodemi; "O faisão", de Yves Mirande, e Géroule, etc. Entre nós, o Dr. Vicente Reis resumiu num só titulo toda a zoologia, chamando a uma revista: *A bicharia*.

A ORIGEM E A EVOLUÇÃO DE NOSSA MARINHA DE GUERRA

Refugiando-se no Brasil, devido á invasão dos francezes na peninsula Iberica, D. João VI, trouxe comsigo uma frota em que se transportou para aqui a familia real, acompanhada de muitos fidalgos e de todos os seus bens.

Depois, por decretos regios, de 13 de março de 1808, foram creadas no Brasil uma Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha, um Quartel General da Armada, um Arsenal de Marinha e uma Fabrica de Polvora.

A Academia dos Guardas-Marinhas foi creada por decreto de 5 de maio de 1808; o Hospital de Marinha foi instituido tambem por decreto de 24 de junho do mesmo anno e a Auditoria Geral de Marinha foi creada por decreto de 13 de maio de 1809.

Data, pois, dessa época a existencia da nossa Marinha de Guerra, que teve como primeiro ministro e organizador o Visconde de Anadia, cuja nomeação fôra assignada por acto de 11 de março de 1808.

Proclamada a nossa independencia, em 7 de setembro de 1822, teve a Marinha o seu segundo ministro, o capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira, que a organisou definitivamente com o engajamento de officiaes portuguezes e estrangeiros, de reconhecida reputação militar, entre os quaes se conta Lord Cochrane, a quem o governo do Imperio concedeu a patente de Primeiro Almirante.

A marinha brasileira teve o seu baptismo de fogo na guerra da Independencia, quando, em alturas da Ponta de Santo Antonio da Bahia, commandada por Lord Cochrane atacou a esquadra portugueza, que foi obrigada a refugiar-se no porto da Bahia, onde esteve bloqueada de abril até 2 de julho de 1823 e donde conseguira evadir-se a vela, sob terrivel perseguição da esquadra brasileira, que ainda conseguiu apresar alguns dos navios retardatarios.

A esquadra brasileira era então composta da náo "Pedro 1°"; fragatas "Carolina"; "Nictheroy" e "Piranga"; corvetas "Liberal" e "Maria da Gloria"; bergantim "Guarany", e escunas "Leopoldina" e "Real".

Depois a marinha empenhou-se na pacificação das então provincias de Pernambuco, Ceará e Maranhão, até que, em 1825, o Brasil declarou guerra ao governo argentino.

A nossa marinha empenhou-se então em differentes combates, num dos quaes morreu o capitão de fragata Luiz Barrozo Pereira.

Caminhava a victoria para as armas brasileiras, quando, em 27 de agosto de 1828, foi assignado o tratado de paz.

Quando Pedro I abdicou em favor de seu filho D. Pedro de Alcantara, a marinha nacional compunha-se dos seguintes navios:

Náos "Pedro 1°" e "Imperador do Brasil".

Fragatas "Constituição", "Principe Imperial", "Imperatriz", "Piranga", "Paraguassu'", "Thetis" e "Nictheroy".

O EBRIO

Conto de
Guy de Maupassant

Rugia a tempestade com um vento norte que fazia rolarem pelo céo enörmes nuvens de inverno, negras e pesadas, de que caiam, em sua passagem, furiosas bategas. O mar, bravio, zunia, sacudindo a costa, lançando á praia enormes, lentas e espumosas vagas, que se desfaziam com estampidos semelhantes aos de artilharia. As vagas vinham muito suavemente, umas após outras, da altura de montanhas, espalhando no ar, ao contacto das rajadas, a espuma branca de suas cristas, como si fossem monstros a suar. O furacão abysmava-se no pequeno valle de Yport, sibilava e gemia, arrancando as telhas, quebrando os alpendres, derrubando as chaminés, lançando nas ruas taes rajadas de vento, que só se podia marchar segurando-se ás paredes. Com tal impeto do vento, as creanças seriam levadas como folhas e atiradas por cima das casas. Tinham alado as barcas de pesca até dentro de terra, com medo do mar que invadiria a praia com a enchente; alguns maritimos, amparando-se por trás do ventre bojudo das embarcações deitadas de flanco, olhavam para aquella colera do céo e do mar. Depois afastavam-se a pouco e pouco, pois a noite caia em tempestade, envolvendo com uma sombra espessa o oceano enraivecido e produzindo o estrepitar dos elementos em furia.

E sorria ainda áquella lembrança de ebrio...

Só dous homens ficavam, de mãos nas algibeiras, os costados roliços sob a borrasca, a cabeça enterrada no barrete de lã até aos olhos. Eram dous corpulentos pescadores normandos, de barba

e fazendo vacillar as suas chammas. Ouvia-se de repente o choque profundo de uma vaga que se desfazia e o bramir da borrasca. Jeremias, com a camisa entreaberta no peito, tomava posições de bebedo, de perna estendida, um braço pendente segurando com a outra mão as pedras do dominó. Por fim ficaram a sós com o botequineiro, que se approximara, cheio de interesse.

— E então, Jeremias, como vae esse interior? Já te refrescaste á força de te regares?

Jeremias tartamudeou:

— Uma vez que ella ainda corre é que ainda está secco cá por dentro.

O dono do café olhava para Mathurin com ar finorio:

— E teu irmão, Mathurin, onde estará elle a esta hora?

O maritimo teve um riso mudo:

— Está no quente, não te dê cuidado...

E ambos olharam para Jeremias, que pousava triumphalmente o doble scena, annunciando:

— Aqui está o syndico.

Ao acabar a partida, o botequineiro declarou:

— Sabem que mais, meus rapazes? Vou até ao quente dos meus lençoes. Deixo-lhes uma candeia e mais uma garrafa. Fica-lhes bastante com que se entreterem. Tu, Mathurin, fecharás depois a porta por fóra e metterás a chave por debaixo da porta, como fizeste a noite passada.

Mathurin apressou-se a responder:

— Está entendido, pódes ir descansado.

Paumelle apertou a mão aos seus dous freguezes retardatarios e subiu lentamente a escada de páo. Durante alguns minutos os seus pesados passos resoaram na pequena casa; depois um estalido revelou que elle acabava de metter-se no leito. Os dous homens continuaram a jogar. De tempos a tempos um impeto mais raivoso do furacão sacudia a porta, fazia tremer as paredes; os dous bebedores levantavam a cabeça, como a ver si alguem ia entrar. Depois Mathurin, tomando do litro, enchia o copo de Jeremias. De repente, o relogio, pendurado por cima do balcão, deu meia-noite. O seu timbre rouquenho lembrava um choque de caçarolas; as pancadas vibravam por muito tempo, com uma resonancia de ferragem. Mathurin ergueu-se repentinamente, como um marinheiro que tivesse terminado o seu quarto.

— Vamo-nos embora, Jeremias; é preciso desandar.

O outro poz-se em movimento com mais custo, aprumou-se apoiando-se á mesa, depois ganhou a porta, que abriu, emquanto o seu companheiro apagava a candeia. Quando se acharam na rua, Mathurin, depois de fechar a porta, disse:

— Agora, boa noite, até amanhã.

E desappareceu na escuridão.

Jeremias deu tres passos, depois oscillou, estendeu os braços, encontrou uma parede que o susteve de pé e tornou a por-se em marcha, cambaleando. Por momentos, uma rajada, acompanhada de chuva, penetrando pela estreita rua, atirava-o para a frente, obrigando-o a correr alguns passos; depois, quando a violencia do vento passava, o bebedo estacava de prompto, perdido o impulso, e continuava a vacillar nas suas pernas caprichosas de borracho. Ia por instincto para a sua casa, como os passaros vão para o ninho. Reconheceu emfim a sua porta e poz-se a tactear para descobrir a fechadura e introduzir a chave. Mas não atinava com o buraco e praguejava a meia voz. Poz-se então a bater com violencia, chamando ao mesmo tempo a mulher, para que viesse abrir:

— Melina! O' Melina!

De subito, porém, como se apoiasse o seu corpo contra o batente para não cahir, este cedeu, a porta abriu-se e Jeremias, perdendo o equilibrio, caiu pesadamente para dentro de casa. Nesse momento sentiu que qualquer cousa pesada lhe passava por cima e desapparecia na escuridão. Jeremias não se mexeu, cheio de medo, como louco, com o pavor de homem que tivesse visto o diabo, e a cuja cabeça viessem todas as cousas mysteriosas das trevas. Esteve muito sem fazer o menor movimento. Mas, como visse que nada se movia, veiu-lhe um pouco de lucidez, da lucidez perturbada dos ebrios. Assentou-se vagarosamente. Esperou ainda bastante tempo. Desentorpecendo afinal, bradou para dentro:

— Melina!

A mulher não respondeu. Uma duvida então, de repente, lhe atravessou o cerebro obscurecido. Uma duvida indecisa, uma vaga suspeita. Continuava inerte, sentado em terra, na escuridão, procurando reunir idéas, agarrando-se a reflexões incompletas e vacillantes como os seus pés... Bradou de novo:

— Olha cá, ó Melina: que era aquillo? Dize-me, dize-me o que era aquillo. Não te faço mal...

Esperou. Nenhuma voz se ergueu no silencio. Agora raciocinava alto:

— Não faz mal, estou bebedo! Estou bebedo! Foi elle quem me poz neste estado. Foi elle, para que eu não desse com a casa. Estou bebedo...

E continuava:

— Que era aquillo, ó Melina? Ou me dizes, ou me desgraço!

Depois de ter tornado a escutar, recomeçava, com uma logica lenta e obstinada de ebrio:

— Sim, foi elle quem me reteve em casa daquelle malandro do Paumelle! E nas outras noites foi a mesma cousa para que eu não entrasse em casa... Elle é cumplice... Canalha!

Lentamente equilibrou-se nos joelhos. Ganhava-o uma colera surda, que se misturava á fermentação das bebidas. E repetia:

— Dizes-me ou não que foi aquillo, ó Melina? Si não me dizes, escangalho-te. Olha que eu te estou avisando!

Achava-se agora já de pé, tremendo numa colera fulminante, como si o alcool que tinha no corpo se lhe tivesse inflammado nas veias. Deu um passo, tropeçou numa cadeira, agarrou-a, caminhou para a frente, encontrou o leito, apalpou-o e sentiu nelle o corpo quente da mulher. Então, suffocado de raiva, bramiu:

— Ah! estavas aqui, infame? Estavas aqui e não me respondias?

E, levantando a cadeira, que sustinha no seu punho robusto de marinheiro, atirou-a com desesperada furia para a frente. Um grito saiu da cama, um grito louco, angustioso. Então elle poz-se a bater como um malhador numa granja. Dentro em pouco, nada se mexia ali... A cadeira voara em pedaços, mas restava-lhe ainda um de seus pés, e elle continuava a bater, a bater, já arquejante. De repente, parou para perguntar:

— Não me dirás quem era que a uma hora destas...

A cadeira voára em pedaços, mas restava-lhe ainda um de seus pés...

Melina não respondeu. Então, abatido de fadiga, embrutecido com a violencia, tornou a assentar-se por terra, estendeu-se e dormiu...

Ao romper da manhã, um seu visinho, vendo a porta aberta, entrou. Viu Jeremias roncando no chão, onde jaziam dispersos os pedaços da cadeira, e, no seu leito, uma pasta enorme, uma pasta informe de carne e de sangue...

A DIVIDA NACIONAL

Divida publica do paiz em maio de 1916:

Externa consolidada, Lb, 108,629.438 ou em papel, ao cambio de 12 d.....	2.172.588:760$
Interna consolidada..	781.904.300$
Fluctuante anterior a 915, (convertidos 6.222:222$ ouro em papel)..........	168.633:669$
	3.123.126:729$

Cada brasileiro, contando a população por 20 milhões, é responsavel por 156$156 da divida nacional.

Se cada brasileiro fosse obrigado a levar a sua contribuição para o pagamento da divida em nickeis de 100 réis, teria de conduzir um peso de 7,k.800.

Convertida em moedas de prata a divida brasileira pesaria 31.231 toneladas 267 kilos e 290 grammas ou seja o peso do «Minas Geraes», dos scouts «Rio Grande» e «Bahia» e de 10 destroers.

Para transportar esse peso seria necessario um trem de 1560 vagões cada um carregado com 2.000 kilos de prata.

Trocada em pratas de $500 e postas em linha, daria 3 vezes e meia a volta da Terra.

Convertida em notas de 5$000 chegava para atapetar inteiramente 124 vezes a Avenida Rio Branco e em notas de 100$ formaria a Avenida oito vezes.

Em pratas de 1$000 empilhadas dava uma columna quadrangular de 6 metros quadrados e 70, ou 2 metros, 60 de lado e da altura do Corcovado.

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	7	0.28	Apogeu	6	5.07
Ming.	14	22.53			
Nova	21	15.09	Perigeu	2?	22.03
Crescente	28	13.44			

2° MEZ
28 DIAS

O Sol em Piscis a 19 ás 2 h. 06 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	Phenomenos diversos Datas	Horas	
1	Quinta	Agrada-	S. Ignacio B. M.	5.34	18.39			
2	Sexta	vel e	Purific. de N. Senhora	34	38	2	7	Marte em conj. com Urano 0°. 26' S
3	Sabbado	nublado	S. Braz B. M.	35	38			
4	Domingo		Sep. S. André Cons.	35	38	4	16	Saturno em conj. com a lua 0° 48' N
5	Segunda	muito	S. Agueda T.	36	37	5	7	Neptuno em conj. com a lua 1° 2' N
6	Terça		S. Marcello P. M.	37	37			
7	Quarta	quente	S. Romualdo M.	37	36			
8	Quinta		S. João da Malha C.	38	36	8	9	Urano em conj. com o sol
9	Sexta	Chuva	S. Apollonia V. M.	39	35			
10	Sabbado		Sta. Escolastica V.	39	35			
11	Domingo	Signaes	Sexagessima S. Ildefonso	40	34	11	20	Mercurio na sua maior long. 26° 3' W
12	Segunda	de	Sta. Eulalia V. M.	41	33			
13	Terça		Sta. Catharina de Cicci	41	32			
14	Quarta	tempes-	S. Valentim	42	31	14	11	Mercurio no nodo descendente
15	Quinta	tades	S. Faustina e Jovita M.	42	31			
16	Sexta		S. Raymundo de Penaf.	43	30			
17	Sabbado	Ventoso	S. Faustino M.	43	29			
18	Domingo		Quinquag. S. Theotonio.	43	29			
19	Segunda	Claro	Carnaval–S. Conrado G.	44	28	19	10	Mercurio em conj. com a lua 2° 20' S
20	Terça		Carnaval–S. Eleut. B. M.	45	27	20	1	Venus em conj. com a lua 3° 25' S
21	Quarta	Trovoada	✠Cinzas–S. Maximiano B.	46	27	20	2	Marte no perihelio
22	Quinta	e	Sta. Margarida	46	26	20	10	Urano em conj. com a lua 3° 28' S
23	Sexta	borrascas	A sag. corôa de Esp. N. S.	47	25	21	9	Marte em conj. com a lua 5° 10' S
24	Sabbado		Pro. da Const. S. Math.	47	24	24	7	Venus em conj. com Urano 0° 23' S
25	Domingo		1° dom. de Q. S. Cesario.	48	23	24	17	Mercurio no perihelio
26	Segunda	Calor	S. Torquato arc. de Braga	48	23	25	9	Jupiter em conj. com a lua 6° 21' S
27	Terça	intenso	S. Leandro arc. Sevilha	49	22	28	7	Marte em conj. com o sol
28	Quarta	Ameaç.	Tem. S. Romão M.	49	21			

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 20 a 28

O céo no dia 15 de Fevereiro ás 20 h, 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Planta se nesse mez o feijão, que vai ser colhido em tempo secco e por isso denominado, feijão da secca. Outros vegetaes de curto cyclo vegetativo podem tambem ser semeados, taes como ervilha, grão de bico, alfaces, beterrabas, cenouras e batatas. No fim do mez podem-se semear repolhos, couves e hortaliças semelhantes.

Alguns pensam que se podem semear o trigo, a cevada, a aveia e centeio e outras plantas cereaiferas exoticas.

E' conveniente esperar-se Março, ou principios de Maio para semeadura dos trigos Barleta e Trimenia, pelo menos em todo nosso «plateau» central. Planta-se canna em logares baixos.

Colhem-se os abacates, mangas, uvas, abacaxis, marmellos, pecegos, aboboras, melancias, pepinos e melões.

E' época impropria para incubação de aves, castração de animaes e corte de madeira.

1917 · Prophecias ·

OM infinitas difficuldades, que só foram vencidas á custa de muita tenacidade, nestes tempos em que as videntes, os chiromantes, os «fakirs», etc., etc, se occultam prudentemente, muito mais receiosos da policia do que vexados pelos fiascos da sua sciencia, conseguimos o seguinte horoscopo do anno que entra.

«A guerra acabará entre janeiro e dezembro. A data não é indicada com exactidão, por exigencias da censura de todos os paizes belligerantes.

Os soldados do kaiser exultarão particularmente com o fim da guerra, porque poderão voltar á «penetração pacifica» e ao goso de perfumes muito mais gratos ao seu olfacto do que o dos gazes asphyxiantes e do pão K. K., a que, por obediencia exemplar, se submetteram durante a guerra.

As terriveis armas de destruição, aperfeiçoadas e inventadas pela sciencia teutonica, incluindo a litteratura de Bernhardi, Moltke, Clausewits, Treitsck, Lasson e Nietzsche, etc. etc., irão decididamente para a lata do lixo. Só as raposas, para lançarem o terror nos gallinheiros, usarão os capacetes prussianos, achados por acaso nas florestas do norte da França.

A moda simplificar-se-á. Homens e mulheres vestirão sem preoccupações de luxo e hygienicamente. Voltará o mysticismo religioso.

A escola pratica, chamada escola americana, teve sempre adversarios, o que não importa dizer que houvesse controversia publica. A discussão literaria no nosso paiz é uma epecie de. *steeple chase* que se organiza de quando em quando; fóra disso a discussão trava-se no gabinete, na rua, e nas salas. Não passa dahi. Nem nos parece que se deva chamar escola ao movimento que attrahiu as musas nacionaes para o thesouro das tradições indigenas. Escola ou não, a verdade é que muita gente viu na poesia americana uma aberração selvagem, uma distracção sem graça, nem gravidade. Até certo ponto tinha razão. Muitos poetas, entendendo mal a musa de Gonçalves Dias, e não podendo entrar no fundo do sentimento e das idéas, limitaram-se a tirar os seus elementos poeticos do vocabulario indigena; rimaram as palavras e não passaram adeante; os dversarios, assustados com a poesia desses taes, confundiram no mesmo desdem os caçadores e imitadores, e cuidaram desacreditar a idéa fulminando os interpretes incapazes.

Erraram de certo; si a historia e os costumes indianos inspiraram poetas como José Basilio, Gonçalves Dias e Magalhães, é que se podia tirar dali creações originaes, inspirações novas. Que importava a invasão da turba multa? A poesia deixa de ser a mysteriosa linguagem dos espiritos, só porque alguns máos rimadores foram assentar-se ao sopé do Parnaso? O mesmo se dá com a poesia americana. Havia tambem outro motivo para condemnal-a; suppunham os criticos que a vida indigena seria de futuro a tela exclusiva da poesia brasileira; e nisso erraram tambem, pois não podia entrar na idéa dos creadores obrigar a musa nacional a ir buscar todas as suas inspirações no estudo das chronicas e da lingua primitiva. Esse estudo era um dos modos de exercer a poesia nacional; mas, fóra delle, não está a propria natureza, opulenta, fulgurante, vivaz, attrahindo os olhos dos poetas e produzindo paginas como as de Porto Alegre e Bernardo Guimarães?

Felizmente o tempo vae esclarecendo os animos; a *poesia dos caboclos* está completamente nobilitada; os rimadores de palavras já não podem conseguir o descredito da idéa, que venceu com o autor de *Y-Juca Pirama* e acaba de vencer com o autor de *Iracema*. E' deste livro que vamos falar hoje aos nossos leitores.

As tradições indigenas encerram motivos para epopéa e para eglogas; pódem inspirar os seus Homeros e os seus Theresitas. Ha ali lutas gigantescas, audazes capitães, illiadas sepultadas no esquecimento; o amor, a amisade, os costumes domesticos, tendo a simples natureza por theatro, offerecem á musa lyrica paginas deliciosas de sentimento e de originalidade. A mesma penna que escreveu *Y-Juca-Pyrama* traçou o lindo monologo de *Marabá;* e o aspecto feroz do indio Kabé e a figura poetica de Lindoya são filhos da mesma cabeça; as duas partes dos *Natchez* resumem do mesmo modo a dupla inspiração da fonte indigena. O poeta tem muito para escolher nessas ruinas já exploradas, mas não completamente conhecidas. O livro do Sr. José de Alencar, que é um poema em prosa, não é destinado a cantar lutas herculeas, nem actos de guerra; si ha ali algum episodio, nesse sentido, si alguma vez trôa nos valles do Ceará o pocema da guerra, nem por isso o livro deixa de ser exclusivamente votado á historia tocante de uma virgem indiana, dos seus amores e dos seus infortunios. Estamos certos de que não falta ao autor de *Iracema* energia e vigor para a pintura dos vultos heroicos e das paixões guerreiras; Irapuam e Poty a esse respeito são irreprehensiveis; o poema de que o autor nos fala deve surgir á luz, e então veremos como a sua musa emboca a tuba epica; este livro, porém, limita-se a falar ao sentimento, vê-se que não pretende sair fóra do coração.

Heroina, dissemos, e o é, naquella divina resignação. Uma noite, no seio da cabana, a virgem torna-se esposa de Martim; scena delicadamente escripta que o leitor adivinha, sem ver. Desde então Iracema dispoz de si; a sua sorte está ligada á de Martim; o ciume de Irapuam e a presença de Poty precipitavam tudo; Poty e Martim devem partir para a terra dos pytiguaras; Iracema os conduz, como uma companheira de viagem. A esposa de Martim abandona tudo, o lar, a familia, os irmãos, tudo, para ir perecer ou ser feliz com o esposo. Não é o exilio, para ella o exilio seria ficar ausente do esposo, no meio dos seus. Todavia, essa resolução suprema custa-lhe sempre, não arrependimento, mas tristeza e vergonha no dia em que após uma batalha entre as duas nações rivaes, Iracema vê o chão coalhado do sangue dos seus irmãos. Si esse espectaculo não a commovesse, ia-se a sympathia que ella nos inspira; mas o autor teve em conta que era preciso interessal-a, pelo contraste da voz do sangue e da voz do coração.

Dahi em deante, a vida de Iracema é uma successão de delicias, até que uma circumstancia fatal vem pôr termo aos seus jovens annos. A esposa de Martim concebe um filho. Que doce alegria não banha a fronte da joven mãe! Iracema vae dar conta a Martim daquella boa nova; ha uma scena egual nos *Natchez*, seja-nos licito comparal-a á do poeta brasileiro.

"Quando René, diz o poeta dos *Natchez*, teve certeza de que Celuta trazia um filho no seio, acercou-se della com santo respeito e abraçou-a delicadamente para não machucal-a. —"Esposa, disse elle, o céo abençoou as tuas entranhas."

A scena é bella, de certo; é Chateaubriand quem fala; mas a scena de *Iracema* aos nossos olhos é mais feliz. A selvagem cearense apparece aos olhos de Martim, adornada das flores de maniva, trava da mão delle, e diz-lhe:

"— Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ella será mãe de teu filho.

— Filho, dizes tu? exclamou o christão em jubilo."

Ajoelhou ahi, e cingindo-a com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa."

Vê-se a belleza deste movimento, no meio da natureza viva, deante de uma floresta. O autor conhece os segredos de despertar a nossa commoção por estes meios simples, naturaes e bellos. Que melhor adoração queria a maternidade feliz do que aquelle beijo casto e eloquente? Mas tudo passa; Martim, sente-se tomado da nostalgia; lembram-lhe os seus e a patria; a selvagem do Ceará, como a selvagem da Luiziania, começa então a sentir a sua perdida felicidade. Nada mais tocante do que essa longa saudade, chorada no ermo pela filha de Araken, mãe desgraçada, esposa infeliz, que viu um dia partir o esposo, e só chegou a vel-o de novo, quando a morte voltava para ella os seus olhos languidos e tristes.

Poucos são os personagens que compõem este drama da solidão, mas os sentimentos que os movem, a acção que se desenvolve entre elles, é cheia de vida, de interesse e de verdade. Araken é a solemnidade da velhice contrastando com a belleza agreste de Iracema; um patriarcha do deserto ensinando aos moços os conselhos da prudencia e da sabedoria. Quando Irapuam, ardendo em ciume pela filha do pagé, faz romper os seus odios contra os pytiguaras, cujo alliado era Martim, Araken oppõe-lhe a serenidade da palavra, a calma da razão. Irapuam e os episodios da guerra fazem destaque no meio do quadro sentimental que é o fundo do livro; são capitulos traçados com muito vigor, o que dá novo realce ao robusto talento do poeta. Irapuam é o ciume e o valor marcial; Araken a austera sabedoria dos annos. Iracema, o amor. No meio destes caracteres distinctos e animados, a amisade é symbolisada em Poty. Entre os indigenas a amisade não era este sentimento, que á força da civilisação se torna raro; nascia da sympathia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação reciproca. Poty e Martim são os dous amigos da lenda, votados á mutua estima e ao mutuo sacrificio.

A alliança politica os uniu; o contacto fundiu-lhes as almas; todavia a affeição de Poty differe da de Martim, como o estado selvagem do estado civilisado; sem deixarem de ser egualmente amigos, ha em cada um delles um traço caracteristico que corresponde á origem de ambos; a affeição de Poty tem a expansão ingenua, franca, decidida; Martim não sabe ter aquella simplicidade selvagem.

Martim e Poty sobrevivem á catastrophe de Iracema; depois de enterral-a ao pé de um coqueiro, o pae desventurado toma o filho orphão da mãe, e arreda-se da praia cearense. Humedecem-se os olhos ante este desenlace triste e doloroso, e fecha-se o livro, dominado ainda por uma profunda impressão.

No dia de annos de Irene,
Depois de tarde sombria,
Chuva grossa e vento infrene,
Luar magico apparecia.

Deixámos luzes da mesa,
Para ir vel-o do jardim.
Lá em cima, em Santa Thereza,
Que bella é uma noite assim!

Com os seus mil fogos, em baixo
A cidade se estendia,
Fogos inuteis! que um facho
Maior a tudo allumia,

Casas allumia e montes,
Montes allumia e mar,
Mar allumia, horisontes
E céos, sereno a brilhar.

Olhava-o d'ao pé da escada,
Quando chegaste, Maria;
Nervosa mão delicada
Que me estendeste, tremia.

Vinhas sem esse que presa
Te quiz de seu nescio amor,
E te ensombrou de tristesa
Os teus vinte annos em flor

Fomo-nos para o terraço,
Onde por columna esguia,
Todo jasmins, n'um abraço
Um jasmineiro subia.

Viração, que de costume
Ahi corre, vinda do céo,
Perfumes n'um só perfume
Juntou de jasmins e teu.

Era a minh'alma, era a tua
Que o mesmo desejo unia...
Mas passou no céo a lua,
Passou da noite a magia,

Passou o sopro fagueiro,
Assomo de amor passou,
Passou dos jasmins o cheiro,
O teu alguem o aspirou...

Brilhe o céo, como brilhava,
Já não lhe acho poesia.
Ah! se eu tornasse onde estava
Com o luar que então fazia!

Alberto de Oliveira.

Nos bastidores do fôro

O DIA DUM REPORTER

O Jonathas fazia a reportagem forense para um matutino.

Era um typo bohemio, despreoccupado de si, desleixado, sem ambições... Andava sujo, de barba crescida, maltratado. Ninguem lhe dava importancia. E no entanto, apezar das suas poucas letras, era um sujeito intelligente. Tinha *piadas* boas, observações felizes.

Certa vez assistia elle a uma sessão no Supremo Tribunal. Occupava a tribuna um advogado, esforçando-se por convencer ao Tribunal de que o direito estava ao lado do seu constituinte. Os ministros palestravam uns com os outros, liam memorias ou assignavam accordãos. O advogado continuava...

Citava leis, lia textos, compulsava documentos.

Um advogado approximou-se da carteira da imprensa e commentou:

— Vejam isso. *Elles* não prestam a minima attenção...

— E' verdade, concordou o Jonathas. Chega a ser até uma *desattenção!*

Mas não tinha só a mania dos trocadilhos a proposito. Cultivava ás vezes o paradoxo.

Toda a gente sabe que a justiça local está pessimamente installada. E' mesmo indesculpavel, vergonhoso, humilhante, que o Rio de Janeiro ainda não tenha um edificio para o seu *Forum*. O pardieiro da rua dos Invalidos está caindo aos pedaços. E' uma esterqueira, uma immundicie.

Todos, imprensa, advogados, juizes, todos, sem excepção, afinam no mesmo clamor.

O Jonathas protestava quando se falava em edificar um novo *Forum*. Julgavam-n'o excentrico, paradoxal. Mas elle explicava com sinceridade:

— Este *Forum* é o meu orgulho na vida. Emquanto elle existir, haverá no mundo alguma cousa mais miseravel e immunda do que eu...

Era um grande amigo dos rabulas.

— São elles — dizia — que dão brilho ao fôro. Reparem como o B. é imponente.

Sempre de cartola e sobrecasaca. E que anelão!

Não ha advogado formado que tenha um rubi egual áquelle!

Era um inimigo impiedoso dos juizes. Eram todos venaes. Havia nisso evidentemente uma despropositada generalisação. Mas elle observava:

— Vocês reparem que só ha dous meios de se advogar no Rio ganhando as causas: ou adulando o juiz ou descompondo-o pelos "A pedidos".

Alguem pretendeu corrigir o exaggero da asserção; mas o Jonathas proseguiu:

— O Taveira fez escola; enriqueceu e fez imitadores...

— Os imitadores têm se estrepado — objectaram.

— Tanto peor. E' que d'ora em deante vamos ter o reinado absoluto da advocacia *de cochichos*... Quando é prohibido gritar... fala-se baixinho, ao ouvido... segreda-se...

— Com que, então, Jonathas — disse um supplente de pretor — não ha outro geito sinão surrar os magistrados para moralisar o fôro?

O Jonathas não respondeu. Olhava para a porta do gabinete de um juiz.

Um advogado, tendo na mão direita uma petição, discutia com um official de justiça. Este dizia-lhe:

— O doutor deixe a sua petição no cartorio para ser despachada depois. O *meritissimo* deu ordem para que não entrasse advogado algum no gabinete.

— Mas então, retorquiu o advogado, o juiz não recebe os advogados?! Eu hei de ficar dependendo da boa ou má vontade do cartorio para despachar as minhas petições! Não senhor, abra esta porta.

O official quiz detel-o á viva força; mas afinal o advogado entrou.

Cá de fóra ouviu-se um forte dialogo.

O juiz censurava asperamente o advogado. Este explicava o seu procedimento dizendo que se tratava de um caso urgente...

A discussão degenerou em troca de epithetos pouco amaveis. O advogado saiu, commentando:

— Vejam os senhores. Que justi-

— Não sei.

— E' o advogado de uma causa só — explicou o Jonathas.

Já era tarde. Havia sessão na Côrte de Appellação. O Jonathas partiu para lá. Em um dos cartorios, o escrivão dizia a um advogado novato no fôro:

— Os seus autos ainda não foram para o relator.

— Mas faz já seis mezes. Eu suppunha até que já estivessem *com dia* para julgamento e vejo agora que nem se acham ainda na conclusão... E' extraordinario!

— A culpa não é do cartorio, doutor. Temos ordem do desembargador F. para não lhe fazermos autos conclusos. O senhor está vendo aquella prateleira? São autos que os desembargadores não querem receber...

— E' fantastico!

— Só pedindo, doutor; vá pedir *a elle* que receba. Do contrario, o seu processo não anda...

Na sala das sessões julgava-se um aggravo.

Era a fallencia de uma grande casa, requerida por um credor de setenta mil réis. Casos desses não são raros no fôro. Dizia, então, da tribuna, o advogado da firma:

— Não ha na praça quem desconheça a situação de franca prosperidade da casa que se pretende arrastar á fallencia. Aqui está, Egregia Camara, o ultimo balanço: um activo de cerca de mil contos. Passivo quasi nenhum. A unica divida da firma é essa conta de setenta mil réis que o credor de má fé protestou e trouxe a juizo... Seria o maior dos disparates confirmar a decretação de fallencia de uma casa riquissima, que nada deve na praça, gosando de grande credito nos bancos, por causa de uma divida de setenta mil réis...

— Elle tem razão — commentou o Jonathas a meia voz. Pois então póde estar fallida uma firma que possue um activo de mil contos de réis e só deve setenta mil réis? Não é possivel!

Falou o advogado do credor requerente:

— Senhores, não se trata de uma divida avultada, de algumas dezenas ou centenas de contos de réis. Si assim fosse, comprehender-se-ia que uma firma, embora forte, dispondo de guande "stock", de grandes cabedaes, se encontrasse em situação embaraçosa tendo de solvel-a de prompto... Trata-se, pelo contrario, de uma divida insignificante. Setenta mil réis. Uma ninharia! E si a firma, que se proclama rica, não poude pagar em tempo essa ninharia, é porque a sua insolvabilidade é completa, a sua fallencia é um facto...

— Homem! este tambem tem razão — observou o Jonathas. Si não poude pagar setenta mil réis, que eram uma bagatella, que diria si fossem setenta contos!

E saiu monologando:

— Cada vez entendo menos essas cousas de direito; no fim de contas todos têm razão...

Foi ao Jury. O réo fôra absolvido. Tomava umas notas quando lhe bateu no hombro o defensor do réo, um rabula pernostico:

— Não deixe de dar o *nosso* nome, amigo Jonathas.

— Então passa p'ra cá dous mil réis p'r'o jantar.

No dia seguinte o jornal noticiava: "O réo foi absolvido, tendo sido seu advogado o *Dr.* Fulano."

Rio, setembro de 1916.

Lobão Junior.

CONSELHOS A QUEM ESTUDA

O professor W. Richards, da Universidade de Leigh, publica, na "Popular Science Monthly", uma série de conselhos ás pessoas que se dedicam ao estudo.

Antes do mais, trata da attenção necessaria.

Um dos peores inimigos do homem de estudo, observa o articulista, é a indisciplina da attenção.

Quando nos sentamos á mesa de trabalho succede, muitas vezes, que o nosso espirito se afasta do assumpto que nos occupa; e o nosso pensamento, abandonando o labor intellectual, perde-se em sonhos. De repente, nós nos recordamos do artigo que nos cumpre escrever ou do livro que devemos publicar, e fazemos um esforço para reconcentrar a attenção na folha de papel que temos á nossa frente, e para expellir as idéas extranhas que, durante dez minutos, nos tinham distrahido.

Essas divagações exercem muito nociva influencia na efficacia do trabalho.

O homem de estudo deve conter os impetos da sua fantasia. Desde que a sua mente se desvia da questão á qual elle quer applicar a attenção completa, é imprescindivel trazel-a, submissa, ao assumpto das suas cogitações.

Nisso, como em tudo, o habito póde ser extremamente util. Acostumados a dominar a nossa propria vontade, aprenderemos com a menor fadiga e produziremos mais.

Muitos estudiosos, especialmente os jovens, adornam os seus quartos de objectos que nenhuma relação offerecem com o estudo: quadros e photographias nas paredes. "bibelots" sobre a secretária e outros moveis. E' um erro. Essas cousas, extranhas ao assumpto do estudo, são factores de distracção, especialmente si, como muitas vezes acontece, ellas evocam scenas de viagem ou recordam pessoas queridas. O gabinete de estudo não deve ser attrahente. O autor do artigo que, nestas linhas, procuramos resumir, apresenta esse conceito como um axioma. Isso não significa absolutamente, observa o Sr. W. Richards, que elle deva ser desprovido de conforto. E' mesmo desejavel que muitas sejam as suas commodidades; somente convém que dahi se retirem os objectos puramente ornamentaes.

Um ponto muito importante é o que diz respeito á illuminação.

Quem estudar durante o dia, deve collocar a sua mesa junto á janella, de modo que a luz venha de lado.

Si a janella der para uma rua muito frequentada, é aconselhavel que se appliquem, na parte inferior da vidraça, cortinas transparentes.

Dessa maneira, a attenção do estudante não será trahida pelo espectaculo do que se passa fóra.

Si a janella abre sobre um espaço livre e tranquillo, as cortinas não são necessarias.

E' desejavel que o homem de estudo possa gosar, da sua janella, uma vista extensa. Assim, olhando de vez em quando para o exterior, elle poderá repousar os olhos, fatigados pelo esforço que provém da necessidade de se fixar objectos muito proximos.

Cumpre, porém, que no espaço visivel não se passem scenas susceptiveis de reclamar a attenção e distrahir o pensamento de quem estuda.

Para quem se dedica á noite aos trabalhos intellectuaes, e deve, por isso, utilisar-se da luz artificial, tem consideravel importancia a questão da qualidade e da collocação da parte luminosa.

Contrariamente a outros, o Sr. W. Richards não julga aconselhavel o trabalho num aposento completamente illuminado. A disposição das luzes deve ser tal que só fique illuminada a mesa; o resto do gabinete permanecerá na penumbra.

Mediante esse systema, diz o articulista da "Popular Science Monthly", são banidas muitas causas de distracção.

A lampada é collocada adeante da pessoa que lê ou escreve, e um pouco á esquerda. Entre a fonte luminosa e o livro (ou a folha de papel) cumpre estabelecer uma distancia de 50 centimetros a um metro. Não convém que a lampada seja posta exactamente defronte de nós. O papel reflectiria a luz, o que, com a continuação, seria nocivo á nossa vista.

E' muito conveniente que a lampada seja munida de um *abat-jour*, branco na parte interior. Todo branco, diffundiria excessiva luz em todo o aposento e obrigar-nos-ia a proteger os olhos com vidros verdes.

Quanto á qualidade da luz, o autor dos conselhos que estamos dando, recommenda a lampada de petroleo, si não trata da lampada de azeite, é porque esta substancia é rara no seu paiz. A lampada de gaz é muito oscillante; a luz electrica é mais fixa, mas tem a desvantagem de não poder ser regulada; o "manchon" Auler, com a chave inteiramente aberta proporciona uma luz demasiadamente viva, e si a chave só a meio estiver fechada, a luz é tremula.

Não se podem fornecer, nesse particular, conselhos de ordem absoluta: a intensidade luminosa conveniente varia conforme a pessoa, as dimensões dos caracteres typographicos, a côr do papel, etc. E' preciso estabelecer, em cada caso, experimentalmente, a illuminação mais vantajosa. A intensidade precisa será aquella que nos fizer ver claramente as letras do livro que tivermos deante de nós, sem que da leitura resulte nenhum esforço.

Em 1904 eu possuia um jornal chamado "A Itapuca", na cidade de... Tres Pontas.

Não garanto que o nome da cidade e do jornal sejam exactamente estes, porque a memoria ás vezes me falha. Mas para as necessidades da narrativa é quanto basta.

"A Itapuca" custava aos assignantes cinco mil réis por anno; isto é, não lhes custava nada, porque não pagavam. A assignatura anual dava direito a consultas medicas, assistencia judiciaria, desconto na officina de obras, noticia do nascimento, casamento e assassinato do assignante e mais membros de sua familia, e a varias outras vantagens, inclusive hospedagem em casa do director.

O direito de hospedagem cabia só aos assignantes quites, mediante apresentação do recibo. Por ocasião da semana santa, porém, os assignantes de fora, que desejavam ir assistir aos festejos na cidade, fizeram tantas reclamações contra essa exigencia, classificada "irritante e impertinente", que resolvi dispensal-a.

Pouco depois "A Itapuca" morria sem agonia, como um passarinho...

Naquella época eu tive um desaguizado com o carpinteiro João Coelho, por alcunha João Carapina, e planeei uma vingança. No primeiro domingo "A Itapuca" publicava a seguinte noticia:

"UM FELIZARDO

O estimado artista Sr. João Coelho, em uma das casas que está reformando, fez o achado, verdadeiramente curioso, de uma garrafa contendo mil e duzentas quilates de diamantes da mais pura agua. As pedras são todas de dous quilates para cima, e ha uma de meia oitava, azulada, que vale, por si só, vinte contos, calculo baixo."

A noticia estendia-se em pormenores e terminava:

"Este caso nos foi referido por pessoa fidedigna, que viu os diamantes, os pesou e os teve nas mãos e exigiu que guardassemos sobre seu nome absoluto sigilo.

"Sinceras felicitações ao honrado artista Sr. João Coelho."

Este final era uma perversidade. Tres Pontas fôra outr'ora, em meiados do seculo XVIII, um centro prospero de mineração de diamantes que a tirania de Pombal oprimiu com um regimento draconiano e acabou reduzindo á miseria. Dessa época corriam lendas de grandes contrabandos de pedras grossas, que os donos enterravam ou escondiam nas paredes das casas, morrendo sem ter tido tempo de revelal-as. Todos os moradores tinham esperança de encontrar num vão de cumieira, no pé de um esteio ou na taipa de uma parede de casa em concerto, a sonhada garrafa de diamantes. Por isso os donos das casas onde o João Carapina andava executando obras o assediaram, uns propondo dividir com elle os diamantes, si os entregasse por bem, outros exigindo-os; todos ameaçando-o.

O pobre homem recorreu a mim, para que eu revelasse a origem da calumnia. Encaramujado no segredo profissional, guardei silencio.

Quanto ao achado, ninguem dele duvidava. Ninguem imagina, no interior, que cousa estampada em jornal possa ser mentira.

O Estrella

Dentre os episodios da revolta de 93, assistidos por mim, aquelle que mais me impressionou foi sem duvida o desembarque dos revoltosos, no Galeão, ilha do Governador, onde minha familia morava, em virtude do cargo que meu pae exercia por aquelle tempo. Era elle então almoxarife das Colonias de Alienados que, como se sabe, estavam e ainda estão naquella ilha. Eu tinha 12 annos e acabava de chegar do collegio onde era interno, depois de uma longa viagem de trem, pois começava naquelle anno os meus preparatorios no Lyceu Popular, em Nictheroy. E' da memoria dos contemporaneos que as communicações por mar entre o Rio e aquella cidade ficaram logo interrompidas no começo do levante, de fórma que, para ir buscar-me, meu pae teve que dar uma immensa volta, saltando de trem em trem, vendo rios e cidadinhas sem conta.

O Lyceu fôra dirigido por mister William Cunditt, um habil educador inglez e conhecedor dessa especialidade de ensinar meninos, como todos os inglezes; mas, vindo elle a fallecer, sua filha, miss Annie, de quem tenho gratas recordações, tomou conta do collegio e foi sob a sua direcção que fui approvado em perto de seis preparatorios. Bem. Com meu pae, depois de uma fatigante viagem de 24 horas, desembarquei na Central, ás 9 horas da noite, dormi na cidade; e, para chegar em casa, ainda tive que ir da estrada de ferro até á parada da Olaria, da E. de F. Leopoldina, nas proximidades da Penha, andar a pé cerca de um kilometro, tomar um bóte no chamado porto de Maria Angu', desembarcar na ponta do Galeão, montar a cavallo e a cavallo percorrer cerca de tres kilometros, para chegar afinal na residencia de minha familia.

A minha casa era uma velha construcção roceira, vasta e commoda, com grandes salas e amplos quartos, de um plano simples e tosco, de modo que o seu ingenuo architecto lhe tinha dado certo conforto, mas lhe tirara muita luz da sala de jantar.

Mas, o encanto maior da habitação estava no sitio que a cercava. Tinha de frente cerca de 400 metros de um bambual cerrado e verde que suspirava quando de tarde a viração soprava do mar. De fundo, possuia cerca de 80) metros e toda a sua área era coberta de capoeirões e cheio de formigueiros, que permittiam a custo qualquer cultura e, das fruteiras, só deixam medrar livremente os cajueiros que eram o orgulho da minha residencia. Nunca os vi tão bellos e talvez nunca mais chupe caju's tão doces com tanta volupia.

Além da casa propriamente, havia outras dependencias; e, na "casa de farinha", ainda encontrámos o cocho, o tacho, a rôda, o tipiti, todos os apetrechos para transformar a mandioca nesse pó que forma, com o feijão e a carne secca a base da alimentação nacional.

Si bem que possa parecer exaggerado, no sitio que me animo a chamar meu havia uma fauna bem regular. Vi e cacei coatis, tatu's, lagartos e até filhotes de jacarés apanhámos, na borda do poço de casa, por occasião de uma secca atroz.

Vieram certamente de um riacho que passava quasi ao meio do sitio, riacho esse que esgotava um grande pantano que existia nos fundos das terras de nossa moradia.

Saia eu a armar toda a especie de laços, arapucas, esparrellas, quebra-cabeças, mundéos e, com meus irmãos, prendi jurity, sanhaços, tyês, rôlas, frangos d'agua, saracuras, sanans, etc.

gro, com uma mancha branca na testa. O "Estrella" fazia junta com o "Moreno", um outro boi negro; e ambos, além de carreiros, lavravam tambem.

Foi o boi conduzido para junto da estribaria e vi que um marinheiro, de machado em punho, o enfrentava e ia desferir-lhe um golpe na cabeça.

Tive a visão rapida dos seus serviços e dos seus prestimos, pois era de ver a paciencia, a resignação do "Estrella", quando, atrellado com o seu companheiro de junta, cavavam, com auxilio do arado, na encosta ingreme do morro, por detrás do convento, fundos sulcos que iam receber as manivas dos aipins e a rama da batata doce.

A vista era dahi soberba — toda a parte anterior da Guanabara, o Corcovado, as fortalezas, o zimborio da Candelaria, a barra, o mar sem fim, a cidade inteira entre verdura e dourada pelo sol no poente...

"Estrella", porém, não via nada daquillo. Sob o aguilhão do conductor, cavava resignadamente, docemente, tristemente, os sulcos no barro duro, para fazer render mais as sementes que a terra ia receber.

Quando vi que o iam matar, não me despedi de ninguem. Corri para casa, sem olhar para trás.

Lima Barreto.

Todos os Santos, 23 — 5 — 16.

UMA JUSTA REIVINDICAÇÃO

As prophecias de Julio Verne

REALISADAS EM PLENO SECULO XX

— Já leste Julio Verne?

— Sim, já, ha longos annos, quando era creança — na edade em que todos nós lemos historias...

Ha uma especie de vergonha de confessar que se lê Julio Verne. O sujeito que apparecesse hoje, na Avenida, sobraçando as *Vinte mil leguas submarinas* ou os *Naufragos do Jonathan*, seria tido na roda como um typo inferior, de intellecto acanhado, de cultura rudimentar. Nada de Julio Verne! Um livrinho de Faguet, de Kant, de Baudelaire é que póde servir para rotulo de intellectual, embora o seu portador delle não tenha lido sinão a lombada...

Quantos ensinamentos, entretanto, não encerra a copiosa bibliotheca do grande romancista francez! Quantas prophecias seguras não imprimiu elle aos seus imaginosos romances! Que illustração não teria o sujeito que retivesse na memoria a decima parte das lições dispersadas por Julio Verne nos seus volumes!

A Grande Guerra teve o effeito benefico de pôr em destaque o valor do extraordinario escriptor. O seu nome tem sido frequentemente evocado, recordando-se as suas predicções sobre conquistas que eram então simples fantasias e que são hoje palpaveis realidades. A navegação aerea, a navegação submarina, a theoria dos grandes canhões e dezenas de outras arrojadas idéas "verneanas" estão hoje plenamente realisadas.

A esse respeito é muito curiosa uma nota publicada pelo *Bulletin des Armées de la République*, de França, acerca da seguinte prophecia, encontrada nos *Quinhentos milhões da Begun*:

— "Não acredita que os allemães conquistarão o mundo?

— Não.

— E por que razão, si faz favor?... Gostaria muito de conhecer os motivos dessa duvida!!

— Pelo simples motivo de que os artilheiros francezes acabarão por descobrir melhor e por sobrepujal-os. Os suissos, meus compatriotas, que os conhecem muito bem, têm a convicção de que um francez prevenido vale por dous. 1870 foi uma lição que sómente será prejudicial áquelles que a deram. Ninguem o duvida, no meu pequeno paiz, e é necessario dizel-o, que essa é tambem a opinião dos homens mais conceituados da Inglaterra."

E, algumas linhas mais adeante, o romancista descreve um canhão concebido sobre novos dados:

"Uma mola compensadora, estabelecida "atrás da carreta, terá por effeito annul- "lar o recuo ou, pelo menos, produzir "uma reacção vigorosamente egual e re- "tomar automaticamente, depois de cada "tiro, a sua posição primitiva".

E' o famoso 75 francez!... O livro de Julio Verne viu a luz do dia dez annos antes do novo canhão, pois a sua primeira edição foi de março de 1879.

indemnisaveis, para o livre exercicio das suas ulteriores operações e a contribuição de cada socio, se acumulará na sua respectiva acção. Antigo 2º, cada um dos accionistas poderá doar, vender, alienar e dispor livremente da sua acção, como bem lhe parecer, mas de nenhuma sorte devidida, a fim de que se não augmente o numero dos socios; de maneira que ainda no caso de partilhas por occasião de morte, a acção unicamente se dividirá por estimação, ficando precipesca aqualquer dos herdeiros que personalise na sociedade e represente pelo socio fallecido. Artigo 3º, os actos judiciaes, activos e passivos concernentes á sociedade, serão feitos exercitados debaixo do nome da mesma sociedade em geral, pelo Thezoureiro e caixa adiante nomeado aquem approvam para figurar em Juizo. Artigo 4º, toda a penhora ou execução sobre acções da sociedade, será em prompto reunida por qualquer dos socios e na sua falta a sociedade tomará sobre si, a solução, e a quantia soluta, sendo devidida pelos accionistas, será accumulada acada uma das acções. Artigo 5º, a Fabrica se acha estabelecida no lugar denominado "O Prata" da freguezia de Congonhas do Campo, por ser o mais proprio e rico de mineraes, segundo a escolha e approvação do socio Eschwge e debaixo da direcção do mesmo ou de quem o substituir, em conhecimento e intelligencia, e o terreno será comprado como de facto comprado foi e pago pelo Thesoureiro e Caixa da sociedade. Artigo 6º, a administração da Fabrica, será encarregada a um administrador geral, e a um Thesoureiro e caixa e a um feitor. Artigo 7º, será administrador Geral o outorgante Cel. Romualdo José Monteiro de Barros, por morar mais visinho a Fabrica e ser de reconhecido inteireza e probidade que terá o seu cargo as encombencias seguintes, etc."

E, como se vê, com onze mil cruzados, fortes, ou 33:000$ da nossa moeda, fundou-se uma sociedade para o estabelecimento duma grande fabrica de ferro que fornecia toda a Capitania de enxadas, picaretas, marretas, alavancas, brocas, canhões, finalmente, tudo quanto seria necessario á industria extractiva, agricultura e guarda da Capitania, de fórma que a sociedade progrediu duma maneira assombrosa, com a direcção do sabio Guilherme, barão d'Eschwge; quando este se retirou vendeu a sua acção por 700$ fortes ou seja nossa moeda 2:100$000.

O administrador geral, coronel Romualdo José Monteiro de Barros esteve á testa dos trabalhos da fabrica até 1843; neste anno arrendou o immovel e fabrica ao major Lucas Antonio Monteiro de Castro e em pouco tempo tudo desappareceu. Em 1856, já não havia mais nada da fabrica; só existiam grandes muros de pedras e signal das forjas, barras de ferro fundido, as paredes do palacio da residencia e as jazidas de ferro, que são de grande valor. Si os poderes publicos brasileiros tivessem a mesma prestesa na solução dos problemas administrativos do conde de Palma, talvez não tivesse morrido a industria siderurgica no nosso paiz.

FAUNA PREHISTORICA

O professor Barnum Brown acaba de enriquecer a collecção de animaes antediluvianos do Museu de Historia Natural de Nova York com uma quantidade de esqueletos desenterrados no Canadá e com os quaes poude reconstruir uns tantos *Dinosauros, Stegosauros, Hadrosauros, Tyranosauros* e não sabemos quantos mais da familia dos *sauros*, que abundavam neste mundo ha uns 3.000.000 de annos, segundo affirmam os sabios.

Uma das maiores curiosidades da collecção é o *Dinosauro com crista*, especie nova que se distingue da todas as outras encontradas em differentes partes do globo, por seus excepcionaes traços de estupidez.

Este exemplar tinha a particularidade de possuir um craneo enorme; mas a cavidade cerebral era insignificante e presume-se que teria contido apenas umas duas grammas de miolos. Outra originalidade deste bello exemplar da natureza prehistorica é a quantidade de dentes que possuia. Nada menos de 2.100, divididos em 70 fileiras de 30 dentes cada uma; 36 na mandibula superior e 34 na inferior.

Este *Dinosauro* mede 35 pés de comprimento da crista á cauda, e de pé, sobre as patas trazeiras, deveria ter a altura de 15 a 20 pés. Habitava nos pantanos e era uma mistura de amphibio, passaro e mammifero. O focinho apresenta a fórma de um bico de pato e o coiro — que parece ter-se encontrado muito bem conservado — estava revestido de escamas como as dos bacalhaos. O nome que se applicou a este novo typo foi o de *Corytosauros Casuarius*.

juntar outras, dando fórmas cada vez mais graves.

"A imagem escapa o alcance que têm essas "sommas" de diversas syphilis. Pelos novos conhecimentos que temos hoje sobre essa molestia, sabemos que o microbio nem sempre tem a fórma do espirocheta descoberto pelo saudoso Schaudinn. Ha periodo em que elles são uma especie de ovos, isto é, protegidos por uma camada exterior contra o medicamento. E do mesmo modo que em um gallinheiro um remedio só mataria as gallinhas e não os ovos, no organismo doente o medico nenhum resultado póde ter contra essa phase microbiana. Mas, apezar disso, em se tratando de "uma syphilis unica — o tratamento sendo sufficientemente prodigalisado, póde alcançar os microbios quando se transformarem.

Ora, quando em vez de "uma" forem "varias syphilis" — multiplicam-se as phases microbianas, multiplicam-se as difficuldades e vae vingando a crença de que a syphilis é incuravel, o que não é absolutamente verdade.

Dr. Nicoláo Ciancio.

O HABITO

MEDICO — As pauladas foram formidaveis, sim senhor! Admira-me que o meu amigo não esteja sentindo nada...

PACIENTE — Já estou habituado a isso, doutor; móro com um poeta.

toral de 1848, nem siquer se cogitou do voto feminino.

Parece que quem primeiro cuidou seriamente dos direitos politicos da mulher foi Stuart Mill, em discurso da Camara dos Communs, em 1867. Diz Duguit que o grande philosopho reclamara o direito de voto para as mulheres, não devendo continuarem ellas classificadas entre os loucos, os idiotas e as creanças, embora entendesse que se devia começar apenas por dar esse direito ás mulheres proprietarias e solteiras que pagassem impostos, em virtude do principio da lei ingleza: "não ha imposto sem representação".

Alphonse Bard affirma que ao ser votada a Constituição norte-americana, por poucos votos deixou de passar a emenda que dava direitos politicos á mulher. O governador de Massachussets recommendava abertamente, em 1872, o voto feminino. E, si a constituinte do grande povo da Norte America não adoptou o principio, foi porque as proprias mulheres protestaram contra esse movimento de galanteria. Ainda hoje, a União Norte-Americana não tem o voto feminino, apezar das mulheres pensarem agora diversamente e reunirem-se em congresso, annualmente, para obterem dos poderes publicos a votação da medida, defendida com calor pelo proprio presidente Wilson. Alguns Estados americanos, porém, já incluiram na sua legislação o direito da mulher ao voto. São elles os Estados de Wyaming, Colorado, Utah e Idaho. O de Washington já havia concedido á mulher esse direito, mas cassou-o. O de Kansas deu-lhe o voto apenas nas eleições municipaes. Os de Iowa e Montana permittem o voto feminino para as questões financeiras. Gosando do direito de voto, as americanas desses Estados não podem ser eleitas para a Camara e o Senado, mas servem no jury e podem ter cargos electivos municipaes.

Ha trinta annos que o voto da mulher foi adoptado em Estados norte-americanos, sem repercussão sensivel nos outros povos. Poucos paizes incluiram, na sua legislação, essa medida. A Russia, em 1906, sanccionou a lei que dá o direito de voto ao homem e á mulher com 24 annos de edade, na Finlandia, podendo ainda a mulher ser eleita. Assim, o art. 5° da lei organica do "Landtdag" diz textualmente: "Tem direito de tomar parte nas eleições para o Landtdag todo cidadão finlandez, homem ou mulher, tendo attingido a edade de 24 annos antes da eleição." O art. 6° da lei diz ainda que todo eleitor é elegivel, mas poucas mulheres têm sido eleitas, embora tomem parte muito activa na politica. Votada a lei em 1906, foram eleitas 18 mulheres em 1907 e 25 em 1908, metade das quaes casadas e mães de familia, segundo conta Mlle. Pearsinem num livro que Léon Duguit citou.

Na Dinamarca, a lei de 20 de abril de 1908 instituiu o suffragio feminino nas eleições municipaes. Na Noruega, a lei de 1 de julho de 1907, deu á mulher o direito de votar, reformando, neste ponto, a constituição, que é de 1814, com 102 annos de existencia, e que no art. 50 não dava ainda o direito de voto á mulher noruegueza. Ella o adquire hoje aos 25 annos completos, sendo domiciliada no paiz deste cinco annos antes, ali residindo e pagando ao Estado ou á Communa impostos calculados sobre uma avaliação de renda de 400 coroas pelo menos nas cidades e de 300 coroas no campo o vivendo em communhão completa ou parcial com um conjunto que pague taes impostos. Calcula-se que existam 300 mil norueguezas com direito ao voto. Para ser elegivel, a mulher devia ter 30 annos, residir na Noruega desde dez annos e ser eleitora do districto. Uma lei de 11 de junho de 1913 collocou a mulher eleitora em pé de egualdade ao homem.

Na Australia, antes mesmo da Constituição federal de 1892, já existia o suffragio feminino: a mulher era eleitora e elegivel na Australia Meridional (1894) e na Occidental. Depois da confederação, o suffragio feminino foi ainda introduzido: na Nova Galles do Sul, em 1902; na Tasmania, em 1903; em Queensland, em 1905. No Estado da Victoria é que o voto feminino tem sido sempre repellido pela Camara alta, embora adoptado por vezes na Camara baixa. Sendo eleitoras, as mulheres australianas não são elegiveis ao parlamento.

Na colonia ingleza da Nova Zelandia, a mulher vota desde o anno de 1893 e quatro cadeiras do parlamento são reservadas aos homens e mulheres indigenas da raça dos Maoris, segundo Dareste.

As mulheres das outras raças, tendo direito ao voto, não podem ser eleitas para a Camara, mas são eligiveis para os cargos municipaes. Conta Duguit que á iniciativa feminina se deve, na Nova Zelandia, a lei contra o alcoolismo; e na Australia, as leis de protecção aos operarios, aos velhos e ás creanças. A mulher elevou muito o nivel moral no parlamento australiano.

Antes da guerra, em 1913, a Inglaterra discutiu com calor o suffragio feminino. Os partidos inglezes e o proprio gabinete ministerial estavam trabalhados por correntes favoraveis ao voto da mulher. Dos ministros, Asquith, Mac Kenna, Pease, Harcourt, Samuel, Hobhouse, lord Crewe e o coronel Seely eram os que se oppunham á concessão dos direitos politicos á mulher, achando-se do lado opposto sir Edward Grey, lord Morley, lord Haldane, lord Beauchamp, Lloyd George, Birrell, Buxton e Runciman, acompanhados pelos opposicionistas Bonar Law, Balfour, Lyttleton e Wyndam, egualmente partidarios do voto feminino.

de e de sociabilidade que ella mais directamente representa." E mais adeante: "Não devemos emprestar ás mulheres aptidões que ellas não têm: a mulher revelou-se sempre balda de qualidades praticas, ao passo que brilhou sempre pelos attributos moraes. Querer dar-lhe funcções das quaes, pela sua natureza ella esteve sempre afastada, é pretender corrigir a obra da natureza."

O segundo adversario da idéa foi o Sr. Epitacio Pessoa, deputado pela Parahyba. O terceiro, Sr. Barbosa Lima, sem negar á mulher capacidade para o exercicio do direito do voto, antes reconhecendo capaz do mais arrojado commettimento e mesmo mais sagaz do que o homem, opinou contra a emenda para que se não distraisse a mãe de familia dos seus deveres no lar e para que se não tirasse á estabilidade da familia a sua unica base. O quarto, Sr. Lacerda Coutinho, lembrou a recusa da Assembléa Franceza de 1789, á concessão do voto á mulher — idéa ali recebida até com chufas e motejos, apezar dos esforços de Condorcet — opinando que as proprias mulheres não quereriam acceitar esse favor que poderia amesquinhal-as e fazel-as descer da altura em que se acham collocadas, da esphera serena de mães de familia para o lodaçal das tricas eleitoraes. E o Sr. Lacerda Coutinho apegou-se ainda ao argumento de ordem physiologica, declarando ser o organismo da mulher muito diverso do do homem, com funcções delicadas e melindrosas capazes de ser perturbadas seriamente por qualquer susto ou excitação, trazendo isso consequencias funestas.

A emenda caiu por grande maioria, não tendo havido mesmo contagem de votos. O Sr. José Bevilaqua, deputado cearense, fez declaração escripta de voto contrario, julgando que o voto feminino "seria o rebaixamento do alto nivel de delicadeza moral em que sempre devem pairar aquellas que têm a sublime missão de formar o caracter dos homens pela educação dos filhos e pelo aperfeiçoamento moral dos maridos." E accrescentou: "Ser mãe de familia, desempenhando cabalmente todas as suas delicadas funcções é muito mais digno, muito mais nobre e de muito mais benefica e effectiva influencia social do que quantos titulos profissionaes, scientificos ou eleitoraes caibam aos homens."

Outra declaração de voto contraria á emenda foi a do Sr. Almeida Nogueira, para ser coherente com o seu discurso, no qual sustentara estar na lei, implicitamente, o direito do voto ás mulheres.

Na segunda discussão do projecto de Constituição, o Sr. Saldanha Marinho renovou a emenda, dando desta vez direito de voto tambem ás mulheres que exercessem cargos publicos. O Sr. Serzedello Corrêa, que, num aparte ao Sr. Zama, parecia ter-se declarado favoravel á idéa, falou contra pelo simples motivo da "conservação da familia e da estabilidade social", não querendo jogar a mulher no meio das paixões politicas e das lutas da industria, para não tirar-lhe essa santidade que é a sua força, essa delicadeza que é a sua graça, esse recato que é o seu segredo".

Deante do receio, constantemente manifestado, de desorganisar a familia, os deputados Srs. Zama e Sá Andrade propuzeram que as "mulheres casadas" fossem privadas do voto. E foi então que surgiu na tribuna da Constituinte a figura do velho deputado mineiro Costa Machado, que se tornou, dahi por deante, o principal defensor do voto feminino. Pronunciou elle um longo discurso no sentido das suas idéas, combatidas pouco depois pelo deputado Pedro Americo, o pintor parahybano, que se revoltou contra o intuito de "arrastar para o turbilhão das paixões politicas a parte serena e angelica do genero humano, pois que a missão da mulher é mais domestica do que publica, é mais moral do que politica."

O Sr. Zama resolveu então apresentar emenda dando tambem direito de voto ás casadas, mas só ás casadas que dirigissem estabelecimentos commerciaes, agricolas ou industriaes, que exercessem o magisterio e cargos publicos e que tivessem titulo literario ou scientifico por qualquer dos estabelecimentos de instrucção publica da União ou dos Estados No seu novo discurso de defesa do voto feminino, o deputado bahiano tornou a frisar que era velho e que não pretendia fazer ruido em torno do seu nome para agradar ás mulheres: estava convencido de que a desorganisação da familia não se daria e mantinha o seu voto.

E as emendas foram todas regeitadas, sem uma votação nominal que deixasse aos curiosos dos documentos archivados uma lembrança do numero de deputados e senadores constituintes partidarios do voto feminino.

Resta á mulher a interpretação dada pelo Sr. Almeida Nogueira á Constituição e ás leis eleitoraes — a de que quando falam em "eleitores", sem accrescentar "do sexo masculino", não excluem a mulher. Póde ser feita a experiencia, requerendo uma senhora a inscripção do seu nome no alistamento e recorrendo ao judiciario no caso de ser-lhe negada essa inscripção. Ou isso... ou uma manifestação qualquer á moda Pankhurst, com a "greve da fome" e outras consequencias...

Agenor de Roure.

TRIPTYCO

DE MANHÃ

Guanabara ainda dorme... Respeitoso,
O sol não quiz interromper-lhe o somno;
Por trás dos véos, enamorado esposo,
Fica a vel-a em seu languido abandono.

Mas, cansado afinal daquelle goso,
Do alto de um serro azul, como de um throno,
Manda-lhe um beijo quente e luminoso,
Que rompe a bruma da manhã de outono.

Eil-a desperta... Um zéphiro arrebata
O amplo lençol de gaze que a envolvia
E, a rir, desnastra o seu cabello louro. .

Em vão com a espuma a bella se recata,
E o céo, que a espelha, vendo-a nua e fria,
Cobre-a de um manto azul borlado de ouro.

AO MEIO DIA

Emmoldurado em serros verde-escuro,
Cortados de nervuras de granito,
De Guanabara arqueja o seio puro
A' crua luz que desce do infinito.

A cidade, a fumar como um monturo,
Emitte um surdo e interminavel grito;
O Pão-de-Assucar, carunchoso e duro,
E' como o altar de um fabuloso rito.

Sondando a lampejante tremulina,
Movem lentas as rémiges cortantes
As tristonhas e esguias procellarias.

E manchando a amplidão esmeraldina,
Negras ilhas hirsutas e distantes
Dormem na paz das coisas solitarias.

A' TARDE

No regaço da linda Guanabara
A tarde cáe, divinamente belta;
Todo o Levante é de faiança clara;
Do poente acaba em franja de ouro a téla.

E' de saphira escura a lympha amara
Por onde um barco enfuma á brisa a véla,
E eu, todo entregue a uma lembrança cara,
Vou seguindo-o com os olhos, da janella.

E pouco a pouco, sem que eu saiba como,
Funda tristeza o coração me invade;
Nas mãos a fronte scismadora tomo...

Como é serena e pura a immensidade!
Brilha uma estrella no celeste domo...
Molha-me a face o orvalho da Saudade.

(Desenho de Vasco)

ANTONIO SALLES.

ALMANAK DA "A NOITE" — MARÇO — PARA 1917

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	8	18.58	Apogeu	5	11.09
Ming.	16	9.33			
Nova	23	1.05	Perigeu	21	6.02
Crescente	30	7.36			

3º MEZ
31 DIAS

O Sól em Aries a 21 as 1 h. 37 m. (Equinocio, começa o outomno.)

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	Phenomenos diversos Datas	Horas	
1	Quinta	Tempo	S. Adrião M.	5.49	18.21	1	23	Mercurio em conj. com a lua
2	Sexta		Temp. A lan.e os cr.N. S.	50	20	3	8	Venus no aphelio
3	Sabbado	variavel	Temp. S. Conegundes V.	50	19	3	19	Saturno em conj. com a lua 0' 47° N
4	Domingo		(Rev.) S. Thomaz A.	51	18	4	12	Neptuno em conj. com a lua 1° 3' N
5	Segunda		S. Theophilo	51	17			
6	Terça	Claro	S. Olegario	52	17	6		Mercurio em conj. com C do Aqua. 0° 1' N
7	Quarta	e	Stas. Perpetua e Felicid.	52	16			
8	Quinta	quente	S. João de Deus	53	15			
9	Sexta		O Sag. Sudario de N. S.	53	14			
10	Sabbado		S. Militão	53	13			
11	Domingo	Calor	S. Candido	54	12			
12	Segunda		S. Gregorio (Dr.)	54	11			
13	Terça	suffo-	S. Rodrigo	55	10			
14	Quarta		Trans. de S. Boaventura.	55	09			
15	Quinta		S. Louguinhos	55	08			
16	Sexta	cante	As cinco chagas de N. S.	56	07			
17	Sabbado		S. Patricio Ap.	56	06	17	1	Mercurio na sua max. lat. heliocent. S
18	Domingo		S. Gabriel Archanjo	57	05	18	6	Mercurio em conj. com Venus 0° 44' S
19	Segunda		S. José esp. de N. S.	57	04	19	22	Urano em conj. com a lua 3° 52' S
20	Terça		S. Martinho Dumiense	57	03	22	2	Venus em conj. com a lua 6° 40' S
21	Quarta	Trovoa-	S. Bento Ab.	58	02	22	6	Mercurio em conj. com a lua 7° 13' S
22	Quinta	das e	S. Ambrosio	58	01	22	9	Marte em conj. com a lua 6° 12' S
23	Sexta	chuvas	O Precioss. Sang de N. S.	58	01	23	17	Mercurio em conj. com Marte 0° 56' S
24	Sabbado		Instit. do SS. Sacramento	59	00	25	4	Jupiter em conj. com a lua 5° 51' S
25	Domingo	continua	Paixão. Annun. de N. S.	59	17.59	25	15	Venus em sua max. lat. helioce n. S
26	Segunda	o	S. Braulio B.	59	58			
27	Terça	tempo	S. Roberto	6.00	57			
28	Quarta	calido	S. Alexandre	00	56	29	2	Mercurio em conj. sup. com o Sol
29	Quinta		S. Jonas e seus comp. M.	01	54	30	17	Venus em conj. com Marte 0° 39' S
30	Sexta	Chuvas	As Dores de N. Senhora.	01	54	31	1	Saturno em conj. com a lua 1° 1' N
31	Sabbado	geraes	St. Anselmo M.	01	53	31	19	Neptuno em conj. com a lua 1° 15' N

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 21 a 31

O céo no dia 15 de Março ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Semeiam-se o trigo, a cevada, o centeio e a aveia, podendo-se com vantagens prolongar até meiados de Maio a época da semeia desses cereaes.

Varios vegetaes de horta, cenoura, alfaces, ervilhas e outros de curta vegetação.

Preparam-se nas hortas os canteiros que tiverem de receber mudas transplantadas dos viveiros.

Os repolhos devem todos ser mudados este mez. Nas culturas permanentes como cafesaes, vinhedos e outras faz-se uma escarificação geral para que a terra possa absorver e reter a agua das ultimas chuvas.

Em algumas hortas mineiras ainda se colhem marmellos, abacaxis e mangas.

sóes, seus planetas, seus homens, sua vegetação.

Um e outro Universos, o primeiro apezar da sua grandeza incomprehensivel; o segundo apezar de sua grandeza incommensuravelmente pequena, si nos fôr permittida esta arrojada, mas significativa expressão, são possiveis, faceis mesmo, á Omnipotencia Suprema do Creador e dominador de tudo.

A figura seguinte representa a posição da Terra na eclyptica: o Sol occupa o centro; em volta do Sol representamos a Terra nas doze posições que occupa no primeiro dia de cada mez; o circulo que passa por essas differentes posições da Terra é a eclyptica e a flecha indica o sentido do movimento, sentido inverso aos das agulhas de um relogio.

Em volta da eclyptica distribuimos as 12 constellações zodiacaes, que nos pódem servir de referencia para achar as outras; tambem marcámos, exteriormente a estas constellações, as horas de ascenção recta.

Procuremos a posição da Terra em 1 de abril na parte inferior da figura: quem da Terra olhasse para o Sol, havia de vel-o na constellação dos Peixes, como se deprehende logo da figura, levando uma linha da posição da Terra em abril até o Sol e prolongando até o circulo exterior, onde está escripta a palavra Peixes.

A' meia-noite o observador está voltado para o lado opposto ao Sol em consequencia da rotação diurna do Globo; tem no meridiano a constellação da Virgem, a léste o Scorpião e a estrella Antares, e a nordéste Regulo, (Alpha do Leão), e mais longe, no horizonte, os Gemeos, Castor e Pollux.

Si nos referirmos á linha recta que do Sol conduzimos até o circulo exterior, veremos que o astro luminoso está no dia 1 de abril a um pouco mais de 30 minutos de ascenção recta.

Lancemos a vista sobre o planispherio a léste e procuremos a posição do Sol em 1 de abril; vamos achal-o na constellação dos Peixes e a pouco mais de 30 minutos de ascenção recta, exactamente como deviamos vel-o da posição da terra no dia referido.

A meia-noite do mesmo dia, é o meridiano das 12 h. e 30 m. que passa pelo meridiano do observador; a estrella Antares, a Espiga e o Leão Menor já se approximam do meridiano e Orionte e os Gemeos vêem-se no occidente.

Comprehendido o que acabamos de expor, tambem ficam comprehendidas as outras 11 posições do Sol na eclyptica, que se vêem no planispherio.

De 1 de abril a 1 de maio a Terra adeantou-se na eclyptica 30 gráos proximamente. A' meia-noite de 1 de maio já o observador vê a Espiga um pouco a NE do que via um mez antes; parece-lhe, portanto, que a estrella (assim como toda a abobada celeste) andou 30° de léste para oéste no espaço de um mez.

Ao meio-dia deveriamos ver o Sol na constellação do Carneiro a 2 h. e 30 m. de ascenção recta.

Um mez depois (1 de junho) Antares está um pouco a SE ás 21 horas e o Boeiro no meridiano, o Sol anda na constellação dos Gemeos.

Em 1 de agosto Altair acha-se á meianoite a NE e o Sol no Cancer.

Em 1 de setembro o Sol entrou na constellação do Leão, Altair descamba no firmamento, o Scorpião e sua estrella principal, Antares, somem-se abaixo do horizonte.

Em 1 de outubro o Sol está na constellação da Virgem; já apparecem no oriente o Peixe Voador, Eridano, Phenix e Dourado e a NW a Aguia com Altair, a Lyra e o Cysne.

Em 1 de novembro o Sol entra na constellação da Balança.

Em 1 de dezembro, Aldebaram, o Cocheiro, Orionte, com as suas estrellas principaes, Rigel e Betelgueze e Bellatriz; scintillam Mira Cœli no meridiano e no horizonte Sirius e o Cruzeiro; a NE as constellações de Perseo, Cocheiro e o Carneiro; a SW o Indio, o Pavão, o Sagittario e o Peixe Austral e uma multidão de estrellas que enchem o firmamento do coro luminoso em que celebram a grandeza da Creação e o Nascimento jubiloso do Creador.

Os mesmos Céos cantam a gloria de Deus. E' neste mez que o Sol passa pelo Scorpião.

Em 1 de janeiro o Sol está proximo a sair do Sagittario. No quadrante NE os Gemeos hão de elevar-se no céo e mais o Touro, o Cão Menor, o Carangueijo, o Cocheiro, Orionte e Perseo.

Em 1 de fevereiro ainda reinam no céo Sirius e a SE Orionte e suas companheiras. O Sol está a sair do Capricornio para entrar no Aquario.

A 1 de março Sirius e Orionte a NW começam a despedir-se de nós e pouco se demoram no firmamento depois do occaso do Sol. Está no meridiano Argos e a Oitante, e a NE nos apparece a Cabelleira de Berenice e a Espiga da Virgem, vindo do oriente que lhe deu o berço e dirige-se para nós acenando com a sua brilhante espiga para nos annunciar o começo do Outomno e a proxima semeia dos cereaes em maio.

Fantasia satyrica em 2 actos, de JULIÃO MACHADO

(Cedida gentilmente ao «Almanak da A NOITE»)

PERSONAGENS

DR. BETTMANN DA SILVA
LIBORIO D'OLIVEIRA
LOPES
O HOMEM DO FUTURO
DR. NECROPHILO
DR. COVAS
LEONIDAS
BALTHAZAR DE SOUSA
REPORTER DO INSTANTANEO
D. CARLOTA
D. JUSTINA
ALICE

Salão de espera, no consultorio do Dr. Bettmann da Silva. Janellas ao fundo. A' direita e á esquerda portas. A da EA dá para o gabinete do laboratorio do Dr. Bettmann; a da DA para a escada que communica com a rua. Sofás, poltronas, consolos, etc. Entre as portas da D um movel com gavetas. Sobre um outro movel, perto da porta DA, um despertador vulgar, nickelado. Ao pé do movel degavetas, uma pequena mala-mostruario, com correia para ser posta a tiracólo. Pelas paredes mappas anatomicos, etc.

ACTO I

SCENA I

Leonidas, Balthazar, Lopes, Liborio, D. Justina, D. Carlota, Alice e outros clientes, de ambos os sexos, que vão saindo, durante o dialogo da 1ª scena. Ao levantar o panno as senhoras conversam, sentadas, em grupos. Algumas

graça ao caso, fez-me sentar em frente d'um apparelho com o feitio d'um binoculo, chegou-m'o bem aos olhos; ligou-me a uma poltrona complicada, com umas correias muito grossas que afivelou com toda a força e, de repente... zás!

D. CARLOTA (*Num grito*) — Cruzes!...

D. JUSTINA — Até me arrepio toda!

ALICE — E depois?

BALTHAZAR — Dahi a meia hora, quando voltei a mim, o doutor apresentou-me um espelho... Pois, senhores, talvez não acreditem, mas dou-lhes a minha palavra d'honra que é verdade: eu tinha os olhos tão negros, tão negros, que, ao principio, nem os vi!...

D. CARLOTA — Até parece bruxaria!...

LIBORIO — E' a sciencia allemã! Ah! E' o primeiro povo do mundo! O resto, cantigas e invejas!... E' por isso que sou e hei de ser sempre germanophilo, digam o que disserem! (*Todos tossem discretamente para disfarçar o effeito da affirmação*). Pódem tossir á vontade! Não sou mal agradecido!

LOPES (*Meio vexado*) — Quando se trata da saude não se póde olhar a politicas!...

BALTHAZAR — Demais, a sciencia é como a arte, não tem patria!

LIBORIO — Isso dizia-se da sciencia antiga! A sciencia moderna tem-n'a! E' a patria do professor Ostwald e do Dr. Bettmann, que fez, em mim, o que ainda nenhum outro sabio fez em ninguem!

LEONIDAS — Mas, tambem, a coragem de V. S. foi extraordinaria!

LIBORIO — Joguei a vida n'uma cartada! Ou sim, ou sôpas! Todos me diziam que não escapava!... Sou assim! Ou vae ou racha!... Mas tenho a satisfação de poder dizer que concorri para a maior, a mais retumbante operação do Dr. Bettmann!

D. JUSTINA — A operação mais difficil do doutor não foi a trepanação n'um maluquinho, que, depois, chegou a ser ministro d'Estado?

LIBORIO — Não, senhora! O meu caso é mais extraordinario! (*Pausa. Attenção geral*) Quando eu vim consultar o doutor, tinha apenas uma vigesima parte do pulmão esquerdo em estado razoavel. Agora, felizmente...

D. JUSTINA — Tem ambos curados?

LIBORIO — Não, senhora! Não tenho nenhum!

TODOS — Nenhum?!...

LIBORIO — Nenhum!

ALICE — O senhor não tem pulmões?!

LIBORIO — Não uso! Desfiz-me dessas futilidades!...

D. JUSTINA (*Assombrada*) — Ora essa!... Futilidades?!...

LIBORIO — Aqui, onde me vêem (*batendo no peito tres pancadas, que o bombo accentua com força*) tenho a caixa thoraxica completamente vazia de miudezas!

D. CARLOTA (*Maravilhada*) — E por fóra, ninguem o dirá!...

D. JUSTINA (*estarrecida*) — Mas... o coração?

LIBORIO — Tambem não uso! Quando me abriram sobre a mesa das operações, o Dr. Bettmann achou que eu tinha um coração enorme, immenso, e, para me tornar forte do corpo e da alma, evacuou-me a caixa thoraxica completamente!

ALICE — E dá-se bem assim?

LIBORIO — Esplendidamente!

D. CARLOTA — Não sente nada?

LIBORIO — Nada, a não ser uma certa alegria, confesso, quando os telegrammas annunciam o torpedeamento d'um vapor de passageiros, a mu-

Leonidas, tem ahi um phosphoro? (*Accende o cigarro que traz entre os dedos*) Obrigado! (*A todos*) Dentro de dez minutos, "o Instantaneo" desvendará o mysterio! Que furo!... Que successo!... (*Dando uma palmadinha no hombro de Leonidas*) Obrigado, Leonidas! Até logo!... (*sae apressadamente*).

SCENA III

Os mesmos, menos 1º reporter

D. JUSTINA (*a Leonidas*) — Que é? Que é?

D. CARLOTA — Diga, Sr. Leonidas!

D. JUSTINA — O senhor revelou o segredo a um reporter, que é a cousa mais linguaruda deste mundo e faz mysterio comnosco!...

ALICE — Si daqui a dez minutos o jornal conta tudo, não sei para que servem tantos segredos!

LEONIDAS — Um pouco de paciencia! (*Sobe a espreitar pela porta do gabinete que entreabre cautelosamente*) Oh!... Oh!... E' assombroso!... Ninguem acredita!... (*Fechando a porta e fazendo descer as figuras, que subiram, cheias de curiosidade pelo seu espanto*) Admiravel!... Maravilhoso!...

TODOS — Que é? Diga lá! Que é?

LEONIDAS (*Passando a mão pelos olhos*) — Parece um sonho!...

BALTHAZAR — Homem acalme-se! Você viu o diabo!...

LEONIDAS — E é que parece, mesmo, obra do demonio! Esperava tudo, menos uma cousa assim, tão perfeita!...

LOPES — Que é?

LIBORIO — O doutor falou-me, uma vez, num sôro que torna qualquer pessoa invisivel...

LEONIDAS — Já o descobriu ha muito tempo! Mandou-o ao kronprinz! Era uma bagatela, comparado com o que elle agora conseguiu! Trata-se de cousa muito superior! Muito mais importante.

D. JUSTINA — Ainda mais importante do que tornar uma pessoa invisivel?!...

LEONIDAS (*em confidencia*) — O Dr. Bettmann, neste momento... Mas vejam lá, não me compromettam!... E' verdade que daqui a pouco todos o saberão!...

D. CARLOTA — Ande, homem, fique descansado!...

LEONIDAS — O doutor está fazendo... (*toque de campainha do telephone*). Com licença! Um momento!... (*corre ao apparelho*).

ALICE — Estupido telephone!...

LOPES — Só funcciona bem nestas occasiões!

LEONIDAS (*Ao apparelho*) — Allô, allô... Prompto!... Consultorio do Dr. Bettmann da Silva. Ah! é o Sr. Dr. Necrophilo?... Perfeitamente! O Sr. Dr. Covas tambem recebeu aviso. Vêm juntos? Immediatamente? Muito bem! O Sr. Dr. Bettmann espera por VV. EEx. com impaciencia. Até já, senhor doutor. (*Colloca o phone e vae subir*).

D. JUSTINA (*segurando-o*) — Diga lá, depressa!...

LEONIDAS — Vou avisar o doutor da vinda dos dous collegas a quem quer communicar, já, a maravilhosa descoberta.

D. CARLOTA, ALICE, BALTHAZAR e LOPES — Que é? Que é?

LEONIDAS — O doutor está realisando a maior maravilha da sciencia! A maior ambição de toda a sua vida!... A cousa mais inacreditavel de todos os seculos passados e futuros!...

D. JUSTINA — O' homem, desembuche, que já me estou sentindo agoniada!...

LEONIDAS — Está concluindo... um homem! (*Momento de assombro geral*).

ALICE — Um quê?

LEONIDAS — Um homem!

TODOS — Um homem?!...

LEONIDAS — Sim, minhas senhoras e meus senhores!... Um homem! Um ho-mem!... Um cidadão!... Um mortal!...

D. JULIETA — Vivo?

LEONIDAS — Perfeitamente!

D. CARLOTA — De carne e osso?

LEONIDAS — Como qualquer de nós! (*silencio geral de pasmo*).

LOPES — Bom, amigo Leonidas! Para gracinha já basta! Diga lá, a serio, de que é que se trata?

LEONIDAS — Não é graça, Sr. Lopes! Estou falando muito a serio! Dou-lhes a minha palavra d'honra!... (*momento de silencio geral*).

ALICE — Um homem que anda pelo seu pé?

LEONIDAS — Si andasse pelos pés dos outros, não valeria a pena tanto trabalho!

BALTHAZAR — Um homem capaz de trabalhar e de pensar?

LIBORIO — E de pagar 36 °|° de juro, ao anno?

LEONIDAS — Capaz até de não pagar cousa nenhuma, como o senhor e eu!... (*Pequeno silencio*).

LOPES — Que progresso!

D. JUSTINA — Que commodidade!... Podemos ter os filhos já crescidos, sem amolações!...

da, tendo, aliás, tudo isso em myriades, porque tem tudo em cada cellula!

DR. NECROPHILO — Simplissimo!

DR. COVAS (*enthusiasmado*) — Simplicerrimo!... Simplicerrimo!...

DR. BETTMANN — Acabaram-se, portanto, os estados morbidos, fataes ao individuo total! A tuberculose, o typho, a neurasthenia, etc., etc., etc., perderam a violencia despotica, porque a sua força disseminar-se-á por cada cellula, que é, como já lhes disse, um organismo completo e independente. Uma cellula adoece? Ou é curada e permanece, ou morre e é retirada e substituida!

DR. COVAS — Bravo!

DR. NECROPHILO — Não lhe disse? E' o ovo de Colombo!...

DR. COVAS — Inteirinho!...

LEONIDAS (*descendo da EA, ao Dr. Bettmann*)— Está tudo prompto!

DR. BETTMANN (*a Leonidas, vivamente*) — Falou? Disse alguma cousa?

LEONIDAS — Pediu champagne!.

DR. BETTMANN (*visivelmente satisfeito*) — E os movimentos?

LEONIDAS —Move muito as mãos. Abre-as e fecha-as constantemente, como si quizesse apossar-se d'alguma cousa...

DR. BETTMANN—(*vendo o relogio*) — Só daqui a dez minutos começará o funccionamento completo! (*Aos collegas*) Si querem dar-se ao incommodo...

DR NECROPHILO — Com o maior prazer! (*Vendo o relogio*) Embora só possamos dispor d'alguns minutos...

DR. COVAS — Estou cheio de curiosidade! (*sobem conversando, acompanhados de Leonidas*).

SCENA VI

Os mesmos, menos os tres sabios e Leonidas, que fecha a porta por dentro.

D. JUSTINA (*Agitação de curiosidade*) — Só vendo!... Só vendo com estes olhos!...

ALICE (*que subiu, suppondo que Leonidas deixaria a porta entreaberta*) — Como será? Louro? Moreno? Estou com uma curiosidade!...

D. JUSTINA — Louro!... Lourinho e de bigode rapado!...

LIBORIO — Lá fazer a figura, o corpo, francamente, não acho grande maravilha! Os esculptores não vivem d'outra cousa!

LOPES — Nem as amas de leite!...

LIBORIO — Mas o sopro! Dar-lhe o sopro! Só a grande sciencia!

D. JUSTINA — Ah! o sopro é que deve ser difficil!...

LIBORIO — E' um quináo formidavel na Biblia!...

D. CARLOTA — Por que?

LIBORIO — A Biblia affirma que o homem foi feito de barro. Ora, o doutor arruma-lhe com um, logo feito de carne e osso, muito mais aperfeiçoado! E ainda ha quem negue a superioridade da sciencia allemã!

LOPES — Agora, realmente, seria preciso estar de muito má fé!...

SCENA VII

Os mesmos, Dr. Bettmann, Dr. Necrophilo e Dr. Covas

DR. NECROPHILO (*abraçando ao Dr. Bettmann*)—Felicito-o, meu caro Bettmann, com toda a minha admiração! E' um triumpho que vae assombrar o mundo!

DR. COVAS — Estou maravilhado!... Não contava com um resultado tão completo! E' estupendo!...

DR. NECROPHILO — O seculo XX marcará na historia universal a conquista mais assombrosa do homem sobre a natureza! (*Dr. Bettmann agradece sorrindo sempre. Os seus olhos são agora mais vivos. Apertos de mão, abraços e os dous sabios saem, succumbidos de admiração*).

LIBORIO — Victoria completa! Parabens doutor! (*Abraça-o*).

DR. BETTMANN — Foi um exame rapido... Não tiveram tempo... O funccionamento geral só se normalisará ao fim d'algum tempo...

BALTHAZAR — Mas vão enthusiasmadissimos!... (*Da EA ouvem-se berros*).

O HOMEM DO FUTURO — Posso fazer uma pergunta?

DR. BETTMANN — Quantas quizer.

O HOMEM DO FUTURO — A que horas se come, cá em casa?

DR. BETTMANN — Tem razão (*Duma caixinha de pilulas tira uma, que dá ao H. do F.*)

O HOMEM DO FUTURO — Que é isto?

DR. BETTMANN — Um comprimido do pão KK.

O HOMEM DO FUTURO — Com manteiga?

DR. BETTMANN — Sem manteiga. Como alimento, a manteiga é uma substancia exageradamente... aleatoria! E' bom não contar com ella!

D. CARLOTA (*ao doutor*) — Dá-me licença? (*Indica o H. do F.*)

DR. BETTMANN—Que deseja, minha senhora?

D. CARLOTA—Dá-me licença que o apalpe?

D. JUSTINA — Ia pedir isso mesmo! Estou com uma curiosidade!...

DR. BETTMANN—Pois não!

D. JUSTINA — (*apalpando o braço do H. do F.*) —Que braço! Que musculos!... E' aço puro!...

D. CARLOTA—(*apalpando o outro braço*) —Ninguem dirá que veiu hoje ao mundo!

D. JUSTINA — Parece um sonho!... Quando estiver mais desenvolvido... vae ser um gigante!... Nem o proprio Samsão!

DR. BETTMANN (*Ao H. do F.*) — Bem! Sente-se! Agora, levante-se! Torne a sentar-se. Torne a levantar-se!

O HOMEM DO FUTURO (*Sem se erguer mais e de máo humor*) — Isso, agora já é abusar! Creio que o senhor não vae exigir de mim a passividade de um manequim, d'um titere, um fantoche!... (*Attitude de revolta insolente*).

BALTHAZAR — Cebo! Tem máo genio!...

LOPES — O mocinho não é para graças!...

DR. BETTMANN (*Esfregando as mãos de contente*) — A desobediencia!... A rebeldia!... A qualidade mais instinctiva do homem feito de barro pelo Creador, á sua imagem e semelhança!... A imitação saiu-me muito mais perfeita do que eu esperava! Vou já cural-o disso, porque, meu caro amiguinho, a desobediencia e a rebeldia são a origem das peores desventuras do homem! O rebelde é sempre um doente. Soffre da mania da liberdade! E' muito perigoso numa sociedade bem constituida! Mas isso cura-se facilmente! (*Doutra caixa tirou uma pilula que lhe dá*).

LIBORIO — Si não é indiscreção, doutor, que é isso?

DR. BETTMANN — E' um concentrado da Kultura, com K, do general Von Bernhardi. Contém noventa e cinco por cento de principios disciplinares.

O HOMEM DO FUTURO (*Um momento depois de tomada a pilula, ergue-se humiide, e, com vigor, mas sem enthusiasmo, como disciplinarmente*) — *Uber alles! Uber alles! Uber alles!* (*O doutor dá signaes de satisfação*).

D. JUSTINA — Que disse elle?

LIBORIO—*Uber alles*, minha senhora! Quer dizer: *acima de tudo!*

D. CARLOTA—Ah! E isso que significa?

DR. BETTMANN (*Ao H. do F.*) — Vamos, explique a estes senhores...

O HOMEM DO FUTURO (*Como dizendo a lição*) — *Uber alles*! acima de tudo! — é a expressão modelar do orgulho patriotico da raça eleita de Deus! E' o grito dominador do patriotismo fanatico, que todos os povos do universo adoptarão sem escrupulos, num futuro breve, porque todos se julgarão com o direito de affirmar que são elles os unicos eleitos de Deus!... Cada patriota applical-o-á exclusivamente ao seu paiz. O chinez dirá: — A China acima de tudo! O sueco — A Suecia acima de tudo! O russo — A Russia acima de tudo!, etc., etc. E como as nações são constituidas por individuo, cada individuo dirá: — Eu, acima de tudo!...

ALICE — E as mulheres, tambem?

O HOMEM DO FUTURO — Tam-

donha, comprehende, necessito dalguma cousa em que occupe a attenção... Si me curo da neurasthenia, fico sem ter mais nada em que pensar!... Mas o doutor arranja-me uma creaturinha dessas e palavra de honra que me curo!

D. CARLOTA (*a D. Justina*) — Si elle fizesse generos de encommenda, pedia-lhe um!

ALICE — Ah! não, mamã! Não pense nisso! Deixe ver, primeiro, os que elle vae por em circulação!

DR. BETTMANN (*A Lopes*)—Perfeitamente! Traga-me todas as indicações.

LOPES — Que indicações?

DR. BETTMANN — De como a quer. Loura ou morena? Alta ou baixa? Magra ou reforçada? Alegre ou sentimental? Porque resolvi applicar ao outro sexo um pouco de sentimento, de poesia... Não muita, apenas para o contraste...

LOPES—Admiravel, admiravel!... Vou pensar nisso esta noite!... Uma figurinha graciosa, affavel, de trazer por casa, suave e pacatinha, um pouco "genero mãe de familia"... Não me agradam as imponencias classicas das Venus, nem das Junos, que dão muito na vista!... O meio termo... O typo da Ema Pola, por exemplo!... Hãn?... Que diz?... Será facil?...

DR. BETTMANN — Vou fazer o possivel!

LOPES — Mas veja lá, doutor, lembre-se da minha neurasthenia. Pelo amor de Deus, não se engane com a outra!

DR. BETTMANN — Que outra?

LOPES — A de Sousa!...

DR. BETTMANN — Ah! Socegue! (*Subindo ao H. do F.*) Então, que sente, agora?

O HOMEM DO FUTURO — O peso da admiração dos meus contemporaneos!

LIBORIO — E ainda não annexou, nem invadiu cousa nenhuma!...

DR. BETTMANN (*Ao H. do F.*) — Ora, preste bem attenção ao que lhe vou dizer. (*Pausa*) O meu amigo differe profundamente do Pre-homem numa infinidade de cousas, mas principalmente nisto: — o Pre-homem foi condemnado a comer o pão amassado por elle proprio, com o suor do seu rosto; o meu amigo terá a inestimavel faculdade de fazer amassar o seu, mecanicamente, com o sangue alheio!... Será um alimento muito mais substancial!

LOPES — Mesmo quando for feito de farinha de batata ou de simples serragem?

DR. BETTMANN—Perfeitamente... O pão de farinha de trigo não era mais do que um preconceito religioso, uma tradição symbolica, que a sciencia hoje destruiu... (*Pausa e dirigindo-se ao H. do F.*) O seu destino é, portanto, mais commodo, mas é tambem, muitissimo mais elevado! A sua missão é arrazar tudo e construir, sobre a vastidão das ruinas, um mundo novinho em folha, exclusivamente seu e incomparavelmente melhor!

O HOMEM DO FUTURO (*contentissimo*) — *Uber alles!... Uber alles!... Uber alles!...*

DR. BETTMANN — Muito bem! (*Pausa*) Para ventura da humanidade futura, é preciso extinguir a lenda lamurienta e milenar, que apresenta a terra como um eterno valle de lagrimas!... Não! as lagrimas são simples secreções da Fraqueza, que seccarão completamente quando a terra só pertencer aos fortes! "Só a Força tem direito á vida"!

D. JUSTINA (*revoltada*) — Credo, doutor! Não ensine essas cousas ao mocinho! Bem bastam já tantos que por ahi andam!...

LOPES — E que não foram produzidos pela sciencia!...

DR. BETTMANN—Não é com sentimentalidades, meus senhores, que se conquista a felicidade! Vinte seculos de "dorme que eu velo" deram o que se está vendo! O mundo aspira a uma geração logicamente cruel e crudelissimamente logica, que o regenere duma vez para sempre!

LIBORIO — Apoiado!... Nada de lamurias!... Nada de cantigas!... Isto agora vae ser outra musica!...

DR. BETTMANN — Diz muito bem, Sr. Liborio, outra musica! Notem, meus senhores, que até a musica evoluiu! A melodiasinha sentimental, que tanto enterneceu as gerações passadas, foi completamente, ou quasi, arrazada pela gigantesca harmonia disciplinada da escola athletica de Wagner!...

D. CARLOTA (*ingenuamente*) — Pois olhe, doutor, eu ainda prefiro a "Somnambula" e a "Traviata"! (*O Homem do Futuro ergue-se num im-*

cio) — Como a humanidade é injusta e ingrata!...

LIBORIO — Não percebem nada! Não vale a pena sacrificar-lhe um minuto de attenção!

O HOMEM DO FUTURO — Fiz fiasco?

DR. BETTMANN (*Desalentado*) — Parece que sim! (*Animando-se*) Mas não está tudo perdido! A sua missão continuará a ser sublime! Cada vez mais sublime!...

O HOMEM DO FUTURO — E que destino me vae dar?

DR. BETTMANN — Si não fosse o bloqueio, o meu amigo partiria immediatamente para Verdun!...

O HOMEM DO FUTURO — *Gott straft England!...*

DR. BETTMANN — Calma!... Calma!... Mas a sua missão está traçada!... (*Vae ao movel da direita, tira duma gaveta duas ou tres cabelleiras e outras tantas barbas postiças e doutra uma machina photographica. Levanta do chão a pequena valise-mostruario, que abre. Indicando os frasquinhos de varias côres*) — Anilinas e productos pharmaceuticos!... Com isto vae-se ao fim do mundo!... (*Fala-lhe baixo.*

O HOMEM DO FUTURO (*Depois de ouvir com attenção e apertando-lhe a mão effusivemente*)--Uber alles!... Uber alles!... (*Perfila-se, faz a continencia e sobe para a DA. Ao passar pelo despertador apossa-se delle e mette-o na algibeira. A' porta, volta-se e, fazendo nova continencia*) Uber alles!... (*sae*).

SCENA ULTIMA

Os mesmos, menos o Homem do Futuro

LIBORIO (*depois de silencio*) — Mas, doutor, a imprensa está informada da sua descoberta! Que vae dizer aos jornalistas, quando vierem entrevistal-o?

DR. BETTMANN — Que tudo falhou!

LIBORIO — Mas isso não é verdade!

DR. BETTMANN (*sorrindo e encolhendo os hombros*) — A verdade, meu caro, é apenas uma aspiração sentimental e sempre angustiosa dos fracos! Para que precisa a Força da Verdade ?

LIBORIO — Tem razão!

LEONIDAS (*Depois de silencio*) — Elle voltará, Sr. doutor?

DR . BETTMANN — Quem sabe onde o conduzirá o seu destino? A' Russia? A' Escocia? A Santa Catharina?... (*Pausa*) Mas por que faz essa pergunta?

LEONIDAS — E' que me "abafou" o despertador que eu tencionava levar, logo, ao relojoeiro, para concertar...

DR. BETTMANN—Resigne-se Leonidas! (*Pausa*) Vae convertel-o em balas, para regenerar o mundo!...

(*Panno*)

Julião Machado.

A SAIA CURTA

MONOLOGO

A maledicencia humana,
á Moral fazendo roda,
ataca, reduz, profana
a pobresinha da Moda!

Entretanto (eu não invento
e o contrario é hypocrisia)
a Moda, neste momento,
faz somente economia!

Impondo a "robe collante"
ou mesmo as saias modernas
a sua idéa constante
nunca foi mostrar... as pernas!

Nunca! E si alguem a censura,
essa censura suspenda:
o que ella, ha muito, procura
é poupar... poupar fazenda!

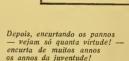
O "entravé" — quem diria?! —
a "jupe fendue" tão chic!
dictou-os a economia;
quem quizer que o verifique!

Aquelle corte na frente
(quem corta poupa — é sabido!)
foi usado unicamente
para encurtar o vestido!

Que faz o Governo agora
para livrar-nos da crise?...
Corta! Corta, muito embora,
toda gente escandalise!

A saia curta obedece
aos mesmos moldes sagrados:
é larga, mas, quem conhece,
vê logo: não tem babados!

Além disto a saia curta
tem um merito patente:
a hygiene nunca se furta
de indical-a a toda a gente!

Depois, encurtando os pannos
— vejam só quanta virtude! —
encurta de muitos annos
os annos da juventude!

Uma senhora mettida
nesta saia peregrina,
quando passa na Avenida...
tem uns ares de menina!

Não; não maldigam a Moda!
O que ella faz hoje em dia
não é por causa da roda...
é só por economia!

E a prova é que emquanto aperta
E faz da saia um saiote,
todo o mundo desconcerta
com o augmento do decote!

Nestas questões de fazenda,
de rendas *e até de corte,*
o Bulhões, por mais que entenda,
não é melhor nem mais forte!

Domingos Magarinos.

Medicina para os casos de urgencia

O que se deve fazer emquanto se espera o medico

I

(PARTE GERAL)

Em todos os envenenamentos ou intoxicações, de modo geral, é preciso fazer tres cousas: 1°, livrar a victima da substancia que lhe produziu o envenenamento, provocando-lhe o vomito; 2°, dar-lhe um contra-veneno, apropriado ao caso (parte reservada ao medico); 3° prestar á pessoa que foi victima do envenenamento os soccorros que reclama o seu estado de fraqueza ou de excitação. Emquanto se espera pelo medico, chamado com urgencia, as pessoas presentes podem adeantar muito, preparando já, o terreno para a obra de salvação que a sciencia irá prestar. Quantas vezes, o facultativo pouco ou cousa nenhuma tem a fazer á sua chegada porque acha já a victima fóra de perigo, graças a uma opportuna intervenção do bom senso popular?

Quando o caso de envenenamento se deu ha mais de tres quartos de hora, então tentar o vomito é inutil; deve-se esperar mais da acção do contra-veneno e da do purgante. Em logares onde não ha medicos, as pessoas que se encontram a prestar soccorros a quem foi victima de um envenenamento, não devem limitar esses soccorros á expulsão da substancia toxica.

E' preciso ainda considerar o estado de abatimento em que fica o paciente. Muitas vezes, já fóra de perigo quanto ao envenenamento, póde morrer, ainda, pelas consequencias deste. Por isso deve-se evitar o resfriamento do corpo da victima, dando-lhe a beber poções quentes e excitantes, agazalhando-o bem e applicando-lhe botijas cheias de agua quente ás extremidades e, principalmente, aos pés. As fricções com espirito, a posição horizontal com a cabeça baixa e as roupas desabotoadas, facilitam a circulação do sangue e a respiração.

Uma recommendação necessaria é a de se evitar agglomeração de gente em torno da victima. Esta precisa de ar e de socego, cousas que lhe são roubadas pelas pessoas que inutilmente se juntam no local onde se dá um incidente dessa natureza.

II

PARTE ESPECIAL

a) Intoxicação aguda pelo vinho (Enolismo ou Ethylismo agudo — Embriaguez

Deitar o doente em logar onde esteja em segurança, e onde não receba excitações de luz ou de calor.

Por isso nem sempre é indicado o deital-o na cama. E' preferivel sobre um colchão ou simplesmente sobre roupas estendidas no chão. O vestuario deve ser aberto, desabotoado, o mais possivel, afim de facilitar a circulação do sangue. Deve estar tanto quanto possivel em uma sala bem arejada, mas longe da cosinha e sem luz accesa, si de noite, e luz directa do sol, si de dia, pois que o calor e a luz são muito excitantes para o paciente.

Nos casos menos graves basta dar-lhe algumas chicaras de café bem forte e sem assucar ou de chá, mas bem quentes. Nos casos graves provocar o vomito. O ammoniaco, remedio classico contra a embriaguez, é apontado como sendo de pouca importancia, por Lanceraux.

Dar-lhe uma colher, das de sopa, em cada hora.

m) Intoxicação pela strychnina

Deante de um intoxicado pela strychnina, as pessoas do povo só podem é provocar o vomito, e, isso deve ser feito com a maior brevidade. O mais cabe ao medico.

III

Os casos de accidentes

O que se deve fazer emquanto se espera pelo medico.

1° *Victimas de quéda ou de rodas de vehiculos com ferimentos e perda de sentidos:*

Deitar o doente com a cabeça baixa e desabotoar-lhe as roupas, libertal-o do collarinho.

Havendo hemorrhagias, procurar, immediatamente de onde sáe o sangue. Si este fôr de cor muito viva (sangue arterial) deve-se atar com um lenço o braço ou perna ferida, um pouco "acima" e não "em cima" da ferida. Por exemplo, si esta fôr no ante-braço, deve-se atar o braço acima do cotovello. Si fôr na perna, ata-se a coxa. E isto porque o sangue das arterias, ao contrario do que succede com o das veias, caminha do coração para a superficie do corpo, ao passo que o sangue venoso volta dahi para o coração.

Essa atadura, muito provisoria, deve ficar só até á chegada do medico.

2° *O ferido não perdeu os sentidos:*

Evitar o ajuntamento. Este tem um grande effeito moral depressivo sobre o ferido, que chega a desesperar de seu estado, o que tem importancia sobre o tratamento consecutivo. Depois de amarrado o braço ou a perna feridos (e si fôr em logar onde não se possa amarrar um lenço, deve-se fazer uma compressão com a ponta dos dedos, até á chegada do medico), deitar o doente com a cabeça baixa e procurar despir a parte ferida.

Si a ferida fôr na cabeça e houver uma pessoa habil em manejar a navalha, deve, depois de cortado o cabello a tesoura, raspal-o a navalha.

E necessario, afim de evitar infecções e, principalmente o tetano, de não só lavar a ferida com agua fervida, como tambem lavar bem as mãos com agua, sabão e espirito a pessoa que presta o primeiro soccorro; pois no abaixar-se para soccorrer o ferido, é provavel que tenha sujado as mãos com terra, logar onde mais se encontra o microbio tetanico. Além disso muitas outras infecções poderiam ir das mãos dessa pessoa para a ferida.

Um cuidado especial que é commum a todas as victimas de quédas, é, tanto quanto possivel, não removel-os do logar do desastre, antes que chegue o medico, pois é possivel que haja alguma fractura de osso.

3° *Queimaduras:*

Si as queimaduras forem muito extensas, os gritos dos queimados são lancinantes.

E' preciso muito sangue frio para prestar soccorro ás victimas desses accidentes.

O melhor meio de auxilial-os emquanto não chega o medico é despil-os e mettel-os em uma banheira. Não sendo possivel isso, envolver em gaze com vaselina a parte do corpo queimada. Evitar as correntes de ar, que provocam dores terriveis.

4° *Feridos por arma de fogo:*

O soccorro a prestar a um ferido por arma de fogo é todo elle symptomatico para o profano, isto é, varia com os phenomenos que a victima apresenta: Si houver hemorrhagias é necessario prestar-lhe os mesmos cuidados de que acima falamos para as victimas das quédas.

Póde, ainda, haver hemorrhagia e não se manifestar exteriormente. Nesse caso a medicina popular nada póde fazer, sinão despir a parte do corpo que suppõe attingida pelo projectil e procurar confortar moralmente o ferido, tranquillisal-o tanto quanto possivel sobre o seu estado.

Corpo extranho

a) Nos olhos: Primeiro, com as mãos

ATTITUDES OPPOSTAS

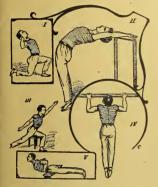
SERVILISMO

TYRANIA

(Desenho de Seth)

a Italia e a Allemanha, com Frederico Jahn á frente, são exemplos que se impõem.

Perguntamos agora o que se tem feito no Brasil, officialmente, no tocante a este tão magno problema, e como resposta obtemos apenas uma triste interrogação.

Não resta a menor duvida que entre nós, pela iniciativa particular, algo se tem modificado das antigas praxes. As creanças ja não se encapotam no fundo das salas fechadas e já procuram a vida ao ar livre, os jogos athleticos e os exercicios aquaticos, como constituidores de sua robustez e de sua saude. Os paes, abandonando os processos de antanho, já vão comprehendendo que a verdadeira educação physica não é a que se faz nos

I — Desenvolvimento do tronco, dos biceps e peitoraes; II — desenvolvimento do tronco e dos musculos abdominaes; III — desenvolvimento dos omoplatas, tronco e abdominaes; IV — desenvolvimento dos biceps e dos ante-braços; V — desenvolvimento dos musculos peitoraes e dos braços.

páteos das acanhadas escolas, com apparelhos antiquados, e substituem o que o officialismo atrazado apresenta pelo que de util offerecem as sociedades particulares. O pouco que temos só a estas devemos.

* * *

Quando nos inscrevemos no ról dos defensores intransigentes dos exercicios physicos, não o fazemos sem uma orientação. Queremos o sport praticado debaixo de regras e methodos e não com desordens, que só pódem produzir graves inconvenientes.

E' claro e evidente que, si na therapeutica medicamentos ha que levam á vida e á morte, conforme as dosagens, nesse grande reconstituidor do corpo, que é o exercicio, inconvenientes, e sérios, pódem surgir pelo abuso.

Muito commummente os que combatem os exercicios athleticos apontam os visiveis perigos que advêm a jovens que passam dias inteiros, sob as agruras do sol, entregues ao "football", ao remo ou a outros sports. Não têm razão nas criticas, porque os abusos não pódem servir de base a argumentos contra cousas uteis.

Nós pregamos o exercicio athletico methodisado, obediente á hygiene. Nós queremos que se faça entre nossos jovens exactamente o mesmo que se verifica nas aperfeiçoadas escolas dos Estados Unidos, da Inglaterra ou da Suecia, isto é, que os jovens só sejam entregues áquelles exercicios que, por indicação medica e após rigoroso exame, lhes convenha ao corpo. E' evidente que o menino que soffra de uma qualquer insufficiencia cardiaca, ou aquelle depauperado em consequencia de qualquer outra lesão que tenha ou que tivesse tido, não póde supportar a mesma intensidade de movimentos e o mesmo vigor athletico do que tenha o seu organismo perfeito e em normal funcção e desenvolvimento. Assim, cada typo physico que se apresentar deve ter o seu remedio, deve ter o sport que lhe convenha.

Diz Weber que "o corpo humano é a mais maravilhosa das machinas e, como toda a machina, não se estraga mais rapidamente no trabalho do que na inacção". E é a pura verdade. Todo organismo que, por qualquer meio, ficar privado de seus movimentos, soffrerá os mesmos effeitos da ferrugem que entorpece e quebra, por fim, as mais fortes peças de uma locomotiva, como os mais rigidos musculos de um ente perfeito.

E', pois, ao movimento ordenado, ao ar dos campos e á hygiene dos mares que devem recorrer os jovens. Lutem nos sports. que elles fortificam, lutem nos sports, que elles, além de formar homens sadios, tambem os formam cheios de coragem.

O joven que se habitua a defender a bandeira do seu partido, nos torneios sportivos, será, mais tarde, o soldado patriota que correrá em defesa da patria.

Temos presentemente um bello e edificante exemplo do valor dos sports no soldado inglez. Emquanto o automato allemão, nas tremendas refregas da guerra, se move inconsciente e sob o peso de um mando superior, que elle julga omnipotente e quasi divino, o soldado inglez triumpha, consciente de seus direitos, e compenetrado de seus deveres, com aquella mesma disciplina sem subserviencias que elle aprendeu nos campos de sport. São, assim, perfeitamente verdadeiras estas bellas palavras escriptas pelo competente Louis Dedet, muito antes da guerra: "Affronter les risques de jeu

Uma Allucinante Maravilha

A VOZ HUMANA, TRANSMITTIDA DE UM CERTO PONTO, FAZ A VOLTA DO GLOBO E CHEGA AO PONTO — EM QUE FOI EMITTIDA —

Uma das mais notaveis descobertas da humanidade, no terreno dos conhecimentos scientificos, é o da transmissão do pensamento á distancia, que, dos processos rudimentares adoptados nas primeiras edades do mundo, evoluiu ao telegrapho, ao telephone, ao telegrapho sem fio, ao telephone sem fio, á telepathia.

Preoccupar-nos-emos nesta nota, de dar aos leitores uma narração verdadeiramente impressionante de que foram as experiencias que se realisaram o anno proximo passado nos Estados Unidos, que se pódem denominar, sem exaggero, — a patria da electricidade — sobre a telephonia sem fio.

Como se sabe, cabe a prioridade de investigações e da descoberta da transmissão da voz á distancia pelo telephone sem fio a um brasileiro, o conego Dr. Landell de Moura, que, partindo da observação de costumes dos indigenas nacionaes que mantinham communicações «pelo sólo», com os rumores da terra, conseguiu descobrir uma das mais maravilhosas creações dos ultimos tempos.

Ferteis temos sido em engenhos perquiridores que vão contribuindo para augmentar o numero dos grandes servidores da civilisação: o balão e a sua dirigibilidade, a machina de escrever, um sem numero de descobertas no terreno das sciencias medicas e em todos os campos dos conhecimentos humanos, ligam os nomes de compatricios nossos á evolução progressiva do universo no decorrer dos tempos, tendente ao maior conforto do animal-homem.

* * *

O telegrapho e, posteriormente, os jornaes, em narrações succintas, já deram informações sobre o que foi o extraordinario acontecimento da transmissão da voz humana da America á Europa, o anno passado. Agora, porém, registam os scientistas os detalhes desta jornada magnifica.

Foi a 29 de setembro do anno passado que o Sr. Theodor N. Vail, presidente da «American Telephone and Telegraph Company», pegou no phone de um apparelho de transmissão de voz, sem

fone, em o seu escriptorio, em Nova York, para falar com o Sr. J. J. Carty, engenheiro-chefe daquella empreza, e, talvez, o maior especialista no assumpto «transmissão de voz», em todo o mundo, que se encontrava «do outro lado» dos Estados Unidos, em São Francisco.

Como se sabe, dista Nova York, no Atlantico, de São Francisco, no Pacifico, 2.500 milhas, em linha recta. Foi, pois, nesta distancia que se estabeleceu a communicação entre aquelles dous personagens:

— Allô, Carty! E' Vail quem fala. Está a ouvir-me?

A resposta a esta interpellação, esperada entre a ancia e a duvida, não se fez esperar:

— Sim, estou a ouvil-o! Como isto é magnifico, como isto é maravilhoso! — Esta foi a exclamação do «conversador» que se achava na torre do telegrapho sem fio de Mare Island, California, na bahia de São Francisco.

— O exito é completo! exclamou, jubiloso, o Sr. Vail. Recebam todos os senhores alli presentes e quantos concorreram para esta allucinante maravilha as minhas mais sinceras felicitações.

— Obrigadissimo, replicou o Sr. Carty. E accrescentou: — Que se seguirá a isto? Quem póde prever o que vae occorrer daqui por deante?

Era a primeira prova official do telephone sem fio transcontinental! As palavras dos conversadores passaram — a do Sr. Vail de sua bocca para um fio que a conduziu ao alto da torre da Estação Radiographica Naval, em Arlington, na Virginia, com 650 pés de altura, e dahi foi levada pelo ether até o alto da Estação Radiographica Naval de Mare Island, a 350 pés sobre o mar; a resposta foi dada por um telephone commum, com fio, por não haver um transmissor adequado, sem fio, em Mare Island, pelo mesmo trajecto da pergunta. Si houvesse em Nova York uma torre radiographica sufficientemente alta, a communicação ter-se-ia feito directa e inteiramente pelo ar.

Para se certificar de que não havia nenhum engano, o Sr. Vail, depois de falar pelo telephone sem fio, communicou-se com o Sr. Carty pelo telephone commum, pelo qual foram confirmadas as palavras trocadas pelos dous personagens. A tonalidade, a limpidez da voz não foram melhor transmittidas pelo com fio do que pelo sem fio.

A experiencia, á vista deste extraordinario successo, proseguiu. O Sr. Vail pronunciou innumeras phrases, com varias tonalidades de voz, e todas ellas foram ouvidas pelo Sr. Carty, assim como por vinte pessoas, que se achavam munidas de receptores e haviam sido especialmente convidadas para assistir ao surprehendente espectaculo.

Esta prova foi considerada «sufficientemente maravilhosa». No dia seguinte, porém, causou um «boquiabertismo» geral um telegramma de Honolulu, cuja estação radiographica, bem distante de Arlington — 4.600 milhas de distancia — transmittia toda a con-

versação feita na vespera, ali distinctamente ouvida e apanhada. Este despacho era assignado pelo Sr. Lloyd Espenschied, que ali se achava, ha um anno, desde quando se iniciaram os preparativos para esta prova triumphal, por ordem do Sr. Vail, a fim de se verificar a extensão da transmissibilidade da voz pelo ar.

Comquanto tivesse apenas um apparelho receptor, o Sr. Espenschied conseguiu, então, falar com Mare Island, asseverando ao Sr. Carty que o «milagre havia se realisado». E, ouvindo uma voz differente da do Sr. Vail o Sr. Espenschied reconheceu, immediatamente, a do Sr. R. A. Heising, engenheiro da «Western Electric Company», que, de facto, falara de Arlington, naquelle momento.

Depois do Sr. Espenschied o contr'almirante Rousch, o commandante Furor, e o tenente Lande, todos da armada norte-americana, confabularam com Arlington, manifestando um enthusiasmo justamente delirante, sem limites.

A distancia que ha entre Hawaï e Nova York — Honululu e Arlington — é maior do que a que vae de Nova York a Londres, ou a Paris, ou a Roma, ou a Berlim, ou a Vienna.

Tres semanas depois foram ouvidas em Paris, na Torre Eiffel, as conversações que se faziam entre Arlington, Mare Island e Honululu, isto é, transmittia-se a voz a 8.600 milhas, a que ascende a distancia entre os pontos extremos daquella série de postos radiographicos, reconhecendo-se claramente a voz dos que a emittiam!

Foi quando o Sr. Carty deu, a respeito, informações precisas aos jornalistas novayorkinos, declarando-lhes que enviara engenheiros a Paris, Panamá, São Diego (California) e Hawaï, munidos de receptores, afim de se fazerem as experiencias com tanto exito realisadas. Deveu-se á gentileza do governo francez a cessão da Torre Eiffel para as experiencias, que só não foram mais demoradas pelas necessidades militares deste posto radiographico, no qual varios officiaes do exercito francez verificaram o successo da telephonia sem fio.

Os maiores embaraços para a transmissão da voz foram, segundo Carty, a poderosa intervenção das estações de grande potencia e as perturbações estaticas.

A transmissão inicial em Arlington foi feita como já referimos, sendo a recepção preparada em antenas especiaes, construidas pelos engenheiros da companhia de que o Sr. Vail é presidente e adaptadas ás estações radiographicas com autorisação especial do Departamento da Marinha Norte-Americana e do governo francez.

O segredo das combinações mecanicas que permittem a conversação de viva-voz transcontinental e transoceanica não será divulgado, por ter sido incorporado á defesa nacional dos Estados Unidos.

Como escrevemos, duraram mais de um anno os trabalhos para as sensacionaes provas que tiveram começo em 29 de setembro. Quando surgia a primavera de 1915 conseguiu-se falar

de Montank Point, em Staten Island, para Washington, no Delaware — 250 milhas. Em seguida, falou-se em Montank Point para Saint Simon's Island, na Georgia — 1 000 milhas. Com a collaboração, dahi por deante, do Departamento da Marinha, proseguiram os estudos para communicações transcontinentaes e transoceanicas.

Dado o surprehendentissimo effeito causado pelas experiencias, de setembro, foram iniciados os trabalhos de construcção de grandes estações de conversa em Mare Island e Pearl Harbor, por onde se pretende fazer Washington falar com as Philippinas e o Japão communicar com a Europa através da America!

Com o fim de neutralisar a intervenção estatica o professor Miguel I. Pupin, da Universidade de Columbia, a quem se deve o carretel-inductor que permittiu a transmissão da voz a longas distancias, declarou ter encontrado uma solução que permittirá a transmissão da voz a distancias illimitadas, de modo a fazer a volta do globo.

OS PRURIDOS MILITARES

— Não sempre fomos um povo original. As grandes potencias têm formidaveis exercitos porque precisam garantir as suas numerosas industrias, o seu grande commercio, etc. Nós, porém, precisamos de um bom exercito que nos garanta um bom somno...

ENTRE MENDIGOS

— Este automovel é teu?
— Upa! O meu é muito maior —
— Já sei... É o "Viuva Alegre"

ABRIL

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	7	10.49	Apogeu	2	4.02
Ming.	14	17.12			
Nova	21	11.01	Perigeu	18	0.02
Crescente	29	2.22	Apogeu	29	23.02

4° MEZ
30 DIAS

O Sól em Taurus a 20 ás 13 h. 17 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Domingo...	Claro	Ramos S. Macario.......	6.02	17.52			
2	Segunda....	e	Santa S Franc. de Paula	02	51			
3	Terça........	muito	Santa S. Ricardo..........	02	50			
4	Quarta......		Trevas S. Izidoro.........	03	49			
5	Quinta......	quente	Endoenças S Vic. Ferrer	03	48	5	2	Mercurio no nodo ascendente
6	Sexta........		Paixão S. Marcellino.....	03	47			
7	Sabbado....	Chuvas	Alleluia S. Epifanio.....	04	46			
8	Domingo...		Paschoa da Resurreição.	04	45			
9	Segunda....	intermi-	S. Demetrio...............	04	44	9	16	Mercurio no perihelio
10	Terça.......	tentes	S. Ezequiel Proph........	05	43			
11	Quarta......		S. Leão Papa..............	05	43	12	7	Neptuno estacionario
12	Quinta......		S. Victor....................	05	42	13	22	Saturno em quadrat. com o Sól
13	Sexta........	Nublado	S. Hermenegildo M......	06	41			
14	Sabbado....	e	S. Tiburcio e Valeriano.	06	40	16	4	Mercurio em conj. com Jupiter 3°0'N
15	Domingo...		S. Lucio f. S. Anastacia M	07	39	16	8	Urano em conj. com a lua 4°11'S
16	Segunda....		S. Engracia Vm..........	07	38	19	23	Mercurio em sua max. lat. helioceu. N
17	Terça.......	quente	S. Aniceto S. Elias mon	07	37	20	7	Marte em conj. com a lua 6°5'S
18	Quarta......		S. Galdino M..............	08	36	21	1	Venus em conj. com a lua 6°14'S
19	Quinta......		S. Hermogenio M........	08	36	22	1	Jupiter em conj. com a lua 5°22'S.
20	Sexta........	Chuvas	S. Ignez.....................	08	35	22	5	Neptuno em quadratura com o Sól
21	Sabbado....		Com. dos prec. da I. N	09	34	22	13	Mercurio em conj. com a lua 1°16'S
22	Domingo...	parciaes	Miser. Dom. S. Sotér....	09	33			
23	Segunda....		S. Jorge M.................	10	32			
24	Terça.......		S. Fidelis..................	10	32	24	4	Mercurio na sua max. long 20°11'E.
25	Quarta......	Fresco	Ladainhas mag. S. Marco	10	31	25	18	Venus em conj. sup. com o Sól
26	Quinta......	e	S. Cleto.....................	11	30			
27	Sexta........	agrada-	S. Turibio Asc. de Lima	11	29	27	11	Saturno em conj. com a lua 1°24'N
28	Sabbado....	vel	S. Paulo da Cruz.,..	12	29			
29	Domingo...		O Patrocinio de S. José.	12	28	28	3	Neptuno em conj. com a lua 1°32'N
30	Segunda....		S. Catharina de Senna vd.	12	27			

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 20 a 28

O céo no dia 15 de Abril ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Colhem-se milho, arroz, fumo, batatas e algodão. Continua o trabalho da preparação das terras para as plantas de inverno e da primavera, semeia-se alfafa, cevada, aveia, azevem e ervilhaça como no mez anterior. Semeiam-se as mesmas hortaliças e legumes.

E' o melhor tempo de semeiar o cebolinho.

Plantam-se em canteiros as hortaliças semeadas nos mezes anteriores.

Transplantam-se os morangos.

Termina a vindima, aproveitando-se o resto das uvas que não amadureceram bem para fazer vinagre ou destillar.

AO "PARAHYBA"

Quando te vejo o deslisar das aguas
Claras, serenas como os bons momentos
De amor que correm placidos e lentos,
Vão rolando comtigo as minhas maguas,

Porém, si as vejo em torvelins violentos,
Torvas e turvas a raivar nas fraguas,
Extingo as chammas da alegria, apago-as:
Rolam comtigo os meus contentamentos.

E' que sobre mim mesmo não exerço
Força contraria á tua, a mim ligada
Qual se liga a aurea rima a um verso terso.

E essa força, que é tudo, vem de um nada:
A's tuas margens balouçou-se o berço
Da creatura eternamente amada!...

EMILIO DE MENEZES

TOUT PASSE. . .

Eu fiz do nosso amor um sonho perfumado,
Tão tranquillo, tão bom, tão casto e tão profundo,
Que cheguei a esquecer a maldade do mundo
Sem ver que eras mulher, e que eu estava a teu lado.

E de tal sorte foi que te perdi. No fundo
Teve a sorte razão castigando o culpado.
Não fosse eu, como fui, tão crente e descuidado,
Não fosse o mal, como é, tão fero e tão fecundo.

Não deplores, entanto, o mal que me causaste,
A dor que me ficou, num tetrico contraste
Desse tempo feliz que já ficou atraz...

O peor já passou. Voltam dias serenos.
Em meus olhos, sómente, ha lagrimas de menos
E eu guardo no meu peito um desengano a mais.

LUIZ EDMUNDO

Abundam no Brasil os que não sabem ler

A proporção dos que sabem lêr em todos os Estados do Brasil

DANTE EM PARIS

«C'est vers le Moyen-Âge, énorme et délicat...»
VERLAINE.

Paris, esse «archivo de pedra», como lha chamou Victor Hugo, tem justamente dentro das antigas divisões medievas — La Cité e L'Universitė — as mais eloquentes, as mais vivas paginas de documentação architectonica a folhear, muito mais interessantes mesmo do que o chamado Velho Montmartre, mais recente, de resto, do que o Bairro Latino e onde, por exemplo, a escadaria carcomida da Passagem Cottin era, não ha muito, imperturbavelmente illuminada a azeite, como ha cem annos.

Em cada bequinho de dous metros de largura, em cada viella que tem antes o aspecto angustiado de uma azinhaga, em cada canto da margem esquerda vê a gente surgir, ora uma torre occulta, como na impasse Hautefeuille, por onde se esgueiraram as sombras do sinistro Dom Claudius Frollo ou do perseguido cançonetista-frondeur Angelo Pitou; ora os dizeres quasi illegiveis de um marco escondido ou a grade carcomida de uma construcção gothico-terciaria em ruinas... São a emocionante evocação de toda a historia de um povo que não póde morrer nunca...

Estatua de Dante, magnifico bronze de Aubé, collocado em frente ao Collège de France

*
* *

Não é, de facto, possivel mergulhar nesse dédalo de ruellas estreitissimas, tortuosas, abahuladas, cheia de fachadas negras e decrépitas; nesse vetusto labyrintho de beccos, «impasses», «passagens», ghettos e «culs-de-sac», mascarados de um lado pelo moderno boulevard Saint-Michel, com as lojas, taver-

nas e magazins chics, e, do outro lado, pela linha dos cáes que vae do cáes Saint-Michel ao cáes Saint-Bernard — não é possivel penetrar nesse chaos (que se extende ainda para o sul até os boulevards da Port-Royal e Saint-Marcel) sem, involuntaria, inconscientemente, por um desses effeitos da imaginação, julgar-se a gente transplantado para a plena Edade Média.

Aqui, a rua Saint-Jacques, com o mesmissimo traçado dos tempos romanos, quando Constancio Chloro começou a construcção do palacio de que hoje restam as Thermas, a dous passos quasi das Arenas do imperador Juliano, o Apóstata, de sacrilega memoria, ali a torre de Clovis, no mesmo sitio da montanha em que Santa Genoveva velava pelos parisienses a quem assegurou que Attila ([illegible] do V seculo...) não almoçaria tambem em Lutecia.

Muitas dessas ruellas, que o barão Haussmann poupou, guardam até hoje, não só a mesma deliciosa physionomia, como até os mesmissimos nomes por que foram conhecidas nos seculos mortos. Aqui uma, que se chama ainda, como ha setecentos annos, rue de la **Parcheminerie**, parece ter servido de scenario a um daquelles «panneaux» que De-Weerts pintou para a Sorbonne. Outras têm os nomes tambem evocativos de «la Bûcherie», «de la Huchette» ou «de Puits-de-l'Ermite», religiosamente conservados pelo bom senso da Municipalidade de Paris.

Escadaria da passagem [illegible], illuminada a azeite

• • •

Ora, foi justamente neste Bairro Latino (com a ilha de La Cité o mais antigo, o nucleo inicial da Lutecia) por onde, ha seis seculos, Dante, o peregrino, quasi mendicando (**Convivio I—3**) perambulou sua pobreza, seus soffrimentos, suas amargas privações de proscripto; foi ali onde mais uma vez elle experimentou como sabe a sal o pão dos outros e que horrivel caminho é subir e descer escada alheia:

... come sà dal sale
Lo pane altrui, e com'è duro calle
Lo scendere e'l salir l'altrui scale.

(Paradiso XVII)

Effectivamente, uma das raras etapas verdadeiramente incontestaveis do seu exilio é a sua estada em Paris de [illegible] a fins de 1309.

Obrigado, por força do Decreto de 10 de março de 1302, a abandonar em Florença tudo quanto lhe era caro,

Tu lascierai ogni cosa diletta,
(Paradiso XVII)

andou elle a vaguear, primeiro pelos dominios da Italia onde o não alcançasse o odio da «malvaggia compagnia», encontrando o «primo rifugio e primo ostello» em casa do «gran lombardo» Bartholomeu della Scala, na côrte veroneza.

São estas e a sua embaixada de pacificação junto ao bispo de Luni (a 6 de outubro de 1306) as tres unicas etapas incontroversas do seu exilio.

Além disto, fala-se hypotheticamente em Bolonha, entre 1304 e 1306, onde frequentou a Universidade. Depois, talvez em Padua, onde talvez (sempre «talvez»...) se tivesse realisado seu encontro com Gioto... Depois (ainda antes de 1307) na casa dos condes Malaspina, de quem obteve os generosos favores que relembra (Purgatorio VIII).

Dahi a 1308 as conjecturas são insubsistentes...

* * *

Presume-se até que nesse lapso tenha elle atravessado toda a bacia occidental do Mediterraneo e aportado á Catalunha, a cuja avarenta pobresa fez referencia:

«L'avara povertà di Catalogna»
(Paradiso VIII)

Gladstone, que foi dos mais apaixonados dantólatras inglezes, defendia com ardor a possibilidade de ter ido Dante á Inglaterra, cujo dominio na França medieva se estendeu até o Poitou, a Aquitania e o Maine.

O que se tem como certo, porém, é que, seduzido pela nomeada de Paris, centro de cultura (e

Vista da ábside da Egrejinha de Saint-Julien-le-Pauvre

Paolo e Francesca e induziu Petrarca a acclamal-o: «...Arnaldo Daniello, gran maestro d'Amore».

E, como estes **Peire d'Alvernhe, Rambautz de Vaqueiras**, e até soberanos como Guilherme IX, duque de Aquitania, Ricardo d'Inglaterra, Affonso II de Aragão poetaram na harmoniosa lingua d'oc.

* * *

Da Provença dirigiu-se Dante para Paris: transpuzera não havia muito o «mezzo del camin», isto é, contava já quarenta e tres annos.

Dumas disse com razão que a literatura historica tem com as anquinhas a analogia de, no fundo, existir tanto numa como na outra, alguma cousa de verdadeiro.

Ora, Balzac, em uma novella em que a fantasia do romancista não podia deixar de dar a mão ás pesquizas do historiador, quer que, ao chegar a Paris, Dante tenha ido habitar na ilha de La Cité uma casinha atrás da egreja da Notre-Dame, na extremidade da rua Port-Saint-Landry, propriedade do sargento Joseph Tirechaire. Tinha, pois, que atravessar todos os dias o estreito braço do Sena (como quer Balzac) em uma pequena embarcação, saltar na já muito afamada Margem Esquerda, séde da Universidade, e dirigir-se á rua fronteira que vem desembocar no cáes, rua de que, até hoje, a municipalidade intelligente de Paris conserva o mesmo nome — rue du Fouarre — por que Dante a conheceu nessa época e designa no «Paradiso» (Canto X) — **vico degli Strami** (becco da Palha).

A porta da egreja de Saint-Julien-le-Pauvre na rue du Fouarre

A nomeada dessa rua espalhara-se por toda a Europa por causá das suas escolas afamadas.

Logo á direita corre, ainda hoje com o mesmissimo aspecto, a pequena e estreitissima viella — **rue Saint Julien-le-Pauvre** com o velhissimo templo da mesma invocação, templo construido no VII seculo e que, pilhado e incendiado pelos normandos, foi reconstruido no seculo XII.

Foi na minha propria cidade natal que aprendi as primeiras letras.

O meu professor era um homem intelligente, dos seus quarenta annos de edade, sisudo e respeitavel.

Devo-lhe o não ter ficado analphabeto, porque, a principio eu votava aos livros uma grande aversão, e um professor descuidado, que pouco se interessasse pelos alumnos, jámais teria conseguido que eu fosse além do A B C.

Graças, porém, á paciencia, ao zelo, á dedicação do mestre e, principalmente, á ferula, que elle manejava a continuo e adextradamente, ao cabo de algum tempo tomei decidido gosto pelo estudo. E ao fim de tres annos de escola era eu o alumno mais distincto e mais adeantado de toda a aula.

Nessa época, lia o «Coração», o adoravel livro de Amicis, estudava grammatica e arithmetica e decorava licções de geographia.

Considerava-me, então, um verdadeiro sabio e esta minha presumpção tanto mais crescia quanto maior era a consideração que o mestre me dispensava, elogiando-me á vista dos collegas, nomeando-me decorião da escola, o que despertava uma grande inveja aos outros estudantes.

Havia na aula tres classes differentes, em gráo de adeantamento: a primeira, de que eu fazia parte compunha-se dos oito rapazes mais adeantados e de tres mocinhas, que, quasi sempre, á lição, saiam-se muito bem, chorando copiosamente á primeira difficuldade; a segunda, maior no numemero que a primeira, constituida pelos «medios», que liam o «Terceiro livro» de Felisberto de Carvalho; e a terceira, maior que a segunda, composta de todos os principiantes, desde os que começavam a soletrar até os que liam o «Segundo livro», do barão de Macahybas.

O mestre, ás vezes, quando havia accumulo de serviço, mandava-me dar lição á terceira classe e, mais de uma vez, fez o mesmo em relação á segunda.

Isso dava-me ares de grande importancia entre os meninos daquellas classes e mesmo entre os collegas da primeira eu gosava de uma certa reputação, como grammatico, mathematico e geographo...

Quando algum tinha qualquer duvida, uma regra de syntaxe pouco clara; um problema de mais difficil solução, era a mim que recorria, na ausencia do professor, e eu me saia sempre bem das arguições.

A' hora da lição da primeira classe, todos nós iamos nos postar em pé, em frente ao mestre, que se conservava sentado junto á sua mesa

— Leia, senhor Jacintho...

O Jacintho tomou a «Cartilha» emprestada a um alumno da terceira classe, o que fizeram todos os seus collegas e timido, surdamente, murmurou:

— Ximéra...

— Adeante. ..

— Não é ximéra, não senhor...

— Então, diga como é...

— Xímera...

— Adeante...

— Xímera...

— Adeante.

— Ximéra...

— Adeante . . . e percorreu toda a segunda classe... Quando não era ximéra era xímera, quando não era xímera, era ximéra...

O mestre teve um sorriso exquisito, que nós não comprehendemos, e falou pausadamente:

— Nenhum alumno da terceira, nem da segunda classes, soube ler esta palavra, tão facil. Não ha remedio: passemos á primeira...

Todos nós deixámos as grammaticas e tomamos aos pequenos as suas «Cartilhas», e pregámos o olhar na tal palavra...

— Senhor Julio, leia...

O Julio era um estudante intelligente, que se collocava sempre na extremidade esquerda da classe, emquanto eu ficava á extrema direita, uma pequena prova da nossa rivalidade que ia até ás pequenitas cousas... Mas, neste instante, tive uma enorme piedade por elle! Estava horrivelmente pallido, visivelmente commovido, seu labio superior tremia e, mais de uma vez, tentou falar, sem o conseguir...

O professor insistiu:

— Senhor Julio, vamos...

O Julio sorriu desenxabido e articulou a custo:

— E' ximéra...

— Adeante...

— Xímera...

— Adeante...

— Ximéra...

E toda a primeira classe, numa afflicção, poz-se a soletrar baixinho:

— C-h-i — xi — m-e — mé — r-a — ra — ximéra...

— Adeante...

— E' ximéra mesmo, senhor professor...

— E'... é, sim, senhores. O que é é uma vergonha. Moços que estudam grammatica, que lêm contos do «Coração», e os interpretam, não saberem ler uma palavra que vem na Cartilha Nacional»!... E' para desanimar. Adeante.

Silencio.

— Adeante, repetiu o mestre.

— Xímera...

— Adeante.

— Ximéra...

— Adeante.

— Xi...

— Basta, interrompeu o professor. Aquelle rapaz que apenas pronunciara o «xi...» estava unido a mim! Suei frio e tive como um enebriamento... Só eu faltava... Só a minha opinião não havia ainda sido pedida, nem dada...

Soletrei, li, reli, o terrivel vocabulo, que parecia já um ponto negro, deante da minha vista cançada, a dansar, a pular, nuns saltos macabros, que me entonteciam... C-h-i — xi — m-e — me — r-a — ra — ximéra ou xímera... E não podia

sae dahi: ou almera ou ximera... Mas, o mestre assim não queria. Vi perdida a minha ascendencia sobre os outros: senti periclitar o meu prestigio, ruir a minha fama.

Um suor frio corria-me pela testa; o coração parecia querer fugir-me do peito.

Soletrei ainda... De subito, um clarão estranho illuminou-me a vista... Tive uma idéa, uma lembrança, um deslumbramento... o quer que fosse que me fazia quasi enlouquecer de alegria.

Enxuguei o suor da testa, estreguei os olhos, respirei forte, sorri victoriosa!... Não era almera, nem ximera, era... Contive-me.

Li baixinho, medrosa que me ouvissem, repeti a leitura e achei tão doce, tão sonoro o vocabulo, que até me pareceu nunca ter ouvido outro de tamanha suavidade.

Calculei o successo que eu ia alcançar!

Estava garantida e agora firmada a minha superioridade sobre todos os estudantes... Na minha opinião, só havia tres maneiras de ler aquella palavra: duas estavam excluidas, e a terceira, a certa, a correcta, só eu, no meio de todos os collegas, sabia qual era!...

Já me impacientava a demora do mestre em perguntar-me: temia que outro estudante ainda antes de mim, dissesse como era e, não podendo dominar-me, fiz signaes significativos ao professor, aos collegas, sorri desvanecida, dei passos para a frente, para traz, tossi, escarrei, limpei a garganta, assoei-me, furtivamente, para chamar sobre mim a attenção geral.

O mestre, afinal, voltou-se para a classe e disse, num tom compungido:

— Entre quarenta e tres rapazes, alguns dos quaes eu suppunha adeantados, não houve um que soubesse ler essa palavra, tão facil, que está no livro primeiro... E' contristador! Não é porque eu deixe de ensinar e cuidar dos meus deveres, não é!... Esforço-me, canso-me, mato-me... Mas os senhores ligam mais apreço aos seus brinquedos que á palavra do mestre. Falta um unico alumno para ser interrogado e está claro que a elle não se estende a minha censura. Esse, posso affirmar, vae responder direito. Por que? Porque presta attenção ao que ensino; porque estuda. Por que não fazem os senhores o mesmo?

Tomem sentido no que elle vae dizer e aprendam com elle a ser bons estudantes, para que nunca mais lhes aconteça cousa semelhante a esta...

— Vamos, senhor decorião, ensine a seus collegas como é que se lê e se pronuncia essa palavra.

Atirei um longo olhar em torno: toda a escola, em extasi, me contemplava embevecida!

Nem sei como não morri de orgulho e de satisfação naquelle momento verdadeiramente feliz da minha vida.

O mestre comprehendeu a minha emoção, e, num tom carinhoso e de paternal affecto, repetiu:

— Leia...

Dividindo bem as syllabas, vagarosamente, alto e com emphase, para que toda gente pudesse bem ouvir, pronunciei, com ares de quem doutrina e sabe bem o que diz:

— Ximerá!... —

JOSÉ SIZENANDO.

Nessa alongada infancia, á luz serena
Do luar da prece em vago olor delida,
Florescia o jardim da minha vida,
Alvejante de lirio e de açucena.

Depois, na adolescencia — manhã plena
De rubores e cantos — sem medida,
Descerrando a corola apetecida,
A rosa do desejo o ar envenena.

Depois... volupia, riso, amor, conforto...
Desentranhou-se, ao sol da mocidade,
Em papoilas e cravos o meu horto...

Emfim velhice!... Já com a sombra invade
O canteiro, onde jaz meu sonho morto
Fioração de perpetua e de saudade...

J. M. GOULART DE ANDRADE.

Vejo-te de bem alto, ó cidade querida!
Olho, cheio de uncção, para os teus quatro lados,
Tendo, abaixo de mim, telhados e telhados
Que abafam o rumor da tua nobre lida.

Ao longe, a serra, o mar. A agua do mar, polida...
E em todo o circulo amplo em que estão limitados
Teus dotes naturaes, os dramas ignorados
Rugem, campeia a farça, e ferve a tua vida.

No vago presentir do lugubre segredo,
Adivinhando em ti podridões e maldade,
Recúo, vendo em baixo as pedras do lagedo...

Arrepio-me todo ante essa hostilidade
E, fugindo de ti, fecho os olhos de medo,
O' imperfeita, cruel e divina cidade!...

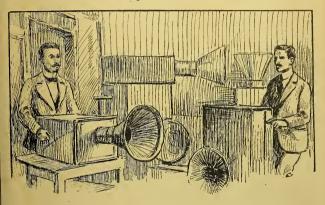
OSCAR LOPES.

com vantagem contra os microbios. Surgiram as primeiras molestias infecciosas. A vida agglomerada facilitou a sua propagação. Appareceram as primeiras epidemias. E o peor era que os microbios depois de habitarem um pouco o sangue dessa gente fraca, exaltavam a sua virulencia e podiam vencer tambem a gente forte, a gente sã dos campos.

Ficava a Humanidade toda á mercê dos microbios!

Quando o Homem trocou a caverna pela cabana fez bem; mas, quando trocou esta pelas cidades, fez mal. Mas ultra-hygienica Electricidade escapa á regra de brigar com o hygienista quando, depois de nos ter salvo da intoxicação do gaz da illuminação, do oxydo de carbono na cozinha e de mil combustões incompletas nas fabricas, e até nos automoveis, ella produz faiscas longas e céga e estraga os orgãos e o systema nervoso dos operarios e dos engenheiros, nas usinas, e dos doentes e dos medicos nos gabinetes de raios X.

Entre as maravilhas da Sciencia estão o telegrapho sem fio, a telephonia, o cinematographo e o phonographo; entre os

AS ABERRAÇÕES DO PROGRESSO

A musica do futuro no "Club Cubista", em Milão. Em 10 de dezembro de 1913 o Sr. Russolo, conhecido pintor, á esquerda "manobrando um "ululador" (!) e á direita o Sr. Piatti "accionando" um "zumbidor"!

o Progresso não parou: trouxe a Hygiene! E que fez ella? Mandou recuar as ruas, afastar as casas umas das outras, arborisar praças e jardins. Emfim, mandou fazer o caminho inverso do que tinha feito o Progresso, da Cabana em deante...

Dir-se-ia que o Progresso fez as cidades no campo e que a Hygiene se esforça para fazer o campo nas cidades!

Si o progresso da habitação trouxe as epidemias, o da alimentação, da cozinha, trouxe as intoxicações. De todas as descobertas do Homem não ha uma que seja innocente para a Saude. Nem a melhores productos da Arte está a Musica, o espectaculo theatral, etc. Pois bem, tudo isso junto (sem falar das aberrações da Arte, como são a "Musica do Futuro", os "Cubistas", etc., concorre para augmentar o numero daquellas nevroses complicadas, cada vez mais impressionantes nas populações das cidades, que dão insomnias. E haverá cousa peor do que não poder dormir? A falta de repouso é a base da concepção do Inferno. Dahi o recurso á morphina e á cocaina. Para demonstrar quão generalisado está este ultimo toxico, basta dizer que ha pouco o prof. Marcel Briand apresentou

Eis como se póde obter uma machina de grande simplicidade para multiplicar, machina que não occupa logar, que não custa nada e que acompanhará sempre o seu possuidor, excepção, é claro, dos que forem á guerra e lá perderem as mãos... E' um processo velho como a Sé de Braga, mas que poucos aperfeiçoaram até o ponto obtido pelo descobridor desta maravilha.

Multiplicação de numeros de 6 *a* 10

Si se quer multiplicar entre si quaesquer dos numeros que vão de 6 a 10, começa-se por dar o valor de um numero a cada dedo de cada mão. Assim, os pollegares ficarão valendo 6, os index ou indicadores 7, os medios 8, os anulares 9, os auriculares 10. Supponhamos, por exemplo, que se deseja o producto de 7 por 8. E' preciso:

1°, approximar os dedos 7 e 8, isto é, o indicador de uma mão e o medio da outra.

2°, contar estes dous dedos e os que ficarem aquem delles, isto é, do lado do pollegar de cada mão. Acha-se 288 dedos juntos, um dedo aquem em uma mão (o pollegar), dous dedos aquem na outra mão (o pollegar e o indicador.. Total: cinco dedos. *O producto procurado encerrará cinco dezenas.*

3°, contar, para cada mão, os numeros de dedos que estão além dos dedos juntos, isto é, do lado do auricular. Encontra-se: tres dedos em uma mão (medio, anular e auricular), dous dedos na outra (anular e auricular). Como se conhecem, por definição, os productos entre si dos numeros de 1 a 5, não se encontra nenhuma difficuldade em enunciar immediatamente o producto dos dous numeros achados.

Resultado : 3×2=6. *O producto procurado conterá 6 unidades.* Tem-se, pois, no caso presente, cinco dezenas e 6 unidades, isto é, o numero 56.

E' preciso, entretanto, tomar um caso um pouco mais complexo, o em que, na terceira phase da operação, se chega, não a um producto parcial inferior a 10 e por consequinte constituido por um só algarismo, mas a um producto parcial egual ou superior a 10, portanto constituido por dous algarismos. Por exemplo: 3 × 4 = 12. Basta então juntar ás dezenas achadas precedentemente as dezenas do producto parcial. E' assim que, si se quer multiplicar 6 por 6, é necessario operar do modo seguinte:

1°—Dous pollegares approximados;

2° — Nenhum dedo aquem dos dedos juntos; assim, o *producto conterá duas dezenas;*

3°- Quatro dedos de cada mão além dos dedos juntos (indicador, medio, anular e auricular). Assim: 4 × 4 = 16. *O producto conterá* 16 *unidades.*

Uma addição simples indica que 2 dezenas e 16 unidades equivalem a 3 dezenas e 6 unidades. Com effeito: 2 dezenas ou 20 unidades mais 16 unidades são 36 unidades. Tudo isto nada tem de difficil. Effectuando somente umas quinze operações obedecendo a este methodo, não haverá mais engano.

Multiplicação dos numeros de 11 *a* 15

Uma technica tambem muito facil permittirá operar com os numeros da serie seguinte, de 11 a 15. E' necessario apenas chamar ao pollegar 11, ao indicador 12, ao medio 13, ao anular 14 e ao auricular 15. Isto feito, vamos mul-

A expedição Besley, que determinou a verdadeira origem do Amazonas. (O capitão Besley é o que está assignalado por uma cruz).

Supponho que entre nós ha verdadeira ignorancia dos recentes trabalhos de exploração geographica a cerca da origem e da verdadeira fonte do rio Amazonas.

O assumpto diz-nos respeito, e devia interessar-nos profundamente. Mas, não conheço nenhum symptoma ou indicio de que tenhamos acompanhado as pesquizas scientificas já apuradas nesta materia.

A politica, a má politica, absorve toda a attenção dos nossos compatriotas. Comtudo, acreditamos que esta pagina que escrevemos pode merecer algum attractivo; não é longa nem demasiado enfadonha.

As verdadeiras fontes do Rio Amazonas

Eis, em resumo, a questão.

O que passa entre nós como verdade assentada e figura em livros didacticos, obras e até documentos de caracter official, é que o Amazonas nasce na *lagôa de Lauricocha* e dahi deriva para as terras orientaes até perder-se no oceano.

Esta verdade compendial data dos começos do seculo XVIII e foi vulgarisada pelos jesuitas, por intermedio das *Letras edificantes* que resumiam, naquelle seculo, e em lingua franceza, os trabalhos dos missionarios. Realmente, pelos fins do seculo anterior os padres Richler e Samuel Fritz fixaram a sua assistencia espiritual em Quito, no Equador. Dahi é que Samuel Fritz percorreu o grande rio *Marañon*, no serviço da catechese, desceu o Solimões, foi preso como espião no territorio portuguez e depois remontando o curso do *Marañon* veiu a dar já nas terras do Perú' com a lagôa Lauricocha que assertou ser a origem extrema do grande rio. Samuel Fritz traçou um grande mappa e escreveu uma relação da viagem: o mappa, de grandes dimensões, foi de-

Mappa da região

rivava do *Vilcanota,* que recebe o *Apurimac* e depois o *Ucayalle.* Como se vê o erro consistia em considerar principaes os rios que eram meros affluentes; o mais extenso del'es era o *Vilcanota* e conseguintemente o rio principal.

Desta arte, caia por terra a origem marcada no Nupe ou *Marañon,* pois que o Vilcanota começa de muito mais longe na região extrema meridional do Peru'.

—

Havia, porém, uma tarefa de importancia a realisar e era de explorar *in loco* as cabeceiras do grande rio e descobrir o seu primeiro e mesquinho curso no planalto de La Raya.

Para esse fim, J. Campbell Besley, com tres companheiros, organisou uma expedição anglo-americana, que se propunha a achar o primeiro fio dagua do Amazonas e seguil-o até á sua embocadura no Atlantico. Essa expedição atravez de mil difficuldades, por terras inhospitas e povoadas de selvagens ou inteiramente desertas, vingou alcançar o seu objectivo com inteiro exito.

Tomaram os expedicionarios o *Ferro-carril del Sur* em Mollendo e chegaram á base de operações determinada por Squires. Ahi remontaram a pequena corrente do Vilcanota, e, montados em *llamas* e acompanhados de indios da região, chegaram até as faldas do Curunani, eternamente coberto de neves. Galgaram as encostas até o *divortium aquarum,* que inclina os seus tres declives: para o Pacifico, para o lago Titicaca e para a região da *móntaña* ou amazonica. No Peru' e Bolivia chamam *montaña,* paradoxalmente, ás regiões de descida para o Atlantico, as quaes se caracterisam pelas suas florestas em opposição á pobreza do sólo do planalto andino.

Cabeceiras do Amazonas

Ao cabo de uma semana, o capitão Besley, verificados os cursos do *Pulpera* da vertente do Pacifico e o do *Pucara* que corre para o lago Titicaca, e que não teem origem commum, reduziu as suas explorações ao curso do Vilcanota, e dividiu os expedicionarios em varias partidas, que bateram os terrenos proximos.

Uma dessas columnas trouxe a verdade esperada. Algumas poças dagua, tranquillas como as de um pantano, e alimentadas pelo degelo do *Telhado do Mundo, (o Roof of the World)* representam o começo do rio gigantesco. Estas aguas só ao cabo de algumas centenas de metros começam a desenhar o friso caracteristico de que acharam o seu declive; é o *seepage,* o primeiro si-

HOROSCOPO

PARA O LIMA BARRETO.

Ai de quem, ao nascer, trouxe na palma
Da mão esquerda a linha da Poesia,
Cujo sulco fatal reflecte na alma
A tarja negra da Melancolia!...

Nunca surgira esse infeliz, da calma
Do invencivel não-ser — á luz do dia,
Que a Dôr sobre seu berço logo espalma
Amplas azas de treva e de agonia...

E ai de mim!... Esta linha que registra
Fadarios como os de Camões e Dante,
Sinistramente, em minha mão sinistra,

Vejo-a tecendo a triste lenda que háde
Meu nome sem lauréis guardar, constante,
Como um exemplo de infelicidade!...

MAX DE VASCONCELLOS.

ENCANTAMENTO

São saudades de um Bem que nunca tive
As que soffro, disseram-me. Em verdade,
Um Bem sorriu-me na primeira edade;
Gozando-O em sonhos muita vez estive...

Minha vida senti como em declive...
Foi-se-me, a conquistal-O, a mocidade,
E onde esse Bem que sei para mim vive,
Por Quem sou Cavalheiro da Saudade?

Vel-O não me bastava... E não me basta
Guardal-O, hoje, somente na lembrança
— Segredo em forma de Anjo, pura e casta!

Encantamento! Os olhos no Céo ponho,
E, alma aberta, tel-O-ei, doce esperança,
Baixando á terra — o Bem que foi meu Sonho!

EURYCLES.

A Guerra Actual

Estudo historico e critico das operações allemãs em França na campanha de 1914

Um dos mais difficeis problemas mentaes da actualidade e, sem duvida alguma, a gente poder formar uma opinião verdadeiramente imparcial e justa sobre os extraordinarios acontecimentos que, ha muitos mezes a esta parte se desenrolam na superficie da Europa, e que têm, desde então, conservado o espirito humano, por todo o mundo civilisado num estado de perpetua anciedade e de verdadeira suspensão.

Não obstante a perplexidade e a incertesa que dominam todas as intelligencias, mesmo as mais solidas, sobre o que será "o dia de amanhã" — o espirito eternamente faccioso e partidario da humanidade dividiu por tal forma os homens em "alliados" e "allemães", que até entre as crianças se encontram exemplos interessantes e divertidissimos de partidarismo guerreiro.

Um certo petiz de quatro annos, do meu conhecimento, de vez em quando passa a mão num chanfalho de folha de Flandres e ameaça céos e terra aos brados de "eu sou allemão"!

E não ha muitos dias possuido de verdadeiro *furor teutonico* quiz dar uma carga num grupo de tres creanças, que uma governante franceza educa, e que elle, o pequeno Hindenburg, chama desdenhosamente de *francezes*.

Em casa de um dos nossos velhos marechaes um "alliado" de sete annos travou-se de razões com um "allemão" de oito; e como se achassem na occasião trepados a uma mesma arvore, o "allemão" pura e simplesmente, com aquella naturalidade que nós conhecemos, atirou com o "alliado" da arvore abaixo e quebrou-lhe um braço.

Si assim procedem as creanças, imagine-se agora os homens. Nem é preciso commentar. Mas é fóra de duvida que o *espirito de partido* é a cousa mais natural do mundo, e que a humanidade lhe deve pelo menos cincoenta por cento dos progressos realisados até hoje. Comprehende-se perfeitamente que num momento em que se trava uma luta decisiva entre duas velhas civilisações: a civilisação latina e a civilisação germanica, representando cada uma dellas uma ordem de cousas differente, uma comprehensão diversa de questões sociaes e moraes da mais alta importancia para os destinos presentes e futuros da humanidade, e uma concepção contradictoria dos principios fundamentaes da evolução humana — é naturalissimo que cada um de nós se incline para este ou para aquelle grupo, de accordo com a sua *equação pessoal*, isto é, com o conjuncto das qualidades ou das imperfeições do seu espirito.

Seria, entretanto, para desejar que, em meio do entrechocar de sentimentos e idéas tão diversas que agitam na hora presente o espirito dos homens, aquelles que lançam mão da penna para fazer a historia e a critica dos acontecimentos actuaes, se elevassem acima do turbilhão da luta e nos traçassem uma perspectiva imparcial dos factos, nas suas linhas e nas suas côres reaes.

Isso, entretanto, raramente acontece. Os escriptores militares em geral, não puderam subtrahir-se á influencia do partidarismo, e, por maiores que sejam as suas tentativas de imparcialidade o que se tem visto é o seguinte: cada um traça o quadro que lhe convém, não trepidando mesmo em lançar para um segundo plano acontecimentos importantes e decisivos cujo exame não seja favoravel aos seus designios. Alguns mais desabusados vão até a torcer positivamente a significação das cousas, e a impressão geral que se conserva de todos elles ou de quasi todos é que nenhum quiz ou póde falar a linguagem da verdade.

Ora, para os interessados em conhecer a verdade, uns por tendencia natural do espirito, outros (os militares) por dever de officio — (e para que possam tirar della todo o ensinamento possivel) — só a verdade interessa.

Foi para esses que este artigo foi escripto. Elle representará uma tentativa, um ensaio, ou que melhor nome tenha, do restabelecimento da verdade historica — *profissional* e *technica* — (através dos documentos e testemunhos que puderam ser consultados) — da campanha franco-allemã de 914, a partir dos antecedentes da

treitissima frente de batalha que a fronteira lhe offerecia (entre o Rheno e o Mosella) os 44 corpos de exercito destinados á campanha da França, quando é sabido que em 1870 ella fez difficilmente moverem-se nessa frente os 16 corpos do exercito de invasão;

3º — A Belgica é um paiz muito plano, isto é, de facil accesso a grandes massas, e quasi que inteiramente desarmado. Tendo caido na tolice de se fiar em tratados, tinha descurado quasi que inteiramente da defesa nacional, e os allemães no acto da invasão não encontrariam sinão fracos obstaculos nas praças de Liége, Namur e Maubege, no norte da França;

4º — A idéa de que os allemães pretendiam invadir a Belgica era muito discutida na Europa. Entre muitos escriptores militares que trataram do assumpto, podem ser citados os generaes belgas Brialmont e Déjardin, que avisaram o seu paiz de que a Belgica seria inundada pela invasão allemã.

5º — E, finalmente, para não alongar muito esta exposição, basta citar como prova de que essa invasão era uma idéa assentada pelo estado-maior allemão os factos seguintes:

a) aperfeiçoamento e remodelação (de 1893 para cá) de todas as vias de communicação da Prussia Rhenana, que conduziam á fronteira belga;

b) construcção de pesadas fortificações na Alsacia Lorena, o que denota que os allemães tinham abandonado o plano primitivo de Moltke e não pretendiam mais tomar a offensiva nessa zona, mas apenas deter o inimigo, deixando assim grandes massas de forças disponiveis para o golpe decisivo sobre a Belgica e o norte da França.

Fica assim claramente demonstrado que o plano do estado-maior allemão de operar a invasão da Belgica era largamente conhecido na Europa.

Examinemos agora a opinião do general Bonnal dizendo que ninguem sabia disso.

A incredulidade dos escriptores francezes

Não obstante todos os avisos que lhes vinham do exterior, todos os indicios e todas as provas de que o estado-maior allemão acceitara a doutrina estrategica da invasão da Belgica, a grande maioria dos escriptores militares em França não lhe quiz dar credito. Obsediados pela idéa da *révanche* e da reconquista immediata da Alsacia e da Lorena, e fascinados pela convicção dominante de que só a offensiva lhes daria a victoria, ninguem em França queria ouvir falar noutra cousa sinão na invasão immediata das provincias perdidas logo ao declarar-se a guerra, nem ninguem queria admittir outro theatro de guerra que não fosse a Alsacia-Lorena. Os francezes esperavam assim ditar elles proprios aos allemães qual seria o theatro das operações, que não poderia ser outro, segundo os francezes, sinão aquelle indicado pela propria invasão franceza.

Toda "idéa fixa" quando não leva á loucura, leva facilmente á desorientação e á cegueira. Foi o que aconteceu aos francezes. Dominados pela idéa fixa de que elles proprios escolheriam o theatro das operações e que esse theatro seria a Alsacia-Lorena, elles descuraram inteiramente do norte francez, que ficou quasi que inteiramente aberto ás incursões, defendido apenas pelas duas praças sem valor de Maubege e Lille.

Toda a concentração franceza estava polarisada para a fronteira de léste que era, por assim dizer, uma fortaleza só, de Verdun a Belfort. As guarnições de cobertura eram pesadas e formidaveis, circumstancia que se accentuou intensamente logo aos primeiros dias da declaração de guerra. Todo o Exercito francez se accumulava no léste.

A Belgica, muito affectada e muito influenciada pelas theorias militares francezas, tambem não quiz acreditar nas probabilidades da invasão, e descurou quasi que inteiramente da sua defesa. Seu exercito era fraco e mal organisado. E quando a invasão se deu, a Belgica, que poderia facilmente ter-lhe opposto uma respeitavel força de 400 mil homens, não pôde mobilisar mais de 80.000, segundo Pujol.

Desta exposição de factos se deprehende facilmente que aos escriptores

obrigado a recuar. Finalmente, os inglezes, que se tinham batido brilhantemente com von Kluck em Mons, foram obrigados a acompanhar o recuo geral e viram-se seriamente compromettidos dias depois entre Lamdrecies e Cambrai, donde se desembaraçaram com grandes perdas e muitas difficuldades.

Mais uns recontros parciaes aqui e acolá, sempre desastrosos para os alliados, e eis todo o centro e a ala esquerda francezes pivotando em torno de Verdun, em franca retirada rumo sul, procurando para a ala esquerda, totalmente no ar, um ponto de apoio seguro na praça forte de Paris.

Dias de anciedade — A coragem moral de Joffre

A noticia da derrota completa dos alliados na immensa batalha dos vigesimos dias de agosto, alarmou profundamente Paris e o mundo civilisado. Tendo deixado atrás de si a innocente Belgica, derruida e fumegante, a onda teutonica inundava de capacetes todo o norte da França, descendo vertiginosamente para o sul. Os exercitos alliados batidos, rotos, humilhados, procuravam afastar-se rapidamente da zona da batalha em busca de uma região mais calma, onde pudessem recompor-se e refazer-se.

Mas nessa hora tragica e sem nada verdadeiramente comprehender do que se passava, o governo, a politica e a população de Paris, vendo o inimigo approximar-se dia a dia, reclamava uma nova batalha — que seria sem duvida alguma o desmoronamento total.

Mas ahi, nesses terriveis momentos, foi que Joffre se mostrou o grande homem e o grande general que é. Elle falou aos governantes e disse-lhes que ou depositassem confiança nelle e lhe deixassem fazer o que lhe parecesse mais acertado ou não tinham confiança nelle e nesse caso elle deixaria o commando.

O governo submetteu-se e retirou-se para Bordeus. No seu rastro sairam de Paris 800 mil pessoas. O momento decisivo approximava-se.

A ordem de batalha

Quando a ala esquerda alliada (inglezes) chegou ás alturas de Paris, Joffre deteve a retirada dos seus exercitos e fel-os dar meia volta, face ao inimigo. O exercito alliado se estendia então em arco de circulo ou meia lua, fechando o immenso desfiladeiro entre as duas praças fortes de Paris e Verdun. Era uma especie de sacco para dentro do qual elle pretendia attrahir o inimigo.

Este, entretanto, que avançava a marchas forçadas, foi victima de um erro de apreciação. Suppondo o exercito alliado totalmente desmoralisado e abatido os allemães julgaram que um simples recontro mais os anniquilaria por completo. Puzeram de parte, por conseguinte, as precauções e a prudencia que as circumstancias exigiam e, suppondo que tinham apenas pela frente destroços de forças a dispersar e a aprisionar, os exercitos allemães se engolfaram resolutamente no "corredor" Paris-Verdun.

Como disposições supplementares da batalha que se preparava, Joffre tomou algumas medidas de grande importancia entre as quaes a formação de dous novos exercitos com elementos tirados um pouco daqui e dacolá, mas, sobretudo, da fronteira de léste. Um desses exercitos foi dado a Foch ("o maior estrategista do mundo", no dizer de Joffre) e devia formar o centro francez. O outro, que tinha de desempenhar um papel tão importante na batalha proxima, foi dado a Maunoury, que tomou com elle uma posição perpendicular ao flanco direito allemão, estrema esquerda franceza.

Dessa fórma, o exercito de Maunoury cobria Paris e apoiava-se nelle, creando para o exercito de von Kluck, que fazia a ala direita allemã, um perigo permanente de envolvimento.

Quando Maunoury tomou essa posição conveniente, Joffre lançou a ordem de offensiva geral em toda a linha. E na ordem do dia, tão tranquilla e tão serena que se secundava a ordem de offensiva geral, Joffre dizia que *"no momento em que se empenhava uma grande batalha de que dependia a salvação do paiz, era conveniente recordar a todos que não era*

NO TEMPO DOS NOSSOS AVÓS

Uma scena do Rio de Janeiro em 1840 — A limpésa de um lampião a azeite existente na rua do Sabão esquina da rua da Quitanda.

Ao bom amigo e comprovin-
ciano Luiz Bronzi

Lembrança do velho amigo

Carlos Gomes

Milão 5 - 3 - 1890

MAIO

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	6	23.43	Perigeu	13	15.06
Ming.	13	22.48	Apogeu	27	18.04
Nova	20	21.47			
Crescente	28	20.34			

5º MEZ
31 DIAS

O Sól em Geminis a 21 as 12 h. 59 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Terça........	Muito	S. Felippe e Thiago bps..	6.26	17.14			
2	Quarta		S. Juvenal..................	26	14			
3	Quinta	frio	Des. Bra. Inv. S.Cruz.	27	14	5	1	Mercurio estacionario
4	Sexta........		Sta. Monica................	27	14	5	11	Venus em conj. com Jupiter 0° 16' N
5	Sabbado	e	S. Pio V, papa...........	28	14	8	20	Jupiter em conj. com o Sol
6	Domingo ...	geadas	A. Maternidade de N. S.	28	14	13	3	Mercurio em conj. com Venus 0° 24' N
7	Segunda....		S. Estanisláo M...........	28	14	13	10	Mercurio no nodo descendente
8	Terça	nas	App. de S. Miguel Arc...	29	14	13	15	Urano em conj. com a lua 4° 29' S
9	Quarta		S. Gregorio Nazianzeno.	29	14			
10	Quinta	monta-	S. Antonio Arc. de Flo...	30	14	14	10	Urano em quadratura com o Sol
11	Sexta........	nhas	S. João Damasceno C.....	30	14			
12	Sabbado....		S. Joanna Prin. de Port..	30	14	16	5	Mercurio em conj. inf. com o Sol
13	Domingo...	Fresco	Abol. de Elm. Servil..	31	14	19	4	Marte em conj. com a lua 5° 2' S
14	Segunda..,.	e	S. Paschoal e S. Bonif....	31	14	19	21	Jupiter em conj. com a lua 4°55'S
15	Terça .,.....		S. Nereo Mon............	31	14	20	1	Mercurio em conj. com a lua 5° 50' S
16	Quarta.,....	agrada-	S. João Nepomuceno M..	32	14	20	22	Venus no nodo ascendente
17	Quinta		✠Ascen. de N. Senhor..	32	15	21	0	Venus em conj. com a lua 2° 56' S
18	Sexta........	vel	S. Venancio M............	32	15			
19	Sabbado...,		S. Pedro Celestino........	32	15	23	16	Mercurio no aphelio
20	Domingo...	Limpo	S. Bernardino de Senna..	33	15	24	7	Mer. em conj. com Jupiter 2°7' S
21	Segunda....	e	S. Ubaldo B...............	33	16			
22	Terça	secco	Sta. Rita de Cassia V.....	33	16			
23	Quarta......		S. Desiderio B. M..........	33	16	25	0	Saturno em conj. com a lua 1° 49' N
24	Quinta......	signaes	N. S. Auxiliadora.........	33	16	25	12	Neptuno em conj. com a lua 1° 47' N
25	Sexta		S. Gregorio VII P.........	34	16			
26	Sabbado.,..	de	S. Felippe Nery...........	34	17			
27	Domingo ...		Pentecoste—O Esp.Santo	34	17	28	11	Urano estacionario
28	Segunda	Chuva	S. Germano B.............	34	17	28	21	Mercurio estacionario
29	Terça...,.. .		S. Maximo B...............	34	17			
30	Quarta	Friagem	Temp. S. Felix P. M.....	34	18			
31	Quinta		Sta. Petronilla V...........	34	18			

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

21 a 31

O céo no dia 15 de Maio ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Continua a colheita do milho e algodão, e a preparação das terras para sementeiras do inverno. Começa a plantação do trigo, depois da segunda quinzena, semeia-se o centeio, a cevada, a aveia e o azevem. Semeia-se favas, alcachofras, aipo, agrião, cardos, cebollas, espinafres, alface, chicorea, nabo, salsa, rabanetes, beterrabas, repolho, couve e ervilha. Transplantam-se arvores e arbustos de ornamento e flores como jasmins e roseiras, começa a sementeira de muitas flores annuaes e plantam-se muitos tuberculos e plantas bulbosas, como amarijuris, anemonas, gladiolus, ixias, lyrios e narcisos. Começam os trabalhos das vinhas, fazendo-se a cava e descobrindo as raizes para arejal-as. Continua o transplante das mudas e inicia-se a poda nos arbustos. Os criadores de abelhas nessa quadra tem o tempo mais favoravel para cuidar do serviço do apiario.

O EXITO

Si ha uma cousa a que todo homem se dedique seriamente é a — garantir o successo da sua vida. No entanto, os resultados são tão falhos!... Porque? Certamente porque uns são mais capazes do que outros, e o successo resulta dessa capacidade. Como o assumpto é muito importante, indaga-se: *de que depende esta capacidade? Quaes as suas causas, ou os seus factores?...* Talento? Vigor de caracter? Inteireza moral? Saude? Preparo technico? Amor ao trabalho? Methodo na acção?...

Não ha duvida que cada um desses dotes tem grande influencia para a realisação efficiente da vida, e para o seu exito; mas, não é menos verdade que taes predicados, mesmo quando existam reunidos numa só pessoa, não bastam, muitas vezes, para trazer-lhe um successo, ou uma fortuna correspondente. Quer dizer, além delles, ha condições outras a que é preciso attender.

De dous modos devemos apreciar o exito dos individuos, e avaliar o successo de cada existencia humana: do ponto de vista do seu valor real, isto é, o valor daquillo que o individuo produziu (e é isto o que se considera como *efficiencia pessoal*), e do ponto de vista relativo áquillo que a pessoa desejava fazer ou alcançar, e o que ella realmente fez ou alcançou. O verdadeiro exito de uma individualidade se avalia por uma especie de media — entre esses dois aspectos: a sua efficiencia positiva e real, e a proporção das suas ambições realisadas. O caboclo simplorio, que vive de aipim e rapadura, ao som de viola e pandeiro, será uma existencia nulla, mas não é um insuccesso, pois que elle não deseja outra cousa na vida; o inventor, ou o litterato, que sonhou gloria e fortuna, e não logrou produzir mais do que um romance mediocre, ou um cofre de segurança, é um *raté*, é um insuccesso, sem ser, no entanto, uma existencia nulla. Por isso mesmo, si queremos apreciar devidamente a efficiencia das pessoas, torna-se indispensavel tomar em consideração — o que ellas desejavam e planejavam, e o que effectivamente conseguiram.

O problema do exito, que é, em summa, o verdadeiro problema da vida, será sempre subordinado ás ambições pessoaes. Ha interesse geral, porque o valor de um grupo social ou de uma nação depende de modo absoluto da efficiencia dos individuos; mas é impossivel attender a essa efficiencia, e comprehender as causas dos insuccessos, sem attender á propria consciencia das pessoas.

Quem quizesse elucidar esse assumpto deveria procurar apreciar, em primeiro logar — até que ponto os indi-

já se têm publicado questionarios sobre esse problema da efficiencia pessoal, procurando conhecer como — a saude, o trabalho, a competencia technica, os sports, a economia... podem influir para o exito da existencia. Nunca, porém, se referiram os psychologos a essa questão — da capacidade de interpretação. As suas pesquizas não deixam, no entanto, de ser muito instructivas; mas além das condições examinadas, ha outras a considerar.

Um questionario geral, no modelo do que se segue, submettido a um grupo escolhido — de pessoas que se tenham tornado conhecidas e sejam relativamente notaveis, — um tal questionario, pelas suas respostas, poderia elucidar muito o assumpto. E' evidente que só as pessoas de mais de 30 annos devem ser consultadas, porque já têm uma existencia apreciavel do ponto de vista da efficiencia. As respostas serão sempre muito simples.

*
* *

QUESTIONARIO

Apreciação geral da efficiencia e do exito pessoal

Sente-se satisfeito com o exito que tem obtido na vida?
Tem a profissão que mais lhe agrada?
Sente-se possuido de uma vocação especial?
Tem seguido sempre a mesma profissão?
Escolheu por si mesmo a funcção a que se entregou?
Já descobriu o melhor estimulante para o seu trabalho mental?
Sabe ser optimista e confiante em si mesmo em toda circumstancia?
Acredita no seu futuro?
Tem um idéal a realisar?
Tem um plano geral de vida?
Já fez um inventario do que produziu de bom e de util na vida?
Tem uma funcção realmente productora, ou simplesmente parasitaria?

Caracter e natureza moral

Já fez um inventario dos seus defeitos moraes?
Qual das suas tendencias naturaes o prejudica mais? —
Esforça-se em corrigir o defeito, ou defeitos que nota em si mesmo?
E' moral, intellectual, ou social esse defeito?
E' independente e ousado no seu modo de pensar?
E' destemido?
...sincero?
...veraz?
...positivo?
...phantasista?
Enthusiasma-se com facilidade?
E' confiante?
Tem conseguido suscitar dedicações?
Nas suas ambições inclue-se algum pensamento ou desejo de bem geral?
Tem grandes affeições que lhe suavisem a existencia?
Gosa com a presença das flores e a vista das paysagens?
Apraz-se na companhia das crianças?
Gosta da musica?
Tem tendencias e gostos estheticos?

Saude

E' sadio?
E' vigoroso?
Faz educação physica especial?
Já aprendeu por observações pessoaes a conservar e defender a saude?
Mantem sempre uma attitude erecta?
Procura respirar convenientemente?
E' rigoroso e scientifico no asseio?
Tem regularidade e simplicidade nas refeições?
Come moderadamente?
Abstem-se de bebidas?
Abusa do tabaco, café...? Abstem-se do café, do tabaco?
Usa roupa folgada?
Trabalha e dorme em compartimentos bem arejados?
Soffreu de alguma infecção aguda ou chronica? Qual? —
Tem algum defeito physico? Qual?—
Qual a funcção organica que lhe parece mais deficiente? —
Qual o sport, ou systema de gymnastica que prefere? —

Talento e preparo technico

E' considerado pelos que realmente o conhecem como pessoa de grande talento?
Fez estudos systematicos? Tinha boa reputação como estudante?
Tem preparo technico especial?
Preparou-se por si mesmo?
Continua a preparar-se e estudar?

PAGINA INFANTIL

A SURPRESA DO SABETUDO

Quando o João Sabetudo teve a fortuna de inventar um systema de cartazes sobre tubarões, e cachalotes para uso do publico que viaja em submarinos,..

...pensou logo em procurar um esculptor de nomeada que perpetuasse em marmore ou bronze a sua figura tão sympathica e tão luminosa,.. Elle tinha...

...concebido logo varios projectos, desde o mais pequenino ao monumental. E durante horas seguidas, o Sabetudo e o artista estiveram dando tratos á bola.

Entre o projecto havia um que agradava muito o sabio inventor. A difficuldade estava em poder construir um grande aquario onde o Sabetudo, de pedra, figurava a cavallo num cachalote. Desistiram dessa idéa e...

...ficou estabelecido que se fizesse uma estatua equestre. O artista atirou-se á obra e em pouco tempo estava prompta a «maquette».

Mas quando o artista reproduziu o modelo, faltou marmore para o cavallo... Teve a idéa de substituil-o por pedra, mas lembrou-se que era demasiado dura...

...Então teve uma idéa... O esculptor iria buscar um cavallo ensinado que já trabalhava num circo de cavallinhos...

...pintal-o-ia de branco, dando-lhe a semelhança de marmore do forma a illudir, mesmo, os mais prevenidos...

Quando Sabetudo foi examinar a obra ficou radiante e pagou generosamente... mas...

...o que não esperava é que horas depois quando voltava a «admirar-se» não tivesse encontrado o cavallo...

...que fiel ao ensinamento do mestre esculptor ia fazer a sua refeição, para depois collocar-se de forma a produzir desespero do notavel Sabetudo...

A ARTE, A SCIENCIA, O COMMERCIO, A INDUSTRIA, O DIVERTIMENTO... O... CINEMATOGRAPHO

O cinematographo conquistou o mundo. Arte ou sciencia, ou uma e outra ao mesmo tempo, os seus passos pela "senda do progresso" foram gigantescos, chegando, breve, ao gráo de aperfeiçoamento em que se encontra, a despeito embora da campanha a elle feita, campanha feroz de morte, pelos pretensos paladinos da arte pura e pelos heraldos da sciencia verdadeira. Contra o cinematographo gritou, quando do seu apparecimento, alto e bom som, o empresario theatral e o especialista em molestias de olhos e nervos... Aquelle o temia, pela sua propria razão de ser; este lhe movia combate, porque, afinal, a medicina é um sacerdocio. Tudo passou, porem: o empresario theatral continua dispondo do seu antigo prestigio, sobretudo de "um homem para muitas mulheres", como na opereta, e defensor da arte de representar, desde a tragedia grega, semi-divina, heroica e majestosa até á *revuette* parisiense elegantemente *canaille* — não! até á revista brasileira, de baixa dosagem de espirito, inefficaz em ridiculo, pornographica; e o occulista e o nevropatha, em que pesem ao rigor das cifras estatisticas, não ficaram outras tantas victimas em observação, em virtude do muito fazerem... Depois, houve mesmo notaveis dramaturgos e comediantes de fama universal que negaram a acção do cinematographo em prejuizo da arte de *la rampe,* e notabilidades medicas que confessaram as poucas desvantagens psycho-physiologicas do divertimento do *écran*. Tambem os moralistas, aggremiados ou não, a começar pelo amoral Marcel Prévost, de quem, quando presidente de uma associação de defesa moral de paz, corre uma anecdota cruamente pittoresca, tambem estes protestaram contra as audacias cinematographicas: — "o *film* influe na dissolução da sociedade!" — diziam. Mas, semelhante movimento passou, por sua vez, e as multiplas modalidades da vida continuam sendo dadas, impressionando o espirito pela imagem visual, por isso que as entendem todos os povos, todas as edades, todas as corporações.

Ainda não se precisou a necessidade da invenção do cinematographo. Os theoricos do assumpto têm, entretanto, expendido um mundo de idéas a respeito.

Affirmam uns, por exemplo, que, por todos os motivos, na época da electricidade, urgia uma arte omnimoda, impessoal embora, inferior mesmo, porém capaz de interessar o maior numero: a poesia, a musica, a pintura, a esculptura e a architectura são, emfim, as Bellas-Artes que falam claramente aos iniciados apenas. Outros declaram que a creação do cinematographo teve origem na consciencia que o homem possue de si, não ficando eternamente a admirar só aquillo que lhe legaram as gerações de antes de Christo. E ha, entre outros muitos, os que justificam a invenção da "machina fantastica" na necessidade de divertir-se á humanidade, ameaçada de rolar no abysmo das estravagancias dos meios ultra-civilisados ou de debater-se, sem nunca asphyxiar-se, no circulo vicioso dos apophtegmas philosophicos, ora fantasiados a caracter no bergsonismo... A corrente maior desses theoricos é a que fixa o cinematographo como a creada arte desejada dos tempos que passam, aquem de 1830, isto é, a arte das Bellas Artes, resumindo-as, dando-as a todos, com um poder immenso de significação, obtendo virtudes, influindo sobre o gosto e na comprehensão de quaesquer camadas sociaes. Não seria melhor, afinal, viesse alguem e contrariasse tantos modos de ver, mostrando chãmente que o cinematographo como todos os inventos foi obra do acaso? A mascara seria, então, arrancada aos industriaes da cinematographia que são os proprios theoricos da "arte das Bellas-Artes". Mas os Laemmeles, Loewers, Poweres, Keits, Sopars, Zukors, Lubins e Porters são os reis do *film* e os seus milhões e milhões de dollars fariam vingar opiniões de maior peso intellectual, moral e social...

E' simples a historia da cinematographia: o inglez Muybridge concedeu o plano da photographia animada, por meio de uma serie de instantaneos successivos. Eastman descobriu o *film* continuo; Edison construiu o kinetoscopio, primeiro dispositivo pratico da *moction-picture;* Robert Paul projectou a imagem kinetoscopica sobre uma tela branca, construindo o animatographo; e, por fim, Lumiére obteve o cinematographo. Muybridge, mal estabeleceu os planos da photographia animada, tentou fazer as

tem quantos nos lerem, por termos dito no Brasil tambem! E' evidente que deve de haver, neste particular como em tudo mais, o que se chama simplesmente relatividade das cousas. E não ha contestar que daquelle *Animatographo*, á rua do Ouvidor, rudimentar, trepidante e com fitas a se romperem a todo momento, aos actuaes salões de exhibições cinematographicas, existe uma grande distancia, percorrida dentro, porém, de curto espaço de tempo. A differença, de outro lado, é notavel entre os capitaes em jogo na exploração daquella casa de divertimento, das que se lhe seguiram, durante um anno, e das hoje funccionando — vastas lojas, profusamente illuminadas, com uma *orchestre des dames* na isdispensavel "sala de espera", parafusando ou desparafusando a paciencia alheia, e sem, talvez, ainda as necessarias condições hygienicas no compartimento de exhibições. Ha tambem a notar, e releva isto de importancia, a organisação, agora, de um programma. Hão de encontrar nelle *films* de quando o cinematographo era exclusivamente um espectaculo de feira, successo como tal na Hespanha... Programmas já foram aqui exhibidos, custando milhões de francos, em que pese á veracidade das cifras ditas gastas na montagem de um *film* como *Atlantique*, extrahido do romance de Gerhart Hauptmann, ou como *A vida de Nero*, o *Quo Vadis?*, os *Miseraveis*, ou outro qualquer, em cuja confecção se empregaram centenas de homens com vidas seguradas contra accidentes possiveis. E mais, a programmas, aqui, já assistiu o carioca, dos quaes, a fita principal fôra feita no Rio e em São Paulo, entre outras, todas de successo extraordinario, *O telegramma n. 9*, *Os Estranguladores do Rio*, *O noivado de sangue*, *A mala tragica*, *Viuva alegre*. E no Brasil, nesta capital, o cinematographo soffreu todas estas transformações: foi Cinematographo, Cinema, Cine, e Ci; chamou-se "Lumiére", "Kosmos", "Kab-Kab"... trabalhou a todo preço, em sessões de tres horas a fio e á entrada no meio da fita; serviu a todos os gostos, inclusive o do genero "alegre" e livre; e fez o reclamo de drogas para extinguir callos e dos invios sertões brasileiros...

Quando esta chronica, ou o que fôr, escrevemos sobre o cinematographo — arte, sciencia, industria, divertimento, etc., etc. — ha, mesmo no Rio, um movimento desusado entre os exploradores da cinematographia. Ao lado dos simples proprietarios dos estabelecimentos, em cujas salas vae o indigena, diariamente, rir com as proezas de Carlito ou soffrer as delicias do *thedabarismo*, os quaes agem de modo a cada vez mais seu negocio merecer a confiança da maior clientela, vêem-se alguns espiritos verdadeiramente *yankees* que, organisando-se em sociedades, tratam de transportar para o *film* as bellezas da nossa literatura de romance, a nossa paygem, a vida carioca de hontem como a de hoje, emfim. E' um esforço, é um arrojo, a empreitada que se permittiram fazer taes espiritos, numa terra em que, sem pessimismo, o bom e o util só existem na obra do Creador. A despeito de tudo, porém, essa iniciativa parece vingar, por completo, dessa vez. Que assim seja, afinal, porque bem o merecem aquelles que a tiveram e a vêm realisando, com a excellente *A Moreninha*, o descuidoso amor, na novella de Macedo, e a *A Perdida*, motivo dramatico de Oscar Lopes.

E. DE MATTOS.

(CONTINUAÇÃO)

....

Cinco minutos depois.

Telegrapho Submarino no mundo

Os oceanos, os mares, as bahias e os rios de todo o mundo são cortados em todas as direcções pelos cabos telegraphicos submarinos, que em futuro talvez não muito remoto serão substituidos definitivamente pelo T. S. F. A extensão total desses cabos attinge a um numero verdadeiramente extraordinario.

Assim é que todos os povos têm a servil-os, segundo os mais seguros calculos e pelas mais recentes estatisticas, extensos cabos mergulhados nas profundezas do oceano, que attingem a 235.492 milhas maritimas.

Não é, porém, uma só companhia que explora esses longos cabos. A maior de todas é a que tem a sua principal séde na enevoada capital do Reino Unido, é a poderosa Eastern Telegraph C°.. que serve além da Inglaterra, Portugal, Hespanha. Italia, Grecia, Austria, Turquia, toda a região do mar Negro, Egypto, Indias, Sul da Africa. Australia, etc. A Eastern possue — pelo menos possuia antes da guerra — 46.796 milhas maritimas de linhas.

Figura em segundo logar a Easter Extension Australasia and China Telegraph C°., tambem ingleza, ligando os paizes que lhe dão o titulo e com 26.421 milhas. A terceira é nossa muito conhecida, a Western, terror dos gerentes de jornaes que se dão ao luxo de possuir correspondentes no estrangeiro, o que, aliás a poucos succede. A Western possue trinta cabos com a extensão total de 23.836 milhas. e serve a Portugal, ilha da Madeira, São Vicente, Pernambuco, Rio de Janeiro. Santos, Montevidéo, Açores, ilha da Ascensão, ligando esta a Buenos Aires. O quarto logar pertence á Western Union Telegraph C°., com 23.508 milhas, cuja maior parte é a que liga a Europa á America do Norte.

Seguem-se: a Commercial Cable C°., com 16.595 milhas, servindo tambem de ligação entre a America do Norte á Europa; a Central and South America Telegraph C°., com 11.898 milhas e cujas linhas estão determinadas pelo seu titulo; á Compagnie Française des Cabes Telegraphiques, a primeira não ingleza que figura nas listas de que extrahimos estas notas, a qual, partindo de Brest (na França , serve a diversos pontos até chegar a Nova York, com 11.469 milhas; a Eastern and South African Telegraph. com 10.490 milhas; a Commercial Pacific Cable C°., com 10.070 milhas; a Companhia Allemã de Cabos Transatlanticos, com 9.556 milhas e que, partindo da ilha de Borkun para a ilha dos Açores, toma duas direcções, indo a Conev Island, em Nova York, e a Vigo, na Hespanha.

As demais são pequenas companhias; cujas descripções não merecem destaque especial. Curioso é somente saber qual é entre ellas a menor. Cabe esse logar á bem organisada Companhia Telegraphico-Telephonica del Plata. que dispõe de um só cabo com a extensão de 28 milhas. Escusado será dizer que o nosso Brasil não figura de modo algum nessa estatistica...

está muito felizmente situado para prevenir ao navegador de approximar-se dos Abrolhos: 17°57 Sul.

Onde foi plantada a Santa Cruz

Não são simples, dizem, os "Estudos sobre a Bahia Cabralia e Vera Cruz", que aqui nos servem de guias, as presumpções que nos levam a affirmar que a Cruz plantada por Cabral, tendo nella pregado as armas e divisas de El-Rei Dom Manuel, o "Afortunado", foi erguida á margem do ribeirão Mutary. Além do facto material de não existir desaguando na Bahia, tendo "praia a bocca", outro rio, ribeirão ou riacho, que "corra ao carão da praia", de aguas não salgadas e em cuja foz póde atracar escaler, bote, batel ou esquife; temos a carta de Caminha, primeira pagina da nossa historia escripta no mesmo dia do descobrimento da terra de Vera-Cruz.

Diz Catramby que "se outro qualquer documento não existisse, bastaria sómente ella para nos levar com segurança ao ponto desejado". Narrador imparcial e observador profundo, não emittiu uma asserção que não encontre, ainda hoje, a mais peremptoria confirmação. Ou, se não, vejamos, diz elle para orientar-nos: "Hoje que é sexta-feira, primeiro dia de Maio (11 de Maio) sahimos pela manhã em terra com a nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o Sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista e alli assignou o Capitão, onde fizemos a cova para chantar e emquanto a ficaram fazendo, elle e todos nós outros fomos pela Cruz abaixo do Rio onde estava. Trouxemol-a dalli com esses religiosos e sacerdotes adiante, cantando á maneira de procissão. Eram já alli muitos delles (indios) obra de setenta ou oitenta e quando nos assim viram vir, alguns delles, se foram meter debaixo della a ajudar-nos. Passamos o rio ao longo da praia e fomol-a por onde havia de ser, que será do rio obra de dois tiros de bésta".

O ribeirão Mutary, que não é mais "ancho que um jogo" de maguás, pois tem em media 4m80 de largura e que corre parallelamente ao mar ou "que anda ao carão da praia": 719 metros, é o referido por Caminha. Sendo a distancia que separa do mar, em media, de 25 metros e a ribeira constituida por comoros de areia, não foi necessariamente ahi que plantou Cabral a primeira Cruz. Subindo o rio, desde a sua foz, na distancia de 719 metros que elle "corre ao carão da praia", muda rapidamente a orientação junto de um pequeno morro coberto hoje de palmeiras, ficando perfeitamente visivel do mar, do qual dista cento e poucos metros.

Da parte plana da pequena elevação ao rio distará "obra de dois tiros de bésta" (45 a 50 metros). Esta elevação está acima do nivel do mar onze metros, rodeada de "jussarás" e "mussandós" e estende-se por oeste, acompanhando o rio na distancia de mais de 1 kilometro.

A terra de Santa Cruz

A actual Vera-Cruz ou Villa de Santa Cruz, está situada a 16°15'35" de latitude austral e a 39°00'17" de longitude W. de Gr.: ou de 2h36m em tempo. Sendo a primeira terra descoberta por Cabral a 22 de Abril de MD, só foi elevada á categoria de Villa pelo decreto de 13 de Dezembro de 1832, dando o presidente da Provincia em 18 de Maio de 1833 os limites do Novo Municipio, que são a leste: uma legoa para o sul (ponta do Mutá) e cinco para o norte (barra do rio Mugiquissaba).

Teve logar a installação da villa a 23 de Julho de 1833. No anno de 1530 veiu estabelecer-se á margem do rio o colono portuguez João de Tiba, primeiro habitante civilisado depois do Descobrimento. Exclusão feita dos degredados deixados por Cabral, e de dois grumetes desertores. No anno de 1535, veiu com sua familia tomar posse da Capitania, que lhe havia sido doada, Pero de Campo Tourinho, indo estabelecer a séde á margem do rio Buranhem, onde Christovam Jacques, já havia fundado uma colonia. Pero de Campo Tourinho fundou em 1536 as povoações de Vera-Cruz, onde já ha seis annos se achava João de Tiba, e a de Santo Amaro ao sul do Buranhem.

Muitas vezes foi Vera-Cruz arrazada pelos Aymorés, razão pela qual não se desenvolveu como Porto Seguro, que, sendo a séde da Capitania, chamou para si até a denominação dada por Cabral á bahia que lhe serviu de abrigo. Conta a tradição local que o ultimo arrazamento teve logar em uma noite de Natal, de anno não lembrado e naturalmente na missa de meia noite. Referem que estando toda a pequena povoação na egreja e o padre celebrando, sentiu-se ella cercada pelos Aymorés; que o vigario depois de lançar a benção, sem ser a occasião prescripta na cerimonia, collocou a patena sobre o calix e procurou sair pela porta que se abre para leste, mas sendo perseguido, tentou descer pela ingreme rampa do fundo da egreja, por onde rolou á margem do rio. Dizem ainda que a este ultimo massacre, sómente escaparam dous meninos, que foram pela costa dar noticia em Porto Seguro.

Asseveram tambem que annos depois foram achados na margem do rio a sagradas paténa, o pé do Calice e a ossada do padre, cujo nome não conservaram.

O municipio de Santa Cruz pertence hoje á comarca de Porto Seguro. A villa de Santa Cruz actualmente tem uma população media de 1.500 almas, com 165 eleitores. Os seus habitantes occupam-se da pesca, da caça, do plantio da mandioca, canna, côco, pimenta e cacáu, e tiram piassaba no matto e madeira. A pias-

BÔA PELEJA! BONS GALLOS!

Outra cousa digna de ver-se em Madrid são as brigas de gallos.

Li um dia na *Correspondencia* o seguinte annuncio: *Na funcção que se realisará amanhã, no Circo de Gallos de Recoletos, haverá, entre outros, dous combates em que figuram gallos dos conhecidos aficionados Francisco Calderon e D. José Diez, pelo que se espera seja muito animado o divertimento.*

O espectaculo começava ao meio-dia: lá estava eu. Fui surprehendido pela originalidade e pela boniteza do theatro. Parecia um kiosque construido sobre columnatas de jardim; mas é tão vasto que póde conter quasi mil pessoas. A fórma é perfeitamente cylindrica. No centro ergue-se uma especie de palco circular, de mais de tres palmos de altura, coberto por um tapete verde e circumdado por uma balaustrada tão alta quanto a dos pequenos terraços: — é o campo de batalha dos gallos.

Nos intervallos das columnatas se estende uma subtilissima rêde de fios metallicos, que isola o campo aos combatentes. Em torno desta especie de gaiola, cujo plano é do tamanho de uma grande mesa de jantar, corre um circulo de poltronas; por trás deste, outro, um pouco mais alto, — umas e outras forradas de panno vermelho. Sobre diversas das primeiras viam-se letreiros com caracteres bem nitidos: — *Presidente* — *Secretario* — e outros titulos de personagens que compõem o tribunal do espectaculo. Por trás das poltronas, ergue-se uma especie de escada de bancos até á parede, na qual se abre uma galeria sustentada por dez columnas finas.

A luz vem do alto. O vermelho vivo das poltronas, as flores pintadas nas paredes, as columnas, a luz, emfim — o aspecto geral do theatro tem um não sei que de novo e de pittoresco, que agrada e alegra. A' primeira vista parece que naquelle logar se devia antes ouvir uma musica festiva e jovial do que assistir a uma luta de brutos.

Quando entrei, já lá estava uma centena de pessoas. Mas — oh! — que especie de gente é esta? — perguntei a mim mesmo, pois, de facto, o publico do Circo de Gallos não se assemelha ao de nenhum outro theatro: — é uma mescla *sui generis,* que só em Madrid se observa. Não ha senhoras, nem rapazes, nem soldados, nem operarios, porque é dia de trabalho e a uma hora incommoda; ahi se nota, entretanto, uma variedade de aspectos, de vestuarios e de attitudes maior que em qualquer outra reunião popular. E' toda a gente que nada tem que fazer durante todo o dia; comediantes de longos cabellos e caras rapadas; *toreros* — ahi estava Calderon, o famoso *picador* — com a sua facha encarnada em torno do busto; estudantes ostentando no rosto os vestigios de uma noite passada no jogo; negociantes de gallos, jovens elegantes, velhos senhores *aficionados* vestidos de preto, com luvas negras e gravatões. Estes espectadores cercavam a gaiola. Mais retirados, *rari nantes,*

olhando fixamente, immoveis, como si se quizessem envenenar com os olhos. Agora, atiram-se de novo, um contra o outro, com grande violencia, e então os assaltos passam a succeder-se sem interrupção. Ferem-se a patadas, a esporadas, a bicadas; atracam-se pelas azas de tal modo que parecem um só gallo com duas cabeças; caçam-se um sob o ventre do outro; arremessam-se contra os ferros da balaustrada, perseguem-se, caem, rastejam, esvoaçam; e cada vez os golpes são mais repetidos, voam as pennas da cabeça, os pescoços ficam da côr do fogo e jorram sangue. Depois passam a dar pequenas picadas na cabeça, em torno dos olhos, nos proprios olhos, carneiam-se com a furia de dous loucos que temessem ser apartados; porque é preciso que se saiba que um dos dous deve morrer. Não dão um pio, nem um gemido. Não se ouve sinão o estrepito das azas agitadas, das pennas que se dilaceram, dos bicos que tocam no osso. E nem um instante de tregua — é um furor que vae direito á morte.

Os espectadores acompanham com a maior attenção todos os movimentos, contam as pennas arrancadas, numeram as feridas. E a gritaria augmenta sempre de intensidade, e as apostas se tornam mais fortes: — *Cinco duros pelo pequeno! — Oito duros pelo pardo! — Vinte duros pelo negro! — Vá! — Vá!* Em certo ponto, um dos gallos faz um movimento que traduz a sua inferioridade de forças e começa a demonstrar cansaço. Embora resistindo sempre, as suas bicadas se vão tornando mais raras, as esporadas mais fracas, os saltos mais baixos. Parece que comprehende que vae morrer. Não combate mais para matar—combate para não ser morto. Retrocede, foge, cae, torna a erguer-se, torna a cair, cambaleia como atacado de uma vertigem.

O espectaculo começa então a ser horrivel. Em face do inimigo que cede, o vencedor augmenta de furor. As suas bicadas caem fortes, raivosas, desapiedadas, nos olhos da victima, com a regularidade de uma agulha de machina de costura; o seu pescoço estira-se e encolhe-se com vigor de uma mola; o bico attinge a carne, torce-se, dilacera-a, depois finca-se na ferida e ahi se sacode como á procura das fibras mais occultas. Agora pica e repica a cabeça, como si quizesse abrir o craneo e arrancar os miolos.

Não ha palavra que exprima o horror daquelle picar continuo, incansavel, inexoravel. A victima debate-se, foge, corre ao redor da gaiola, emquanto o outro, ora por trás, ora de lado, ora por cima, inseparavel como uma sombra, com a cabeça inclinada sobre a do fugitivo, como um confessor, vae sempre picando, sempre ferindo, sempre dilacerando. Ha nelle qualquer cousa de carcereiro, de carrasco; parece que diz alguma cousa no ouvido da victima, parece que acompanha cada golpe de um insulto: — Toma, soffre, morre! Não! vive ainda, toma ainda esta, esta outra, ainda mais! — Um pouco de sua raiva sanguinaria insinua-se em vossas veias; aquella crueldade cobarde dá-vos um desejo de vingança; estragulal-o-ieis com as vossas mãos, esmagar-lhe-ieis a cabeça com os pés. O gallo vencido, todo manchado de sangue, depennado, vacillante, tenta de quando em quando uma investida, dá uma ou outra bicada, mas foge, atira-se contra os ferros da balaustrada na esperança de encontrar uma salvação...

Os apostadores inflammam-se, gritam cada vez com mais força. Como não podem mais apostar sobre a luta, apostam agora sobre a agonia: *—Cinco duros como não assalta tres vezes! — Tres duros como não assalta cinco! — Quatro duros como não assalta duas!*

Maldizem uns do amor, porque trahidos
Foram, talvez, em seu affecto, emquanto
Escondem outros, no silencio, o pranto
Nas negras dores d'esses dias idos.

Arrependem-se muitos, dos perdidos
Momentos que se foram, n'esse encanto;
Mas, todos, mais ou menos, entretanto,
Buscam de novo ser do amor feridos.

E' que, ao sorrir do amor, a gente sonha,
E o sonho é tudo n'esta vida, embora
Nos ladre a inveja ou babe a vil peçonha!

Que importa, pois, a dor que nos descóra,
Se a ventura do amor, após, risonha,
A alma de sonhos e illusões inflora.

MOREIRA DE VASCONCELLOS (A).

Laranjas e morangos, quanto ás fructas...
Quanto ás flores, porém, ha! quanto ás flores,
trago-te dhalias rubras, dessas côres
das brilhantes auroras impollutas.

Venho de ouvir as mysteriosas lutas
do mar chorando lagrimas de amores;
isto é, venho de estar entre os verdores
de um sitio cheio de asperesas brutas.

Mas onde as almas, passaros que vôam,
vivem sorrindo ás musicas que echôam
dos campos livres na rural pureza.

Trago-te fructas, flores, só, apenas...
Porque não pude, irmã das açucenas,
trazer-te o mar e toda a natureza.

CRUZ E SOUZA.

O Verdadeiro Sherlock Holmes

HA cerca de vinte annos, quando Conan Doyle começou a publicar as *Aventuras de Sherlock Holmes*, essas narrativas despertaram um interesse geral em todo o mundo. Toda gente se perguntava onde tinha o escriptor inglez descoberto aquelle typo, capaz de, pelo simples raciocinio, desvendar os crimes e resolver os mysterios mais desconcertantes, e si era copiado da vida real, ou pura creação da fertil imaginação de Conan Doyle.

Durante algum tempo a interrogação ficou sem resposta, mas, afinal, o autor revelou ao redactor de uma revista ingleza que o verdadeiro Sherlock Holmes vivia na pessoa do Dr. Joseph Bell, de Edinburgo, sob cuja direcção o novellista havia estudado no começo de sua carreira medica.

A espantosa faculdade de deducção do Dr. Bell, que morreu ha quatro annos, na edade de setenta e tres annos, fez grande impressão no espirito de Conan Doyle. Depois de receber o gráo, o novellista foi para a Africa clinicar, mas as reminiscencias do seu curioso professor em breve o levaram a relatal-as em fórma de contos. O successo foi tão rapido e tão grande, que o medico resolveu trocar a lanceta pela penna.

DR. JOSEPH BELL

Sherlock Holmes authentico

Diariamente — diz Conan Doyle — o Dr. Bell demonstrava a sua extraordinaria faculdade na sala de clinica. Approximava-se de um paciente e dizia-lhe:

— Seu mal é a bebida. Você tem no paletot uma dobra que indica o habito de trazer no bolso de dentro um frasco de wisky. Atire-o fóra.

O homem baixava a cabeça. Era a confirmação.

Approximava-se de outro paciente e dizia-lhe:

— Você é sapateiro...

E explicava aos discipulos que aquelle puido nas calças, no lado interno dos joelhos, indicava o attricto do tira-pé, que é particularidade dos sapateiros.

Uma vez elle disse a um cliente desconhecido:

— Você é soldado, official da reserva, e esteve em Bermuda.

Com espanto do paciente, explicou aos discipulos: é soldado porque entrou no consultorio de chapéo, como se entra na sala das ordens. E' official, por um certo ar de autoridade que se lhe nota nos olhos; e da reserva, pela edade. Finalmente, esteve em Bermuda, porque apresenta na nuca uma erupção só conhecida naquelle logar.

A uma pobre mulher, de mais de trinta annos, que lhe foi consultar, com uma creança nos braços, elle disse:

— E' o seu primeiro filho...

E como a mulher se mostrasse admirada, explicou que o conhecera pela touca vistosa e cara do bebê, luxo que uma mãe pobre só se permitte para com o primeiro filho.

A sua perspicacia, porém, não era isenta de contratempos. Certa vez o procurou um doente de emphyseuma pulmonar.

— Você é musico, disse o Dr. Bell.

— Sim, senhor, respondeu o paciente.

— E toca não em orchestra, mas numa banda.

— Sim, senhor!

— Cheguei a esta conclusão, meus amigos — disse o Dr. Bell, dirigindo-se aos alumnos — porque o habito do instrumento de sopro aggrava o emphyseuma.

— E voltando-se para o enfermo:

— Que instrumento toca você?

— Bombo; respondeu o homem.

A extraordinaria perspicacia do Dr. Bell não veiu servir apenas para inspirar os contos de Conan Doyle, produz resultados praticos. Ainda hoje são lembradas as proezas de um mysterioso facinora de Londres, conhecido nos annaes do crime por "Jack, o Estripador", que fez muitas victimas. O Dr. Bell entregou-se a investigações, communicou-as confidencialmente á policia e a poz no caminho da descoberta e da repressão de taes crimes. O Dr. Bell apreciava o papel que tinha representado na creação do personagem de Conan Doyle. Quando o apresentavam a alguem:

— Dr. Joseph Bell...

— Sherlock Holmes, you know — accrescentava elle lisonjeado.

lando, negra e deserta, uma profundidade côr de tinta.

Olhava, retrahindo os hombros, dobrando o pescoço, estendendo a barba, e entreabrindo os labios que entumesciam.

Do buraco tenebroso, aberto agora a toda a largura, não saia nada: um perfil, uma linha, um ponto, siquer; aquelle nada era um tal abysmo, que o homem sabia que, dardejando por ali o olhar, nunca — nunca! — poderia chegar-lhe ao fundo... o fundo de cousa nenhuma!

Todavia, esperou. Uma porta — principalmente uma porta que foi fechada a chave — não se abre sinão para dar passagem a alguma cousa. Esta "cousa", fosse qual fosse, seria logica e mitigaria a indizivel angustia que o homem experimentava, as mãos crispadas, com seccuras de pergaminho encarquilhado.

Esperava e nada ia alliviar aquella anciedade dolorosa.

A lamparina continuava a oscillar, mas com mais frouxidão, elfo rendido pela fadiga e prestes a cair por terra. Resolveu-se então.

Era mister impedir que viesse aquella "cousa" que não vinha. Voltou-se com lentidões de reptil pesado e levantou-se. Sentindo o tapete debaixo dos pés, cujas plantas estavam macias como o algodão, caminhou para a frente, ancioso por acabar com aquillo por uma vez, e lançou-se contra a porta, de olhos fechados. Puxou-a, empurrou-a, encostou-a ao encaixe, segurando-a com uma das mãos, contra qualquer pressão que viesse de fóra — porque não viria? — e, fazendo com a outra um ligeiro movimento energico de torsão. A lingueta deu um estalido. Prompto! Encostou-se ao alizar, triumphante.

Voltou para a cama. A cabeça recaiu no travesseiro. Dormir!... Tinha a pelle secca, com formigueiros internos e ardentes.

Continuava-lhe dentro do cerebro a symphonia infernal, acompanhada por uns rodopios de entontecer. Era uma onda larga, um revolutear ruidoso, uma dansa de folhas seccas. Atarrachara-se-lhe ao craneo um chapéo de ferro e apertava-lh'o num aro de pontas de aço. Os globos dos olhos augmentavam de volume, quaes bolas de borracha a incharem por effeito do sopro continuo. Não tardaria de certo que saltassem das cavidades, demasiado restrictas para contel-os. Mas o sopro parou, sem duvida para se exercer em sentido contrario, porque os globos diminuiram de tamanho a tal ponto que, si diminuissem mais, o homem deixaria de ter olhos.

Pois tinha-os... tinha-os ainda para poder ver a porta, a porta infame, que elle fechara tão bem pela segunda vez, e vel-a a girar de novo, lenta, lentamente, e sempre lenta, lentamente abrir-se, como tampa de sepultura, e lenta, lentamente, o rectangulo negro e comprido apparecer mais largo, cada vez mais largo, com as suas medonhas profundidades negras.

O homem torceu as mãos, da garganta saiu-lhe um ruido de estertor. Ao mesmo tempo a lamparina, já sem azeite, apagou-se.

De manhã foram-n'o encontrar morto, congestionado.

A chave tinha dado volta de ambas as vezes, mas a lingueta não entrara nunca na chapa-testa...

JULIO LERMINA.

THEORIAS

PHILOSOPHO — Sendo o egoismo o substractum das acções humanas, somos, «ipso facto», individualistas. Concluo, pois, que, systematicamente, o homem deve ser só na sociedade.

AMIGO — Assim, não admittes o matrimonio?

PHILOSOPHO — «Que soffre o diabo da esposa — Admitto, como não? Todos os homens devem ser solidarios no soffrimento.

de bavaros e saxões tinham vindo enterrar-se!

Um camponez que não tinha querido deixar a sua casa e milagrosamente escapara contou-nos que no momento em que quasi todos as tropas tinham feito entrada na aldeia, ouvira elle subitamente um ruido estridente, e, logo depois, um obuz incendiario caira em cheio sobre a egrejinha do logar. Então o sólo pareceu levantar-se, e um regimento inteiro de saxões desappareceu nas suas entranhas... Desordem, confusão, gritos de raiva e de terror; officiaes e soldados rodomoinhavam alguns segundos, e caiam de todos os lados.

A aldeia de V... tinha sido completamente minada, e era a razão pòr que o communicado official annunciara que, do lado do Argonne, todos os ataques allemães tinham sido repellidos...

NAS TRINCHEIRAS

(Narração de um soldado francez)

D.-en-H., 2 de ...—... Os allemães conservam sempre o bosque de M..., no Woevre meridional. Difficeis de se desalojar, os taes passaros. Elles ligaram as arvores com uma rêde de espinhos metallicos; espalharam com profusão na relva e sob as folhas mortas cacos de garrafas.

Mas elles imaginaram algo de melhor ainda. As espingardas Lebel, que puderam apanhar sobre o campo de batalha, são enterradas verticalmente e a baioneta emerge do sólo de dez a qinze centimetros. Penetrando no bosque expõe-se a gente a cair sobre essas pontas. Espetados pelos nossos proprios Lebels — eis o nosso risco!

Os allemães cavaram em face de nós as suas trincheiras em tres linhas successivas, que se communicam. Durante a noite occupam a primeira, as mais proximas de nós, a uma distancia de 60 metros, de fórma que ouvimos distinctamente o que dizem.

De parte a parte, naturalmente vigia-se, faz-se bôa guarda. A' menor alerta, os tiros partem e as metralhadoras, bem visadas, não esperam sinão a opportunidade.

Pela madrugada o inimigo se retira prudentemente para o seu covil, na terceira linha.

Os obuzes nos visitam frequentemente. Desde ha muito que nos habituámos a esses intrusos. Só pelo zunido, percebe-se sem errar a direcção que seguem, e grita-se:

— Esta é para o ajudante X... Esta é para nós; aguenta o repuxo!

E immediatamente mergulhamos no fundo das nossas trincheiras, antes que a "marmita" de 420 tenha caido a alguns passos do nosso abrigo.

Desde que occupámos o bosque de S...,não tivemos, no espaço de tres semanas, sinão um morto e cinco feridos. Deus sabe, entretanto, si os projectis têm abatido sobre o nosso canto! Não se póde imaginar que desperdicio fazem os allemães de suas munições. Quanta polvora perdida!...

Não nos impressionamos por isso. Conservamo-nos sob a chuva de fogo sem cogitar do perigo.

Aqui está um exemplo entre cem outros do mesmo genero:

Uma bella noite da semana passada ouvimos um galope surdo — pata-pum! pata-pum! — proximo ás nossas trincheiras.

Por acaso seriam desertores allemães que se vêm entregar a nós? Ou será uma ronda? Ou talvez sentinellas que voltam precipitadamente? O ruido cresce; estão andando pertinho de nós.

Uma intensa curiosidade nos faz levantar a cabeça fóra das trincheiras; e eu vejo um porco bem gordinho, que passeava tranquillamente como si nada houvesse!

Perseguimos o animal. Cinco minutos depois estava elle amarrado a uma roda de uma carreta de munições. O porco grunhiu a noite toda. Mas de madrugada a bateria visinha da nossa pretendeu que essa interessante captura lhe pertencia de direito.

Discute-se, briga-se. Cada qual reivindicava os seus direitos sobre o prisioneiro. De repente, no mais acceso da discussão, os *skrapnels* começam a chover em torno de nós, profusos como o granizo.

Julgam talvez que o canhoneio prussiano nos poz todos de accordo e que nós abandonámos á sua feliz sorte o porco litigioso? Isso seria conhecer-nos mal. Durante mais de dez minutos nossas duas baterias continuaram a arrazoar e a sustentar as respectivas pretenções, reclamando a propriedade do animal, que grunhia desesperadamente.

Um mestre de cozinha dizia:

— Os allemães são muito amaveis; mandam-nos as "marmitas" para cozinharmos a murcella.

Um balanço das grandes cidades do Brasil

A cidade mais alta do Brasil é Barbacena, em Minas, que está a 1.090 metros; em segundo logar é Franca, em S. Paulo, a 1.002 metros: a mais baixa e a do Rio Grande, a 2,5 apenas; segue-se Natal, no Rio Grande do Norte, que está a 3 metros. O Rio de Janeiro está a 61,4.

A cidade mais fresca é a de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, cuja temperatura média é de 15º,5. Segue-se Taquary, no mesmo Estado, com 16,5, e Curityba, capital do Paraná, com 16º,7. A mais quente é Manáos, com a média de 28º,2. Seguem-se Therezina, no Piauhy, com 26º,9; e Natal no Rio Grande do Norte, com 26º,8. A temperatura média do Rio de Janeiro é de 22º, 6.

A cidade em que mais chove, a julgar pelas ultimas observações recolhidas (1912), é Belém, no Pará, onde, durante esse anno, choveu em 323 dias. Em segundo logar vem Jaboatão, em Pernambuco, que teve 260 dias de chuva. Como quantidade em millimetros, porém, quem bateu o record foi Tury-Assú, no Maranhão, em que se verificaram 3.274.4. O Rio, ainda nesse anno, teve 137 dias de chuva, com 970,6 mm.

A cidade em que maior numero de nascimentos foram registrados no periodo de 1908—1912 (note-se que as estatisticas só se referem ás sete principaes cidades brasileiras) foi S. Paulo, em que o coefficiente de natalidade registrado foi de 36,93. Vem em segundo logar Curityba, com 33,67. O Rio apresentou um coefficiente de 27,58, menos do que Nictheroy, que deu 29,91.

Quanto a casamentos (aviso ás senhoritas) ainda é S. Paulo que figura em primeiro logar nas estatisticas publicadas, com um coefficiente de 7,61. Em segundo logar está Curityba, com 7,27. O Rio occupa simplesmente o ultimo logar das sete grandes cidades, com 5,67, tambem menos do que a visinha Nictheroy, que figura com 5,95. E, em attenção ás gentis leitoras do «Almanak da A NOITE», devemos consignar mais que Bello Horizonte está em terceiro logar, com 7,10; Porto Alegre em quarto, com 6,42; e Florianopolis em sexto com 5,88 (pois que Nictheroy está acima e o Rio vem em ultimo logar).

Ainda segundo as estatisticas referentes áquelle periodo, a cidade brasileira em que mais mortes houve foi Recife, com um coefficiente por mil habitantes de 42,80. O segundo logar pertence a Victoria, 32,92. O terceiro a Manáos, com 29,56. A capital em que menos se morreu foi Therezina, com 16,40; depois Curityba, com 16,75. No Rio a mortalidade foi de 23,08, figurando e capital da Republica em 11º logar.

ceu-me que um homem, um negro, me esperava... Então passei assoviando. E voltei tambem assoviando.

— Assovio de medo, pensei na noite seguinte. Não assoviarei mais. E não assoviei. Tomei assim outras resoluções: passei a ir ao quintal, quasi todas as noites, calmo, calado, as mãos no bolso e pensando sempre "que ia ao quintal".

Uma manhã, como soffresse muito de um queixal, meu pae levou-me a um dentista. Este resolveu extrahil-o. E vendo que eu era bastante sensivel, dispoz-se a anesthesiar com cocaina a parte dolorida.

— Não, nada disso. Quero sem anesthesico. Não gritarei.

E assim foi. Asseguro-te que, então, fui além da Lua! Vi, bem de perto, as estrellas!! Mas o *quero* é um grande remedio, a despeito de tudo.

— Quem t'o receitou?

— Meu pae. E era a sua presença que me encorajava, a principio, nos momentos de vacillação. Agora a palavra só faz milagres: *Quero!*

Quando aos trese annos, seu professor lhe disse: "Irás longe, Conrado!" lhe respondeu: "Até onde eu quizer, senhor!"

Não havia petulancia em sua resposta: deu-lh'a simplesmente convencido.

Fez-se professor pela Escola Normal. Depois, seus parentes e alguns amigos o aconselharam a estudar a medicina ou a engenharia. Poderia enriquecer. E chegou a matricular-se na Faculdade. Mas dous dos seus mestres mais queridos lhe disseram que, consagrando-se ao magisterio, tambem faria carreira e seria mais util a seus paes.

Conrado consultou, então, a seu pae.

— Escolhe o que te aconselhar o coração, meu filho.

—*Quero* ser educador.

E o foi...

Quando seus discipulos ou amigos lhe pediam um conselho, Conrado apenas observava:

— Para realisar um trabalho qualquer — o mais difficil, o que se affigure impossivel — tres cousas são sufficientes:

A primeira: *querer!*
A segunda: *querer!*
A terceira: *querer!*

PABLO A. PIZZURNO.

EM uma companhia de provincia ensaiava-se o celebre drama de Dumas, pae, *Antony,* cujo final tão imprevisto e singular está na memoria de todos:

— Resistiu-me, matei-a!

Pois muito bem, o actor a quem foi distribuido o heróe, quando chegou á celebre phrase, declarou peremptoriamente:

— Eu, concordar em que uma mulher me resistiu? Nunca!

— Mas si não é verdade... que mal ha nisso?

— Pois sim, mas não direi tal phrase.

E não houve argumentos que o demovessem. Os ensaios foram seguindo e, apezar da má vontade, o galã lá ia dizendo:

— Resistiu-me, matei-a!

Chegou, emfim, a primeira representação e o nosso vaidoso galã, no ultimo acto, no momento fatal da entrada do marido, bradou tragicamente:

— Resistiu-me... *esta vez...* por isso matei-a!

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	6	23.43	Perigeu	8	17.02
Ming.	13	22.48			
Nova	20	21.47	Apogeu	24	12.01
Crescente	28	20.34			

6º MEZ 30 DIAS

O Sol em Cancer a 21 ás 21 h. 15 m. (Solsticio, começa o inverno)

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	Datas	Horas	PHENOMENOS DIVERSOS
1	Sexta........		Temp. S. Firmo..........	6.26	17.14			
2	Sabbado	Muito	Temp. S. Marcellino.....	26	14			
3	Domingo...	frio	Santissima Trindade.....	27	14	5	10	Mercurio em conj. com Marte 3° 51' S
4	Segunda....	no	S. Francisco Caracciolo.	27	14	7	21	Marte em conj. com Jupiter 0°. 41' N
5	Terça........	sul	S. Bonifacio................	28	14	8	10	Mercurio em conj. com Jupiter 3° 3' S
6	Quarta		S. Norberto	28	14			
7	Quinta		✠Corp. Chrit. S. Severo	28	14	9	21	Urano em conj. com a lua 4° 40' S
8	Sexta........	indicios	O Sant. Cor. de Jesus....	29	14	11	14	Mercurio na sua max. long. 23° 16' N
9	Sabbado	de	S. Primo e Feliciano.....	29	14	13	1	Mercurio em sua max. lat. heliocen. S
10	Domingo ...		Sta. Margarida............	30	14			
11	Segunda....		S. Barnabé ap............	30	14	16	15	Jupiter em conj. com a lua 4° 30' S
12	Terça	chuva	S. João de S. Favendo..	30	14	16	23	Marte em conj. com a lua 3° 23' S
13	Quarta		S. Antonio de Lisboa.....	31	14			
14	Quinta		S. Bazilio Magno.........	31	14			
15	Sexta........		Sts. Vito e Modesto.......	31	14			
16	Sabbado		S. João Francis Jes......	32	14	17	3	Mercurio em conj. com a lua. 6° 1' S
17	Domingo ...		S. Manoel e irmão b......	32	14	20	6	Venus em conj. com a lua 1° 25' N
18	Segunda....		S. Leoncio M..............	32	15	21	14	Saturno em conj. com a lua 2° 42' N
19	Terça	Ventoso	S. Gervasio e Protasio M.	32	15	21	21	Neptuno em conj. com a lua 1° 56' N
20	Quarta		S. Silverio f...............	33	15			
21	Quinta	Bom	S. Luiz Gonzaga f........	33	15			
22	Sexta........	tempo	S. Paulino b..............	33	15	22	18	Marte no nodo ascendente
23	Sabbado	e	S. João sacerdote.,........	33	16	23	16	Venus no perihelio
24	Domingo ...	Claro	Nac. S. João Bapt........	33	16			
25	Segunda....		S. Guilherme ab..........	34	16			
26	Terça		S. João e Paulo Mm......	34	16			
27	Quarta......	Chuvoso	S. Ladislau Rei...........	34	16			
28	Quinta	e	S. Leão II P..............	34	17			
29	Sexta........	muito	✠ S. Pedro e Paulo Ap..	34	17			
30	Sabbado	frio	S. Marçal b..............	34	18			

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 20 a 30

O céo no dia 15 de Junho ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Continua o preparo das terras para as sementeiras de inverno e primavera. Semeiam-se trigo, cevada, aveia, centeio, alpiste, favas, guando, ervilha, tremoço e linho.

Planta-se canna e transplanta-se o fumo, Semeiam-se melão, melancia, maxixe e quigombó. Planta-se o chuchú e colhe-se em abundancia. Chega-se a terra ao repolho e á couve-flor Colhem-se o feijão preto e mulatinho e o milho e faz-se a farinha. Mudam-se as violetas, semeiam-se dhalias e crysanthemos.

Transportam-se arvores fructiferas e videiras, pereiras, pecegueiros e macieiras: deve-se transplantar sómente quando se despem as folhas. Começa-se a poda da roseira e arvores fructiferas, limpando-se dos ramos seccos e dos insectos nocivos. Pode continuar-se a cava e estrumação dos vinhedos recommendada no mez antecedente. Multiplicam-se os craveiros. Colhe-se o café.

aqui uma referencia ao custo total da Central do Brasil, cujos dados estatisticos o permittem.

E' respeitavel a cifra que, com o progresso introduzido ultimamente e as fabulosas despesas feitas no governo marechalicio, está hoje quasi duplicada. Até 1900 a Estrada custara aos cofres do Thesouro a quantia de 209.714:313$812.

No balanço de 1907 esse custo já se elevava a 236.622:199$702.

A primeira locomotiva que circulou no Brasil

No historico de nossa viação ferrea a locomotiva "Baroneza", como assim se chamava a primeira machina da E. F. de Mauá, tomou logar de destaque.

E essa reliquia até hoje é conservação, em fins de 1871, adquiriu os primeiros apparelhos "Morse".

O primeiro vagão construido no Brasil

O primeiro vagão que se construiu no Brasil foi para o transporte de polvora e outros inflammaveis, custando 1:300$000. Isso em 1859. No anno seguinte chegaram para a Central os primeiros carros americanos para passageiros, os quaes serviram para a inauguração do trafego suburbano com a abertura da estação de S. Francisco Xavier, em 16 de maio de 1861, trafego que se fazia da estação do Campo a Cascadura. Eram quatro as estações suburbanas: S. Christovão, S. Francisco Xavier, Engenho Novo e Cascadura.

1854	14.500
1866	470.437
1874	1.283.877
1884	6 302.094
1894	12 260.398
1904	16.305.857
1914	26 062.268
1915	26.646.592

O desenvolvimento da viação ferrea no Brasil, por decennios

da nas officinas da Central do Brasil, como a locomotiva "Brasil", que serviu para inaugurar o primeiro trecho da E. F. Pedro II.

Outras curiosidades do historico da viação ferrea despertam natural interesse, por isso, continuamos em pequenos capitulos:

A primeira ponte metallica

A primeira ponte metallica contruida no Brasil foi a que se lançou sobre o rio S. Pedro, entre Queimados e Belém, 2ª secção da E. F. Pedro II.

O primeiro apparelho telegraphico Morse

O problema de rapidas communicações telegraphicas preoccupava naquelle tempo a administração. Em 1871 o governo adquiria na casa Siemens, de Londres, 50 kilometros de fios, cuja applicação se fez de Rodeio para baixo. Os apparelhos de então não davam resultado, até que a administra-

O primeiro desastre

O primeiro desastre occorreu em 20 de fevereiro de 1859, com o descarrilamento de um trem entre Maxambomba e Queimados. Nelle morreram o capitão Horacio Moret, inspector geral do trafego, mestre de trilhos Manoel Martins e o passageiro Isaac Howard.

O primeiro relogio da estação Central

Curiosa é sem duvida a recordação das festas feitas em 1858 para a inauguração do relogio da Central, relogio inglez que ainda ha pouco tempo funccionava admiravelmente no escriptorio da via permanente.

A primeira directoria da Central

Na assembléa dos accionistas da E. F. D. Pedro II, em agosto de 1864, foi eleita a sua primeira directoria, composta dos Srs.: Christiano Bene-

Immortalidade

De viver tanto para a luz, que resta?
De viver para a idéa, que ficou?
Ninguem sabe de mim, ninguem attesta
Quem eu fui, quem eu sou.

Foi no fragil envolucro da phrase
Que procurei guardar
O meu thesouro de idéaes sem base,
Como castéllos construidos no ar...

Castéllos no ar, que os homens não admiram
Mais que um momento, só,
E logo expiram,
Fluidos subtis... imponderavel pó...

Palavras são palavras, e a linguagem
Ephemero tecido, trama vã:
Nem éco, nem imagem
Os homens terão dellas amanhã.

De que nos serve a perfeição do estylo
E da fôrma o primôr?
O livro faz-se tremulo e sigillo,
E a traça — verme roedor!

Nem, porque é rocha, o marmore é perenne,
Nem prevalece o bronze, que é metal;
E ha de o verbo durar, por mais solemne,
Elle que é som, que é tinta, que é signal!

Não, Artista nirvanico e sombrio;
Mentes contra ti mesmo e a tua fé!
As creações não cáem no vasio
E o que começa a ser... sempre é!

O rithmo, o som, o symbolo, o sentido
Das humanas acções vão pelo ar...
Destacam-se da terra em pleno olvido
E vão subindo no ether, a vibrar...

Na familia infinita das estrellas,
Tem cada ser correspondente luz.
A columna immortal a todas ellas
A' victoriosa Perfeição conduz.

Residuo de ti mesmo, só o que géras
Da alma é que és, a voar em vibrações.
Um dia, has de encontrar entre as esphéras,
Poeta, as tuas canções!

— 1916 —

AUGUSTO DE LIMA

IMPRESSÕES DE LONDRES

O que foi e o que é o submarino

O problema da navegação submarina, que de alguns seculos vinha preoccupando a attenção do mundo, só agora, póde-se dizer, foi definitivamente resolvido.

Sabe-se, com effeito, que já em 1624 Cornelius van Drebbel fez construir uma pequena embarcação para navegar sob as aguas e com a qual chegou a realisar, em Londres, diversas experiencias.

Depois, em 1773, o americano Bushnell realisou tambem differentes ensaios com um submersivel de seu invento, e, em 1797, Fulton apresentou ao governo francez o seu famoso projecto do "Nautilus", que foi construido e experimentado com algum successo.

Mais tarde, os irmãos Coessin, por ordem de Napoleão 1°, fizeram varias tentativas sem conseguirem alcançar resultado apreciavel, quando, em 1858 o almirante francez Bourgeois fez publicar a sua notavel Memoria, sobre a navegação submarina, apresentando idéas praticas de grande valor e expondo fundamentos theoricos até então ignorados e que determinaram um notavel impulso á resolução do importante problema.

Dessa nova phase resultaram muitos projectos de submarinos que foram presentes á Marinha franceza, entre os quaes o do engenheiro Carlo Brun, o unico que conseguiu fazer o navio do seu invento, o qual recebeu o nome de "Plongeur", e foi lançado ao mar em 1863.

O "Plongeur", não obstante o seu grande peso e a pequena marcha que podia desenvolver, foi, ainda assim, pelas autoridades no assumpto, considerado como sendo a representação do primeiro passo para o inicio pratico da navegação sob as aguas.

Mas, os primeiros successos verdadeiramente praticos foram conseguidos, vinte e quatro annos depois do "Plongeur", pelo engenheiro italiano Pullino de Spezia e delles resultaram rapidos progressos aos submarinos.

Foi então quando a França construiu o "Gustavo Zéde", o "Morse" e o "Lutin", e a Italia fez o seu "Delfino"; e o exemplo dessas duas nações foi seguido pelas demais potencias, que em breve possuiam tambem os seus barcos submarinos, mas todos ainda resentindo-se de muita imperfeição e carecedores de melhoramentos indispensaveis aos fins a que eram destinados.

Daquelle tempo a esta parte os inventores não tiveram treguas e o problema passou a ser uma preoccupação fixa, até que, em nossos dias, veiu elle a ser perfeitamente resolvido, apparecendo então os primeiros sub-

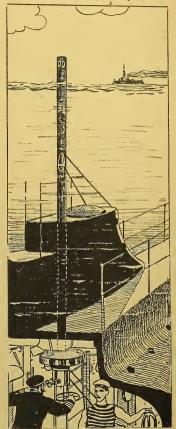
inteiramente de aço, destinados a resistir facilmente ás pressões de immersão até uma profundidade de cem metros. A superstructura é constituida por um convés plano para facilidade da navegação á superficie das aguas.

Para se conservar á flor d'agua o submersivel mantem vasios todos os seus tanques de lastro, de maneira a poder conseguir o maximo coefficiente de fluctuabilidade.

Quando tem de passar desse estado para as condições de immersão, o commandante faz fechar o navio hermeticamente e prover d'agua os respectivos tanques, podendo essa manobra ser feita em poucos minutos e com o submersivel em acção.

Um apparelho especial permitte manter-se o navio na profundidade que desejar o seu commandante, parado ou em movimento, havendo ainda outros apparelhos de fundear, dispostos de modo a que se possa conservar a unidade em posição fixa e independente das correntes maritimas.

Internamente os submersiveis apresentam innumeros compartimentos e apparelhos de uma delicadesa extraordinaria. São tanques de compasso, tanques de lastro, tanques de baterias, tanques principaes, tanques auxiliares e tanques reguladores, tubos e depositos de torpedos, baterias de accumuladores, motores, machinas compressoras de ar, camara de commando, alojamento da guarnição, etc.

Na camara de commando, que fica á meia-náo e com a cupula acima do convés, encontram-se reunidos todos os instrumentos necessarios ao governo do navio, taes como telegrapho para as machinas, telephone para transmissão de ordens, estações

O posto central de manobras

UM PINTOR DO OUTRO MUNDO

Um artista só póde executar sua obra emquanto tem vida. Pintar depois de morto é um absurdo. No emtanto este absurdo se verificou nos Estados Unidos, que é a terra das maravilhas.

O caso é interessante.

Vive em Nova York um ourives de pouco mais de quarenta annos, Frederick L. Thompson, que nunca aprendeu nem exerceu outra profissão sinão a de ourives. De repente começou, durante o trabalho, a ter visões de paizagens e semblantes, e a sentir um impulso irresistivel a pintal-os. Nunca tinha tomado uma lição de pintura nem de desenho, mas um dia em que as allucinações o impediam de trabalhar, dirigiu-se a uma divisão da officina onde havia tinta verde e carmin, para marcação de joias, e na sua mão pintou quasi automaticamente uma paizagem que o admirou. Repetiu estas experiencias e certa vez, embora não fosse frequentador de reuniões de arte, uma força incognita o levou a visitar uma exposição de quadros do pintor Swaine Gifford, fallecido annos antes. Ali Thompson ouviu uma voz dizer-lhe distinctamente:

«Vê a minha obra? Por que não a termina?»

Thompson foi a uma loja, adquiriu tintas, telas e pinceis, e chegando em casa começou logo a pintar como mestre. Os seus primeiros quadros foram «Uma tarde de outubro» e uma paizagem maritima com ovelhas a pastarem.

A conselho de um amigo levou-os ao conhecido perito e critico de pintura James Towsend, director do «American Arts News». Este perito, conforme publicou depois na sua revista, suppoz que o ourives estivesse mentindo, porque os quadros eram no estylo inconfundivel de Gifford, com as tonalidades, toques e maneirismos caracteristicos deste fallecido mestre.

O professor Hyslop, interessado em pesquizas psyquicas, tomou a si o estudo do caso e dirigiu-se com Thompson á casa da viuva Gifford, em Nonquitt, Massachusetts, e ali encontrou quadros, dos quaes o ourives já tinha feito esboços em aquarella, quando começaram os phenomenos. Estes quadros, que nunca tinham saido da casa da viuva, haviam sido communicados ao ourives por telepathia.

Sabendo ali que Gifford tinha executado a maior parte de sua obra nas ilhas Elizabeth, para lá partiram o professor Hyslop com Thompson, e ficaram ambos admirados de reconhecer ali paizagens que Thompson tinha pintado em Nova York.

As pessoas que admittem a persistencia do espirito e a possibilidade de

«Tarde de outubro», quadro do pintor improvisado, no estylo inconfundivel de S. Gifford.

Uma Narrativa Emocionante

A ESTUPENDA EXPEDIÇÃO SHACKLETON AO POLO SUL

Emquanto seus irmãos de armas se preparavam para tomar parte na grande tragedia que ha mais de dous annos convulsiona a Europa, o tenente Ernesto Shackleton, da Marinha Real Britannica, dava a ultima demão nos preparativos para a sua arrojadissima expedição ao Polo Sul. Explodindo a conflagração, o destemido explorador ainda quiz sustar a sua partida para os eternos gelos antarcticos; mas a isso se oppoz o rei Jorge, que firmemente determinou não fosse prejudicado o projecto scientifico que conduzia o valente official aos maiores riscos e aos maiores soffrimentos a que um homem se póde sujeitar.

O que devia ser a expedição

Além de apressados telegrammas, cujo destaque era impedido pelas noticias da guerra, e de algumas referencias colhidas em jornaes francezes e inglezes, os jornaes brasileiros, em sua maioria, não se occuparam da ultima e sensacional expedição Shackleton. Para um certo numero de grandes assumptos, que interessam directamente á humanidade inteira, vivemos quasi inteiramente segregados. Tem-se a medida dessa indifferença na correspondencia de guerra para os jornaes cariocas, dos quaes apenas tres ou quatro mantêm, aliás com grande sacrificio, correspondentes especiaes seus; os demais limitam-se ao deficiente serviço das agencias! Dos paizes ditos civilisados, é talvez o Brasil o unico nessas condições.

Não admira, pois, que as narrações tragicas dessa ultima tentativa de conquista do Polo Sul fossem conhecidas apenas pelos leitores de revistas estrangeiras; e tambem por isso achamos que o nosso *Almanak* presta um pequeno serviço resumindo o que foi publicado a respeito pelos grandes magazines europeus.

Já se disse que a partida de Shackleton para a região extrema meridional da Terra coincidiu com a irrupção da guerra européa. O bravo tenente partiu, effectivamente, da Inglaterra em começo do mez de agosto de 1914. O plano da expedição era o mais arrojado. Shackleton se propunha a atravessar de lado a lado o vasto continente gelado que cerca o Polo Sul e cuja extensão é calculadamente egual á da Europa e da Australia reunidas. Para tal conseguir e na previdencia das enormes difficuldades que lhe adviriam nessa tarefa, dividiu a sua expedição em duas partes: a principal, commandada pessoalmente por elle, embarcou no *Endurance* (que quer dizer — paciencia) e devia ir installar-se na Terra do Principe Luitpold, extremidade meridional do longinquo mar de Weddell. Dahi, o explorador se dirigiria, com alguns de seus dedicados companheiros, atra-

O itinerario da arriscadissima viagem emprehendida pelo ousado official de marinha.

Prisioneiro dos gelos!

Sempre lutando desesperadamente, a expedição consegue navegar para o sul e attinge a terra do Principe Luitpold. Era a salvação! Shackleton dá ordens para que se prepare o desembarque. Os heróes do *Endurance* respiram. Eis, porém, que, de subito, quando a esperança já animava a todos, apparecem de todos os lados e em todas as direcções, já não montanhas, mas colossaes lençóes de gelo, que não acabam mais, que se chocam, que cercam o navio, que se agglomeram em torno do *Endurance!* Que fazer? Impossivel lançar o navio através daquella immensa superficie gelada. Estava-se quasi no fim do estio antarctico, e por essa época as geleiras costumam abrir-se e deslocar-se Shackleton esperava-o. Si se repetisse o phenomeno, o *Endurance*, já premido, já prisioneiro das geleiras, poderia livrar-se e seguir a sua rota. Mas estava escripto que ainda maiores soffrimentos estavam reservados aos expedicionarios: em vez de uma temperatura que permittisse o deslocamento das geleiras, vieram frios precoces, o thermometro cáe a 18°, logo depois a 27° abaixo de zero e os lençóes de gelo se unem e se solidificam ainda mais, formando um incommensuravel bloco de gelo, uma formidavel geleira em que se engasta solidamente o navio e que o transporta ao seu sabor!

A principio a direcção em que ia a immensa geleira ainda era favoravel: o *Endurance* approximava-se, carregado por ella, para a terra do Principe Luitpold; a 250 kilometros da terra desejada, porém, a corrente muda repentinamente de direcção e, em vez de conduzir a geleira e o navio para o sul, carrega-os para o nordéste, afastando cada vez mais Shackleton daquella terra, que devia ser o ponto de partida de sua exploração. Adeus, sonho de atravessar o polo!

Eis os nossos heróes condemnados a vagabundar pelos mares polares, levados pela geleira, sem poderem pensar siquer em mudar numa linha de direcção do navio. O perigo era immenso, pois o *Endurance*, de um momento para outro, poderia ser reduzido a cacos pelo aperto das massas de gelo; ainda assim, entretanto, essa viagem errante foi um periodo de relativa calma para os exploradores, que, ante a impossibilidade de qualquer esforço efficaz para se libertarem, resolveram repousar...

O «Endurance», navio chefe da expedição e que se perdeu nos mares austraes

Quasi tres infindaveis mezes durou essa situação, só interrompida em meiados de abril, quando a corrente que carregava a geleira, e com esta o *Endurance*, encaminha-a para um gigantesco *iceberg*. Era tão grande essa montanha de gelo que encalhava, apezar do mar ter a profundidade de algumas centenas de metros! Si se produzisse um choque, era uma vez a expedição! O navio se espatifaria e, mesmo que os exploradores conseguissem salvar-se a nado, teriam de morrer á fome dentro de poucos dias. A distancia vae diminuindo rapidamente. Shackleton e seus companheiros prevêem a morte proxima. No ultimo momento, quando a collisão parecia fatal, um recuo produzido pela agua que se quebra de encontro ao *iceberg* toma o *Endurance* e milagrosamente o afasta do obstaculo fatal.

Estavam salvos!

Prologo de um drama terrivel

Mas esse emocionante episodio não é sinão o prologo de um drama terrivel. Embora já afastado do *iceberg*, o *Endurance* continúa passivo prisioneiro da geleira. Agora,

Consegue-se organizar a caravana de modo menos penoso. Os cães de bordo, que haviam desapparecido durante tres mezes, e resurgiram, sem que se pudesse adivinhar o meio pelo qual os valentes animaes se alimentaram em tão longo lapso de tempo, são atrelados aos trenós, em que se acondicionam os viveres arrancados ao *Endurance*. Começa a peregrinação por um vasto campo, terrivelmente branco, dobrados os homens ao peso das tres canoas e de outros objectos. O bloco era eriçado de monticulos, cortado de canaes, ás vezes de verdadeiros rios! Em taes condições, são necessarias varias viagens para levar todas as bagagens ao mesmo ponto. De quando em quando, é preciso transpôr eminencias formadas no gelo e, então, que desesperados esforços não são necessarios para transportar as pesadas canôas!

No fim do primeiro dia, apezar de toda a energia de Shackleton e de seus companheiros, não se havia percorrido mais de dous kilometros! Era impossivel continuar. Semelhante tarefa era superior ás forças dos exploradores, que já se sentiam fatigadissimos. Que fazer? Reunem-se os homens, trocam idéas e assenta-se nesta resolução desesperada: entregar-se á sorte! Acampariam no ponto em que se encontravam e esperariam a marcha da geleira.

Foi o que se fez. A pedra encaminha-se para o norte, mas com uma lentidão enervante. Em novembro tinham percorrido apenas 110 kilometros; em dezembro, pouco mais.

Uma circumstancia enchia de pavor os naufragos: estava-se no começo do estio polar; si antes da volta do inverno não conseguissem alcançar um terreno fixo, estariam irremediavelmente perdidos! Então, Shackleton não hesita e dá nova ordem de marcha. Mas — ai delles! — essa segunda tentativa não é mais feliz que a primeira. Na região em que a caravana se encontra, os accumulos de blocos produzem taes declives que, para transportar as canôas, é necessario talhar a alvião enormes excavações na espessura dos monticulos. No fim de cinco dias, durante os quaes o trabalho foi incessante, os naufragos não haviam conseguido transpor mais de 17 kilometros! E, além de tudo, a neve espessa envolve os homens, que só com grande e constante esforço conseguem caminhar!

De novo Shackleton decide entregar-se passivamente ás circumstancias, de novo a caravana estaciona. O movimento de traslação da geleira parece cada vez mais lento. Em janeiro e fevereiro, o terrivel bloco não caminha sinão á razão de dous kilometros por dia, o que tornava a situação cada vez mais critica, pois está terminado o estio antarctico! Com o mez de março, que corresponde ao de setembro do hemispherio austral, voltam o frio intensissimo e tremendos ventos, que dizimariam a caravana. Por outro lado, as provisões já se acham muito reduzidas e a caça ás phocas não dá sinão recursos bem magros. As rações são reduzidas e, além disso, os cães sobreviventes passam a servir de alimento aos exploradores!

O horror da situação torna os homens da expedição quasi mudos. Rapidas palavras se trocam durante aquelles dias, que parecem infinitos, apenas as necessarias para que se executem as providencias assentadas.

O tenente Shackleton, a bordo do «Endurance», em demanda do Polo Sul.

Entre a vida e a morte!

Os exploradores tinham razão para descrer de uma salvação. O futuro... Era licito pensar ainda em futuro? A entrada do inverno marcaria fatalmente o termo,

Os quarteis de inverno da expedição ao pólo.

to trabalho, de muita canseira, descobrem uma pequena praia, onde desembaream. Era a terra firme!

O tenente Shackleton examina o terreno e verifica que é batido por grandes marés, o que torna impossivel a sua permanencia. Era necessario partir em busca de sitio mais propicio. Antes, porém, os exploradores têm um dia de descanso e podem tomar um alimento quente!

Na ilha do Elephante

Na ilha do Elephante, Shackleton e seus companheiros installaram-se o melhor que lhes foi possivel. Ante a fadiga dos naufragos, a escolha teve de recair sobre uma pequena praia entre dous formidaveis rochedos inaccessiveis. Mas esse sitio ficava ainda muito exposto á violencia das tempestades e por isso Shackleton decidiu abrir uma caverna em uma planicie de gelo situada sobre o nivel attingido pelos mais altos mares, onde a expedição ficava pelo menos, ao abrigo da submersão.

Essa situação, porém, estava muito longe de ser lisonjeira. Os viveres não dariam sinão, escassamente, para seis ou sete semanas. As roupas já estavam em farrapos. O inverno approximava-se rapidamente. E, quanto á possibilidade de soccorros, não havia a menor esperança. Os baleeiros que frequentam as ilhas de Shetland já as haviam abandonado e só reappareceriam em setembro ou outubro. Que fazer nessa tremenda conjunctura?

No segundo dia de permanencia na ilha do Elephante, o tenente Shackleton fez cessar todos os trabalhos e reuniu os seus homens, a quem expoz com clareza a situação. Diversos alvitres foram lembrados, cada qual menos exequivel. Foi então que esse homem extraordinario de energia disse com voz firme:

— E' necessario reagir e reagiremos. Tentarei o proprio impossivel para nos libertarmos. Confiae mais uma vez em mim.

E expoz então o seu plano arrojadissimo: embarcaria numa das canôas trazidas do *Endurance*, com cinco de seus companheiros, e iria pedir soccorro á Georgia do Sul. Era quasi um acto de loucura. A canôa media 6m,60 de comprimento, estava pessimamente conservada e nella se ia fazer um percurso de 1.400 kilometros! Alguns dos homens da expedição protestaram contra esse acto de temeridade e propuzeram substituir o seu intrepido commandante. Mas Shackleton foi irreductivel e, algumas horas depois, com cinco de seus companheiros, com difficuldade escolhidos, porque todos queriam participar daquelle acto de abnegação, o valente official partia — talvez, quasi infallivelmente, ao encontro da morte!

Bloqueados!

E' facil de imaginar a scena tocante da despedida; não é difficil calcular o acabrunhamento em que ficaram, na ilha do Elephante, vinte e dous naufragos, pela primeira vez separados de seu chefe! Para cumulo da infelicidade, logo no dia seguinte ao da partida, uma geleira formidavel envolveu a ilha, constituindo uma alta cintura de blocos. E' certo que essa cintura era um dique, largo e solido, contra as temerosas vagas do mar; mas, por outro lado, isolava de tal fórma a ilha, era uma muralha tão impenetravel que qualquer soccorro se tornava de então em deante quasi impossivel!

Os exploradores abandonaram então a sua caverna de gelo e installaram-se na pequena praia visinha até então desprotegida. O dominio dos naufragos era um espaço de 150 me-

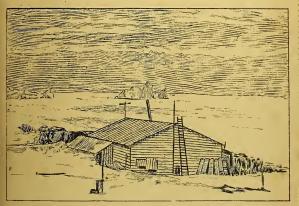
já se havia adeantado e uma colossal geleira cortava o caminho aos salvadores. Os baleeiros empregados nesses mares não são destinados a navegar por meio dos gelos, para o que não possuem a necessaria solidez. Deante da planicie branca estendida á superficie do mar, o denodado commandante se vê forçado a recuar. Não se dá, porém, por vencido e tenta approximar-se da ilha seguindo outra direcção: desse lado tambem a espessura do gelo lhe veda a passagem! Uma terceira tentativa é ainda infructuosa. Por toda a parte as geleiras! Que tortura para Shackleton! Precisamente nesse momento os seus camaradas, emmurados em sua ilha, deviam estar chegando ao fim de suas provisões. E elle se achava ali bem perto, impossibilitado de lhes levar soccorro!

Acode-lhe então e idéa de arranjar um navio a vapor. No baleeiro faz-se conduzir ás ilhas Falkland, de onde passa para a America do Sul. O governo uruguayo põe á sua disposição um navio poderoso, em que Shackleton parte a toda a velocidade. Ainda uma vez a infelicidade: o navio uruguayo apezar de todos os esforços, não consegue approximar-se da ilha do Elephante. Foi ahi que o governo chileno, acompanhando o Uruguay no seu bello gesto de solidariedade humana, poz á disposição do denodado explorador o *Yelcho*, commandado pelo capitão Pardo.

A 4 de agosto, o tenente Shackleton parte de Punta Arenas no *Yelcho* e a 30 desse mez, após uma serie de crueis tentativas e de tenazes esforços, descobre-se uma brecha através dos gelos fluctuantes e consegue-se chegar — afinal! — á praia em que se asylavam os naufragos.

Uma hora mais tarde, todos estes se achavam a bordo, sãos e salvos.

A 3 de setembro chegaram a Punta Arenas.

O que se passou depois foi o que se sabe: no Chile, no Uruguay, na Argentina, onde chegaram a 4 de outubro, grandes festas, conferencias, entrevistas. Depois — o regresso calmo á Inglaterra...

Um abarracamento no pólo (da primeira expedição Shackleton)

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS	
Cheia	4	18.41	Perigeu	6	12.06	7º MEZ
Ming.	11	9.12				31 DIAS
Nova	19	0.00	Apogeu	22	2.06	
Crescente	27	3.40				O Sól em Léo a 23 ás 18 h. 08 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Domingo...	Claro	O Pr. Sang. de N. S. J.C.	6.34	17.18			
2	Segunda....	e	✠Visitação de N. S... ..	34	18	2	1	Mercurio no nodo ascendente
3	Terça........	agrada-	S. Jacintho M.............	35	19			
4	Quarta	vel	Sta. Isabel R. de Port....	35	19	4	9	Venus em conj. com Saturno 1º 4' N
5	Quinta		S. Athanasio M............	35	19	6	8	Venus em conj. com Neptuno 1º43' N
6	Sexta........	Tempe-	S. Isaias Propheta.........	35	20	6	15	Mercurio no perihelio
7	Sabbado	rado	S. Claudio.................	35	20	7	3	Urano em conj. com a lua 4º41'S
8	Domingo ...	e	Sta. Veronica Juliana.....	35	20			
9	Segunda....	delicioso	Nossa Senhora dos Prod..	35	21			
10	Terça		S. Januario e seus irms..	35	21			
11	Quarta......	Periodo	S. Pio P......	34	21			
12	Quinta	de	S. João Gualberto ab.....	34	22	12	2	Mercurio em conj. sup. com o Sól
13	Sexta........	fortes	S. Anacleto p. m.........	34	22			
14	Sabbado		Com. da L. e I. dos P..	34	23	14	7	Jupiter em conj. com a lua 4º5'S
15	Domingo...		S. Henrique Imp...........	34	23	15	10	Venus em sua max. lat. heliocen. N
16	Segunda....	geadas	Nossa Senhora do Carmo.	34	23	15	18	Marte em conj. com a lua 1º26'S
17	Terça.......	no	O Triumpho de S. C.......	34	24	16	22	Mercurio na sua max. lat. helioc. N
18	Quarta......	sul	S. Frederico b. m.........	33	24	18	6	Mercurio em conj. com Saturno
19	Quinta	Chuvas	S. Vicente de Paula.......	33	25	18	19	Mercurio em conj. com Neptuno
20	Sexta........		S. Elias propheta..........	33	25	19	4	Saturno em conj. com a lua 2º33'N
21	Sabbado	Bom	S. Praxedes................	33	25	19	6	Neptuno em conj. com a lua 2'01'N
22	Domingo ...	tempo	O Anj. Cust. Sta. Mar. M.	32	26	19	8	Mercurio em conj. com a lua 4º10'N
23	Segunda....	e	S. Apollinario b. m.......	32	26	20	18	Venus em conj. com a lua 5º 23' N
24	Terça	Claro	Sta. Christina m. m.......	32	27			
25	Quarta		S. Thiago Ap...............,	31	27			
26	Quinta	Periodo	S. Olympio m.............	31	27			
27	Sexta........	de	Sta. Natalia................	30	28	27	5	Saturno em conj. com o sol
28	Sabbado	tempes-	Sts. Innoc. e Victor p.p..	30	28	27	16	Neptuno em conj. com o sol
29	Domingo ...	tades	Sant'Anna, mãi de N. S...	30	29			
30	Segunda	no	Sta. Donatilla v. m.......	29	29	29	22	Saturno em conj. com Neptuno 0º39' N
31	Terça ....,..	sul	S. Ignacio de Loyola.....	29	30			

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

21 a 31

O céo no dia 15 de Julho ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Continuam a lavra e o preparo das terras destinadas ás plantações do fim de inverno e começo da primavera. Começa-se a semeiar pepinos, gilós e tomates ,maxixes. aboboras, pimenta e pimentão. Semeiam-se saudades, perpetuas, sempre vivas e suspiros. Poda geral e plantio das videiras. Continua a plantação de arvores fructiferas e plantam-se os abacaxis. Reforma-se o jardim. Fazem-se enxertos de cunha e garfo, de fenda e bisél. Semeiam-se acelga, chicoria, aipo, agrião, couve-flor, aspargo, espinafre, nabo, alface, coentro, rabanete, beterraba e repolho. Transplanta-se o cebolinho. Semeiam-se quasi todas as flores annuaes e plantam-se quasi todos os bulbos, raizes ou tuberculos de flores. Faz-se a poda das roseiras e a sua multiplicação por meio de estacas. Enxertam-se roseiras, pecegueiros, ameixeiras, pereiras, macieiras e larangeiras por enxertia de garfo (fenda) e bisèl.

Os ursos e os leões, ao contrario do que acontece com os elephantes e com outros animaes, quando envelhecem no captiveiro se tornam inoffensivos, perdem toda a sua ferocidade e só pensam em comer e em dormir. Só de longe em

longe se lembram de revoltar-se, mas de modo tão debil que não offerecem perigo algum.

De todas as féras o tigre é o mais temivel para os domadores; mas nenhum tigre supporta a luta contra o homem que o quer dominar. Conforme chega do oriente, colloca-se a S. M. Real de Bengala em uma jaula, para que descanse das fadigas da viagem. Quando está perfeitamente repousado, inicia-se o A B C da sua educação, prendendo-o com cinco laços habilmente lançados de fóra da gaiola, um no pescoço e outro em cada uma das patas, e collocando-lhe depois no pescoço, como se faz com quasi todas as féras, uma resistente colleira de couro, á qual fica presa uma corda forte e comprida.

Terminados estes preparativos, liberta-se a fera dos laços e faz-se com que passe para uma grande jaula de trabalho. No primeiro momento o tigre crê ter reconquistado a liberdade; mas, examinando as grades e dando saltos e corridas de um para outro lado, convence-se promptamente de que só se alteraram as dimensões da prisão. Os quatorze ou quinze ajudantes do domador se dedicam a "pescar" cuidadosamente, sem sobresaltar o animal, a grossa corda que pende da colleira e, passando-a por entre as grades, a seguram todos do lado de fóra. O domador então, munido de um latego e de uma forquilha de aço, penetra na jaula. Ao vel-o, o tigre agacha-se, preparando-se para saltar sobre o domador, que, firme, sem apparentar temor, se planta deante da féra e lhe dirige palavras de carinho, como si pretendesse acaricial-a. O tigre salta, atira-se... mas, quando está no ar, os ajudantes o puxam com força pela corda e o tigre cae, machucado e confuso, ignorando que furia sobrenatural agiu para impedil-o, pela primeira vez em sua vida, de saltar sobre uma presa; procura levantar-se para atacar de novo, mas, antes de o fazer, caem sobre elle o chicote de aço e o fogo de dous ou tres disparos, á queima-roupa, com polvora secca.

Logo que passa o estupor produzido, repete-se a scena. Nova provocação do domador, novo salto do tigre, novo fracasso do ataque. E esta lição, dada tres vezes por dia, durante dez ou quinze dias, torna o tigre dominado e temeroso ante o domador.

Com o leão, procede-se do mesmo modo, *mutatis mutandis*. Alguns exigem maior numero de ajudantes para contel-os. Mas o processo é identico e identicos os resultados. Dizem os domadores que o leão é, de resto, o animal mais rebelde e a phoca o mais intelligente. Não ha, porém, uma palavra, em todo o extenso trabalho que resumimos, com relação ás sogras. E' que talvez estas, pelo menos algumas destas, são consideradas indomesticaveis...

forem transmittidas com vozes differentes. A voz deve ser regulada pelo assumpto. Assim, os artigos de fundo deverão ser recitados em grave voz de barytono; para as noticias sportivas escolher-se-á uma voz que tenha inflexões seccas e autoritarias; para as informações financeiras, uma voz cadenciada, de entonações solemnes e cathedraticas; para as chronicas da moda e para os écos mundanos será preferivel uma voz argentina de mulher. Os bons dizedores serão muito procurados e bem pagos nas redacções do futuro.

Taes predicções são muito interessantes. E' necessario, porém, que nos lembremos do prestigio da letra de fôrma, sem o qual difficilmente se dará credito a qualquer noticia...

O SR. IMITA O PORCO... E' MEU PAE!

A's companhias de provincia, que se organisam e se dissolvem com a maior facilidade, incorporam-se, ás vezes, individuos que tentam a arte e que depois a abandonam... por verificarem a sua inutilidade. Mas, não raro, esses individuos reapparecem no theatro, já porque gostem da profissão, já porque, por uma tal ou qual *habilidade,* sejam chamados a vir desempenhal-a em determinada peça.

Havia um tal N... falto de geito para a scena, mas que tinha um talento raro para imitar todo o genero de vozes de animaes; na do porco, sobretudo, era perfeitissimo.

Imitando o companheiro de Santo Antonio, em todas as suas manifestações vocaes, elle fazia ouvir, ao mesmo tempo, um, dous ou mais porcos em todos os actos da sua existencia...

O nosso N... não desgostava tambem de fazer o seu pé de alferes e, por essas terras por onde mambembou, deixou mais de um coração preso aos trinos de canario que da sua garganta se evolavam meigamente...

Ultimamente, estando á porta de um barbeiro, deleitando uma roda de amigos com as suas imitações, reparou que uma rapariga dos seus quinze annos o escutava attentamente. O seu orgulho de imitador delirou e então excedeu-se no repertorio suino. Nisto a rapariga, emocionadissima, bradou:

— Para fazer de porco na perfeição só ha um homem no mundo, dizia minha mãe.

— Eu, respondeu N... com legitimo orgulho.

— Ha seis annos, depois da morte de minha mãe, que o procuro por esse fraco indicio... O senhor foi amado por ella, a quem abandonou, depois de alguns mezes de felicidade sem nuvens...

— Onde morava sua mãe?

— Em X...

— Recordo-me muito bem... Foi ha 16 annos.

— Então, o senhor é meu pae!

— Minha filha...

— Ah! exclamou a pequena, olhando N..., com carinho, ainda me lembro das ultimas palavras da mamã: "si algum dia ouvires um homem fazer de porco, na perfeição, chama-lhe papá!

OS DOZE MAIORES PORTOS DO MUNDO

Segundo uma estatistica official americana, são os seguintes os doze maiores portos do mundo em movimento commercial, tendo sido utilisados para essa lista os dados relativos ao anno de 1912 com excepção do porto de Nova York, em que figuram os algarismos de 1914.

	TONELADAS	
	Importação	*Exportação*
Nova York	15.767.547	15.421.394
Antuerpia	13.686.297	13.605.346
Londres	10.800.716	8.748.008
Hamburgo	12.996.908	13.191.764
Rotterdam	11.552.119	11.532.158
Hong-Kong-Victoria	10.805.536	10.809.459
Shanghai	9.186.340	9.450.463
Marselha	7.986.609	8.076.767
Liverpool	7.253.016	7.446.873
Singapura	8.223.272	8.220.974
Colombo	7.348.900	7.347.144
Cardiff	6.236.944	9.168.115

do passava o primeiro bonde para a cidade».

O empregado, sentado á porta da estação, levantou-se attenciosamente deante da *toilette* elegante de Costa Gomes e assegurou que «havia um carro ás 3 e 57».

— Obrigado.

II

Costa Gomes era um negociante da Prainha, frio e methodico. Tinha ido a um jantar e festa em casa do seu velho amigo e protector, o commendador Bernardo Fontes. Sahira pouco antes de Ponciano Sampaio, proprietario de uma fabrica e seu visinho.

Costa Gomes odiava o seu visinho... odiava-o terrivelmente, sem que, todavia, o desse a perceber.

A habilidade um pouco hypocrita de Ponciano fizera que Costa Gomes perdesse os avultados lucros de dous negocios importantes, o que muito lhe havia abalado o capital.

Uma nova resolução de Ponciano, de resultado seguro, ia definitivamente valorisar mais ainda sua industria — com prejuizo terrivel para Costa Gomes, que amargurava secreta e impotentemente deante dos cheques frios e calculados do outro.

Costa Gomes tinha noites de insomnia... pensava, em lançar qualquer innovação na sua industria... Mas... como? Como?... si o equilibrio de sua casa era agora todo apparente, todo feito de esforços supremos e dolorosos, todo exterior e illusorio...

A miseria apparecia inevitavel... Seus recursos estavam esgotados..

E, naquella madrugada, ao sair da casa do commendador, Ponciano, um pouco alegrado pelos vinhos, encontrara-se em caminho com Costa Gomes e se vangloriara do optimo resultado do seu ultimo negocio de valorisação... Suas phrases tinham um velado mas insistente grypho de malicia... de crueldade...

Costa Gomes o felicitava, esperando que a conversa enveredasse por outro assumpto.

Mas Ponciano, sempre perverso, insistira e só se calara deante do obstinado silencio de Costa Gomes.

Foi, então, que veiu a Costa Gomes a idéa do assassinato. Sentiu-se como encouraçado de repente de uma energia louca, inelutavel, invencivel, e de um sangue frio que nunca experimentára. Teve a intuição de estar absolutamente seguro. Sahira da casa do commendador só, na occasião em que muitos outros se despediam... Ponciano sahira logo após e o encontrara no caminho. Todos ignoravam esse encontro, fortuito, essa caminhada ao longo do canal. As circumstancias *todas* lhe haviam sido propicias. A acceitação da idéa do crime coincidira com a visão

nitida de toda a sua execução. Costa Gomes sentiu-se como *despido* da sua mediocre e prudente personalidade de negociante e industrial — e *despido* por *um* Costa Gomes desconhecido que, em seu nome, tomara a resolução fulminante, inelutavel. No momento exacto desta mutação, desta transfiguração de *um* Costa Gomes por *outro*, elle agarrou Ponciano pelo pescoço, ergueu-o com um impulso violento do joelho e jogou-o por cima do parapeito da ponte.

Ninguem vira.

E, á proporção que o sangue retornava das meninges para o coração, tambem se re-desenhava psychicamente o

A expressão "jiu-jitsu" serve, no Japão, para designar, não somente um methodo de exercicios gymnasticos, como tambem os movimentos e os golpes especiaes empregados na luta.

Essa sciencia antiquissima comprehende tambem um profundo conhecimento da anatomia, da nutrição racional do corpo, do valor da applicação externa e interna da agua e do ar, e de outras regras fundamentaes de um regimen de vida conforme á natureza. Póde-se, portanto, dizer que o "jiu-jitsu" corresponde á gymnastica dos antigos gregos.

Desde tempos remotos, os japonezes têm procurado augmentar a propria força por meio de exercicios de varias especies, executados com armas ou sem ellas.

O "jiu-jitsu", que litteralmente significa "romper os musculos", tomado no sentido mais restricto da palavra, é um desses generos de exercicios, isto é, a luta; mas a luta propriamente dita é acompanhada de um systema de fortalecimento do corpo, obtido mediante um especial regimen alimentar, de insensibilidade do corpo aos banhos muito quentes e ao frio intenso, da maravilhosa resistencia aos soccos e aos golpes.

Os japonezes podem nutrir-se com dimi-

PRINCIPAES GOLPES DO JIU-JITSÚ

1 — Luxação do braço — 2 Torsão do pulso — 3 e 4 Luxação do braço — 5 Estrangulamento por detraz — 6 Parada de punhalada — 7 Derribamento — 8 Luxação da perna — 9 Luxação do braço no chão — 10 Luxação do cotrodo sobre o joelho — 11 Estrangulamento por detraz, no chão.

(TRECHO DE UMA CONFERENCIA, AINDA INEDITA, DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE, CEDIDO GENTILMENTE AO "ALMANAK DA A NOITE")

... Sabendo-se da importancia literaria — si assim se póde dizer — dos olhos, pois que, em todos os tempos, poetas anónimos e ilustres jámais os esqueceram na enumeração das belezas femininas, tem-se, em geral, uma impressão falsa: imajina-se que, si alguem fizesse um repozitorio de todas as metáforas que eles tem provocado, acharia uma variedade imensa.

E' uma iluzão formidavel.

Afinal essas metáforas se grupam em torno de um pequenissimo numero de imajens, sempre as mesmas ha milhares de anos.

Dois pacientes autores fizeram dicionarios das metáforas de Victor Hugo. Correram para cata-las todas as inumeraveis obras daquele que foi o poeta maximo dos tempos modernos. Pois bem: no que diz respeito aos olhos o autor inspirado de tantas maravilhas de arte é de uma pobreza lamentavel. A comparação, que surje maior numero de vezes, é com estrelas — comparação veneravel, porque ha mais de trez mil anos já os mexicanos, nos seus hieroglifos, reprezentavam as estrelas como olhos. Victor Hugo não achou nada de mais novo do que isso. De outras vezes, falou tambem em chamas, archotes, brazas ou até em lamparinas, quazi a extinguirem-se: sempre, no fim de contas, a mesma referencia ao brilho.

Poder-se-ia notar de passajem que, em bôa Astronomia, a comparação com estrelas não implica forçozamente a ideia de luz. Mas a poezia e a ciencia separam-se, ás vezes, e é bem exato que nós todos fazemos aquela associação. No emtanto, a astronomia nos ensina que pelo espaço afora existem inumeras estrelas apagadas, talvez muito mais numerozas que as viziveis. Foram tambem, como o nosso Sol ou mais do que ele, sóis brilhantissimos. Em torno dessas estrelas, giravam enxames de planetas.

Eu mandei dizer ao sol
que não tornasse a nacer.
A' vista desses teus olhos
que vem cá o sol fazer?

Assim, pois o que se vê é que os poetas, os mais ilustres como os mais ignorados, parece que se impressionam apenas com o brilho do olhar e procuram para termo de comparação tudo o que brilhe desde as estrelas e o sol até os faróis, as brazas, os morrões das candeias.

No fim de contas, eu só conheço uma metáfora original sobre os olhos. Tambem ela atende apenas ao brilho, mas tem o mérito de evocar ao mesmo tempo o que ha neles de veludozo e de luminozo: é a fraze de Eça de Queiroz falando do "veludo liquido" de um olhar.

De um modo geral, póde-se, portanto, asseverar que nada no corpo humano tem provocado maior numero de aluzões poeticas do que os olhos, mas, si a quantidade é imensa, a qualidade é bem pouco variada.

Para sair do sol e das estrelas, alguns autores pensaram em comparar olhos humanos aos de outros animaes. Salomão, que Deus enchera de imensa sapiencia, o que viu de melhor para dizer dos da Sulamita, do Cantico dos Canticos, foi que eles eram como os das pombas.

Má comparação! Os olhos das pombas são vermelhos e não parece que ninguem ache olhos injetados de sangue de uma grande beleza.

E' certo que, em Portugal, pelo menos durante algum tempo, isso se considerou sinal de grande nobreza. O sangue azul ia bem com o que então se chamava — "olhos encarniçados". Os cronistas deixaram expressamente mencionado que D. Pedro I e D. João II tinham, como eles diziam, *o olho vermelho*.

Pouco é de crer, entretanto, que Salomão pensasse assim da Sulamita. Provavelmente, ele se lembrou do ar meigo das pombas e imajinou nos respetivos olhos todo o reflexo dessa meiguice que via nos da mulher amada.

Mais exatos observadores da natureza eram os gregos e Homero elojia tranquilamente olhos de mulheres, chamando-os "bovinos". Não se tem, entretanto, muita dificuldade em imajinar como seria recebido o namorado que cheio de entuziasmo por Homero, dissesse á mulher amada: "*Querida, teus olhos são como os de um boi!*"

No emtanto, si quizerem examinar a couza de perto, verificarão que a comparação não é má. Os olhos dos bois são grandes, veludozos, calmos, parecem embebidos em uma cisma lonjinqua. Falta-lhes vivacidade. Resta, porém, saber si este requizito é muito necessario.

Todos conhecem uns conselhos que se tornaram célebres; os conselhos que a atriz Cavalieri deu ás que quizessem conservar-se belas. Um deles era exatamente que não deviam manifestar quaesquer emo-

AGOSTO

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	3	2.11	Perigeu	3	18.09
Ming.	9	16.56	Apogeu	18	9.05
Nova	17	15.21			
Crescente	25	16.08			

8° MEZ — 31 DIAS

O Sól em Virgo a 23 ás 14 h. 54 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Quarta	Em	S.S. Machaleceus Ir. Mm.	6.28	17.30			
2	Quinta	geral	Nossa Senhora dos Anjos	28	30			
3	Sexta	fresco	Santo Estevão Proto Mr.	27	31	3	11	Urano em conj. com a lua 4° 34' S
4	Sabbado	e	S. Domingos F.	26	31			
5	Domingo	muito	N Senhora das Neves	26	32			
6	Segunda		Tranf. de N. S. J. C.	25	32			
7	Terça	secco	S. Caetano	25	32			
8	Quarta	no	S. Cyriaco	24	33	8	3	Venus em conj. N do Leão 0° 1' N
9	Quinta	interior	S. Affonso Ligorio	24	33	9	9	Mercurio no nodo descendente
10	Sexta		S. Lourenço	23	33	10	21	Jupiter em conj. com a lua 3°39'S
11	Sabbado	Nubla-	S. Tiburcio	22	34			
12	Domingo	do	Sta. Clara v.	22	34	12	0	Chuva de estrellas nas Perseidas
13	Segunda		S. Hypolito	21	34	13	13	Marte em conj. com a lua 0° 42' N
14	Terça		N. S. da Boa Morte	20	35	14	13	Urano em opp. com o sol
15	Quarta	Periodo	✠Assumpção de N. S.	20	35	15	14	Neptuno em conj. com a lua 2° 7' N
16	Quinta	de	S. Roque	19	36	15	17	Saturno em conj. com a lua 2° 55' N
17	Sexta	fortes	S. Mamede	18	36			
18	Sabbado	tempes-	S. Jacintho	17	37	19	15	Mercurio no aphelio
19	Domingo	tades	S. Joaquim pae de N. S.	16	37	19	18	Mercurio em conj. com a lua 3° 36' N
20	Segunda		S. Bernardo	16	37	20	5	Venus em conj. com a lua 6° 33' N
21	Terça		Sta. Joanna Francisca	15	38			
22	Quarta		S. Timotheo	14	38	22	7	Mercurio na sua maior long. 27° 18' E
23	Quinta		S. Felippe Benicio	13	38			
24	Sexta	Ventoso	S. Bartholomeu Ap.	12	39			
25	Sabbado		S. Luiz rei de França	11	39			
26	Domingo		O Sant. Cor. de Maria	10	39			
27	Segunda	Bom	S. José Calasanão	10	40			
28	Terça		S. Agostinho Dr.	09	40			
29	Quarta	tempo	Degol. de S. João Bap.	08	40			
30	Quinta	e	S. Rosa de Lima	07	40	30	20	Urano em conj. com a lua 4° 30' N
31	Sexta	Limpo	S. Raymundo Nonato	06	40			

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 20 a 31

O céo no dia 15 de Agosto ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Continua a lavra e preparo das terras destinadas ás plantações da primavera. Até o dia 15 pode-se ainda semeiar trigo, centeio, cevada, alpiste, ervilha, fava e lentilhas. Semeiam-se acelga, espargos, bringela, cenoura, mangerona, mostarda, nabos, pimentas, tomate, vagem, couve-flor, couve-nabo, chicorea e pimentão. E' tempo excellente para a sementeira de eucalyptus, casuarinas, acacias, cinamomos, angico, grapiapunha, cédro, ipé, louro e cypreste. Não se deve adiar para mais tarde a sementeira de arvores fructiferas. Fazem-se enxertos de fenda e approximação. Faz-se enxertia das vinhas e no mingoante podam-se as parreiras. Plantam-se os bacellos. Semeiam-se todas as flores annuaes e tambem as dhalias. Pode-se plantar nas terras altas a batata e semeiar-se o fumo para transplantar em Outubro.

PARABOLAS DE A MESTRES

O POETA

Duvidas historicas — Pedro I pronunciou o "Fico"?

O importantissimo papel representado pelo nosso primeiro imperador na historia do Brasil tem sido objecto de duvidas por parte dos nossos historiographos. O seu procedimento, pronunciando o celebre "Fico", é considerado, por mais de uma autoridade, como uma verdadeira traição de Pedro I a seu pae, D. João VI, e á sua patria, cujo throno lhe cabia, como principe herdeiro que era.

Dessa opinião são, mais ou menos, Joaquim Manoel de Macedo, o grande historiador inglez Ermitage e outros. Macedo considerou o acto de Pedro I, pronunciando as palavras que lhe são attribuidas pela historia — "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, estou prompto, diga ao povo que fico" — como uma desobediencia formal ás Côrtes Portuguezas, uma alliança firmada com os brasileiros e, portanto, a primeira palavra da proxima declaração da independencia do Brasil.

Ora, o que parece é que taes palavras não sairam dos labios nem foram traçadas pela mão do filho primogenito de D. João VI. A interessante memoria apresentada pela erudito Sr. Dr. Taciano Accioli Monteiro ao Primeiro Congresso de Historia Nacional, realisado ha tres annos, esclarece esse relevante ponto da nossa formação constitucional. Lendo-se as "Algumas reflexões sobre a acta do "Fico", que é o titulo dado á sua memoria pelo Dr. Taciano Accioli, fica-se convencido de que a resposta attribuida a Pedro I não passou de um expediente empregado por José Clemente Pereira para abafar a effervescencia em que se encontravam os brasileiros, desejosos de continuar a evolução começada com a estada no Brasil de D. João VI — effervescencia que, era evidente, podia ter dado facilmente logar á proclamação da Republica, idéa que caminhava com certa celeridade, quer no Rio de Janeiro, quer em algumas provincias.

Dirigindo-se ao Principe, como orador do Senado da Camara, que incorporado foi levar a S. A. a representação, com mais de oito mil assignaturas, solicitando de D. Pedro que permanecesse no Brasil, José Clemente Pereira proferiu as seguintes palavras, que justificam plenamente o seu receio pela manutenção do throno e explicam o seu acto creando e attribuindo ao principe regente a famosa declaração do "Fico":

Será possivel que Vossa Alteza Real ignore que hum partido republicano, mais ou menos forte, existe semeado aqui e ali, em muitas das Provincias do Brasil, por não dizer em todas ellas? Acaso as cabeças que intervieram na explosão de 1817 expirarão já? E se existem e são espiritos fortes e poderosos, como se crê que tenhão mudado de opinião? Qual outra lhe parecerá mais bem fundada que a sua? E não diz huma fama publica ao parecer segura, que nesta Cidade mesma, hum ramo deste partido reverdeceu com a esperança da sahida de V. A. R., que fez tentativas para crescer e ganhar forças, e que só desanimou á vista da opinião dominante, de que V. A. R. se deve demorar aqui, para sustentar a união da Patria?"

Natural é, portanto, que quem tão preoccupado se mostrava com a segurança do throno não se contentasse absolutamente com a resposta dada por D. Pedro á representação popular; e

Principe Constitucional — Viva a união de Portugal com o Brazil. Findo este acto, se recolheo o Senado da Camara aos Paços do Conselho, com os Cidadãos e os Mestres do Povo, que o acompanharão, e o sobredito Coronel pela Provincia do Rio Grande do Sul. E de tudo para constar se mandou lavrar este Termo que todos os sobreditos assignarão comigo Jozé Martins Rocha, Escrivão do Senado da Camara que o escrevi.

Joze Clemente Pereira.
Franc°. de Souza, de Oliveira.
............Gel. d'Amaral e Rocha.
Manoel Caetano Pinto.
Antonio .... de Araujo.
Joze Martins Rocha.
.... Joze Teixeira.
João Joze Dias.
Antonio Joze da Costa."

Ao lado dessas assignaturas vem a seguinte — *Declaração*:

"Em lugar das palavras de Sua Alteza Real, que menos exactamente se lançarão no termo supra, devem substituir-se as seguintes, que são as verdadeiras — Como he para bem de todos, e felicidade geral da Nação, estou prompto: Diga ao Povo que fico. E logo chegando S. A. R. ás varandas do Paço disse ao Povo: Agora só tenho a recommendar-vos União e Tranquillidade—" (Seguem-se apenas as tres primeiras assignaturas acima mencionadas).

José Clemente Pereira

PROPHECIAS DE UM PHILOSOPHO

Henri Bergson, o philosopho e grande pensador que tem maravilhado o mundo com a claresa de suas idéas puras, ha pouco tempo, na Academia de Sciencias Moraes e Politicas, de Paris, disse estas palavras memoraveis:

"Depois desta grande guerra, chamada a decidir da sorte da Europa e do mundo inteiro, quando com o triumpho da razão hajam vencido o direito, a liberdade, a justiça e tudo quanto tiver sido espesinhado pela barbaria, os povos perguntar-se-ão de que servem o progresso das artes mecanicas e as applicações da sciencia positiva, o commercio, a industria, a organisação methodica, quando tudo isso não for acompanhado e dominado por uma idéa moral.

E os povos poderão comprovar que o desenvolvimento material da civilisação quando se baseia na força, não serve sinão para a ruina e o desastre, que, não só não é capaz de trazer a felicidade dos homens, como nem ao menos é possivel de assegurar a paz.

Por isso, o espiritual evocador da moral affirma que, como consequencia da grande guerra, veremos modificado por completo o idéal da humanidade que caminha, apezar de tudo, incessantemente para a paz universal. O mesmo que succede com os grandes cataclysmos geologicos, que em um instante modificam para sempre a face da terra, assim este grande cataclysmo politico virá a ser o ultimo fracasso da força e transformará por completo o pensamento collectivo.

O grande dia da paz resuscitará o Espirito, os homens volverão a sua mais delicada attenção para os assumptos moraes e sociaes; será o corpo reconstruindo a alma; será, sobretudo, a victoria da moralidade e da psychologia ante a materia inutil derrotada.

Esta evolução do intellecto humano, que de ha muito parecia possivel, cumprir-se-á rapidamente de modo definitivo.

Assim como o seculo XIX foi o seculo das sciencias physicas, assim o seculo XX será o seculo das sciencias moraes."

Angelo

A campainha electrica retinou rapida e secca, o regente bateu duas pancadas decisivas na estante e a orchestra atacou os primeiros compassos da cançoneta lasciva.

A musica era a reminiscencia cynica de uma velha aria sentimental de Auber no "Fra Diavolo", deformada apenas a maneira de encerrar a melodia principal que dominava em todo o "andante".

Havia tres mezes, ou mais, aquella circassiana de Montmartre, de olhos caricatamente bistrados, semi-núa, ás 11 h. e 10, com uma pontualidade chronometrica, apparecia de repente no proscenio, parecendo exsurgir da penumbra especial do palco.

Contorcia-se... agachava-se... vermiculava-se automaticamente em uma choreographia arbitraria e illogica que o programma asseverava em letras de palmo e meio serem "as celebres dansas orientaes"... Apezar de circassiana a "divette" dava imperturbavelmente pelo nome de Harún-al-Raschid e contava em versos syncopados e de uma banalidade incrivel a historia do "p'tit négro d'Amérique", cujo pae "v'nu d'Afrique" se apaixonara por uma "blanche d'la Martinique"...

Abancados á mesma mesinha, Carlos e eu bocejámos ao mesmo tempo e levantámo-nos com um simples accordo de olhares.

Pelo jardim *vadrouilles* da visinhança aguardavam com ar triste e desanimado a vaga possibilidade de um "amante" de fim de mez á hora da saida... Apoiados ao balcão do botequim tres *garçons* ouviam de um *habitué* bem informado os ultimos *potins* a respeito da "circassiana" de Montmartre que, com uma voz apathica, incolor e cansada, contava ainda na penumbra do palco a odysséa do "p'tit négro d'Amérique".

II

Fóra a temperatura, que baixara muito com a chuva, nos forçou instinctivamente a levantar as lapellas dos casacos e, como tivessemos fome, enveredámos pelo corredor de um club proximo, a cujas janellas uma enorme lampada electrica, como um pharol promissorio, fascinava esperanças.

No gabinete contiguo ao salão principal, vasio ainda áquella hora, um "comparsa" de *smoking* sovado, pobre diabo conhecido pela alcunha de "Barão", conversava com o pianista Messias sobre rheumatismos e os prodigios da citrotherapia. Na sala de leitura um inglez, muito magro e muito alto, folheava jornaes illustrados, emquanto pelo corredor ao lado passeava solitario e nervoso o secretario de uma legação hispano-americana, que nos saudou com um gesto rasgado e um sorriso prognatho.

Descemos.

No restaurant, tambem vasio áquella hora, o *garçon*, que falava francez com pronuncia hespanhola, inquiriu solicito e curvado, entregando-nos o *menu*:

— Oune mayonnaice?...

— Qual... nada de mayonnaises a esta hora... discordou Carlos. Traga simplesmente uns frios e, depois, dous honestos filés com batatas.

O *garçon* retirou-se e Carlos declarou-me:

— Perdoa-me... mas estou realmente ancioso por conhecer a historia de Angelo. Desde 1913, quando o condemnaram á promotoria dessa tapéra no Paraná, nunca mais tive noticias positivas da sua vida... Sei que se casou por lá, dous annos após á chegada... com uma excellente creatura, uma dessas bellezas tristes e calmas de provincia, por quem elle se julgava ou estava na realidade apaixonado...

— Mas, na vida vasia de provincia (interrompi eu) o casamento é outra ponta do dilemma em que estamos fatalmente condemnados a nos espetar para evitar os horrores do tedio e Angelo, um ardente contemplativo, eternamente aguilhoado pela sêde febril de idéal e de sonho, inebriou-se com a meiguice dessa

dade da familia do coronel não chegava a atinar com o mysterio, quando um dia Angelo, em uns versos por demais indiscretos, se trahiu claramente á perspicacia da esposa. O orgulho de D. Flora a forçou a dissimular tudo aos olhos do pae e das irmãs. Dous dias depois eu voltava para o Rio e na estação, ao abraçar-me, Angelo teve uma unica phrase: — "Que infelicidade a minha..."

III

Quando appareceu a "Resurreição" eu já me achava no Rio. O titulo do livro não era mais um mysterio para mim...

Abro-o e leio logo na segunda pagina, como *envoi*, uma quadra desassombradamente reveladora: Angelo possuira Maria... Succumbira, afinal, o honesto que nelle co-existia em luta violenta com o concupiscente... Era a victoria do ultimo...

Passam-se dous mezes e, hontem, como sabes, noticiavam os jornaes da tarde o suicidio de Angelo e de Maria Moliaski num rio que atravessa a fazenda, por uma noite calma de luar... enlaçados...

SANTOS MAIA.

THEODORA

A EURYCLES DE MATTOS

Plena orgia. O falerno, em cymbios de ouro, espuma.
O palacio resplende á luz que inunda a sala.
Nas tripodes de bronze arde a myrrha, trescala
O nardo e o malobathro, em tenues nevoas, fuma...

Exquisita embriaguez a todos vence e embala...
O Bosphoro dormita. O luar vela-se em bruma.
As estrellas, no céo, apagam-se, uma a uma.
E Selene, no azul, lembra uma enorme opala.

Ao som de harpas, cantando, alvissimas almeias,
Na onda dos sete véos, num côro voluptuoso,
Dançam, desnudas quasi, em graciosas choreias.

E a todos se entregando, indo ao romper da aurora,
Sob o triclinio, erguendo a taça, ebria de goso,
Ria, perdidamente, a Imperatriz Theodora!

CASTRO MENEZES.

LONGEVIDADE

A humanidade soffre de um achaque fatal, a velhice, cuja consequencia é a morte. A velhice chega para o homem muito cedo, na opinião geral: ha entretanto, seres que resistem á sua investida por tempo mais ou menos longo.

Certas arvores podem viver indefinidamente; para algumas tem-se verificado a edade de tres mil annos. Os grandes reptis da época secundaria cujos esqueletos abundam nos museus, não podiam attingir seu enorme tamanho sinão vivendo muitos seculos. Os jacarés duram mais de cem annos e parece que não morrem sinão de accidente. As tartarugas têm vida ainda mais longa; pelo menos duzentos annos já se verificou que podem attingir. Os papagaios vivem cem annos. Não seria possivel ao homem prolongar tambem sua edade e adiar o pagamento do tributo á morte?

O dragoeiro, que vive tres mil annos

Esta tem sido uma preoccupação permanente da humanidade.

Adão viveu 930 annos, Noé 950 e Mathusalem 969; e o que admira nestes patriarchas é que elles não tenham feito um pequeno esforço e chegado aos mil. Talvez achassem estas edades satisfatorias. Esse periodo porém, já está definitivamente encerrado. Os alquimistas procuraram restaural-o, em vão. Os seculos que elles passaram debruçados nas retortas, nos laboratorios, crearam uma sciencia admiravel, a chimica. Mas o elixir da longa vida ainda está por descobrir. Impostores que se têm arrogado o seu invento conseguiram illudir os seus contemporaneos, tanto é certo que o homem está sempre inclinado a acreditar no que lhe agrada.

Em fins do seculo XVIII o charlatão José Balsamo esteve em Lisboa explorando as graças de sua mulher Lourença e a credulidade da sociedade daquelle tempo. José Balsamo dizia que tinha trezentos annos de edade; e acreditavam. Depois se passou a Paris onde fez grande successo e acabou na prisão.

Caso mais recente de intrujice foi o de uma mulher que appareceu em Londres ha cinco ou seis annos, dizendo-se possuidora de um segredo de rejuvenescer os velhos na força e "na apparencia". Essa mulher pediu a William Stead que verificasse as provas da sua asserção.

O grande jornalista examinou os documentos e attestados particulares que lhe foram apresentados e escreveu, convencido, na sua *Review of Reviews*, um artigo que teve larga repercussão.

Esta idéa tentou tambem a um sabio contemporaneo, Metchnikoff. Com o prestigio de seu nome, laureado por varias descobertas scientificas, especialmente pela theoria fagocitaria, metteu mãos á obra. Acreditando que os fermentos intestinaes que dão nascimento ao *scatol, nidol* e outros productos que originam a anterio-sclerose, causa principal dos accidentes serios, Metchnikoff se poz á procura de um modo de alimentação capaz de prevenir a formação desses productos

O Baobah, que tambem vive tres mil annos

nocivos. Dessa idéa nasceu o preconisação da coalhada, especialmente da obtida com o fermento bulgaro. Com effeito os bulgaros que usam largamente do leite fermentado apresentam uma porcentagem de centenarios superior a qualquer outro povo da Europa.

A theoria de Metchnikoff acaba de soffrer um cheque muito serio; a morte recente do sabio aos 71 annos de eda-

A Princeza olha o parque ermo e triste... A Princeza
Soffre e vae definhando lentamente.
Anda-lhe na alma um vago sonho de tristeza:
Uma pluma a oscillar rumo do Oriente.

As suas mãos são frageis. Menos bello
E cada vez mais triste é o seu olhar.
A' noite, quando céssa o rumôr do castello,
A Princeza abre os braços para o luar...

No velho parque abandonado, instante a instante,
Ouve-se um grito apunhalando a solidão.
A Princeza estremece e olha do alto mirante:
Brilha na sombra a sombra de ouro de um pavão.

«—Que noite immensa! O luar abre a máscara louca!
Porque não voltas para o meu amôr?
Cavalleiro! não vês que a minha bôcca
Murcha como uma pétala sem côr?

Não vês a sombra ignota do salgueiro
No fundo da piscina a se curvar?
E' a tua sombra esvelta, Cavalleiro,
A tremer na agua azul do meu olhar.

Na minha róca de ouro, dia a dia,
Por ti, por mim, por nosso amôr emfim,
Meus dêdos tecem fios de alegria...
Meus dêdos brancos de ambar e marfim.

Do velho cravo ha um seculo fechado,
Pela tua saudade emocional,
Acordo o velho rythmo empoeirado
De uma velha cantiga mediéval...»

Cala-se a tenue voz... Dos galhos curvos
Dos plátanos, lá fóra, o luar escorre...
A Princezita fecha os olhos turvos,
Estende os braços para o luar... e morre.

OLEGARIO MARIANNO.

O Rio Velho
Ha quinze annos...

Talvez em nenhuma outra cidade do mundo se tenham dado, como no Rio de Janeiro, tantas e tão rapidas alterações dos seus usos e costumes.

Os que habitam ha mais de quinze annos a capital da Republica quasi não as sentiram, pela vertigem por todos soffrida com a febre de melhoramentos e de progresso que nos assaltou; e hoje só com algum esforço se podem lembrar de cousas a que estivemos habituadissimos durante largos annos e que de um momento para outro se sumiram para todo o sempre.

Quem, por exemplo, se recorda espontaneamente das «bahianas», que, no largo da Carioca, no largo de S. Francisco, na rua Primeiro de Março, na praça Quinze de Novembro, vendiam mingáu e cangica? Com a illuminação ainda deficiente de tempos que não são remotos, quanto cavalheiro, rigorosamente vestido, não se acercou de uma dessas «bahianas» ahi pela meia-noite, para tomar o seu mingáu, a troco de um simples nickel? Hoje as «bahianas» do mingáu só em sitios retirados são vistas e isso mesmo em muito pequena quantidade.

Do centro da cidade foram tambem banidos os vendedores de empadas, com as suas estufas caracteristicas, em que as empadas acabavam por tornar-se rigidas como pedras.

— Empadinha de camarão. Si não tiver camarão, não paga nada!

Foi se dos ruidos da cidade esse pregão, que attrahia os esfaimados até altas horas da madrugada, principalmente junto á antiga estação do Jardim Botanico, na mais tradicional das praças da cidade. Foram-se egualmente os «floristas», os antigos «floristas», que, com as suas caçambas caracteristicas, enxameavam pelas principaes praças da cidade, especialmente aos domingos.

Por esses tempos, ha pouco mais de dez annos, quando a Light ainda não havia espalhado os seus bonds electricos por toda a cidade, havia um habito tão carioca, tão nosso, que só mesmo a velocidade dos carros actuaes podia acabar. Era o «elegantissimo» costume de saltar e de tomar o bond em movimento.

O carioca desses tempos sentir-se-ia deshonrado si o bond parasse; e, si algum cocheiro mais prudente, dos que sabiam assobiar com caprichoso estylo para avisar os povos de sua approximação, dava a manivella para diminuir a marcha do carro, o cocheiro prudente receberia um desses olhares furibundos, que matariam, si o olhar matasse. Porque o «chic», o «ultra-chic», a grande elegancia era esperar impassivel que o bond se approximasse e depois atirar-se em um movimento rapido, que não denotasse o menor esforço, ao balaustre. Para saltar, idem. Um momento em pé no estribo, era fazer uma suave inclinação com o corpo e deixar-se cahir no solo, primeiro num pé, depois com outro, para estabelecer o equilibrio. Si algum cidadão, ainda não velho, mandasse parar o bond, era um escandalo.

— Com certeza é da roça — commentavam com os seus botões os demais passageiros indignados.

De maneira que, sabendo disso, muitos dos nossos patricios do interior faziam questão de tomar e saltar do bond sem mandar paral o, como a gente da cidade; mas não sendo adextrados nessa difficilima gymnas-

Tout passe... Passaram tantas cousas! Passaram os vendedores de perús, guiando um batalhão delles com uma vara comprida e a apregoar, com uma voz tão gutural que mal se os comprehendiam:

— «Vae perú de roda!»

E as vaccas leiteiras, com as suas campainhas ao pescoço?

Era um escandalo, era uma cousa anti-hygienica, era um attentado; mas era também um aspecto caracteristico da cidade que desappareceu para sempre. Isso foi obra do prefeito Passos, o prefeito-magico, que num apice transformou o Rio.

O prefeito Passos não poude, porém, dar cabo dos kiosques, que só desappareceram ha cousa de cinco annos, — por signal que foi essa uma das primeiras campanhas da A NOITE. Não ha quem se não lembre dos kiosques, dos que vendiam café e toda a especie de bebidas e dos que se limitavam á venda de bilhetes de loteria. O café era «comprido» e requentado, o paraty tinha pelo menos 50 % d'agua; mas apezar de tudo tinham os seus apreciadores, que os cercavam permanentemente e que hoje são forçados a recorrer aos «cafés-canecas» espalhados por toda a cidade.

Ainda os proprietarios de kiosques tentaram removel os para os suburbios e arrabaldes distantes, mas gorou essa tentativa. O kiosque foi definitivamente banido de todo o districto. Nos suburbios e arrabaldes distantes foram refugiar-se os «seresteiros», que ha quinze annos «abriam o peito» nas ruas mais centraes do Rio. Vinham aos grupos, palrando, conversando, discutindo. Subitamente parava o bando, afinavam-se os violões e um dos cantores acordava tudo o quarteirão com a sua «harmoniosa» voz:

> A' sombra de enorme e frondosa mangueira,
> Coberta de flores, da tarde ao cahir...

Vultos appareciam a algumas janellas e ahi ficavam até que se fossem os da serenata. Mas em geral as «serestas» contrariavam, especialmente si havia alguem doente.

Depois, os ladrões deram para se servir desse meio como «truc» e a serenata, desmoralisada, foi asylar-se nas ruas escuras dos suburbios, por onde tambem apparecem, lá de quando em quando, os antigos realejos, em que havia um grupo de bonecos compondo uma orchestra. Ao lado, um dos bonecos tinha na mão uma pequena salva, para receber as espórtulas. Si se punha na salva uma moeda de vintem, o boneco atirava-a para dentro do realejo; mais, si as crianças collocavam uma rolha, um pedaço de madeira, um papel, a intelligente figurinha os lançava á rua. Muita gente ainda hoje não sabe como isso era...

Foram-se os realejos, que moiam a «Grã-Via», o «Guarany», a «Traviata». Foram se os ursos que dansavam e os macacos habeis. A vida urbana muito se tem modificado! Até nos casamentos encontram-se alterações, pois desappareceu, por exemplo, o casamento em bond especial. Hoje quem se casa ou vae de «coupé» ou de «landaulet», ou vae tranquillamente no bond commum, como quem não quer a cousa, ou marcha mesmo a pé, si a egreja é perto .. Mas typo que soffreu uma modificação sensivel é o de «pae de familia». Ha quinze annos ainda, muito raras eram as casas de negocio que mandavam compras a domicilio. De modo que os paes

PARABOLAS DE A. MESTRES

O GIGANTE

I

Desejando visitar paizes desconhecidos, veiu de sua terra um Gigante.

Andando, andando, viu de subito duas linhas prateadas, reluzentes como dous fios de teia de aranha, que parallelamente se estendiam aos seus pés, atravessando planicies e contornando montanhas até se perder de vista.

O Gigante olhava com profunda extranhesa e pensava:

— Não se poderia dizer que dous di-

minutos caracóes tenham caminhado muito juntos, deixando atrás delles uma dupla esteira de prata? Mas como terão podido percorrer tão longo trecho sem approximar-se nem afastar-se em ponto algum? E' maravilhoso!

Estava engolfado nestas reflexões quando ouviu longe, muito longe, um silvo prolongado e viu avançar, ao longo da dupla linha de prata, um bichinho negro que, dada a sua excessiva pequenez, corria vertiginosamente.

O Gigante via-o correr com grande curiosidade e observou que de seu minusculo focinho, que levava muito erguido, sahia uma fumarada inextinguivel, que se estendia para traz como uma cabelleira branca.

— Eis um animal curioso! — pensou.

E, agachando-se, tomou-o muito cuidadosamente nas mãos e approximou-o dos olhos. O bichinho silvou desesperadamente e lançou uma corrente de um liquido quente e pestilento, que se lhe metteu pelas narinas.

— E' um animalzinho venenoso! — exclamou o Gigante; e atirou-o ao sólo, fazendo-o em mil pedaços.

Passou-lhe o pé por cima, fazendo desapparecer todos os vestigios, e proseguiu em seu caminho.

II

Chegado que foi á beira do mar, sentou-se em uma elevação e viu cruzar muito longe, no mar a dentro, outro animalzinho desconhecido para elle. Era como um peixinho que corria a flor dagua em linha recta, sem submergir-se. Sua concha — dura, na apparencia, era negra; e sobre seu lombo se erguiam como que umas puas de forma rara.

Depois de tel-o observado por um bom espaço de tempo e com grande attenção, esticou o braço para lá e segurou com os seus dedos o animalzinho, afim de examinal-o detidamente. Mas ainda bem não o havia collocado na palma da mão, o couraçado — pois outra cousa não era aquelle bicho aquatico — deu contra elle uma descarga com todas as baterias de estibordo.

O Gigante, apezar da surpresa que lhe causaram o estrepito e a fumarada que saiu de corpo tão diminuto, não deixou de notar um formigamento especial que lhe produziram as balas ao ricochetear em seus labios, deixando-lhe certo sabor desagradavel.

— Que nojo! — exclamou, cuspindo para a direita e para a esquerda. Tambem este é um bicho venenoso!

E— clac! — depois de espatifal-o entre os dedos o atirou á agua, onde submergiu em um abrir e fechar de olhos.

III

E, levantando-se, continuou o seu caminho.

Eis, porém, que entre as nuvens, que o vento fazia gyrar em torno de sua cabeça, infiltrando-se por entre os fios de sua barba, viu vir na sua direcção um mosquito, todo de azas, que começou a dar voltas junto ás suas temporas.

SETEMBRO

9º MEZ 30 DIAS

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Cheia	1	9.29	Perigeu	1	4.09
Ming.	8	4.05			
Nova	16	7.28	Apogeu	14	11.07
Crescente	24	2.41			
Cheia	30	17.31	Perigeu	29	15.01

O Sol em Libra a 23 ás 12 h. 00 m. (Equinoecio, começa a Primavera)

DATAS	SEMANA DIAS	Predieção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Sábbado	Signaes	S. Egydio Ab............	6.05	17.41	2	19	Jupiter em quadrat. com o Sól
2	Domingo...	de	Nossa Senhora da Penha	04	41			
3	Segunda....	chuva	Sta. Eufemia V. M......	03	41			
4	Terça........		S. Candida V.............	02	42			
5	Quarta	Bom	S. Lourenço Justiniano..	01	42	5	3	Mercurio estacionario
6	Quinta	tempo	Sta. Liliana V..........	00	42			
7	Sexta........	e	Indep. do Bra S. J. M.	5.59	43	7	9	Jupiter em conj. com a lua 3° 14' S
8	Sabbado		✠Nativ. de N. Senhora..	59	43	9	0	Mercurio em sua max. lat. heliocen. S
9	Domingo ...	Claro	O Santo Nome de Maria.	58	43	9	11	Venus no nodo aseendente
10	Segunda....		S. Nicolau Tolentino.....	57	44			
11	Terça	Fresco	Sta. Theodora............	56	44	11	9	Marte em conj. com a lua 2° 55' N
12	Quarta......	e	Sta. Aurea V.............	55	44	11	22	Neptuno em conj. eom a lua 2° 18' N
13	Quinta	agrada-	S. Fhelippe M............	54	45	12	6	Saturno em eonj. com a lua 3° 22' N
14	Sexta........	vel	Exaltação de Santa Cruz.	53	45			
15	Sabbado		S. Nieomedes.	52	45			
16	Domingo ...	Periodo	As 7 Dores de N. S.....	51	45	16	6	Mercurio em conj. com a lua. 1° 31' N
17	Segunda....	tempes-	S. Pedro	50	46			
18	Terça	tuoso	S. José Cupertino c......	49	46	18	9	Marte em conj. inf. eom o Sol
19	Quarta		Temp. S. Januario B. M.	48	46	19	7	Venus em conj. com a lua 4° 5' N
20	Quinta	Ventos	Sto. Eustachio..,.........	47	47			
21	Sexta........		Temp. S. Math. Ap. Ev.	46	47	21	19	Marte em conj. com Neptuno 1°. 18' N
22	Sabbado	fortes	Temp. S. Thomaz de Vil.	45	47			
23	Domingo ...		N. Senhora das Mercês.	44	48			
24	Segunda....	Muito	S. Lino P.....,...........	42	48			
25	Terça	frio	As Chagas de S.Francisco	41	48	27	5	Urano em conj. eom a lua 4° 33' S
26	Quarta......	nas	S. Cypria. e Justin. M...	40	49	27	12	Mereurio estaeionario
27	Quinta	montans.	S. Cosme e Damião M..	39	49			
28	Sexta........	geadas	S. Weneesláu.............	39	49	28	0	Mercurio no nodo ascendente
29	Sabbado	no	S. Miguel Archanjo......	38	49	30	1	Jupiter estacionario
30	Domingo...	sul	S. Jeronymo Dr..........	37	50	30		Marte em conj. com Saturno 0° 40' N

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

21 a 30

O céo no dia 15 de Setembro ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Plantam-se milho, batatas doces, plantam-se ainda arroz e amendoim. Nas colonias do sul planta-se ainda a mandioca, mas nas terras de campo é raro plantar-se depois de Outubro. Semeiam-se hortaliças e transplantam-se sementeiras de mezes anteriores. Faz-se uma segunda ou terceira sulfatagem das vinhas (conforme a estação) regando-se os viveiros e os vinhedos (estes se houver grande secca). Enxertam-se (de borbulha) as arvores fruetiferas. Plantam-se carrapateiros e no norte canna e mandioca. Este mez é mão para incubação de ovos.

Paginas do Bêbê

Nestas paginas que se seguem forneceremos aos nossos leitores uma somma de conhecimentos uteis sobre a criança, desde o seu nascimento até dous annos. São paginas que toda a mamã deve ler.

e nesse caso não se póde mais avaliar quanto Bêbê está mamando.

Logo que elle acabe de mamar, nova lavagem do bico do seio com alcool e agua, porque costuma ás vezes rachar com o esforço da criança e dar erysipela no seio, o que é sempre um transtorno. Si rachou o seio e arde muito, vale a pena, depois da desinfecção com alcool, botar um pouco de manteiga de cacáo, que será retirada a cada vez que Bêbê venha mamar de novo.

E' indispensavel o maior methodo nas horas de mamar.

Até quatro mezes Bêbê deve mamar de 2 1|2 em 2 1|2 horas, sejam oito vezes ao dia, descansando 6 horas á noite. Dos quatro mezes em deante de 3 em 3 horas. Nunca se deve dar de mamar durante a noite, nem mesmo nos primeiros dias de nascido. Deixa-se Bêbê chorar. Isso não faz mal. Bêbê não tem habitos. Vae crial-os agora que está no mundo. E é um bom habito a dar-lhe o de não mamar de noite, porque todos os nossos orgãos descansam e o intestino tambem deve descansar.

E' mamã que o amamenta...

A mamã deve fazer tudo para amamentar seu filhinho. Si não vier leite nos primeiros dias, não se assuste: — tome duas vezes por dia uma colhersinha de Lactagol — um preparado feito de sementes de algodão e que augmenta muito o leite. Ponha a criança ao peito. Ponha sobre este umas compressas quentes. O leite ha de vir. Procure a mamã tomar um bom prato de mingáo de araruta, aveia, cangica de cevada. Tudo isso auxilia a vinda do leite.

Si afinal, passadas 48 horas o leite não vem, não desista a mamã de alimentar seu filho: procure abrandar-lhe a fome com uma colherinha de agua assucarada e fervida e continue a fazel-o chupar o seio. Só si o medico diz que é absolutamente inutil insistir, é que a mamã deve recorrer á alimentação artificial.

* * *

Para avaliar a quantidade de leite a dar ao Bêbê em 24 horas existe a seguinte tabella organisada de accordo com o peso:

Bêbê de	3 ks....	480	grs. de leite
" "	4 ks....	640	" " "
" "	5 ks....	800	" " "
" "	6 ks.—4 mezes	960	" " "
" "	7 ks....	980	" " "
" "	8 ks....	1.120	" " "
" "	9 ks....	1.260	" " "

Para pesar a quantidade de leite que Bêbê mama de cada vez o melhor systema é pesal-o antes e depois de cada mamada. A balança é a melhor companheira de um Bêbê. E' ella quem indica todas as oscillações na sua saude.

Além da tabella acima mencionada, existe uma regra para determinar a quantidade de leite a dar em cada mamada, segundo o peso da criança. Essa regra é a seguinte:

— A quantidade a dar em cada mamada será egual, em grammas, ao producto obtido multiplicando por 2 os dous primeiros algarismos do peso da criança expresso em grammas. Multiplicando-se depois esse producto por 8, si a criança tem menos de 6 kilos e por 7 si tem mais, obtem-se o numero de grammas a fornecer em 24 horas.

Exemplo: Bêbê pesa 5k.200, cada mamada será de

$$52 \times 2 = 104 \text{ grammas}$$

Nas 24 horas Bêbê mamará 8 vezes isso; seja

$$104 \times 8 = 832 \text{ grammas}$$

MAMÃ NÃO TEM LEITE...

Si Bêbê é obrigado por qualquer circumstancia a ser alimentado de outro leite que não o materno, as difficuldades são immensas.

Ellas se resumem nos seguintes assumptos:

a) escolha do leite, sua esterilisação;
b) a mamadeira;
c) a diluição do leite.

O LEITE

O melhor leite e que mais se presta a substituir o leite da mulher é o da vacca. Hoje, com a regulamentação severa municipal nesse commercio, já se póde ter confiança no leite entregue ao consumo. Inutil é dizer que neste particular o melhor é o leite

natural, sem condensações nem preparos de dessecação.

Uma boa fervedura, prolongada por 5 minutos, em plena ebulição, é um bom meio de esterilisar o leite.

E' na temperatura de 80 gráos que o leite sobe, por causa da formação da

O esterilisador que se deve usar

nata. Cortando-se a nata, o leite póde subir até a temperatura de 100, 101 gráos. Por isso ha vasilhas especiaes que permittem o leite ferver por muito tempo sem derramar.

Mas para evitar o trabalho de estar-se fervendo o leite a cada vez que se vae precisar delle (o que é indispensavel) correndo o risco da irregularidade no modo de ferver, o melhor processo é o da esterilisação. Para isso existem apparelhos especiaes que são vendidos nas casas de instrumentos de cirurgia; são os esterilisadores de Saxhlet-Budin ou Gentille. A vantagem é dar uma grande uniformidade na esterilisação, e preparar-se pela manhã o leite para todo o dia. Com esse apparelho, que é afinal de contas um banho-maria, deixa-se o leite a ferver durante uma hora. As tampinhas de borracha ficarão todas deprimidas nas mamadeiras, como si fossem chupadas para dentro—quando a esterilisação foi perfeita as tampinhas se mantêm assim, mesmo depois de retirado o apparelho do fogo.

As casas de cirurgia ao venderem esse apparelho ensinam o modo de funccionar.

Claro está que quem não póde compral-o e precisa de alimentar seu filho com leite de vacca, não vae deixar de fazel-o, por isso: contentar-se-á em esterilisal-o pela fervedura prolongada, conforme referimos acima.

A MAMADEIRA

A escolha da mamadeira só tem uma regra a que obedecer: a facilidade de limpeza absoluta. O vidro deve ser branco e o bico deve ser do systema Gentille, o unico que não fatiga a criança e que póde ser adaptado a qualquer vidro.

O bico preferivel

Nunca esqueçam os paes que si as crianças amamentadas artificialmente morrem em tão grande proporção, por comparação áquellas que as mamãs podem amamentar, a culpa cabe em 90 °|° dos casos á má limpeza dos bicos da mamadeira.

E' preciso fervel-o sempre antes de utilisal-o, tendo para isso especialmente destinada uma vasilha, que até póde ser uma lata, si o papá é pobre e não póde comprar uma panellinha.

O vidro que serve de mamadeira deve ser lavado logo que acabe de ser utilisado e conservado em agua, ao abrigo das moscas. O bico deve ser guardado em agua com sal, e deve ser lavado antes de ser usado e fervido.

A mamadeira mais commoda

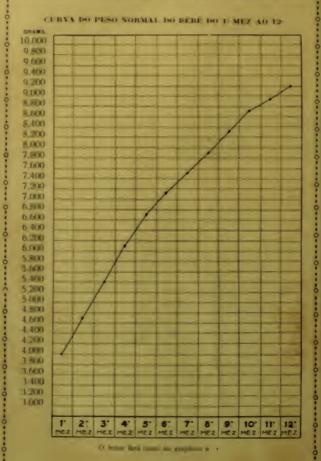
Quem vae cuidar de tudo isso para amamentar Bèbê deve inicialmente lavar muito bem as mãos com sabão e não esquecer, durante todo o tempo que todos os objectos vivem cobertos de microbios, e que é preciso, portanto, evitar o contacto do pipo, em qualquer objecto.

Ha uma inimiga terrivel da criancinhas: é a mosca. Evitae sempre que emquanto se está preparando a mamadeira as moscas venham pousar nella ou no pipo.

O terrivel inimigo das crianças

* * *

As diluições do leite constituem um capitulo dos mais

difficeis na amamentação artificial das crianças.

Duas cousas se apresentam a serem respondidas:

Inimigos de Bêbê

1°. — Qual a diluição a fazer no leite de vacca?

2°. — Qual a quantidade total a dar em 24 horas?

Alguns autores fazem tabellas tendo em vista a edade das crianças. E' um criterio muito falho, visto que as necessidades da criança podem não corresponder á sua edade. Temos sempre dito e repetimos que o melhor companheiro de uma criança é a balança; faremos, portanto, a nossa tabella tendo em vista o peso e não a edade, mas como nem todos os leitores deste *Almanak* terão meios de obter balança, mencionaremos as tabellas por edades.

Tabella das diluições do leite de vacca segundo o peso da criança

Criança de 3 a 4 kilos: 2 partes de leite + +1 parte de agua assucarada;

Criança de 5 kilos: 3 partes de leite + +1 parte de agua assucarada;

Criança de 6 kilos: 4 partes de leite + +1 parte de agua assucarada;

Acima de 6 kilos: leite puro

Quantidade de leite diluido nas proporções acima referidas a ser dada ás crianças em 24 horas

Criança de 3 k.	540 c.m.3
" " 4 k.	640 c.m.3
" " 5 k.	750 c.m.3
" " 6 k.	780 c.m.3
" " 7 k.	790 c.m.3
" " 8 k.	800 c.m3
" " 9 k.	900 c.m.3

Tabella de diluição do leite de vacca, segundo a edade da criança

Do 7° dia ao 3° mez: Leite 2 partes + +1 parte de agua assucarada;

No 4° mez: leite 3 partes + 1 parte de agua;

No 5° mez: leite puro assucarado a 2°|°.

Tabella das quantidades de leite a dar nas diluições acima

Do 7° ao 30° dia	630 c.c.
2° mez	700 c.c.
3° mez	840 c.c.
4° mez	840 c.c.
5° mez	875 c.c.
Do 6° ao 9° mez	1.050 c.c.

ALIMENTAÇÃO MIXTA

Casos ha em que é mistér que Bêbê se alimente misturadamente: um pouco ao seio materno e um pouco de alimentação artificial, quando por qualquer motivo a mamã não tem leite em quantidade sufficiente.

Nestes casos, segundo a maior ou menor abundancia do leite materno, substituir-se-ão duas ou mais mamadas ao seio por mamadeiras, contendo o alimento artificial na diluição correspondente ao peso de Bêbê. E tudo se fará muito cuidadosamente com grande vantagem para a saude de bêbê, que ás vezes modifica por completo a sua nutrição com a simples mudança de regimen.

VARIANTES NECESSARIAS

E' muito frequente nos casos em que a alimentação materna não póde ser mantida, a criança dar-se mal com o leite de vacca, e ter uma forte enterite. Nesses casos, a simples mudança de alimentação basta para a cura. O recurso habitual é o leite condensado, cuja diluição se fará nas seguintes proporções:

Até 3 mezes: 1 colher de sopa de leite condensado para 10 colheres de agua;

Dos 3 aos 6 mezes: 2 colheres de sopa de leite condensado para 10 colheres de agua;

Dos 6 aos 9 mezes: 3 colheres de sopa de leite condensado para 10 colheres de agua;

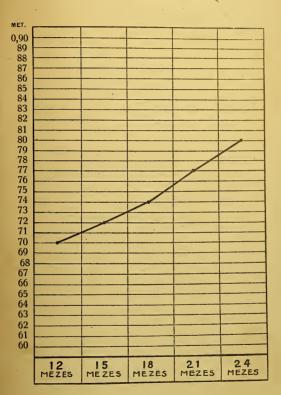
Dos 9 aos 12 mezes: 5 colheres de sopa de leite condensado para 10 colheres de agua;

Feita a diluição, convém ferver, deixar esfriar e collocar na mamadeira com os cuidados aconselhados nas paginas anteriores.

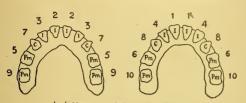
As quantidades a empregar de cada diluição serão as mesmas para cada edade que as da tabella organisada para a alimentação com o leite de vacca.

Curva do peso normal de Bêbê de 1 a 2 annos

Curva do comprimento de Bêbê nos 12 primeiros mezes de vida

CURVA DA ALTURA DO BÈBÈ DE 12 MEZES A 2 ANNOS

(O leitor deve proceder da maneira indicada no graphico n. 1)

A ORDEM EM QUE APPARECEM OS DENTES

MAXILLAR SUPERIOR **MAXILLAR INFERIOR**

I — Incisivos; — c — Caninos; Pm — Premolares

A ORDEM EM QUE APPARECERAM EM BÊBÊ

MAXILLAR SUPERIOR **MAXILLAR INFERIOR**

Assignalar com um numero a ordem em que tiverem apparecido os dentes de Bêbê, —o galante Bêbê do leitor do Almanak

BÊBÊ ENGATINHA E ANDA

Os movimentos na criança tendem a se tornar coordenados pelo exercicio. Tudo que Bêbê faz é util e o papae deve se habituar a essa noção de que a *infancia é uma necessidade*. Antes de andar, a criança engatinha, antes de engatinhar a criança movimenta-se. Haverá cousa mais interessante do que apreciar a infatigabilidade com que Bêbê sacode pernas e braços desordenadamente, desde que o deitem de papo para o ar? Tudo aquillo tem a sua utilidade. Bêbê exercita seus musculos e dá-lhes força com que executa mais tarde os movimentos necessarios á locomoção. Convém muita favorecer esses movimentos, deixando Bêbê á solta durante algum tempo para que agite quanto possa suas pernas e seus braços.

Dentro de algum tempo Bêbê já se vira sozinho e de bruços continua os seus movimentos, já agora com tendencia a deslocar o corpo na direcção de qualquer objecto que o attraia.

Mais um pouco e Bêbê engatinha.

Depois, um bello dia, eis que se põe em pé sozinho, agarrando-se ao pé de uma mesa.

Dahi para deante já não o satisfaz mais o exercicio do chão. Quer alçar-se, quer andar.

Começam todos a exercital-o.

Convém que esse exercicio só comece quando realmente os musculos possam executal-o e os ossos supportem o peso do corpo.

Deve-se segurar Bêbê por debaixo do braço. Ha suspensorios que facilitam isso.

O emprego de apparelhos mais ou menos complicados para ensinar a andar é máo.

O LEGADO DE UMA LORENA

Versão de «Le legs d'une lorraine», de André Theuriet

Sou velha e pouco viverei na terra,
Passada a ceifa...que o meu mal é forte.
Daquelles tempos, o que eu vi, na guerra,
Deu-me, creança, o lancear da morte.
Não tens dez annos, mas na tua idade,
Abrem-se os olhos, firma-se a lembrança.
Vou pois mostrar-te, meu filhinho, a herdade
Que já me pesa, mas que é tua herança.

Vamos á seára de centeio; é esta...
Os nossos ahi estão, assassinados
Pelos lobos prussianos, de aguia á testa.
Jazem teu Pai, teus dous irmãos amados.
O que elles defendiam contra essa horda
Era seu tecto, sua terra, e a lei!
Sobre elles cresce mais a herva, recorda...
Jamais te olvidarás, filho, bem sei.

Neste prado vernal, de urzes bordado,
Houve uma granja e numerosa gente,
Ainda ahi se via, anno passado,
Vergeis em flor e multidão contente.
Repara agora... só rasteja a cobra
Nos negros muros, escondrijos seus.
A Prussia ahi passou... Vê pois a obra
Dos que se dizem campeões de Deus!

COMO SE PODE CONHECER UM BOM AVIADOR?

Aviador não é quem o quer ser. E' necessario um tal conjunto de qualidades individuaes que são relativamente raras as pessoas que se podem entregar ao arriscado exercicio.

Recentemente as diversas nações em guerra tiveram de submetter os candidatos á aviação a um exame minucioso perante uma commissão de medicos physiologistas. Os examinadores, munidos de diversos apparelhos, — alguns já conhecidos, como o chronometro electrico de Arsonval, o esphigmographo e o pneumographo, e outros novos, expressamente inventados agora, como o designado pela letra A em nossa gravura e destinado a "medir o tremor" — sujeitam o candidato a uma longa serie de experiencias, com o intuito de ficar demonstrada a capacidade de reacção, mais ou menos rapida, contra um perigo imprevisto, que se annuncia por meio da vista, do ouvido ou do tacto, pois são estes os principaes factores dos desastres de aviação.

Para medir o tempo que o individuo leva para reagir contra a sensação do perigo presta-se admiravelmente o chronometro electrico de Arsonval, que póde fornecer uma medida tão delicada que vae *até é duocentesima parte de um segundo!* Ha nelle um quadrante grande, dividido em cem partes; as divisões são distantes umas das outras, de modo que se possa contar tambem as meias distancias, e a agulha percorre o quadrante em um segundo.

Por meio deste chronometro póde-se saber *a priori,* em quanto tempo um candidato á aviação, percebendo subitamente um obstaculo, póde fazer um movimento para evital-o; em quanto tempo, ouvindo um rumor anormal, proveniente de um ataque do inimigo, poderá agir para afastar-se ou defender-se; em quanto tempo a sensação de vento, de frio, etc. poderá produzir um movimento de adaptação da manobra á camada atmospherica. Um iman, no qual passa a corrente electrica, age sobre a agulha do chronometro, de fórma que este pára quando passa a corrente e caminha quando a corrente se interrompe.

O medico bate com um martello sobre a mesa. O rumor da martellada interrompe a corrente, a agulha do chronometro põe-se em movimento; mas o mesmo rumor faz estremecer o candidato, que, instinctivamente, faz um movimento de surpresa e apoia o braço sobre um apparelho que faz parar a agulha. O medico lê sobre o quadrante do chronometro o tempo — em fracção de segundo — que o candidato a aviador gastou em seu movimento instinctivo de defesa, pois este tempo começa com a martellada e acaba quando elle estremece.

Inscripção graphica das reacções emotivas.

Esta é a medida da reacção psychomotriz de origem auditiva. Para a de origem tactil applica-

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
☾ Ming.	7	19.14	Apogeu	11	21.05
● Nova	15	23.41			
☽ Crescente	23	11.38	Perigeu	27	19.08
○ Cheia	30	3.19			

10° MEZ
31 DIAS

O Sól em Scorpio a 23 ás 20 h. 44 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	PHENOMENOS DIVERSOS Datas	Horas	
1	Segunda....	Quente	S. Remigio B.............	5.36	17.50			
2	Terça........	e	SS. Anjos da Guarda.....	35	50	2	15	Mercurio no perihelio
3	Quarta......	tempes-	S. Maximiano B...........	34	51	3	22	Mercurio na sua max. long. 17° 53'' W
4	Quinta......	tuoso	S. Francisco de Assis....	33	51	4	18	Jupiter em conj. com a lua 2°57' S
5	Sexta........		S. Placido....	32	52			
6	Sabbado....		S. Bruno....................	31	52			
7	Domingo...	Trovoa-	Nossa S. do SS. Rosario	30	52			
8	Segunda....	das	Sta. Brigida P. V.........	29	53	9	6	Neptuno em conj. com a lua 2°36' N
9	Terça......	e	S. Dyonisio.........,.......	28	53	9	18	Saturno em conj. com a lua 3°52' N
10	Quarta......	borrascas	S. Francisco de Borja....	27	53	10	5	Marte em conj. com a lua 5°2' N
11	Quinta......	electricas	S. Firmino..................	26	54	12	14	Venus em conj. com S do Scorpio 0°41' S
12	Sexta........		Desc. da Amer. S. S...	25	54	12	22	Mercurio na sua max. lat. helioc. N
13	Sabbado....		S. Eduardo Rei da Ing..	24	55			
14	Domingo...	enchente	Mater. de N. Senhora....	23	55			
15	Segunda....	nos	Sta. Thereza de Jesus....	22	55			
16	Terça.......	rios	S. Martiniano.............	22	56			
17	Quarta......		Sta. Edwiges P........ ...	21	56			
18	Quinta......		S. Lucas Evang....	20	57			
19	Sexta........		S. Pedro de Alcantara...	19	57	19	5	Venus em conj. com a lua 0°8' S
20	Sabbado....	Chuvas	S. João Cancio............	18	58	20	0	Mercurio em conj. com O da Virg. 0°5' N
21	Domingo...	geraes	N. S. dos Remedios.......	17	58			
22	Segunda....		S. João Capistrano C.....	16	59			
23	Terça.......		S. Raphael Archanjo......	15	59			
24	Quarta......	Trov.	S. Pedro Pascoal..........	14	18.00			
25	Quinta......	Claro	S. Chrispim e Chrispiano.	14	00	24	13	Urano em conj. com a lua 4°44' S
26	Sexta........	e	S. Evaristo P. M..........	13	01			
27	Sabbado....	muito	A Pur. de N. Senhora....	12	01			
28	Domingo...		S. Simão e Judas Thadeu	12	02			
29	Segunda....		Trans. de Santa Izabel..,.	11	02			
30	Terça....,..	quente	S. Serapião B.............	10	03	29	17	Urano estacionario
31	Quarta......	Chuva	S. Quintino M..............	10	03	30	11	Neptuno em quad. com o sol

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 21 a 31

O céo no dia 15 de Outubro ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Continua a lavra e preparação das terras. Semeiam-se o milho, feijões para verdura, amendoim, arroz, lentilhas e ervilhas, Plantam-se mandioca e batatas doces, plantam-se algodão, tremoços, canhamo e theosite. Transplanta-se o fumo. Semeiam-se hortaliças e legumes do mez anterior, transplantam-se as sementeiras anteriores. Semeiam-se ainda flores annuaes. Faz-se enxertia de borbulha de larangeiras, limas, cidras e limões assim como de outras arvores fructiferas desde que os porta-enxertos deixem desligar bem sua casca, o que acontece quasi sempre depois de chuvas abundantes em seguida a um tempo secco. Se o tempo exigir pode fazer-se a sulfatagem das vinhas e cuidar-se de ter sempre os seus brotos e sarmentos novos bem amarrados. Regam-se os viveiros. E' tempo máu para incubaçãode ovos e choco de gallinhas.

O PROGRESSO DO FOOTBALL NO BRASIL

(Um inquerito para o «Almanak d'A NOITE»)

Não é precisamente um historico do football carioca que pretendemos offerecer aos nossos leitores, pois, que para isso seria mistér nos basearmos em documentos exactos e infelizmente pouco existe neste sentido.

As linhas que se seguem são tão somente um retrospecto desde que nasceu e tão profundamente se enraigou entre nós, para felicidade nossa, este violento sport inglez.

Dito isto passemos a colligir as informações que nos foram prestadas por alguns iniciadores do football carioca.

Não cabe ao Rio ter sido o berço do football brasileiro, mas a S. Paulo, onde, segundo informações, é jogado desde 1894.

* * *

Foi em 1897, quando talvez, pela primeira vez, se falou em football no Rio de Janeiro.

Coube ao querido e excellente sportman, que foi e é Oscar Cox, a gloria de primeiro procurar introduzir no Brasil o sport, que todos hoje conhecem e admiram.

Este "sportman" terminara em Lausanne a sua educação e chegava ao Brasil cheio de enthusiasmo pelo football, que lá então praticara. Sua tarefa de querer introduzir entre nós o sport bretão, não foi facil, devido a falta de campo apropriado, e de companheiros que de prompto se affeiçoassem ao novo divertimento, e a bola que trouxera não teve a "honral-a senão um ou outro "shoot" de seu proprietario.

Somente passado algum tempo é que Cox conseguiu organisar um grupo de onze amigos e ensaiar um primeiro jogo. Para enfrentar os onze brasileiros foi pelo The Rio Cricket Athletic Association, que, já então existia, com séde em Icarahy, organisada uma "equipe" de inglezes.

Ainda não foi desta vez que se jogou um "match" de football em terra carioca, pois o jogo entre inglezes e brasileiros foi disputado em Icarahy.

Esta primeira prova sportiva foi animadora para os brasileiros que conseguiram empatar os dous "matches", então disputados.

Não tendo sido derrotados os brasileiros, ficou resolvido que outros dous "matches" tivessem realisação, desta vez na Capital Federal. Pouco tempo depois realisaram-se estes encontros no campo do Paysandu' Cricket Club, fundado de pouco. O resultado destes novos encontros não foi differente do dos primeiros, pois que dous empates se verificaram. Era mistér, pois, procurar-se um novo adversario.

Foi quando Oscar Cox, Victor Etchegaray e A. R. L. Wright lembraram-se que em S. Paulo já se vinha praticando o football. Resolveram assim propor aos paulistas um encontro. Para isso Cox correspondeu-se com René Vanorden, que na época era um dos maiores enthusiastas do sport bretão na capital paulista, e que havia sido seu collega em Lausanne. Teve bom exito esta tentativa, não obstante grandes impecilios materiaes e financeiros. Assim a 18 de outubro de 1901 partiu do Rio a primeira equipe carioca para jogar football.

Fazendo um parenthesis devemos dizer que neste mesmo anno era feita em Petropolis uma tentativa para a introducção do football. Salvador Fróes, Bocthett James e Jorge Pereira de Andrade fundavam o Club Sportivo Petropolitano.

A tentativa chegou tão somente até a organisação dos estatutos e escolha do campo que era o da Terra Santa, onde hoje se encontra o "ground" do Petropolitano.

O Club, durante a sua curta exis-

posto convidou o Sr. Oscar Cox para secretario.

Esta reunião foi considerada, entretanto, como preparatoria, devido a ausencia de varios representantes de outros clubs.

Por indicação do Sr. Victor Etchegaray, foi então nomeada uma commissão composta pelos Srs. Villas Bôas, Cerqueira e Cox, para elaboração dos estatutos e regulamentos da nova entidade.

Foi esta a pedra fundamental da hoje Liga Metropolitana de Sports Athleticos, apezar de, por factos que virão a luz, alguns pretenderem que a Liga Metropolitana de Football, nome que então tomou, não seja a mesma Metropolitana de hoje.

Após essa reunião que fôra dada como preliminar, só quasi dous mezes após se realisou a reunião definitiva de installação.

A 8 de julho de 1905 reuniram-se novamente os seguintes representantes:

BANGU' — José Villas Bôas e John Stnsr.

FOOTBALL AND ATHLETIC CLUB — José da Rocha Gomes e Arnaldo Cerqueira.

BOTAFOGO F. C. — Joaquim Antonio de Souza Ribeiro e Antonio Pinto.

FLUMINENSE F. C. — Victor Etchegaray e Oscar Cox.

AMERICA F. C. — O. Mohrstedt e Romeu Maina.

Foram acclamados presidente e secretario os Srs. José Villas Bôas e Oscar Cox.

O presidente declara, então, definitivamente fundada a Liga Metropolitana de Football.

E' feita em seguida a leitura dos estatutos elaborados pela commissão nomeada na reunião de 8 de maio de 1905, os quaes vigoraram até 1906.

Foi procedida a eleição da nova entidade sportiva, dirigente do football carioca, a qual ficou assim organisada:

Presidente, J. Villas Bôas;
Vice-presidente, Victor Etchegaray;
Secretario, J. Rocha Gomes;
Thesoureiro, Antonio Pinto.

Esta directoria organisou o primeiro campeonato do Rio de Janeiro, o qual teve inicio a 3 de maio de 1906, com o "match" jogado entre o Paysandu' e Fluminense, do qual sahiu victorioso o Fluminense, pelo "score" de 7 goals a 1. O referee deste encontro foi o Sr. F. C. Moreton. A este campeonato concorreram os seguintes clubs: Botafogo, Fluminense, Bangu', Athletic, Paysandu' e Rio Cricket.

Foi vencedor do campeonato o Fluminense F. C., que ficou de posse da taça "Colombo", offerta da Confeitaria Colombo.

Parallelamente a este campeonato foi disputado outro de segundos teams, entre os seguintes clubs: Rio Cricket, Fluminense, Bangu' Botafogo e Athletic, cujo primeiro match foi jogado a 6 demaio de 1906, entre o Rio Cricket e o Athletic, cabendo a victoria a este ultimo pelo score de 3 a 1 goals.

O Athletic ficou de posse da taça "Caxambu'", que já tambem existia.

Fôra tambem creada a segunda divisão, cujo campeonato teve inicio a 5

JOSE' VILLAS BOAS

Primeiro presidente de uma Liga de football no Rio

de agosto do mesmo anno. A essa divisão concorreram os seguintes clubs: Riachuelo F. C., Americano F. C., S. C. Latino Americano.

O campeonato foi conquistado pelo Riachuelo, que teve como premio o bronze offerecido pela "Gazeta de Noticias".

Entre as datas de 8 de julho de 1905 e 24 de dezembro de 1906, nada encontrámos nos livros de actas, que nos pudesse fornecer dados precisos sobre a vida interna da Liga.

A acta da terceira assembléa geral dos clubs, então filiados á Liga Metropolitana de Football, e que eram:

Palmeiras	58
Cattete	61
Guanabara	89
Mangueira	82
Boqueirão	88
Villa Isabel	74
Total	501

3ª Divisão

River	61
Paladino	47
Icarahy	54
Brasil	67
Parc	67
Vasco	49
Total	345
Total geral	1.354

Neste conjuncto não estão tomadas em consideração as inscripções dos jogadores do Campeonato Infantil, que sobem a cerca de 600 e bem assim as do campeonato dos terceiros teams, que conta para mais de 400 inscriptos.

Addicionando estes 1.000 jogadores aos 1.354, teremos um total de 2.354 jogadores da Liga Metropolitana, distribuidos pelos seus vinte clubs.

Considerando agora o numero de footballers, que em um só domingo a Metropolitana põe em campo teremos:

Dous matches de primeiros e segundos teams, ou sejam 88 jogadores, por divisão o que nas tres divisões perfaz um total de 264 jogadores.

Dous matches dos teams infantis, em primeiros e segundos teams, com um total de 88 jogadores. Idem do campeonato dos terceiros teams 88, num total geral de 440 jogadores em campo.

Sendo o campeonato da Metropolitana disputado em dous turnos, esta entidade faz realisar 228 matches nas tres divisões.

No Campeonato Infantil, 60 matches e ainda 40 matches do campeonato dos terceiros teams, o que faz um total de 308 matches annuaes.

Não estão contados os matches officiaes entre Rio e S. Paulo, e bem assim os promovidos por clubs do Rio com seus congeneres de S. Paulo.

Um outro numero consideravel de matches, não computados, são os de caridade, organisados entre os clubs da Metropolitana.

Levando em conta os referees e linesmen teremos mais para os 308 matches, 308 referees, 2 linesmen por matche 616, num total de mais 924 sportmen ao serviço da Liga em disputa de matches.

Addiccionando o numero de referees em campo por domingo, que se eleva a 20 para os 20 jogos e de 40 linesmen, ao de 440 jogadores teremos um total de 520 sportmen em campo, por domingo.

O quadro de referees da Metropolitana é de 20, dos quaes 12 effectivos e 8 supplentes, sem contar os referees dos campeonatos infantis e dos terceiros teams.

Dentre os clubs que compõem a Metropolitana, somos forçados a destacar, pela sua importante figura, o Flumi-

FRANCIS H. WALTER

Fundador e 1.º presidente da Liga Metropolitana de Sports Athleticos

nense, que hoje conta para mais de 1.000 socios. Possue uma vasta e bellissima séde, onde, além de um magnifico ground, existem courts de tennis, rink para skating, linha de tiro e piscina de natação, em construcção.

O Club de Regatas do Flamengo, cujo engrandecimento corre parallelo ao do Fluminense, sem falarmos na sua secção nautica, que é uma das melhores do Brasil, dispõe de esplendida séde, á rua Paysandu', onde se encontram o seu field e courts de tennis.

O Botafogo, America, S. Christovão, Bangu' e Andarahy possuem tambem excellentes fields, com magnificas archibancadas, tendo ainda installações para tennis, skating, basketball, gymnastica, etc.

O numero de socios dos clubs filiados á Metropolitana pode ser avaliado em oito mil.

MATCHES ENTRE CLUBS

Além dos jogos em disputa das taças, que vimos de citar e dos matches de scratches, cuja lista já demos, realisaram-se mais os seguintes jogos entre os clubs do Rio e de São Paulo.

1902	S. Paulo	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Paulistano..	1×0
1902	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Internacional	3×0
1902	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Fluminense..	2×0
1902	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Fluminense.	3×0
1903	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Empate	0×0
1903	S. Paulo	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Fluminense.	2×1
1903	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. Paulo Athletic..	Fluminense.	3×0
1904	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Paulistano..	3×0
1904	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Paulistano..	2×0
1904	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. C. Germania...	Germania...	4×3
1904	S. Paulo	Fluminense F. C.	A. A. Mackenzie...	Mackenzie...	1×0
1904	S. Paulo	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Paulistano..	2×0
1904	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Internacional	1×0
1904	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. Paulo Athletic..	S. Paulo....	3×0
1905	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Fluminense.	3×1
1905	S. Paulo	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Empate ...	2×2
1905	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. Paulo Athletic..	Empate	0×0
1905	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Empate ...	2×2
1905	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Paulistano..	3×2
1906	Rio	Rio Cricket A. C.	S. C. Germania...	Rio Cricket.	2×1
1906	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Germania...	Empate ...	2×2
1907	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Americano..	Fluminense..	3×0
1907	S. Paulo	A. A. Internacional	C. A. Paulistano...	Internacional	2×1
1907	Rio	A. A. Internacional	C. A. Panlistano...	Empate	1×1
1907	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Fluminense..	3×0
1907	Rio	A. A. Internacional	S. C. Internacional	Int., S. Paulo	2×1
1907	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Internacional	Fluminense.	1×0
1908	S. Paulo	Botafogo F. C....	C. A. Paulistano...	Empate	1×1
1908	S. Paulo	Botafogo F. C....	A. A. Palmeiras...	Palmeiras...	1×0
1908	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Germania...	Fluminense.	2×1
1908	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Germania...	Botafogo....	4×0
1908	Rio	Fluminense F. C.	A. A. Palmeiras...	Fluminense.	3×0
1908	Rio	Botafogo F. C....	A. A. Palmeiras...	Palmeiras...	5×1
1909	Rio	Botafogo F. C....	C. A. Paulistano...	Paulistano..	3×1
1909	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Germania...	Empate ...	2×2
1909	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Fluminense.	3×1
1909	Rio	Fluminense F. C.	S. C. Americano..	Empate	0×0
1909	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Internacional	Empate	3×3
1909	S. Paulo	Fluminense F. C.	S. C. Germania...	Fluminense.	1×0
1909	Rio	America F. C.....	S. C. Internacional	Internacional	3×1
1909	S. Paulo	Fluminense F. C.	A. A. Palmeiras...	Palmeiras...	5×1
1909	Rio	Botafogo F. C....	A. A. Palmeiras...	Botafogo....	3×1
1910	Rio	Botafogo F. C....	S. Paulo Athletic..	Empate	4×4
1910	S. Paulo	Botafogo F. C....	A. A. Palmeiras...	Botafogo....	7×2
1910	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Fluminense.	5×2
1911	S. Paulo	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Empate ...	2×2
1911	S. Paulo	Botafogo F. C....	S. Paulo Athletic..	S. Paulo...	2×1
1911	S. Paulo	Fluminense F. C.	A. A. Palmeiras...	Palmeiras...	8×2
1911	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Americano..	Americano..	3×2
1911	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Americano..	Americano..	4×3
1911	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Germania...	Botafogo....	3×2
1911	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Germania...	Botafogo....	2×0
1911	S. Paulo	America F. C.....	C. A. Paulistano...	Paulistano..	3×1
1911	Rio	Botafogo F. C....	A. A. Palmeiras...	Botafogo....	6×1
1911	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Americano..	Americano..	3×0
1911	Rio	America F. C.....	C. A. Ipiranga....	Empate	1×1
1912	Rio	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Paulistano..	4×1
1912	Rio	Botafogo F. C....	S. C. Americano..	Americano..	3×0
1914	Rio	Fluminense F. C.	A. A. Palmeiras...	Fluminense.	7×2
1914	S. Paulo	Fluminense F. C.	C. A. Paulistano...	Fluminense.	2×1
1914	Rio	C. R. Flamengo...	A. A. Mackenzie...	Empate ...	2×2
1914	S. Paulo	America F. C.....	C. A. Paulistano...	Paulistano..	3×1

OS PREMIOS DO FOOTBALL CARIOCA

E' esta a lista dos premios disputados pelos footballers cariocas, quer com seus conterraneos, quer com os footballers de outros estados e paizes.

Premio	Anno	
Taça "Colombo"	1906	1°° teams — 1ª Divisão — Em poder do C. R. Flamengo.
Taça "Caxambú'	1906	2°° teams — 1ª Divisão — Conquistada pelo C. R. Flamengo em tres annos.
Bronze *Gazeta de Noticias*	1906	1°° teams — 2ª Divisão — Ganho pelo Riachuelo F. C.
Taça "Municipal"	1907	1°° teams — 1ª Divisão — Em poder do C. R. Flamengo.
Taça "Franz Walter"	1911	1°° teams — 2ª Divisão — Em poder do Andarahy A. C.
Taça "Edwin Hime"	1911	2°° teams — 2ª Divisão — Em poder do Carioca F. C.
Bronze "Chile-Brasil"	1913	1°° teams — 1ª Divisão — Em poder do C. R. Flamengo.
Taça "Rio-São Paulo"	1913	Campeonato entre Rio e S. Paulo — Ganho pela Associação Paulista.
Taça "Fiat"	1913	Campeonato entre Rio e S. Paulo — Ganho pela Associação Paulista.
Taça "General Roca"	1914	Disputa entre Brasileiros e Argentinos — Em poder da Liga Metropolitana.
Taça "Mappin"	1914	1°° teams — 2ª Divisão — Em poder do Andarahy A. C.
Taça "Dr. Alvaro Zamith"	1914	1°° teams — 3ª Divisão — Em poder do Palmeiras A. C.
Taça "G. de Almeida Brito"	1914	2°° teams — 3ª Divisão — Em poder do Palmeiras A. C.
Taça "Negrita"	1915	2°° teams — 1ª Divisão — Em poder do Botafogo F. C.
Taça "Le Mobilier"	1915	2°° teams — 1ª Divisão — Em poder do Botafogo F. C.
Taça "Parc Royal"	1916	Disputa de Lawn Tennis.
Taça "Ioduran"	1916	Disputa Campeões Carioca e Paulista.
Taça "Fucks"	1916	Disputa entre Rio e São Paulo.
Taça "Gargeol"	1916	Ao 2° collocado no Campeonato da 1ª Divisão.
Taça "Rodrigues Alves	1916	Disputa entre Rio e São Paulo.
Bronze "Moinho de Ouro"	1916	Disputa entre Rio e São Paulo.
Bronze *O Tico-Tico*	1916	1° team Campeonato Infantil.
Taça "Rio Branco"	1916	Disputa entre Brasileiros e Uruguayos.
Premio "Fidelcuido Leitão"	1915	Vencedor do Campeonato dos 3° teams — Ganho pelo Botafogo F. C.
Taça "Botafogo F. C."	1916	Vencedor do Campeonato — Conquistada pelo Botafogo F. C.
Bronze "Andarahy A. C."	1916	Vencedor do Campeonato.

OS CAMPEÕES DO RIO DE JANEIRO

Têm sido campeões do Rio de Janeiro da Liga Metropolitana os seguintes clubs:

Anno	Teams	Campeão
1908	Primeiros teams	Fluminense F. C.
	Segundos teams	Fluminense F. C.
1909	Primeiros teams	Fluminense F. C.
	Segundos teams	Botafogo F. C.
1910	Primeiros teams	Botafogo F. C.
	Segundos teams	Botafogo F. C.
1911	Primeiros teams	Fluminense F. C.
	Segundos teams	Fluminense F. C.
1912	Primeiros teams	Paysandu' C. C.
	Segundos teams	C. de R. do Flamengo.

de dirigente geral do sport brasileiro, e com capacidade bastante para a nossa representação internacional.

Então, sob os auspicios do Comité Olympico Nacional foi fundada a Federação Brasileira de Sports á qual adheriram a: Liga Metropolitana de Sports Athleticos, representando o Districto Federal; Associação Paulista de Sports Athleticos, representando o Estado de S. Paulo; a Liga Sportiva Paranaense; Liga Paraense de Football; Commissão Central de Concursos Hippicos; Club Gymnastico Portuguez; Associação Christã de Moços, representando os sports terrestres.

Os sports maritimos estavam representados pela adhesão das seguintes sociedades: Federação Brasileira das Sociedades do Remo, pela Capital Federal; Federação Paulista das Sociedades do Remo, pelo Estado de S. Paulo; e pelo Yacht Club Brasileiro, do Rio de Janeiro.

Representando os sports aereos, adherira o Aero-Club Brasileiro.

Assim a nascente directora do nosso sport representava desde já uma real força sportiva, quer pelo numero de adhesões, quer pelos Estados, representados.

A fundação desta federação veio sacudir do marasmo em que se achava a Liga Paulista, a qual previu o isolamento em que iria ficar. Tinha ella, porém, a seu leme um desses espiritos, que, por mais censuraveis que sejam os seus actos, não se lhes póde negar o valor intensivo.

Mario Cardim, o maior sportman paulista e que infelizmente se tornou o mais pernicioso elemento sportivo nacional, não perdeu tempo e incontinenti fundou a Federação Brasileira de Football com o fim unico de entravar a marcha da Federação Brasileira de Sports, Para isso abriu a Federação Brasileira de Football a mais livre inscripção de Ligas, clubs, grupos, tudo emfim, sem organização, sem séde, sem campo, possuindo tão sómente o nome. E o seu desejo foi em grande parte alcançado. A esse tempo já a Federação Brazileira de Sports pleiteava em Amsterdam a sua filiação á Federation Internationale de Football Association, vindo por sua vez solicitar filiação a entidade do Sr. Cardim.

Dispondo de amizades na Argentina e no Uruguay, nas respectivas Ligas o sportman paulista obteve o patrocinio para a filiação do F. B. F. das entidades sportivas dos citados paizes, junto a Amsterdam, e se não conseguiu a filiação foi devido a intervenção, em tempo, do Dr. Lauro Muller.

Estavam as coisas neste ponto quando foi o Brazil convidado para tomar parte em um Campeonato Sul-Americano de Football, a realizar-se em Buenos Aires por occasião das festas commemorativas, da independencia de Tucuman. Entretanto o Brasil não se poderia representar por não estar ainda filiado á Federation Internacionale. O Dr. Lauro Muller, resolveu então ser o mediador para um accordo e após varias conferencias reuniu em sua residencia os representantes da Federação Brasileira de Sports, Associação Paulista de Sports Athleticos, Liga Paulista e Federação Brasileira de Football. Ahi então, a 21 de junho de 1916 foi por todos assignado um accordo provisorio o qual permittiu ao Brasil, disputar o citado campeonato, e bem assim foram assignadas as bases para a transformação da Federação Brasileira de Sports em Confederação Brasileira de Desportos, entidade suprema directora do Sport Nacional. Este ideal não foi ainda conseguido com facilidade pois a Liga Paulista e a Federação Brazileira de Football renegaram sua assignatura, e mais ainda, tentaram fazer com que,

DR. ALVARO ZAMITH

1.º*Presidente de uma entidade directora dos sports no Brasil, a Federação Brasileira de Sports*

AMOR

Faz hoje justamente
um anno que o Justino se casou!...
Casamento de amôr! E toda a gente
dizia: um casamento come il faut!
O noivo era abastado,
a noiva, uma estonteante formosura,
— um casal, como os ha, predestinado
ás delicias do amôr e da ventura!
Installaram o ninho numa villa
muito chic *e* mignon,
numa rua tranquilla
lá perto do Leblon.
Raramente eram vistos na cidade,
nos theatros, nos salões ou na Avenida;
trocavam, com prazer, a sociedade
pelo encanto da villa preferida!
Surgiam commentarios
a respeito daquella amarração,
mas os dois solitarios
não sahiam da sua solidão!...
Aos amigos, aos proprios companheiros
o Justino fugia;
e os ditos mais brejeiros
choviam noite e dia!
Entretanto, dizia a visinhança
— livre-se da visinhança quem puder! —
que a razão, o motivo da esquivança
era o ciume damnado da mulher!
— Um Othelo de saias!
Um tigre! Uma tremenda jararaca!
e, ultrapassando as raias,
os visinhos cortavam-lhe a casaca!
O Justino, entretanto,
affirmava, num tom animador,
que a mulher, ao contrario, era um encanto:
— tudo aquillo era amôr!
A mim mesmo jurava a cada instante,
contestando as intrigas e os mexidos,

ELEGANCIAS

Nos caminhos das flôres de laranjeira...

"Um pedaço do Paraiso na Terra", deve ter dito por ahi qualquer poeta barato definindo o noivado. De facto, não se comprehende que existam dous noivos que não se julguem as creaturas mais felizes do mundo. Está claro que nos referimos apenas aos noivos por amor ou por inclinação, porque os outros... esses constituem uma especie de gente á parte.

Quem inventou o noivado? Eis ahi uma pergunta difficillima de ser respondida. Dificillima, sinão impossivel. Não consta com effeito que o nosso pae Adão tenha sido noivo da nossa mãe Eva. A Historia Sagrada não regista pelo menos nenhuma scena de namoro entre esses nossos venerandos parentes. Mas, logo depois do Diluvio o Antigo Testamento começa a nos contar varios casos interessantes de noivados, alguns dos quaes tiveram mesmo influencia algo decisiva sobre os futuros destinos da Humanidade.

Entre os romanos o noivado era uma cousa muito mais seria que hoje. Em certas circumstancias os esponsaes — "sponsalia" — tinham effeitos legaes. Aliás, hoje, em alguns paizes, nos Estados Unidos, por exemplo, quem pede uma moça em casamento e depois não quer casar, é obrigado a pagar á noiva uma somma pelos prejuizos soffridos. E muitas vezes esses prejuizos constituem um duplo e excellente negocio... para a noiva.

No Brasil não temos legislação alguma sobre o pedido de casamento, que é apenas um compromisso moral.

Antigamente — pelo menos segundo contam os nossos avós — não existia o namoro. Quando um rapaz gostava de uma rapariga, limitava-se a ir para a esquina mais proxima á casa do objecto amado, para contemplal-o furtivamente quando chegasse á janella. Chamava-se a isto "tomar um gargarejo..." Os mais ousados chegavam a trocar flores, e os audaciosissimos, pequenos e inoffensivos bilhetes.

Ainda deve existir por ahi muita velhinha que ouviu pela primeira vez a voz do seu namorado, depois de noiva. Hoje, porém, com o progresso, o namoro de esquina quasi só existe nas pequenas cidades do interior.

O systema de pedir uma moça em casamento quasi não varia de norte a sul do Brasil. Em geral, o candidato procura uma pessoa influente a quem pede para servir de intermediaria junto ao pae da sua preferida. Si o pedido é favoravelmente acceito, costuma haver á noite uma recepção ou chá, para festejar o noivado. Em algumas casas, usa-se um grande jantar ou um jantar intimo no domingo mais proximo para apresentação official do

noivo. A tendencia actual é, porém, para simplificar cada vez mais essas cerimonias. Nas familias ricas ou que precisam ostentar um certo tratamento, o luxo nessas occasiões consiste quasi apenas nas flores. A's vezes ha

vos se assentem sosinhos em um sofá collocado no logar de honra da sala, e onde sirvam de alvo para o exame dos convidados e dos curiosos que se agglomeram ás janellas. Essa cerimonia do sofá é um pesadello, um martyrio muito semelhante aos celebres abraços de pezames depois da missa de setimo dia. Mas, quem ousa enfrentar a tradição.

Serve-se depois o banquete, com os noivos na cabeceira da mesa — que

na roça é o logar de honra — aos lados dos noivos, os padrinhos. Depois do banquete, o baile deve ser iniciado pelos noivos. Os bailes vão até ao romper do dia, quando não se seguem quatro e cinco noites consecutivas como costuma acontecer... A mesa ou as mesas do banquete são varias vezes servidas. Depois de todos os convidados terem comido, põe-se nova mesa para a musica, outra para os criados e ainda uma ultima para os "convidados do sereno", que são as pessoas que da rua assistem á festa. Ha casas em que a mesa é posta dez, doze e quatorze vezes!...

No interior não se usam muito os presentes de noivado. Apenas um ou outro padrinho ou amigo intimo da familia manda uma lembrança para a noiva. Em geral essa lembrança é um pequeno objecto de uso e de fraco valor intrinseco; muitas vezes uma cesta, um par de chinellos, uma toalha de "crochet", seja lá o que for, trabalhado pelas proprias mãos da offertante.

* * *

No Rio a moda dos casamentos á tarde ou durante o dia vae decaindo um pouco, sendo em numero consideravel os casamentos "chics" que ultimamente voltaram a ser realisados á noite.

Tambem o sabbado vae reconquistando pouco a pouco a sua tradição de dia nupcial por excellencia. Ha annos trás, um casal "chic" não se uniria de fórma alguma em dia de sabbado, dia exclusivamente destinado ás bodas de operarios, negociantes e burguezes. O dia da moda era quarta-feira; depois, passou a ser a segunda-feira, e agora está voltando a ser o sabbado. Por que? o caso é facilmente explicavel: quando o sabbado era o dia burguez, toda a gente que não queria passar por burgueza só se casava na quarta-feira, dia da moda. Os verdadeiros elegantes ou os trezentos de gedeão trocaram então a quarta pela segunda. Toda a gente passou a preferir a segunda... Os elegantes voltaram para o sabbado...

A tradição do vestido branco não mudou; ainda é o mesmo setim branco marfim, guarnecido de rendas de Inglaterra, com um longo véo em applicação de rendas de Inglaterra ou de Bruxellas. E o noivo? Para os casamentos feitos de dia ou á tarde, predomina o fraque ou a sobrecasaca, principalmente o fraque.

E' preciso, porém, que seja uma peça impeccavelmente talhada. Muitas pessoas ainda se conservam fieis á casaca, mesmo durante o dia. E', porém, simplesmente ridiculo... O chapéo para o fraque ou para a sobrecasaca deve ser a cartola, ou, em ultimo caso, o chapéo côco. Para os

casamentos feitos no campo, nas praias ou nas cidades de verão, admitte-se para o noivo uma "toilette"

1916 NATAL SINISTRO

ALMANAK DA "A NOITE" — **NOVEMBRO** — PARA 1917

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Ming.	6	14.04	Apogeu	8	14.04
Nova	14	15.29			
Crescente	21	19.29	Perigeu	23	17.05
Cheia	28	15.41			

11° MEZ
30 DIAS

O Sól em Sagittarius a 22 ás 14 h. 45 m.

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	Datas	Horas	PHENOMENOS DIVERSOS
1	Sexta........	Claro	Festa de Todos os Sant.	5.10	18.03	1	1	Jupiter em conj. com a lua 2°55' N
2	Sabbado....	e	Comm. geral dos Mor.	09	04			
3	Domingo...	muito	N. S. da Cabeça..........	08	05	3	3	Mercurio em conj. sup. com o Sól
4	Segunda....	quente	S. Carlos Borromeu......	08	05	5	7	Venus em sua max. lat. helioceu. S
5	Terça.......		S. Zacharias e Sta. Izab.	07	06	5	9	Mercurio no nodo descendente
6	Quarta......	Indicios	S. Severo e S. Leonardo.	07	06	5	14	Neptuno em conj. com a lua 2° 53' N
7	Quinta......	de	S. Florencio...............	06	07	6	6	Saturno em conj. com a lua 4° 19' N
8	Sexta........	chuva	S. Severiano.............	06	08	6	14	Saturno em quadratura com o Sol
9	Sabbado....		S. Theodoro..............	05	08	7	23	Marte em conj. com a lua 6° 46' N
10	Domingo...		O Patroc. de N. Senhora	05	09	9	5	Neptuno estacionario
11	Segunda....	Periodo	S. Marttnho B............	04	09	12	0	Chuva de estrellas nas Leonidas
12	Terça.......	de	S. Martinho P. M. S.Alt.	04	10	12	5	Urano em quadr. com o Sol
13	Quarta......	tempes-	S. Eugenio M.............	04	11			
14	Quinta......	tades	S. Clementino............	03	11	14	18	Mercurio em conj. com a lua 1° 48' N
15	Sexta........		Comm. da Republica..	03	12	15	14	Mercurio no aphelio
16	Sabbado....		S. Gonçalo de Lagos......	03	13			
17	Domingo...	Limpo	N. Senhora do Amparo.	02	13			
18	Segunda....		Ded. da Bas. de S. Pedro	02	14	18	0	Venus em conj. com a lua 4° 4' S
19	Terça.......	Calor	Sta. Izabel R..............	02	14			
20	Quarta......	suffo-	S. Felix de Valois........	02	15	20	19	Urano em conj. com a lua 4° 67' S
21	Quinta......	cante	Apresentação de N. S...	01	16			
22	Sexta.......		Sta. Cecilia V. M.........	01	17			
23	Sabbado....	Periodo	S. Clemente...............	01	17			
24	Domingo...	de	S. João da Cruz..........	01	18			
25	Segunda....		Sta. Catharina V. M......	01	19	25	13	Saturno estacionario
26	Terça.......	tempes-	S. Pedro Alexandrino....	01	19			
27	Quarta......	tades	Sta. Margarida de Sob...	01	20	28	5	Jupiter em conj. com a lua 3° 7' S
28	Quinta......	electricas	S. Gregorio III P.........	01	21	28	14	Jupiter em opposição com o Sol
29	Sexta........	Trovs.	S. Saturnino M...........	01	21			
30	Sabbado....	e relamp.	Sto. André Ap...........	01	22	29	23	Venus na sua max. elongação 47° 14' E

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

21 a 30

O céo no dia 15 de Novembro ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Plantam-se algodão, feijão (até o dia 15) milho, arroz, mandioca, batatas americanas, aboboras, morangos, melancias, melões e amendoim. Plantam-se batatas doces para obter rama para plantações posteriores que se podem fazer até Janeiro. Semeiam-se e plantam-se pastos taes como sorpho, jaraguá, capim colonia, guiné e theosite. Semeiam-se quasi todas as flores annuaes: Começa-se a enxertia de borbulha, laranjeiras e outras arvores fructiferas. Plantam-se estacas de oliveiras (como se pode fazer no mez anterior). Nos vinhedos, se não tiver havido a arrebentação da primavera, pode-se fazer ainda neste mez o tratamento do inverno contra a anthracnose (recommendado no mez antecedente). Podem fazer-se enxertos de fenda com os garfos da poda de Julho ou de principio de Agosto. Se os vinhedos tiverem brotado, pode-se fazer a primeira sulfatagem.

O PAQUEQUER d'O GUARANY

REVELAÇÕES SOBRE O ROMANCE E O ROMANCISTA

ma, collecionador de parasitas e passarinhos, e de onde jorra a lympha crystallina que levou o Imperador, na expansão do enthusiasmo, em uma de suas caminhadas pelo formoso serro, a exclamar ao republicano Moreira Pinto, pelo monarcha avistado com affavel saudação: — Nunca bebi agua egual em todo o Brasil, ao que accrescentou o Sr. Mathias de Carvalho, ministro portuguez, viajante na comitiva imperial: — Nem mesmo na Europa. E "Daphnis", continuando a ascensão, ladeou o rio Soberbo, soberbamente soberbo por occasião das enchentes, na phrase do preclaro geographo, e montou ao "Alto da Boa Vista", a 964 metros sobre o nivel do oceano, e descortinou o empolgante panorama da cidade, e parou na Agencia do Correio, do Alto da Serra, vendo na agente encarnada uma artista de pulso, Mlle. Brunet, filha do naturalista Brunet, caçadora e embalsamadora de animaes, mansos e ferozes, e foi por fim á ponte, sobre a corrente a deslisar fremente, com emphase dizendo: "E' o tradicional rio "Paquequer", que passa, na sua derrota secular. E' o mesmo que arrebatou, na furia de sua correnteza, sobre uma palmeira abatida, fazendo desapparecer para sempre, dous martyres do amor e abenegação, Cecy e Pery". E como estes pronunciamentos outros, com firmeza externados, com insistencia lançados, com suggestão espalhados, procurando firmar em base solida a convicção dos povoadores da aprazivel porção do nosso paiz. Facil é, por isso, aquilatar do profundo constrangimento com que pego da canneta, já com o proposito de esclarecer, de elucidar, já com o fito de satisfazer o compromisso ha alguns annos assumido, afim de localisar a preferencia do apurado cinzelador do sublimemente entretecido drama da paixão, irrompido entre o peito forte e bronzeo do selvagem e o seio fragil do innocente e virginal rebento da civilisação.

Começo a tarefa delicada por dizer, ao contrario do que não poucos acreditam, que ha dous rios "Paquequer", ambos no Estado do Rio de Janeiro, nascendo um na Serra dos Orgãos, banhando o municipio de Santo Antonio de Therezopolis, recebendo o Gouvêas, o Graças, o Araras, o Principe, o Quebra-Frascos, o Pimenteiras, o Frio, o Tres Corregos, reunindo-se ao Sebastiana e desaguando no Rio Preto, este desemboccando no Piabanha que, originado nas serranias de Petropolis, passa pela cidade dos veranistas da alta roda, atravessa a zona da Parahyba do Sul e atira-se no Parahyba, proximo á estação de Entre Rios. E' o "Paquequer Pequeno". O outro, o "Paquequer Grande", desponta no primeiro districto de Friburgo, na fazenda de São Bento, aberta pelos jesuitas, hoje de propriedade do coronel Galiano das Neves Junior, de tradicional e acatada familia friburguense. E' nesse pedaço do sólo fluminense, com a extensão de dous mil e quinhentos alqueires, com mattas virgens — raridade no presente — com madeiras de lei, pinheiros colossaes, abundantes e riquissimas pastagens, com um clima frio, secco, saluberrimo, suave, proprio para o acolhimento de plantas exoticas, excellente para a adaptação de animaes estrangeiros, é ahi, em meio do ruido de engenhos em

A cascata Conde d'Eu, do Paquequer Grande

movimento e do rodar de moinhos em actividade, como hymnos entoados ao trabalho, é ahi que, na mesma Serra dos Orgãos, no logar denominado "Lagea da Josina", na altura de mil e duzentos metros, é ahi que apparece o rio como um lagrimal, modesto no inicio, a serpejar cantante mais além do nascedouro, tendo, mesmo em São Bento, com o comprimento de onze kilometros, o volume augmentado com o contingente de numerosos tributarios, apresentando seis cachoeiras, uma das quaes utilisada no papel de movimen-

dispensavel quietude para o desempenho de uma tarefa de responsabilidade. Era em 1857 José de Alencar redactor-chefe do "Diario do Rio de Janeiro", posto occupado no anno anterior, subindo com rapidez de simple folhetinista a chefiante da redacção. Estava em obras a casa de sua residencia, ao Largo do Rocio n. 73. Trabalhava em um quarto do segundo andar, "ao estrepito do martello, sobre uma banquinha de cedro que apenas chegava para o mistér da escripta e onde a velha caseira Angela lhe servia o parco almoço". Não tinha em seu poder um só livro, soccorrendo-se unicamente a um canhenho com alguns apontamentos sobre os nossos indigenas. Foi ahi, no ambiente desse ensurdecedor barulho, ao ruido das martelladas e ao rumor da serra a cortar a madeira, ao som da vozearia dos operarios em labuta, premido pelas exigencias do paginador a reclamar os originaes para o folhetim quotidiano, que, de fevereiro a abril, dia a dia, atropeladamente, aos fragmentos, esse mavioso e inesquecido cantor das opulencias das nossas selvas traçou a historia do filho de Araré, o primeiro de sua tribu, inscripção inapagavel na loisa das nossas letras, qualquer que seja o esforço da esponja da critica.

Si n'"O Guarany" o selvagem é um idéal, como o seu inventor confessa, si o procurou poetisar, "despindo-o da crosta grosseira de que o envolveram os chronistas e arrancando-o ao ridiculo que sobre elle projectam os restos embrutecidos da quasi extincta raça", si sobre a existencia de Cecy nada de positivo se colhe, embora creiam alguns com o erudito Dr. Vieira Fazenda á frente, que Antonio de Mariz teve uma filha, com outro nome, não apaixonada pelo "monarcha da floresta", mas casada, com as formalidades do estylo, com Chrispim da Cunha Tenreiro, por José de Alencar indicado como esposo de Isabel Mariz, irmã de D. Antonio, si muita cousa é fantasiada na narrativa, personagens ha que existiram, desde os indios enumerados, com os seus habitos e costumes, até esse Mariz e mais seu filho Diogo de Mariz, este logrando o exercicio de importante funcção publica, da mesma fórma que lá está patente, á margem direita do "Paquequer Grande", o terreno sobre que o expontaneo escriptor inventou a construcção do solar do fidalgo luzitano, perfeitamente se applicando o pensamento do querido Eça: — Sobre a nudez crua da verdade o manto diaphano da fantasia.

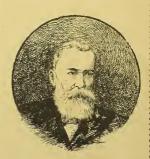
Antonio de Mariz viveu, no que são accordes os historiadores dos nossos feitos coloniaes, havendo tão somente divergencias quanto á sua fidalguia e a detalhes de sua vida. Para José de Alencar, que se reporta aos trabalhos de Balthazar da Silva Lisboa, nos "Annaes do Rio de Janeiro", elle era fidalgo do reino, da familia e ramo dos Marizes, neto de D. Lopo de Mariz, servindo, "como era diguo do seu nascimento, assim na guerra, como nos negocios politicos e civis". Esteve em S. Paulo, onde, em 1561, pediu terras a Pedro Collaço, Capitão Mór de S. Vicente, conseguindo obter, por carta de 18 de junho do mesmo anno, a concessão "na borda

Cecy

do Campo onde se chama Ypiranga, termo da Villa de Peratininga, em uma matta virgem, um pedaço de dez tiras de testa e de largura outro tanto". Alli se casou com D. Lauriana Simôa, de maneiras tambem afidalgadas, passando-se para aqui em 1567 e sendo "na guerra armado cavalleiro em.... 1578, cujo alvará foi confirmado pelo Cardeal Rei". Até as minucias dos distinctivos da nobreza de D. Antonio, estampadas n'"O Guarany", são, como é allegado nas notas, copiadas textualmente do mencionado historiante. Assim sobre a porta do centro da sala principal da casa de Mariz se desenhava "um brazão d'armas em campo de cinco vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rosas de prata sobre pallas e faixas. No escudo, formado por uma brica de prata, orlada de vermelho, via-se um elmo tambem de prata paquife de ouro e de azul, e por timbre um meio leão

a villa do Sumidouro e a "Fazenda do Pamparrão", com um rochedo apropriado a servir de base á casa idéalisada, até com fragmentos de pedra, provenientes de uma explosão, não a do imaginado fim tragico daquella gente, mas a da polvora armazenada pelos caçadores e garimpeiros da zona, deflagrada em virtude de um descuido ou pela interferencia de mão delinquente, região conhecida pelo romancista, ou por excursões feitas ao local ou por informações de autoridades fidedignas. Procurei, na ancia de pesquizar, todas as luzes esclarecedoras, mas sobre a passagem do escriptor por taes bandas, falharam as indagações. Nas conferencias realisadas com o Sr. Mario de Alencar, não obstante as demonstrações de bom e gentil acolhimento, não foi possivel chegar a um resultado satisfactorio, porquanto entre os papeis legados pelo seu progenitor, dando para publicação de novos e interessantes volumes, não foram achados indicios autorisando qualquer conclusão. Não é, entretanto, improvavel, ponderou-se-me que por alli haja viajado, accentuada como era a sua predilecção pelo excursionismo, contente de andar a cavallo, ora de Nictheroy embrenhando-se pela floresta, ora na Tijuca, a cruzar subidas e descidas, a Tijuca, de onde cercado da mattaria estas linhas com prazer rabisco, a Tijuca, onde se desdobra a acção dos seus "Sonhos d'Ouro", deturpados pelo editor sem o epilogo explicativo, sem o logico casamento da Guida com o Ricardo, como succedeu, diversamente da perspectiva do enlace da herdeira rica com o corrector de negocios, desfecho a entristecer as meninas ledoras, sempre desejosas de uma terminação agradavel, com o premio da virtude, o castigo do vicio e o encontro na egreja de dous seres cujos peitos arfam precipitada e apaixonadamente.

Admittida a probabilidade de uma visita do burilador de "Luciola" ao sitio referido, procurem-se nos trechos descriptivos elementos de solida convicção. Lê-se na pagina 5: "De um dos cabeços da Serra dos Orgãos deslisa um fio d'agua que se dirige para o norte e, engrossado com os mananciaes que recebe no seu curso de dez leguas, torna-se rio caudal. E' o "Paquequer". Saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vae depois se espreguiçar na varzea e embeber no Parahyba, que rola majestosamente em seu vasto leito. Dir-se-ia que vassalo e tributario desse rei das aguas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro, contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suzerano. Perde então a belleza selvatica: suas ondas são calmas e serenas como as de um lago e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre ellas. Escravo submisso, soffre o latego do senhor". Ora, no "Paquequer Pequeno" não se dá a affluencia no Parahyba, nem ha profundidade a permittir a navegação de qualquer barco, mesmo de accentuada leveza. E', portanto, ao maior que se refere o topico reproduzido.

Abra-se a pagina 6: "Não é nesse logar que elle deve ser visto. Sim tres

O magistrado Antonio Joaquim de Macedo Soares, descendente de Antonio de Mariz

ou quatro leguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indomito desta patria de liberdade. Ahi o "Paquequer" lança-se rapido sobre o seu leito e atravessa a floresta como o tapir, espumando, deixando o pello esparso pelas pontas do rochedo e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra. O soberbo rio recúa um momento para concentrar as suas forças e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa". E' a "Cascata Conde d'Eu", de sobejo em cima falada, dest'arte desenhada com o punho do esclarecido mestre. A de Therezopolis, a do "Imbuhy", medindo de altura cincoenta metros, não se despenha em uma só quéda, não faz a curva superior para cair perpendicularmente, como ensina Moreira Pinto, não se "precipita de um só arremesso, como o tigre sobre a presa", antes rola encos-

" branca como a cambraia do seu roupão", reclinando-se, ao ter sciencia do anniquilamento do lar, "como calice delicado de uma flor que a noite enchera de orvalho, e desfazendo-se em lagrimas", fizeram os apaixonados a ultima tentativa de proseguimento do roteiro e, forçados, aproaram para a terra, aos signaes avisadores da tempestade a desabar com inclemencia terrivelmente assustadora. E com a enchente a montar ameaçadora treparam na "bella palmeira, cujo alto tronco era coroado pela grande cupula verde, formada com os leques de suas folhas lindas e graciosas". E Pery contou a lenda de Tamandaré, o Noé indigena, que, no olho de uma palmeira, com a estremecida companheira escapara ao diluvio e povoara o mundo. E não lhe foi concedido continuar porque, "ao troar do estampido horrivel", arquejante o rio "como um gigante estorcendo-se em convulsões", teve que recorrer ás supremas energias do seu organismo e, suspenso nos cipós entrelaçaos, cingiu com os braços hirtos a hastea da arvore, eom decisão a sacudiu, renovou o ataque eom os seus museulos de aço, até que a palmeira, abalada em suas raizes, tombou vencida, resvalou graciosamente pela superficie fluida "como um ninho de garças ou alguma ilha fluctuante, formada pelas vegetações aquaticas" e, aconchegados os dous, unidos pela desgraça e pela paixão, lá foi a fugir vertiginoso o caule, "arrastado pela torrente impetuosa, sumindo-se no horizonte".

A cascata do Imbuhy, do Paquequer Pequeno

Não foi então o "Paquequer" do "Dedo de Deus" o scenario do drama tragico da familia Mariz, mas o friburguense, o que nasce como um lagrimal na "Lagea da Josina", o da formidavel " Cascata Conde d'Eu ", uma das mais altas do globo. Afóra as robustas provas nesse sentido aqui espalhadas, com o maximo cuidado e a mais justificavel das intenções colhidas, (*), tenho o reforço inabalavel de duas opiniões de competencias na especie, os Srs. Vieira Fazenda e Capistrano de Abreu, ambos verbalmente opinantes em pról do "Paquequer Grande", tornando-se, como se vê, tão concludente a demonstração que só me cabe supplicar renovadamente a Therezopolis a generosidade do seu perdão. Comprehendo perfeitamente as suas amarguras. Na ascensão imperial D. Pedro II, extasiado diante das profusas maravilhas, observou enlevado: — Que esplendido logar para a capital do Brasil. E, proclamada a Republica, é escolhido, como deliberação da Constituinte, encaixada no estatuto fundamental, o planalto de Goyaz, tão longinquo e de tão difficil aproveitamento que o cumprimento do dispositivo eonstitucional ficará legado

(*) Para chegar ao conhecimento da verdade tive que procurar copiosas informações, já nas bibliothecas, já junto a pessoas capazes de esclarecer. Em toda a parte encontrei o melhor acolhimento. E' de bom reconhecimento aqui deixar os seus nomes. Eil-os: Bibliotheca Nacional, com a solicitude do Dr. Cicero Peregrino, Instituto Historico, Bibliotheca Popular, do Lycêo de Artes e Officios, com a dedicação do Dr. Bethencourt da Silva Filho, Archivo Publico, Dr. Mario de Alencar, Dr. Vieira Fazenda, Capistrano de Abreu, Dr. Osorio de Britto, Pedro do Prado Jordão, da familia João do Prado Jordão ex-proprietaria da «Fazenda da Cascata», onde está a «Cascata Conde d'Eu», Coronel Galiano das Neves Junior, deputado Verissimo de Mello, jornalista Antonio Claro, Ernesto Machado Guimarães, Dr. Julião de Macedo Soares e em 1903, quando assumi o primeiro compromisso de fazer a reivindicação, o saudoso Conde de Nova Friburgo, dono de uma excellente e vasta bibliotheca.

gado o operario a descer á profundez das minas, sob o risco, mais de uma feita, da propria vida, não reclamando as colossaes despesas exigidas pela exploração do carbono, commummente transportado ao peso de fretes accrescidos a distantes centros de consumo, não carecendo do concurso da caldeira para o seu aproveitamento, não receando o desperidicio, como consequencia da combustão, como succede com o carvão que, queimado, longe de se reconstituir, é irreversivel, não occasionando ainda o irrompimento de molestias, algumas mortaes, exemplificadamente a tuberculose, como é de costume registrar entre os mineiros, em labutação no ar confinado dos subterraneos, sem ventilação, sem luz, e não lhe sendo por fim reservada a sorte do combustivel negro, proximo de acabar, com o provavel exgottamento das zonas carboniferas. A victoria incontestavel será da hulha branca, poderosa, permanente, eterna, porque a massa liquida que passou, depois da prestação dos seus serviços, experimenta a evaporação, sóbe na atmosphera e, em admiravel reversibilidade, volta liquefeita para, submettida á acção da gravidade, sem o intromettimento da arte, sem a intervenção humana, saltar de rocha em rocha, apta a recomeçar a sua faina de disseminação de dilatados beneficios. Quando soar a hora da extincção da hulha preta, a triumphadora, livre de concorrencia, será a hulha branca, fonte de energia electrica empregada nas differentes modalidades do trabalho, origem de correntes illuminadoras de villas e cidades, abastecedora de electricidade para fóra do territorio, por meio de accumuladores, que a sciencia em progresso ha de inventar.

Não nos deixemos, porém, subjugar pelo indifferentismo, vaidosos da herança. Não nos embriaguemos por havermos herdado da natureza essa assignalada preciosidade. Herdeiros ha que, na inadvertencia indolente e na nevrose dissipadora, tudo gastam, tudo consomem, tudo estragam, nos gosos, nos vicios, nas especulações, na febre do turbilhão da existencia, crendo na inexgottabilidade do thesouro legado e acabando na desgraça, no infortunio e na miseria, tanto mais insupportavelmente quanto já receberam os agrados da abastança. Não entremos pelo caminho das prodigalidades, mesmo porque o perigo está presente, representado pela devastação das mattas, operação infernal repetida a cada instante, a descampar vastas regiões, a apressurar a vaporisação pela ausencia da sombra bemfazeja e pela mais directa influencia do sol, a minguar os borbotões aquosos e a restringir os effeitos do liquido em movimento. A machadada abate em minutos arvores que levaram annos a crescer, o fogo das queimadas carbonisa com celeridade specimens gigantescos, alguns já seculares, prosegue desabusadamente a destruição diabolica e não se delibera sobre a decretação de um codigo florestal, de adopção improtelavel e, com pasmo, se preconisa, pela voz de um representante do parlamento, para cortar na verba do carvão, na vesania de malefica economia, o gasto da lenha no ventre das locomotivas, lembrança desgraçada a requerer immediata e energica reacção. E' por isso que se nota o enfraquecimento geral das torrentes, até na rede fluvial copiosissima da Amazonia, onde a massa possante derrota o Oceano, invadindo-lhe os dominios. E esse "Paquequer" immortalisado pelos devaneios poeticos de um principe das letras, extensamente navegavel em 1604, época da idealisação desse poema de amor e soffrimento, suleavel em 1857, data da circulação dessa joia literaria, quando o éco do trem do ramal do Sumidouro, da Estrada de Ferro Leopoldina, não havia ainda quebrado o silencio da romantica paisagem verdejante, e esse "Paquequer" está a seccar, a baixar, a definhar, victimado pela incuria dos poderes publicos. Reaja-se, pois, contra o monstruoso crime, organisem-se resistencias salutares, formem-se legiões para a peleja contra os demonios da desflorestação, alistem-se esses outros voluntarios para a guerra aos exterminadores, surja a ambicionada legislação, providencie-se nesta, como em outras medidas de conservação do patrimonio doado pela natura, tenha-se plena consciencia do valor, faça-se a santa cruzada. Abastados não podem viver na indigencia, vergados á carga da desdita, como pobres, esfarrapados, em dolorosa contingencia, em pungente contraste com a sumptuosidade dos bens possuidos. Levanta-te, Brasil, desperta do somno lethargico, marcha, caminha, vae, segundo a formula do sabio italiano "olhando sempre para cima, andando sempre para diante", prosegue, progride, prospéra, desempenha grandiosamente a tua missão, segue gloriosamente o teu destino.

BRICIO FILHO.

A flauta de Pan

Antes de mergulhar na translucida lympha
da torrente que rompe a espessura da matta,
Serinx immortal, a mais soberba nympha
mira a sua nudez que esse espelho retrata.

Pan que ha muito espreitava entre moitas occulto,
premedita retel-a em seus braços vencida,
mas Serinx o presente e, notando-lhe o vulto,
parte, lesta, a fugir numa doida corrida.

O divino egypan não hesita um minuto;
insaciado de amôr, numa furia excessiva,
deixa a moita, o esconderijo e, tenaz, resoluto,
acompanha, persegue a veloz fugitiva.

Troncos, lianas, sarçaes, a cerrada espessura
não lhe servem de entrave em tão rude carreira;
cada vez a distancia é mais curta e segura
a victoria do deus contra a nympha ligeira.

E, Serinx, emfim, a offegar sem alento
— a fadiga e o terror impediram-lhe os passos! —
sente a fauno acercar-se e, num gesto violento,
attingil-a, detel-a, apertal-a nos braços!

Nesse instante, porém, Zeus que a scena assistia
escondido por traz do arvoredo massiço,
pune o fauno revel, pune a sua ousadia,
transformando Serinx em um verde canniço!

Pan soluça, blasphema! Oh! visão que se apaga!
Oh! delirio de amôr, de repente, desfeito!
Preferira sentir a agudez de uma adaga
acerada, cortante, embebida no peito!

Preferira o labor pertinaz de Sizypho!
A prisão de Theseu na tartarea parêde!
Prometheu sob a garra implacavel do grypho!
Como Tantalo arder no supplicio da sêde!

Zeus, porém, não o escuta! E' o prazer da vingança!
Nem se apieda siquer dessa dôr sobrehumana!
Elle, então, para ter de Serinx a lembrança,
corta ao verde canniço uma hastilha de canna!

E da hastilha cortada ao canniço virente
nasce a flauta de Pan — pobre Pan desolado! —
em que voz de Serinx, a cantar ternamente,
lembra ao deus infeliz esse amôr insaciado!

DOMINGOS MAGARINOS.

O NOSSO ANNO LITERARIO

Pelos dados que nos foram fornecidos pelos livrarias desta cidade, foram publicados no Rio de Janeiro, durante o anno de 1916, cem livros novos.

Imaginar-se-á naturalmente que, desse numero, a maior parte é constituida por livros de versos. Puro engano. Essa especie de producções figura singelamente em quarto logar. Deixamos, portanto, de ser uma terra de poetas para ser a terra dos bachareis. Effectivamente, são as obras de direito que figuram em primeiro logar: foram 26!

Seguem-se os trabalhos sobre critica e historia, o que não deixa tambem de ser uma surpresa. Dezenove estudiosos entregaram ao prelo o fruto de suas locubrações.

Em terceiro logar estão os livros de *prosa e fantasia*, que foram em numero de 15.

De poesia houve 13 volumes, apenas. A lyra dos nossos bardos parece ter sido attingida pela crise...

Sobre medicina publicaram-se nove obras; do theatro, 4; romances, 3, e diversos, 11.

Não pretendendo fazer critica literaria, não diremos quaes foram os melhores livros do anno de 1916. Os que obtiveram maior exito, segundo o criterio dos livreiros, foram a *Exaltação*, de D. Albertina Bertha, e o *Triste fim de Polycarpo Quaresma*, de Lima Barreto — romances; e as *Ultimas cigarras*, de Olegario Marianno, poesia, este já em 2ª edição.

Eis a lista dos livros que appareceram em 1916:

LITERATURA: POESIA — *Alvoradas* — Paulo Torres; *Crystaes Partidos* — Gilka da Costa; *Ode aos soldados francezes* — Ulysses Sarmento; *Evocações e Panoramas* — Costa Rego Junior; *Ultimas Cigarras* — Olegario Marianno (2ª edição); *Exaltação* — Mansueto Bernardi; *Urna* — Caio de Mello Franco; *Poesias* — Rodolpho R. Barcellos; *Imaginação* — Lauro da Fonseca e Silva; *Lenda das Rosas* — Alvaro Moreyra; *Mil quadras populares brasileiras* — Carlos Góes; *Sonetos brasileiros* (*seculos* XVII-XX) — Laudelino Freire; *Divina Chimera* — Eduardo Guimarães.

PROSA E FANTASIA — *O silencio é de ouro* — Medeiros e Albuquerque; *Horror á fórma humana* — Gastão Amaral; *Casos e Impressões* — Adelino Magalhães; *A revelação dos Perfumes* — Gilka da Costa; *A necessidade das patrias* — Georgino Avelino; *Chronicas e Frases de Godofredo de Alencar* — João do Rio; *Sensações e Reflexões* — Matheus de Albuquerque; *Atravez do passado* — Albuquerque Lima; *Ironia e Piedade* — Olavo Bilac; *Juizos Ephemeros* — Hermes Fontes; *A Arvore* — Julia e Affonso Lopes de Almeida; *Terra Mater* — João Andréa; *Resurreição* — Carlos Rubens; *Espirito alheio* — Mucio da Paixão; *Cousa Alguma* — Vespasiano Ramos.

THEATRO — *Eva* — João do Rio; *Innocencia* — Carlos Góes; O sonho *de uma noite de luar* — Roberto Gomes; *Mon cœur balance* — Andrade e Almeida.

ROMANCE — *O Triste fim de Polycarpo Quaresma* — Lima Barreto; *A Fazenda da Saudade* — Gustavo de

Rowing

A FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DO REMO E AS SUAS GRANDES PROVAS DE REGATAS

Em cada anno um passo agigantado dá o rowing nacional, deixando atrás de si a rasteira de toda uma geração forte; marca já assim 19 annos de lutas e de victorias.

Já vae longe, é verdade, o tempo em que "Alpha" e "Marina" porfiavam, mas essas lutas tiveram o dom de gerar nos corações dos jovens brasileiros de então o enthusiasmo que ainda nelles hoje pordura, e que é já transferido aos seus descendentes.

Já para muito atrás fica o dia 15 de novembro de 1896, quando foi organisada talvez a primeira iniciativa de uma regata, pelo reverendo padre L. Blondet, vigario de S. Roque, na ilha de Paquetá, mas, desde esse dia, o amor ao sport nautico só fez augmentar.

A essa regata concorreram já quatro clubs que então existiam e que eram:

Club de Regatas de Botafogo, fundado a 9 de agosto de 1874; Grupo de Regatas de Gragoatá, fundado a 2 de fevereiro de 1895; Club de Regatas de Icarahy, fundado a 11 de junho de 1895, e Club de Regatas do Flamengo, fundado a 15 de novembro de 1895.

Nessa regata, irregularidades houve, proprias por certo do desconhecimento em que ainda se encontrava o sport, e bem assim da falta de uma lei geral que o regesse.

Dahi nasceu a necessidade de ser fundada uma instituição que guiasse o já então prospero sport nautico.

Essa tarefa coube a dous grupos; um no seio das sociedades, outro na imprensa, grupos estes de que faziam parte Eugenio de Azevedo, Arthur Guerra Guimarães e Arnaldo Braga, do Club de Regatas de Botafogo; capitão-tenente Eduardo Midosi, do C. de R. de Icarahy; Erwin Woigt e Heitor Xavier Pereira da Cunha, do G. de R. de Gragoatá; Augusto Lopes, do C. de R. do Flamengo; e na imprensa, Ernesto Carvalho Junior, Benjamin Motta e Henrique Blatter, que souberam efficazmente trabalhar e conseguiram organisar a então União de Regatas Fluminense.

A feição deste almanak não nos permitte alongarmo-nos em um historico completo do sport nautico, accrescendo ainda a circumstancia de não admittirmos sinão materia de todo inédita. A historia do sport nautico está publicada em um execellente trabalho o Sr. Alberto de Mendonça, que se encontra á venda.

Commandante Ernesto Midosi

Fundador da Federação Brasileira das Sociedades do Remo

Limitamo-nos, portanto, a completar os seus interessantes dados estatisticos sobre as disputas nauticas promovidas pela actual Federação Brasileira das Sociedades do Remo, a pujantissima instituição que hoje dirige o sport nautico na nossa capital, e com a qual mantêm relações as congeneres estaduaes, e que se acha filiada á Confederação Brasileira de Desportos, entidade suprema do sport nacional e a que nos referimos na parte dedicada ao football.

Entretanto, devemos frisar que a actual Federação Brasileira das Socie-

CAMPEONATO RIO DE JANEIRO

Essa importante prova do "rowing" carioca foi instituida em 1897 pela então União de Regatas Fluminense, e disputada pela primeira vez em 5 de junho de 1893.

Disputada este anno por quatro embarcações dos clubs Vasco da Gama, Flamengo, Guanabara e Natação, foi levantada pela yole "Aymoré" do Flamengo que era tripulada pela seguinte guarnição:

"Aymoré" — Patrão — Paulo Ramos Nogueira, voga — Alcides Short Vieira; sota-voga—Guilherme Lorena; contra voga — Arthur Sá Britto; 1º centro — Manoel Alvernaz; 2.º centro — Manoel Joaquim de Almeida; contra-prôa — Everardo Peres da Silva; sota-prôa — Aroldo Borges Leitão e prôa — Octavio Teixeira Soares.

Tempo 7'27"1|5.

"Pereira Passos" do Vasco da Gama foi a 2.ª collocada por pequena differença.

O campeonato do Rio de Janeiro, desde a sua instituição, foi levantado pelas seguintes equipes:

1898 — 1.600 metros — "Alpha" — Baleeira a 4 remos do G. R. Gragoatá — Patrão, H. Pereira da Cunha; voga, Celso Mafra; sota-voga, Arnaldo Voigt; contra-prôa, Jorge Goulart; prôa, Arlindo Goulart.

Tempo — 10' 2|5" — Correram 5 embarcações.

1899 — 1.000 metros—"Diva"—Canôa a 4 remos do C. R. Botafogo — Patrão, Paulo Azevedo; voga, Armando Leite Bastos; sota-voga, Francisco Rego Macedo; sota-prôa, Antonio Mendes de Oliveira Castro; Filho; prôa, Carlos Freire.

Tempo — 4' 42" — Correram 6 embarcações.

1900 — 2.000 metros — "Vesper" — Baleeira a 4 remos do G. R. Gragoatá — Patrão, José Ferreira de Aguiar; voga, Jorge Goulart; sota-voga, João B. Ribeiro Gomes; sota-prôa, Arnaldo Voigt; prôa, Alfredo Ribeiro.

Tempo — 9' 47" — Concorreram 6 embarcações.

1901 — "Sirtes" — Baleeira a 6 remos do C. R. Boqueirão do Passeio — Patrão, Luiz da Cunha; voga, Francisco de Paula Costa; sota-voga, Gustavo de Paula Costa; contra-voga, Ernani Pivatelli; contra-prôa, João Guimarães; sota-prôa, Arthur Amendôa; prôa, José Dias Martins.

Tempo — 9' 1" — Concorreram 7 embarcações.

1902 — "Natação" — Yole a 8 remos do C. de Natação e Regatas — Patrão, Alvaro Bastos; voga, Hans Binder; sota voga, João J. Guimarães; contra-voga, Joaquim G. Barbosa; 1.º centro, Alfredo Maldonado; 2.º centro, Guilherme Sumaine; contra-prôa, João José Teixeira; sota-prôa, Carlos Teixeira de Castro; prôa, Albano Pereira.

Tempo — 8' 15" — Correram 5 embarcações.

1903 — "Boqueirão" — Yole a 8 remos do C. R. Boqueirão do Passeio — Patrão, Luiz da Cunha; remadores: Francisco de Paula Costa, Gustavo de Paula Costa, Arthur Amendôa, Mario Franco, Francisco Lage, Manoel Ribeiro, Jorge Mirandola e José Dias Martins.

Tempo — 7' 6" 2|5 — Concorreram 3 embarcações.

1904 — "Vesta" — Yole a 8 remos do G. R. Gragoatá — Patrão, Adolpho Murtinho; remadores: Mario Almeida, Raul Telles Ribeiro, Orestes d'Enrico, Ramirez Guimarães, Arnaldo Voigt, Oscar Aguiar Moreira, Carlos Aguiar Moreira e João Ribeiro Gomes.

Tempo — 7' 5" 2|5 — Concorreram 5 embarcações.

1905 — "Procellaria" — Yole a 8 remos do C. R. Vasco da Gama — Patrão, Lucindo Saroldi; remadores: Antonio Taveira, Albano Pereira, Manoel Rebello, João Jorio, Raymundo Martins, Manoel Rezende, Joaquim Guedes e João Salituri.

Tempo — 7, 10" 4|5 — Concorreram 5 embarcações.

1906 — "Procellaria" — Yole a 8 remos do C. R. Vasco da Gama — Patrão, Ernesto Flores Filho; remadores: os mesmos do anno anterior.

Tempo — 6' 30" (record) — Concorreram 6 embarcações.

1907 — "Jagunça" — "Yole" a 6 remos do Natação e Regatas — Patrão, Antonio Cropalato; remadores: José H. de Lima Filho, José Guedes dos Santos, João Salituri, Manoel da Silva Braga, Manoel Teixeira de Novaes, Antonio Pires de Moraes, Raul F. da Silva e Abrahão Salituri.

Tempo — 6' 54" 1|10 — Correram 5 barcos.

1908 — "Itatupan" — "Yole" a 8 remos do G. R. Gragoatá — Patrão, Luiz Lacerda; remadores: Mario Almeida, Raul Telles Ribeiro, Carlos Ceylão, Arnaldo Voigt, Jorge Driendi, José Driendi, Mauricio Gudin e Guilherme Lorena.

Tempo — 7' 31" 5|10 — Correram 3 barcos.

Tempo — 4' 41" 1|5 — Correram 3 embarcações.

1914 — "Naisse" — C. R. Vasco da Gama — Claudionor Provenzano.

Tempo — 4' 22" 3|5 — Correram 7 embarcações.

1915 — "Léo" — C. R. Guanabara — Gabriel de Almeida Magalhães.

Tempo — 5' 4" — Concorreram 7 embarcações.

1916 — "Léo" — C. R. Guanabara — Carlos Martins da Rocha.

Tempo — 4' 9" — Correram 8 embarcações.

PROVA CLASSICA "JARDIM BOTANICO"

E' a mais antiga prova classica do "rowing" carioca; a sua instituição data de 26 de maio de 1901, e não deixou de ser disputada uma só vez siquer.

E' corrida em yoles a 4 remos (seniors), se bem que em 1901,1902 e 1913, fosse disputada por canôas a 4 remos na mesma distancia de 2.000 metros em linha recta.

Este anno foi disputada por cinco embarcações e foi conquistada pela "yole" "Bellita" do Club Internacional de Regatas, assim tripolada:

"Bellita" — Patrão — Americo Garcia Fernandes; remadores: Joaquim Teixeira da Fonseca, Francisco Costa, Alvaro Pereira Passos e Francisco Fernandes Ribeiro.

Tempo — 7' 54".

A "Jardim Botanico" tem os seguintes vencedores:

1901 — "Eolia" — C. R. Boqueirão do Passeio — Patrão, Luiz da Cunha; remadores: Francisco Paula Costa, Gustavo Paula Costa, José Dias Martins e Arthur Amendôa.

Não foi tomado o tempo — Correram 6 embarcações.

1902 — "Ivahy" — C. R. Boqueirão do Passeio — Patrão, Luiz da Cunha; remadores: Francisco Paula Costa, Gustavo Paula Costa, José Dias Martins e Arthur Amendôa.

Não foi tomado o tempo — Correram 6 embarcações.

1903 — "Avida" — Grupo R. Gragoatá — Patrão, Paulo D. Oliveira; remadores: Mario de Almeida, Jorge Guirusdith, J. Enises Torres e Raul Telles Ribeiro.

Não foi tomado o tempo — Correram 9 barcos.

1904 (yole) — "Albatróz" — C. R. Vasco da Gama — Patrão, Alberto de Castro; remadores: Antonio Taveira, Albano P. Fonseca, Joaquim D. Guedes e João Jorio.

Correram 5 embarcações.

1905 — "Ubirajára" — C. R. Guanabara—Patrão, Augusto Mattos Mendes; remadores: Frederico Almeida Magalhães, Jordano Laport, Gabriel Almeida Magalhães e Hildegardo de Carvalho.

Tempo — 8' 9" — Correram 7 embarcações.

1906 — "Albatróz" — C. R. Vasco da Gama — Patrão, Lucindo Saroldi; remadores: Antonio Carneiro Dias, Carlos Leal Sobrinho, José Alves Pinto e Eugenio Monteiro.

Correram 6 embarcações.

1907 — "Tabajára" — C. R. do Flamengo — Patrão, Francisco Carlos Bricio; remadores: Virgilio Pereira Amares, Roberto Hermanny, Hernani Martins e Arnaldo Borgerth.

Correram 6 embarcações.

1908 — "Inubia" — G. R. Gragoatá — Patrão, Luiz Lacerda; remadores: José Driendi, David Allen, Carlos Ceylão e Jorge Driendi.

Correram 5 embarcações.

1909 — "Marat" — C. R. Icarahy — Patrão, Henrique Lazary; remadores: Braz Valentim Dias, Alcides Short Vieira, Antenor Kelly C. Lage e João Green Short.

Tempo — 7' 51" 2|5 — Correram 6 embarcações.

1910 — "Salamina" — C. R. Botafogo — Patrão, Heitor Doyle Maia; remadores: Luiz Martins da Rocha, Jorge de Oliveira, Paulo Affonso Franco e Mario Pereira da Cunha.

Tempo — 7' 47" (record) — Correram 7 embarcações.

1911 — "Jandaya" — C. R. do Flamengo — Patrão, Alvaro Cezar Leal; remadores: José Pimenta de Mello, Manoel Joaquim Almeida, J. J. Araujo Pinheiro e Alexandre Dale.

Tempo — 8' 5" 3|5 — Correram 6 embarcações.

1912 — "Alzira" — C. Natação e Regatas — Patrão, Clovis do Amaral; remadores: L. G. Souza Brandão, Anthero Amaral, José Candido Silva e Albertino Amorim.

Correram 5 embarcações.

1913 — "Jára"—C. R. Guanabara—Patrão, Lauro Mendes; remadores: Luiz Costa Leite, Armando Macedo, Antonio P. Rezende e João Penido.

Tempo — 8' 32" — Correram 5 embarcações.

1914 — "Bellita" — Club Internacional de Regatas — Patrão, Americo Garcia; remadores: Joaquim T. Fonseca, Euclydes Paranhos, José F. Porto e Carlos Dias de Carvalho.

Tempo — 9' 2" 2|5 — Correram 6 embarcações.

1915 — "Alzira" — C. Natação e Regatas — Patrão, Gonçalves de Almeida;

R. do Flamengo — Patrão, Antonio Galvão Bueno; remadores: Boabdil de Miranda e Everardo De Peres.

Tempo — 4' 20" — Correram 5 embarcações.

1916 — (veteranos) — "Caeté" — C. R. São Christovão — Patrão, Antenor de Andrade; remadores: João Jorio e Abrahão Saliture.

Tempo — 4' 13" (record) — Correram 2 embarcações.

PROVA CLASSICA "JULIO FURTADO"

A instituição desta prova, foi uma homenagem ao benemerito Dr. Julio Furtado, protector do sport nautico, e teve logar em 6 de fevereiro de 1912.

A "Julio Furtado" é disputada por "yoles" a 2 remos, classe movel, e foi levantada este anno pela "Ibés", do Vasco da Gama, assim tripolada:

"Ibis" — Patrão, Arnaldo Fernandes Guedes; remadores: Joaquim Carneiro Dias e Claudionor Provenzano.

Tempo — 4' 13" 4|5 — Correram 2 embarcações.

E' o seguinte o quadro dos vencedores da "Julio Furtado".

1912 — "Ibis" — (seniors) — C. R. Vasco da Gama — Patrão, Aldiro Santos; remadores: Mario Praça e Claudionor Provenzano.

Tempo — 4' 28" — Correram 7 embarcações.

1913 — (veteranos) — "Ibis" — C. R. Vasco da Gama — Patrão, Alberto dos Santos; remadores: Joaquim Carneiro Dias e Claudionor Provenzano.

Tempo — 4' 32" — Correram 3 embarcações.

1914 — (Juniors) — "Clotilde" — Natação e Regatas — Patrão, Salvador Gammaro; remadores: Boabdil de Miranda e Leonel Salgado Miranda.

Tempo — 4' 13" (record) — Correram 11 embarcações.

1915 — (seniors) — "Irany" — C. R. do Flamengo — Patrão, Paulo Ramos Nogueira; remadores: Everardo Peres da Silva e Boabdil Achilles de Miranda.

Tempo — 4' 30" — Concorreram 10 embarcações.

1916 — (veteranos) — "Ibis" — C. R. Vasco da Gama — Patrão, Arnaldo Guedes; remadores: Joaquim Carneiro Dias e Claudionor Provenzano.

Tempo — 4' 13" 2|5 — Correram 2 embarcações.

PROVA CLASSICA "AMERICA DO SUL"

Instituida em 10 de março de 1914, veio substituir a prova classica " A Sul-America", até então disputada.

E' corrida por "yoles" a 4 remos, juniors e na distancia de 1.000 metros.

E' uma das provas mais importantes do sport nautico; a sua disputa reune sempre o que ha de melhor na classe de "Juniors", é mesmo classificada como "campeonato de novos".

Na ultima temporada a "America do Sul" foi levantada pelo Club Internacional de Regatas, com a seguinte guarnição:

"Bellita" — Patrão, Luiz Britto; remadores: Alfredo Ferreira dos Santos, Francisco Fernandes Ribeiro, René Becker e Joaquim Clare.

Tempo — 3 55" — Correram 8 embarcações.

O quadro dos "campeões de novos" é o seguinte:

1914 — "Cacique" — C. R. do Flamengo — Patrão, Paulo Ramos Nogueira; remadores: Eduardo Serra Pinto, Pedro Cruz Pereira da Cunha, Joaquim da Silva Coelho e Alvaro de Oliveira.

Tempo — 4' 1" — Correram 8 embarcações.

1915 — "Iara" — C. R. Guanabara — Patrão, Adhemar Serpa; remadores: Deodoro Pessôa, Epaminondas Santos, Godofredo Bastos e José Bento Corrêa.

Tempo — 3' 52" — Correram 9 embarcações.

1916 — "Bellita" — C. Internacional de Regatas — Patrão, Luiz Britto; remadores: Alfredo Ferreira dos Santos, Francisco Fernandes Ribeiro, René Becker e Joaquim Clare.

Tempo — 3' 55" — Correram 8 embarcações.

PROVA CLASSICA "PEREIRA PASSOS"

Foi outra homenagem da Federação do Remo a um dos mais decididos protectores do sport nautico a instituição d'esta prova.

Este anno, a "Pereira Passos" foi levantada pelo C. R. Guanabara, com o canoe "Leo", tripolado por Carlos Martins da Rocha.

O quadro dos vencedores da "Pereira Passos" é o seguinte:

1913 — "Zinho" — C. R. Guanabara — remador Pedro Steel.

Tempo — 4' 34" — Correram 5 embarcações.

1914 — "Icaro" — G. R. Gragoatá — remador Francisco Driendi.

Tempo — 4' 31" — Correram 4 embarcações.

1915 — "Léo" — C. R. Guanabara — remador Deodoro Luiz Silva Pessôa.

Tempo — 4' 31" — Correram 4 embarcações.

1916 — "Léo" — C. R. Guanabara — remador Carlos Martins da Rocha.

Tempo — 4'38" — Correram 7 embarcações.

A INFANCIA DA IMPRENSA BRASILEIRA

AURORA PERNAMBUCANA

A AMERICA PARA... OS AUTORES E ACTORES

DEZEMBRO

PHASES DA LUA	DIAS	HORAS	LIBRAÇÃO	DIAS	HORAS
Ming.	6	11.14	Apogeu	6	11.03
Nova	14	6.17			
Crescente	21	3.07	Perigeu	18	19.02
Cheia	28	6.52			

12° MEZ
31 DIAS

O Sól em Capricornius a 22 ás 6 h. 46 m. (Solsticio) começa o Verão

DATAS	SEMANA DIAS	Predicção	Santos, festas e feriados	O Sol Nas.	O Sol Occ.	Datas	Horas	PHENOMENOS DIVERSOS
1	Domingo...	Muito	1° do Adv. S. Eloy........	5.01	18.23			
2	Segunda....	quente	Sta. Bibiana V. M.........	01	23	2	23	Neptuno em conj. com a lua 3°2' N
3	Terça........	e	S. Francisco Xavier......	01	24	3	15	Saturno em conj. com a lua 4°36' N
4	Quarta......	Ventoso	Sta. Barbara V. M...	01	25			
5	Quinta......		S. Pedro Crysologo Dr...	01	25	5	23	Mercurio na sua max. lat. helioc. S
6	Sexta........	Chuvas	S. Nicolau B...............	01	26	6	13	Marte em conj. com a lua 8°0' N
7	Sabbado....	Sol	S. Ambrosio Dr...........	01	27			
8	Domingo...	abrasa-	✠A Imm. Con. de N. S.	02	27			
9	Segunda....		Sta. Leocadia V. M.......	02	28			
10	Terça.......	dor	S. Melchiades P. M.......	02	29			
11	Quarta......		S. Damaso P. M...........	02	30	11	14	Marte em quad. com o sol
12	Quinta......	Calor	S. Justino M......,.........	03	30			
13	Sexta........		Sta. Luzia adv. dos olhos.	03	31			
14	Sabbado....	suffoc.	S. Agnello Ab............	03	32			
15	Domingo...	Ventos	S. Irineu Mm...............	04	32	15	9	Mercurio em conj. com a lua 3°4' S
16	Segunda....	fortes	Sta. Adelaide..............	04	33	16	19	Mercurio na sua max. long. 20°15' E
17	Terça.......	e	S. Lazaro irm. de S. Mar.	04	33	17	10	Venus em conj. com a lua 5°30' S
18	Quarta......	tempes-	Temp. N. S. do Parto....	05	34	18	2	Urano em conj. com a lua 5°5' S
19	Quinta......	tades	Sta. Fausta....	05	34			
20	Sexta........		Temp. S. Doming. de S..	06	35	24	14	Mercurio estacionario
21	Sabbado....	Limpo	Temp. S. Thomé..........	06	35	24	21	Marte na sua maior lat. helioccn. N
22	Domingo...	e	S. Arlindo......	06	35	24	21	Marte na sua maior lat. helioccn. N
23	Segunda....	muito	Sto. Honorato.............	07	36	24	23	Mercurio no nodo ascendente
24	Terça.......	quente	Vig. de Natal S. Serv.....	07	36	25	8	Jupiter em conj. com a lua 3°20' S
25	Quarta......		✠N. de N. J. Christo.....	08	37			
26	Quinta......	Claro	S. Estevão proto-Martyr..	08	37			
27	Sexta........		S. João Ap. e Evang.....	09	38	29	14	Mercurio no perihelio
28	Sabbado....	Chuvas	SS. Innocentes Mm........	10	38	30	6	Neptuno em conj. com a lua
29	Domingo...	geraes	S. Thomaz de Cantuaria.	10	38	30	17	Venus em conj. com Urano 0°36' N
30	Segunda....		S. Sabino B. M............	11	39	30	21	Saturno em conj. com a lua 4°37' N
31	Terça....,..		S. Sylvestre P............	12	39	31	14	Venus no nodo ascendente

TEMPO PROVAVEL

De 1 a 10

De 11 a 20

De 21 a 31

O céo no dia 15 de Dezembro ás 20 h. 20 m.

CALENDARIO AGRICOLA

Começa a colheita do trigo, cevada, centeio, alpiste, feijão e o linho. Plantam-se batatas doces, milho ou abobora moranga. Colhe-se a cebola. Transplantam-se sementeiras dos mezes anteriores, regando-as regularmente. Planta-se até 15 de janeiro o feijão amarello. Fazem-se enxertos de borbulha de larangeiras e outras arvores fructiferas. Podam-se os porta enxertos que tiverem recebido enxertos em mezes anteriores. Nas vinhas, atam-se bem os sarmentos para protejel-os contra as ventanias e os melões, tomates e aboboras. Faz-se sulfatagem das vinhas. Tiram-se da terra as cebolas de jacinthos deixando-as enxugar á sombra e depois recolhendo-as para logar sêcco, não abafado, á sombra aonde ficam até Junho seguinte. Planta-se no norte algodão. Semeia-se arroz, no centro, e transplanta-se o fumo. Planta-se forragem para alimentação dos animaes, araruta, sorgho e transplantam-se o ananaz e a bananeira. Começa a colheita dos abacaxis e mangas.

O CORVO E A RAPOSA

MONOLOGO PARA MENINO

[illegible]

D. M

AS DECLARAÇÕES DE GUERRA

Pela tabella seguinte, bem clara, podem-se ver as datas das declarações de guerra, que attingem a 30 desde 28 de Julho de 1914 até 30 de Agosto de 1916.

	PAIZES	DATAS
1	Austria-Hungria-Servia	28 de Julho de 1914
2	Allemanha-Russia	1 de Agosto de 1914
3	Allemanha-França	3 de agosto de 1914
4	Allemanha-Belgica	4 de Agosto de 1914
5	Gran-Bretanha-Allemanha	4 de Agosto de 1914
6	Austria-Hungria-Russia	6 de Agosto de 1914
7	Montenegro-Austria-Hungria	7 de Agosto de 1914
8	Montenegro-Allemanha	9 de Agosto de 1914
9	Servia-Allemanha	9 de Agosto de 1914
10	França-Austria-Hungria	10 de Agosto de 1914
11	Gran-Bretanha-Austria-Hungria	12 de Agosto de 1914
12	Japão-Allemanha	23 de Agosto de 1914
13	Austria-Hungria-Japão	27 de Agosto de 1914
14	Austria-Hungria-Belgica	28 de Agosto de 1914
15	Russia-Turquia	3 de Novembro de 1914
16	França-Turquia	5 de Novembro de 1914
17	Gran-Bretanha-Turquia	5 de Novembro de 1914
18	Italia-Austria-Hungria	23 de Maio de 1915
19	Italia-Turquia	20 de Agosto de 1915
20	Russia-Bulgaria	4 de Outubro de 1915
21	Bulgaria-Servia	14 de Outubro de 1915
22	Gran-Bretanha-Bulgaria	14 de Outubro de 1915
23	Allemanha-Portugal	9 de Março de 1916
24	Italia-Allemanha	27 de Agosto de 1916
25	Rumania-Austria-Hungria	27 de Agosto de 1916
26	Allemanha-Rumania	28 de Agosto de 1916
27	Bulgaria-Rumania	30 de Agosto de 1916
28	Austria-Hungria-Rumania	30 de Agosto de 1916
29	Turquia-Rumania	30 de Agosto de 1916
30	Rumania-Turquia	30 de Agosto de 1916

A POPULAÇÃO E OS EXERCITOS

O mundo tem 1.628.000.000 habitantes, dos quaes mais de metade, ou 865 milhões, são belligerantes.

A população dos paizes da "Entente" é seis vezes maior que a dos paizes da Liga Germanica, incluindo-se naquella os 393 milhões de subditos

Podemos, portanto, estabeleeer, sem receio de exagero, que os paizes da "Entente" mobilisaram entre vinte e vinte e dous milhões de homens, e a Liga Germanica approximadamente vinte milhões. Deprehende-se, pois, que as duas forças que até agora se enfrentaram nos campos de batalha foram mais ou menos eguaes e se equilibraram. A victoria será agora do grupo que maiores reservas possua em homens, e esse grupo, é, inquestionavelmente a "Entente" que tem reservas quasi inexgotaveis de que póde lançar mão.

O CUSTO DE UM SOLDADO

Calculando-se, portanto, em 40 milhões os homens que foram mobilisados desde Agosto de 1914 a Dezembro de 1916, e caleulando-se em 20 milhões as perdas totaes mortos, feridos e invalidos — temos que, durante os vinte e nove mezes de guerra devem ter estado permanente nas linhas de batalha outros 20 milhões de homens.

Façamos, pois, sobre estes 20 milhões de homens um calculo de quanto custa o que elles têm eomido e vestido.

O peso de um soldado comparado com os 2.143 kilos de differentes alimentos gastos durante vinte e nove mezes

QUANTO COMEU UM SOLDADO?

Este ealeulo é official e foi publieado no "Bolctim dos Exereitos Francezes". Um soldado come, por dia, 500 grammas de pão, 300 grammas de carne, 125 grammas de assucar, 500 grammas de batatas e outras 500 grammas de legumes e farinaeeos, etc. Admittindo-se que todos os soldados, de todas as nações e em toda as frentes, eomam o mesmo, conelue-se que, em vinte e nove mezes, cada um delles comeu:

442 kilogrammas de pão;
265 kilogrammas de carne;
442 kilogrammas de batatas;
442 kilogrammas de legumes e farinaeeos;
110 1|2 kilogrammas de assuear, e bebeu 442 litros de vinho ou cerveja, no minimo, estabelecendo-se, tambem para eada um, apenas 1|2 litro diario.

O eusto destes alimentos é muito variavel de paiz para paiz. Façamos uma média. E assim, o custo desses alimentos seria de 400 réis para o pão; 900 réis para a earne; 50 réis para as batatas; 20 réis para os legumes e 600 réis para o assuear. E, então, um soldado, comeu:

176$800 de pão;
239$500 de carne;
22$100 de batatas;
8$840 de legumes;
66$300 de assucar; ou

513$540 réis. E eomo bebeu vinho ou eerveja no valor de 44$200 réis, e como se devem juntar ainda, mais cerea de 50$ réis por soldado para outras despesas, temos 607$740 réis para a alimentação de cada soldado.

QUANTO VESTIU UM SOLDADO?

Em vinte e nove mezes estragou, segundo ainda aquelles mesmos calculos, quatro pares de ealças, quatro eapotes, tres dolmans, cineo pares de botas, etc. Em resumo, o valor do vestuario gasto por um soldado, num dia, é de 1$500 réis. Elle terá gasto, pois, até 31 de Dezembro, 1:326$000 réis. Um detalhe interessante: para se fazerem 100.000 pares de calças e

O MENINO PRODIGIO

MONOLOGO PARA MENINA

Vou contar-lhes uma historia
que me parece engraçada...
Deus permitta que a memoria
não me deixe embaraçada.
O Lulu' era um menino
— tinha seis annos somente —
mas, embora pequenino,
queria passar por gente!
Mostrando muita prudencia,
muito juizo na cachola
pedia aos paes, com insistencia,
que o botassem numa escola.
Os paes, tomados de espanto.
lembraram-lhe a pouca edade,
mas o gury pediu tanto,
que os convenceu de verdade!
Cessou, de facto, o litigio
— já ninguem se desconsola! —
e o nosso bello prodigio
entrou, emfim, para a escola!
Portou-se muito direito;
mostrou-se um pouco atordoado,
mas provou que tinha geito...
deu conta de seu recado.
Voltando da aula, ainda ás tontas,
dos paes começa a palestra:
— Então, Lulu', que me contas?!
Que dizes de tua mestra?!
— Não sabe nada, annuncia
das mãos estalando as juntas;
levou, papae, todo o dia
a dirigir-me perguntas!
Perguntava a cada instante!
Letra por letra indagava
e, eu o alumno, eu o estudante
era assim quem lhe ensinava!

DOMINGOS MAGARINOS

Amorim Carrão, tenente Ildefonso Escobar.

24 — Dr. Alvaro de Teffé, Dr. Sebastião de Carvalho, Dr. Renato Pacheco, Dr. Eduardo Moreira.

25 — Dr. Gustavo da Silveira, Dr. Laudelino Freire, Dr. Edgar da Cruz Ferreira, Dr. Augusto Costallat.

•26 — Mme. Dr. Leopoldo de Bulhões, Dr. Domingos Louzada, Dr. Octavio Ferreira de Mello, capitão José Lotero de Menezes Junior.

27 — Mme. conselheiro Candido de Oliveira, Mme. Dr. Carlos Veiga, Dr. João Penido.

28 — Marechal Francisco de Paula Argollo, Dr. Rodolpho Vaccani, Dr. Olegario da Silveira Pinto.

29 — Senador Francisco Salles, commandante Mario de Albuquerque Lima.

30 — Dr. Homero Baptista, capitão de fragata Carlos Muller de Campos.

31 — Mme. senador Antonio Azeredo, Dr. Vicente Neiva, Dr. Theophilo Nolasco de Almeida, Dr. Pedro Pernambuco Filho, tenente coronel Dormevil da Silva Porto, Dr. Luiz Gastão Escragnolle Doria.

FEVEREIRO

1 — Mme. viuva Dr. Manoel Duarte, coronel Ernesto Lyrio de Siqueira, Sr. Henrique Aderne.

2 — Dr. Gabriel Ozorio de Almeida, Dr. Brito e Silva, Dr. Carlos Moreira Guimarães, capitão tenente Eugenio da Rosa Ribeiro, Dr. Pelino Guedes.

3 — Mme. viuva general Pinheiro Machado, Dr. Urbano Santos, Dr. Levindo Lopes, Sr. Sebastião Sampaio, Dr. Oliveira Aguiar.

4 — Viscondessa da Veiga Cabral, Mme. Alcino Rangel, Mlle. Doninha, filha do Dr. Urbano Santos, general Luiz Antonio Cardoso, Dr. José Pires Brandão, Sr. Vivaldi Leite Ribeiro, Sr. Lindolpho Collor.

5 — Mlle. Maria Ruy Barbosa Ayrosa, Dr. Edmundo Bittencourt, Dr. A. J. Pires e Albuquerque.

6 — Mme. Evan Fontenelle, Mme. capitão Francisco de Sá, Dr. Candido José do Bomsucesso.

7 — Senador Miguel de Carvalho, Dr. Guilherme da Silveira, Sr. Alberto de Gusmão Jatahy.

8 — Mme. José Eduardo de Macedo, Soares, Dr. Urbano Figueira, general Roberto Trompowsky, general Ignacio de Alencastro Guimarães, Dr. Leandro Cavalcanti.

9 — Mme. Dr. Cardoso de Mello, Dr. Moura Brasil (pae); Dr. Cid Braune, Dr. Custodio de Almeida Magalhães, Dr. Eliezer Tavares, leiloeiro Virgilio Rodrigues.

10 — Coronel Eduardo Raboeira, Dr. Francisco de Paula Monteiro de Barros Lima.

11 — Mme Dr. Flavio Porto, Mme. Dr. Ithamar Tavares, Mlle. Marietta de Verney Campello, Dr. João Damasceno Ferreira, Dr. Pedro Galvão do Rio Apa, Dr. Olyntho Meirelles.

12 — Dr. Mazzim Bueno, Dr. Fernando Mendes de Almeida Junior, academico de direito Oswaldo Gomes da Costa Miranda.

13 — Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior, coronel Firmo de Moura, Sr. Gastão Olavo de Almeida.

14 — Mme. Dr. Mazzim Bueno, Mme. 1° tenente Washington Perry de Almeida, Dr. Thompson Motta, Dr. Prudencio Cotegipe Milanez, Dr. Alfredo Balthazar da Silveira, Sr. Oswaldo Tavares.

15 — Capitão de mar e guerra Carlos Alberto Tinoco da Silva, Sr. Manoel Orosco.

16 — Mme. Dr. Alvaro Alvim, capitão Oswaldo Nepomuceno da Silva, 1° tenente da Armada José Sergio Ferreira, Sr. Hildebrando de Vasconcellos.

17 — Mme. capitão Francisco de Queiróz Pereira, Mlle. Sylvia, filha do Dr. Taciano Acioly, academico de direito Tancredo Guanabara.

18 — Mlle Waleska, filha da viuva Heitor Cordeiro, prof. Dr. Fernando Magalhães, ministro André Cavalcanti, Dr. Franklin Sampaio Filho, Dr. Joaquim Canuto de Figueiredo, deputado Monteiro de Souza.

19 — Mme. Dr. Henrique Magalhães de Almeida, Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho, almirante Huet Bacellar, general Gabino Bezouro, capitão Tancredo Guerra Pires, coronel Abilio de Noronha, Sr. Lindolpho Xavier.

20 — Deputado Coelho Netto, Dr. Arthur Cintra, Dr. Amarilio de Noronha, capitão tenente Jorge Dodsworth Martins, capitão de fragata Dr. Augusto Carlos de Souza e Silva.

21 — Marechal Menna Barreto, Dr. João Maximiano de Figueiredo, senador Walfredo Leal.

22 — Embaixador Edwim Morgan, Dr. Mello Moraes Filho, almirante Jeronymo Delamare, Dr. Pelagio Valentim Varella, Dr. Evaristo da Vei-

26 — Sr. Alexandre Soares de Mello, Mme. Jacob Nogueira.

27 — Mme. Dr. Miguel Couto, Mme. Dr. Camillo Soares.

28 — Dr. Aprigio Rego Lopes, Dr. Fabio Rino Junior, Dr. Leonardo Rangel de Sampaio, Dr. Heitor Lima, Mme. desembargador Bulhões Pedreixa, Mme. maestro Carlos de Carvalho, Dr. Aristides Saboia de Alencar, Dr. Bernardino Machado.

29 — General Ilha Moreira, Dr. Raymundo Arthur de Vasconcellos, Dr. Alcides Nogueira da Silva, coronel Innocencio de Barros e Vasconcellos.

30 — Coronel Feliciano Benjamin de Souza Aguiar, Mme. Vivaldi Leite Ribeiro.

31 — Conde de Affonso Celso, Mme. Charles Hue Junior. Dr. Leonel Jaguaribe de Mattos.

ABRIL

1 — Mmes. Drs. Venancio de Albuquerque e Edgard Ahrantes; Drs. Alberto Pinto Brandão e Deodato Villela dos Santos; senador Arthur Lemos, Dr. Paschoal Villaboim, Mme. Dr. Avellar Brandão.

2 — Drs. Laurindo Lengruber Filho, Mme. Dr. Alberico de Santa Anna.

3 — O 1º tenente da Armada Rodrigo Navarro de Andrade Junior e o Sr. Lauro Muller Filho.

4 — Mmes. almirante Indio do Brasil e Dr. Henrique Costa; D. Duarte de Leopoldo e Silva, coronel Zozino Peçanha, Sr. Alvaro Fontes, Mlle. Irma Muniz Freire, Drs. Olavo de Araujo Góes, José Aguiar Continentino, J. Soares Meirelles, Sr. Agenor Carvoliva e 1º tenente Othon Cirne.

5 — Mmes. Drs. Alfredo Backer, Rodolpho Baptista, Servulo de Lima e João Costa Ribeiro; Mme. coronel Neiva de Figueiredo, Drs. Daniel de Almeida, Carlos Eiras, Nilo de Vasconcellos, Linneu Silva e João Filgueiras Lima, capitão de mar e guerra Antonio de Oliveira Sampaio, coronel Carlos Leite, deputado Augusto de Lima, Srs. Vicente Mello, Conrado Niemeyer e José Bartori.

6 — Desembargador Calso Guimarães, poeta Goulart de Andrade, Dr. Henrique Guedes de Mello, Sr. Norberto Martins Vianna.

7 — Mmes. Carmo, Cicero Penna e Manoel Pereira de Souza; Drs. Pereira Vianna e Chermont de Brito, deputado Frederico Borges, coronel Cesar Augusto de Carvalho, Sr. Coryntho Costa.

8 — Drs. Elysio de Araujo e José de Souza Rangel, coronel Amancio Nogueira, tenente coronel Epiphanio Alves Pequeno.

9 — Mmes. general Marques Porto, Dr. Eurico Cruz e Pedro Gracie; Drs. José Pereira Viveiros, João do Nascimento Guedes e Edgard Abrantes.

10 — Mme. Dr. Ignacio de Moura, almirante Adelino Martins, Drs. Nuno Osorio de Almeida e Americo Baptista Gonçalves; Sr. Adalberto Ribeiro.

11 — Mme. general Gabriel Botafogo, senador Raymundo de Miranda, Drs. Luiz Barbosa e Joaquim Gonçalves Pecego.

12 — Mme. Dr. Luiz Hermenegildo Militão de Almeida, Drs. Victor Cunha, Roberto Macedo Soares, Climaco Pereira Junior e Sylvio Gentio de Lima; deputado Marcolino Barreto, almirante Carlos de Noronha, coronel Egydio Talhone.

13 — D. Lucio Antunes de Souza, bispo de Botucatu'; Drs. José Marianno Filho, Bellarmino Patti, Affonso Faller e Everardo Barbosa; general José Carlos Pinto Junior.

14 — Viuva conselheiro Manoel Carlos de Gusmão, Mmes. Niemeyer Portocarrero, deputado Cunha Machado, Drs. Adolpho Del Vecchio, João Baptista de Moraes Rego e Alvaro Joaquim do Amaral, coronel Adolpho Motta, commandante Ignacio do Amaral.

15 — Mmes. Dr. Octavio Monteiro da Silva e Leal de Souza; deputado Euzebio de Andrade, coronel Arthur Meira Lima, Sr. Nuno Castellões.

16 — Mmes. Dr. Baeta das Neves, deputado Pedro Lago, Drs. Raymundo Pereira Rego, Srs. Oldemar Murtinho e Miguel de Pino.

17 — Mme. Alberto de Queiroz, deputado José Barbosa Gonçalves, Drs. Alvaro Alvim, Francisco Serra e Alvaro Soares, capitão de corveta Amador Bueno, Dr. Oscar Borges Pires.

18 — Mlle. Maria Eugenia Affonso Celso; Dr. João Francisco de Paula e Silva, Hugo Braga e Galdino Travassos.

19 — Mme. Dr. Octaviano de Andrade Pinto; deputado J. J. Palma; visconde de Ururahy; Mme. Dr. Leoni Ramos; Drs. João Louzada e Paulo Motta.

20 — Desembargador Francisco de

ves, professor Julio Peixoto, capitão Napoleão Dantas da Gama, capitão de fragata Aristides Mascarenhas, coronel Antonio Baptista de Souza.

14 — Asclepiades Coutinho, capitão Tavares de Mattos.

15 — Dr. Leonidas Machado, Dr. Hugo Martins Ferreira, Dr. Barros Campello, Dr. Manoel Abreu, Dr. Alarico Damasio, Mlle. Maria Helena Torres.

16 — Primeiro tenente da armada Graciano Adolpho Monteiro de Barros, José Arthur de Teffé, Dr. Jesuino Cardoso, Dr. Alfredo Pereira Monteiro, Dr. Nolasco Pereira da Cunha, Mme. Dr. Mario Bulcão, Dr. Alberto da Cunha.

17 — Dr. José Barbosa Gonçalves, capitão Alberto de Castro Amorim, coronel Francisco Cabral.

18 — Ministro Sebastião Lacerda, Dr. Aloysio Neiva, 1.os tenentes do exercito Aristides Paes de Souza Brazil e Antonio Fernandes Dantas.

19 — Ministro Edmundo Muniz Barreto, coronel José Ricardo de Albuquerque, Dr. José Fortunato de Brito.

20 — Dr. Octavio Martins Rodrigues, Dr. Estevam Carneiro da Cunha, Themudo Lessa.

21 — Mlle. Nenezita Galvão Bueno, Mlle. Maria Candida de Souza Bandeira, Dr. Mello Barreto Filho; Dr. Francisco Pinto da Fonseca Telles, Mlle. Ignezista, filha do deputado Felix Pacheco, Dr. Augusto Feliciano Pereira Pinto.

22 — Dr. José Gonçalves da Cunha e Silva, Dr. Delmiro de Sá, Mme. Manoel Vasques de Freitas.

23 — Dr. Carlos Taylor, commendador Antonio Joaquim Peixoto de Castro; Dr. Everardo Backeuser, coronel Bellarmino Carneiro, Dr. Decio Cezario Alvim, senador João Luiz Alves, Dr. Natalicio Camboim, senador Epitacio Pessoa, Dr. José Lopes da Silva Trovão, Dr. Samuel Ferreira Durão, Dr. Fernando Pereira da Silva Continentino.

24 — Conde de Avellar, Dr. Antonio do Prado Lopes Pereira, Joaquim de Mello Palhares, Dr. Leonel de Rezende Filho, Mme. Sebastião Brito, Dr. Pedro Alves Carneiro, Mlle. Gilda Machado Guimarães.

25 — Dr. Luiz de Moraes Rego, Dr. Ulysses Correa Lima, capitão Joaquim Vieira Ferreira, Dr. Eduardo Ramos, Dr. Belisario Tavora, Oscar de Carvalho Azevedo; capitão tenente Carlos Pereira Guimarães; Mme. Dr. Alberto Torres, Mlle Véra de Araripe, Fernando de Faria Junior.

26 — Capitão de corveta Priamo Moniz Telles, major Valerio Caldas, Mme. Augusto Perret Filho.

27 — Dr. Ranulpho Bocayuva Cunha, deputado estadual fluminense; Dr. João da Costa Rodrigues, Dr. José de Castro Goyana, Mme. Dr. Osorio de Almeida, Mme. Dr. Olegario Bernardes, Mlle Leonor Jannuzzi.

28 — Mme. Virginia dos Santos Moraes, prof. Araujo Vianna, capitão Antonio Ferreira Brum.

29 — Senador Hercilio Luz, academico Antonio Pedro Muller, Dr. Heitor de Souza, coronel Francisco Emilio Julien.

30 — Coronel Antonio da Silva Neves, Dr. Adamastor Magalhães, Dr. Fernando Rangel, Dr. Abel de Azevedo Magalhães, Sr. Victor Guillobel.

31 — Capitalista Creso Savio, coronel José Bellus de Almeida, ministro Adalberto Guerra Duval, Dr. Humberto Saraiva Antunes, Mlle. Sylvia de Figueiredo, directora da Escola de Musica Figueiredo-Roxo.

JUNHO

1 — Deputado Carlos Peixoto Filho, Dr. Nuno Infante, Dr. Alvaro de Barros, Sr. Conrado Jacob de Niemeyer, commandante Tancredo Burlamaqui, Mme. coronel Dr. Moreira Guimarães, Dr. José Braz Pereira Gomes, Sr. Mariano Riera Rodrigues, marechal Francisco Marcellino de Souza Aguiar.

2 — Dr. Arthur Moses, Dr. Gustavo de Castro Rebello , Dr. Vicente Piragibe, coronel José Augusto Teixeira Serra, Dr. Durval de Brito.

3 — Dr. Arthur Obino, Dr. Joaquim Abilio Borges, Dr. Alvaro de Sá Castro Menezes, coronel Lauro da Silveira Azevedo, Dr. Elpidio Trindade, Dr. Manoel Carvalho Leite.

4 — Mme. Dr. Pedro Nabuco de Abreu, Dr. Jeronymo Monteiro, Dr. Philemon Cordeiro, 1° tenente João Gomes Carneiro.

5 — Capitão de fragata Frederico da Cruz Secco, Dr. Ajax da Cunha Fonseca, Dr. Marciano de Aguiar Moreira, Mme. Paulino Gomes, Mme. Dr. Aarão Reis.

6 — Mme. Elvira de Magalhães, Dr. Torreão Roxo, Mme. Ritoca Moreira Duque, Dr. Ranulpho Pacheco Dantas

sos, Dr. Julio Furtado, Dr. José Pereira Rego Filho.

3 — Mme. viuva almirante Elysiario Barbosa, Mme. Dr. Antonino Ferrari, Mme. Dr. Frederico Ayer, Dr. Antenor Portella.

4 — Poeta Emilio de Menezes, prof. Belfort Roxo, Dr. Mattoso Camara.

5 — General Pedro Celestino Corrêa da Costa, Dr. Manoel Franciseo do Rego Barros, Mme. prof. Abreu Fialho, Dr. Raul Campello Barrozo,

6 — Conselheiro Candido de Oliveira, ministro Bruno Chaves, coronel Hemeterio José Pereira Guimarães, maestro Alberto Nepomuecno.

7 — Dr. Franeiseo de Paula Rodrigues Alves, prof. Benjamin Baptista, Dr. Carlos Garcia de Souza, Mme. Dr. Abelardo Lobo, Sr. Alfredo Veiga.

8 — Deputado Pedro Moutinho dos Reis, Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa.

9 — Dr. Nelson Ribeiro de Castro, senador Rivadavia Corrêa, Dr. João Ribeiro, capitão tenente Armando Burlamaqui, Sr. José Deoeleciano Gomes Junior.

10 — Pintor Edgard Parreiras, Sr. Olympio de Niemeyer.

11 — Intendente Pio Dutra da Rocha, eoronel Julio Bueno Brandão, Mlle. Maria Lecticia Salles.

12 — Dr. Graciano dos Santos Neves, Sr. Miguel Augusto Sodré, eapitão Oscar Gualberto Dias de Moura.

13 — Capitão tenente Fabricio Moreira Caldas, Dr. Eugenio do Espirito Santo.

14 — Sr. Ernesto Maehado Guimarães, prof. Henrique Bernardelli, general Dr. Ferreira do Amaral, Mlle. Lucia Lopes de Almeida.

15 — Mlle. Rosalina Coelho Lisboa, Dr. Maurieio de Medeiros, capitão Philadelpho Roeha.

16 — Dr. Joaquim Pires Ferreira. Dr. Leandro José da Costa, Dr. Edgar de Castro Barbosa.

17 — Dr. José Pereira Rebouças. Dr. Horteneio de Carvalho, eoronel Franeisco José Soares, monsenhor Euripedes Pedrinha, Dr. Mello Leitão.

18 — Major Alfredo Aristides de Menezes Rocha, Sr. José da Costa Aragão, Mme. Silvino de Mattos, Mme. Octavio Pestana de Aguiar, Dr. Ithamar Tavares.

19 — Senador Alcindo Guanabara, Dr. José Carlos Rodrigues, Sr. Jovino Lopes, Dr. Joaquim Gonçalves Ferreira, Dr. João Francklin de Alencar Lima, Dr. Franeisco de Paula Oliveira

20 — Mme. almirante Machado Portella, monsenhor Alberto Gonçalves.

21 — Coronel Julio Bailly, Mme. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, Mme. Dr. Antonio de Castro Pereira Rego, Mlle. Luzia Pereira, Mme. coronel Luiz da Costa Azevedo.

22 — Dr. Gabriel Vianna, Dr. Arthur de Albuquerque Mello, capitão de fragata Carlos Ramos, Dr. Dianlas de Abreu, conselheiro Ernesto Cybrão.

23 — Dr. Custodio Martins, Mme. viuva general Dionysio Cerqueira, capitão de fragata Apollinario de Carvalho.

24 — General Thomaz Cavalcanti, Dr. Flavio de Moura, Mme. Dr. Armando Frazão, Mme. Dr. Lieinio Cardoso.

25 — Mme. Dr. Castro Nunes, conde de S. Salvador de Mattosinhos, Dr. José Eulalio da Silva Oliveira, major Arthur Eduardo Pereira.

26 — General Olympio Agobar, Dr. Herbert Moses, senador Fernando Mendes de Almeida, Dr. Alvaro Miguez de Mello, Dr. Mario Cavaleanti, almirante José da Silva Lins.

27 — Conselheiro Dr. Nuno de Andrade, Dr. Meira de Vasconcellos, Dr. Joaquim Pires de Albuquerque, Dr. José Pio Borges de Castro.

28 — Mme. Dr. Collatino de Araujo Góes, Mlle. Olga Campos Porto.

29 — 1º tenente da Armada José Maria Magalhães de Almeida, Dr. Jorge Pinto, embaixador Gastão da Cunha, Dr. Lucilo Bueno, Dr. Custodio de Viveiros, Dr. Adhemar Barbosa Romeu, Dr. Raul Delgado Motta.

30 — Dr. Luiz Inglez de Souza, Sr. Vietor Silveira, senador Thomaz Accioly, deputado José Maria Tourinho, general Celestino Alves Bastos, Dr. Antenor O'Reilty.

31 — Sr. Jarbas de Carvalho, commandante Francisco Dias Ribeiro, Mme. Dr. Ribeiro Junqueira, Dr. Rieardo Maehado, Dr. Fabio Luz, Mlle. Violeta Coelho Netto. Sr. Alvaro Fonseea da Cunha, Mme. Diva Nascimento.

AGOSTO

1 — Mme. Dr. Pereira Faustino Mlle Luiza Seidl, Sr. Oscar Corrêa.

2 — Mme. João Luso, Mlle. Elsa de Carvalho, Sr. Carlos Marques da Sylva e Raul Souto Mayor;

3 — D. Prudencio Gomes da Silva,

cha, Mlle. Maria Pia de Paula Ramos.

3 — Mme. Amalia Maurell da Silva, capitão Francisco Guerra.

4 — Mlle. Carmen Cotta, professor Paulino José Soares de Souza, capitão Luiz Lobo, Dr. Francisco de Paula Santiago, Mme. coronel Manoel Pereira Soares.

5 — Deputado Antonio Carlos, general Carlos Eugenio de Andrade Guimarães, Dr. Aleixo de Vasconcellos, Mme. Dr. Sá Freire, general Bello Augusto Brandão.

6 — Conselheiro Candido de Oliveira, condessa de Affonso Celso.

7 — Dr. Noemio Xavier da Silveira, Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, Dr. Galvão Baptista, Oldemar de Niemeyer, Mlle. Nair Veiga, Mme. João Francisco de Paula e Silva, Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, Dr. Octavio Tarquinio de Souza.

8 — Mlle. Isabel de Verney Campello, general Carneiro da Fontoura, Mme. Dr. Mauricio Rodrigues de Souza, Mme. Dr. Gonçalves Leite.

9 — Capitão de mar e guerra Francisco de Barros Barreto, major Carlos Reis, Dr. José Gonçalves de Souza, Dr. Armando Rangel, Dr. Angelo da Veiga, Dr. José Mattoso de Sampaio Corrêa, Mlle. Fanny Guimarães.

10 — Ministro Oliveira Ribeiro, desembargador Elviro Carrilho da Fonseca e Silva, deputado Augusto de Lima, Dr. Felix Bocayuva, Dr. Gomes de Paiva, Dr. Alfredo Maggioli, Dr. Jeronymo Maximo Nogueira Penido.

11 — Dr. Crissiuma Filho, Dr. Henrique Castrioto de Albuquerque Mello, capitão Armando Cunha, Mme. Dr. Antonio Luiz de Castro Barbosa.

12 — Dr. Marcondes Alves de Souza, Dr. Alfredo Gomes, Dr. Heitor Mello, Dr. Renato Martins , Dr. Guido Bezzi, Dr. Oswaldo Gomes da Costa, Dr. Joaquim Luiz Ozorio.

13 — Dr. Alfredo Maia Filho, Dr. Maurillo de Abreu, Dr. Eurico Rangel, Dr. Moncorvo Filho, D. José Marcondes Homem de Mello, bispo de Taubaté.

14 — Dr. Eugenio de Barros Raja Gabaglia, Dr. Arthur Peixoto, senador Francisco Sá, Dr. Julio Brandão.

15 — Senador José Marcellino, Dr. Octavio Mafra, capitão Heitor Mario Pereira Leite.

16 — Almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, Dr. José Victorio da Costa, Mario de Paula e Silva, Dr. Euclydes Malta, Mlle. Maria Luiza Pereira de Souza.

17 — Dr. Paulo de Frontin, capitão de mar e guerra Henrique Rodrigues Nobrega, o academico Sebastião Corrêa Lopes, Oscar Dermeval da Fonseca, senador Bueno de Paiva.

18 — Dr. Miguel Calmon, 1º tenente da Armada Maria Pereira da Silva Torres, Alexandre Gasparoni, coronel Alvarenga Fonseca.

19 — Commandante Pacheco de Carvalho Junior, Mme. Dr. Raymundo de Castro Pereira Rego, senador Albuquerque Lins, Dr. Julio Mirabeau de Azevedo Soares, Mlle. Beatriz Savio.

20 — General Bento Ribeiro, Dr. Augusto Camisão de Mello, ministro Antonio Augusto Ribeiro de Almeida, Dr. Viviano Rangel Moreira, Dr. Rubens Tavares, clinico nesta capital; Sr. Rubem Tavares, director de secção do Ministerio da Viação.

21 — Dr. Mello Reis, coronel Alceste Cruz, coronel Antonio dos Santos Bittencourt.

22 — Capitão Antonio Moreira de Souza Junior, capitão de mar e guerra Henrique Teixeira Saddock de Sá, Dr. Mauricio de Souza, capitão de corveta Heraclito Belfort Gomes de Souza, coronel Alvares da Fonseca, capitão de fragata Raul Ramos, Dr. Eduardo Rabello, Mlle. Marina Tasso Fragoso, D. Adelina Lopes Vieira.

23 — Mme. Dr. José Augusto Prestes, tenente Nilo Freitas.

24 — Mme. Felinto de Almeida, Dr. Thomaz Delfino, Mme. Dr. Nicanor do Nascimento, Dr. Carlos Porto Carrero, Dr. Julio Benedicto Ottoni, Dr. Sylvio Fróes da Cruz, Dr. Galdino do Valle Filho, Paulo Dolabella.

25 — Marechal Pires Ferreira, ministro Pedro Lessa.

26 — Dr. Raul Baptista, Dr. Galba de Paiva.

27 — Almirante Francisco de Mattos, capitão de corveta Alvaro Nunes de Carvalho, Dr. Mario Piragibe, Dr. Leopoldo de Freitas, Dr. Francisco de Castro Junior.

28 — Mme. Dr. Hildegard de Noronha, senador Leopoldo de Bulhões, 1º tenente Dr. Feliciano Pires de Abreu Sodré, Dr. Paulo Calaza, Mme. Marcondes da Luz.

29 — Dr. Altino Arantes, deputado José Bonifacio, Mme. Dr. Fernando Esquerdo, Mme. Dr. Elpidio Trindade.

30 — Coronel José da Cunha Pires, Dr. Synval de Almeida, Dr. Felinto Cezar Sampaio.

OUTUBRO

NOVEMBRO

concellos, capitão de fragata Vital Brandão Cavalcanti, Hugo Leal, capitão Horacio Alves de Campos, Dr. Agostinho Pereira, Mme. major Carlos Reis.

2 — Victorino Maia Junior, Dr. Gelim Brandão, Dr. Saul de Faria Bello, Dr. Eurico de Moraes, Dr. Oscar Barbosa Rodrigues, Dr. Edmundo de Miranda Jordão, Dr. Eurico de Lemos, 1º tenente Joaquim de Souza Reis Netto.

3 — Dr. Antonio Carlos de Arruda Beltrão, Mme. Domingos Saboia.

4 — Dr. Carlos Veiga, Mme. coronel Feliciano Benjamin de Souza Aguiar, Mlle. Eloah Pitanga, coronel Avelino Chaves, commendador Manoel Pinto Ferreira.

5 — Senador Ruy Barbosa, general Alfredo Muller de Campos, Paulo de Oliveira Passos, 1º tenente Felippe Xavier de Barros.

6 — Dr. João Estacio de Lima Brandão, Oscar de Almeida Gama, Renato de Magalhães Tavares, 1º tenente Elysiario Pereira Pinto.

7 — Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, Mme. Dr. Herculano Bandeira, coronel Alfredo Corrêa de Menezes, Dr. Horta de Andrade.

8 — Ministro Lauro Muller, coronel Rodolpho Miranda, coronel Alexandre Carlos Barreto.

9 — Mme. Dr. Oscar Pedemonte, Dr. Galvão Bueno Filho, tenente Carlos Villaça, coronel Alfredo Vicente Martins, Dr. Padua Salles, Gualter da Silva Porto.

10 — Marechal Teixeira Junior, coronel Constantino Cabral.

11 — Senador Bernardo Monteiro, Mme. Cecilia Sampaio Serpa, Mlle. Edda Pereira.

12 — Dr. Astolpho Rezende, Mlle. Regina Ferreira de Almeida, Mlle. Baby Ruy Barbosa.

13 — Professor Mendes de Aguiar, Eugenio Caetano da Silva, coronel Eugenio Muller.

14 — Dr. Murtinho Nobre, commendador Antonio Rodrigues Ferreira Botelho, Mme. Dr. Gustavo Barroso, Mme. Dr. Mario Marques Lisboa.

15 — Visconde de Moraes, Dr. Oscar Rodrigues Alves, Dr. Ricardo Xavier da Silveira, Dr. Alberto Ramos, Dr. José Paranhos Fontenelle, Mme. Dr. Angelo Barra.

16 — Dr. João Octaviano Veiga, Samuel Antunes, Dr. Gerson Tavares, Dr. Manoel Coelho Rodrigues.

17 — Capitão Gregorio da Fonseca, Dr. Francisco Constant de Figueiredo, Dr. Augusto de Freitas, D. Agostinho Benassi, bispo de Nictheroy, general Dr. Thaumaturgo de Azevedo.

18 — Frei Thomaz Jansen, Luiz Bocayuva Bulcão, Mme. Dr. Alfredo Serpa Ferreira, Dr. Lafayette Rodrigues Pereira, Mme. coronel Henrique Boiteux, Dr. Eduardo Moscoso.

19 — Dr. Luiz Van Erven, Dr. Alberto Duque Estrada, Mme. capitão tenente José Maria Neiva, Mme. professor Dr. Chagas Leite.

20 — Conde de Figueiredo, conego Valois de Castro, coronel Miguel Barbosa, coronel Felix Mascarenhas, Dr. Octavio dos Santos Mello.

21 — Mlle. Maria de Lourdes Camargo Neves, Mme. Dr. Pires e Albuquerque, Dr. Renato Vieira Braga, coronel Luiz Marcondes de Andrade Figueira, Dr. Alberto de Queiroz.

22 — Dr. Horacio de Magalhães Gomes, Dr. Carlos Americo dos Santos, Mme. desembargador Celso Guimarães.

23 — Dr. Joaquim Pinto Portella, Dr. Ataliba Corrêa Dutra, Mme. Nair de Azeredo Teixeira, Mme. Dr. Alfredo Cezario de Faria Alvim.

24 — Dr. Carlos Seidl, Dr. Flavio da Silveira, monsenhor João Pio dos Santos, Dr. João Coelho Moreira, Dr. João Herculano Pinheiro.

25 — Dr. Oscar Varady, deputado Passos de Miranda, capitão Abilio Luiz Barbosa, Dr. Herculano de Freitas, Dr. André de Faria Pereira, Dr. Honorio Hermeto Corrêa da Costa, capitão Raul de Paula Costa.

26 — Ministro Alberto Torres, Dr. Oscar de Carvalho.

27 — Mlle. Angelita Ferreira de Almeida, coronel Antonio Joaquim da Silva Fontes, capitão Alfredo Soares de Souza, capitão-tenente Evandro Santos.

28 — Dr. Mauricio Leitão da Cunha, Mlle. Marietta Pinto Campello, Dr. Cicero Penna.

29 — Senador Soares dos Santos, Mlle. Angelina Tavolari.

30 — Dr. Saul de Gusmão, Mlle. Magdalena Berquó, Dr. Rogerio de Miranda Mme. Dr. Alexandre Calaza, Mme. Marina Negreiros Januzzi, Dr. Alberto Farani.

DEZEMBRO

1 — Deputado Collares Moreira, 1º tenente Oscar Leonidas Corrêa de Moraes, Dr. Arthur Thompson, Mme. Dr. Guimarães Rebello, Mme. Dr. Edmundo Bittencourt, Mme. Dr. Fernando Guerra Duval, coronel Narciso de Carvalho.

O systema de pesos e medidas que tende a se generalisar pela terra é o systema metrico, tornado obrigatorio em França desde 1801. Este systema é baseado no metro que é a decima millionesima parte do quadrante do meridiano terrestre que passa por Paris. Esta é a unidade de comprimento. A unidade de capacidade é o litro, que è um cubo com um decimetro de lado. A unidade de peso é o kilogrammo, ou o peso de um litro de agua á temperatura de 4° centigrados. O systema metrico é hoje obrigatorio na Argentina, Austria-Hungria, Belgica, Brasil, Chile, França, Allemanha, Grecia, Italia, Mexico, Hollanda, Noruega, Peru', Portugal, Rumania, Servia, Hespanha, Suecia, Suissa. Seu uso é facultativo no Egypto, Gran-Bretanha, Japão, Russia, Turquia e Estados Unidos.

Apezar de ser antigo no Brasil o uso do systema metrico, é conveniente conhecer o systema empregado anteriormente, que herdámos de Portugal, e do qual algumas medidas ainda se usam no interior. A intimidade de nossas relações com a Inglaterra torna tambem necessario conhecer-lhe os seus pesos e medidas. As tabellas abaixo dão a correspondencia de umas e outras ao systema metrico.

Pesos e medidas antigos no Brasil

COMPRIMENTO

Legua brasileira	3.000 braças craveiras	6.600 metros
Braça craveira	2 varas	2 metros 20
Vara	5 palmos	1 metro 10
Palmo	8 pollegadas	0 metro 22
Pollegada	12 linhas	0 metro 0275
Linha	12 pontos	0 metro 00229
Legua maritima	3 milhas	5.555 metros
Milha	418 ¾ braças	1.852 metros
Toesa	9 palmos	1 metro 98
Jarda	4 palmos	0 metro 88
Côvado	3 palmos	0 metro 66
Pé	1 ½ palmos	0 metro 33

SUPERFICIE

Alqueire mineiro	(100×100 br. quad.)	4 hects. 84 ares
Alqueire paulista	(100× 50 br. quad.)	2 hects. 42 ares
Geira	400 braças quad.	1.936 mets. quad.
Braça quadrada	100 palmos quad.	4 mets. quad. 84

CAPACIDADE

LIQUIDOS:

Tonel	2 pipas	960 litros
Pipa	15 almudes	480 litros
Almude	12 canadas	31 litros 944
Canada	4 quartilhos	2 litros 66
Quartilho	4 martellos	0 litros 66
Martello	....	0 litros 165

FRANCISCO LEAL & C.IA
IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA
DE TODAS AS QUALIDADES
COKE E FERRO
PARA FUNDIÇÕES
CARVÃO PARA COSINHA
DOMESTIC COAL
ESPECIAL
CARVÃO
PARA RESTAURANTS
E CASAS DE FAMILIA
ESCRIPTORIO
RUA 1º DE MARÇO 91
TELEPH. NORTE 530
DEPOSITO:
AVENIDA DO MANGUE
LEAL
DE JANEIRO
NORTE
530
E
VILLA
526

PYRUS CYDONIA
(O MARMELLO)
"Ipse ego cana legam, tenera lanugine mala"
Virgilio
Aureo-glauca, ora a casca desta fructa
Se veste de subtil ligeiro vello,
Ora apparece nitida e impolluta
No brilho vegetal setineo e bello.
Qual carne virgem a sua polpa enxuta,
Levemente tocada de amarello,
A humana gula em ancias a disputa;
Abre a cubiça o sápido marmello.
Nem a fama dos pomos de Atalanta
Ou da maçã de Newton, que, num tombo,
Creou lei nova, o nome lhe suplanta!
O que, entretanto, em épico ribombo
Mais o enaltece e o traz em gloria tanta,
E' a marmellada esplendida Colombo.
Gabriel de Annuncio

JOALHERIA
IGNACIO MOSES & Cª
Praça Tiradentes nº 46
RIO

A Companhia Territorial do Rio de Janeiro

O que é essa grande empresa, bem administrada, que explora uma excellente idéa

A SUA OBRA EMINENTEMENTE SOCIAL

Quem se serve dos trens para a linda Petropolis, a decantada rainha das serras fluminenses, minutos depois de deixar a estação de Praia Formosa, passando o rapido perimetro urbano, sente logo a vista empolgada pela belleza dos terrenos que a via ferrea corta e que se estendem em vastas proporções aos lados da linha. Não mais de vinte e poucos minutos, e o *touriste* ou o *diario* já defronta as terras conhecidas pela denominação geral de — Penha.

Lá está a poetica ermida, ao cimo do rochedo imponente, onde se fazem as tradicionaes romarias de outubro, que dão ao antigo arraial um aspecto de pittoresco incomparavel.

Hoje, o que não se via ainda ha poucos annos atrás, uma população crescente pontúa as terras saudaveis da localidade, outr'ora rustica, mas já agora com tendencias accentuadas para se transformar numa numerosa cidade.

E' que, de facto, nada ali falta: clima excellente, condução rapida e baratissima pela Leopoldina, agua, luz, grande commercio, alguma industria e — o que é tudo — facilidade e modicidade de preços para acquisição de terrenos.

Tudo isso, sem favor, é obra da benemerita Companhia Territorial do Rio de Janeiro.

Superiormente dirigida por nomes que são uma garantia de suas operações, a grande empresa de terras adquiriu grande porção destas, quasi vinte milhões de metros quadrados, da Penha propriamente a Merity, entrando desde logo a lotal-os por serie de um milhão, para venda a prestações.

Foi um successo sem par, tanto mais quanto a Territorial não se limita a facilitar em tudo a alienação desses magnificos terrenos, porque fez verdadeiramente quasi que a obra que compete ao Estado — arruando o local, preparando o escoamento das aguas, levando para ali os cabos de energia e luz da Light, promovendo o abastecimento de agua potavel — em uma palavra: provendo a todas as necessidades de uma população que se deveria para ali encaminhar rapidamente, como de facto se verificou.

Emquanto tudo isso magnificamente se operava ali, graças sobretudo á

COMPANHIA TERRITORIAL DO RIO DE JANEIRO

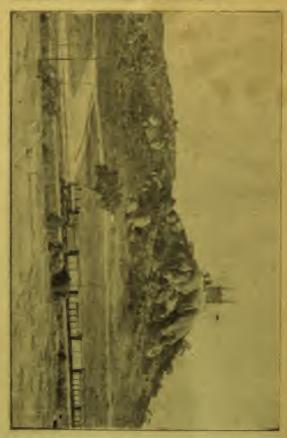
Terrenos em agosto de 1915 ao serem inauguradas as vendas (Vista tirada da egreja)

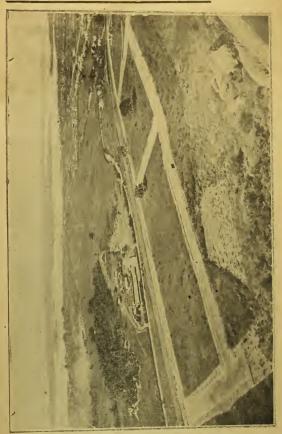
COMPANHIA TERRITORIAL DO RIO DE JANEIRO

Os mesmos terrenos seis mezes depois, com innumeras edificações

COMPANHIA TERRITORIAL DO RIO DE JANEIRO

Vista dos mesmos terrenos, tirada da Casa dos Romeiros

COMPANHIA TERRITORIAL DO RIO DE JANEIRO

A egreja da Penha, vendo-se, no primeiro plano, parte dos novos terrenos da Companhia

COMPANHIA TERRITORIAL DO RIO DE JANEIRO

Os mesmos terrenos visto do alto do outeiro da Penha (Vista tirada da egraja)

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO "ALMANAK DA NOITE PARA 1917"

PARTE I

PARTE II